



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TÂNATOS: A CONSTRUÇÃO DE
MODELOS DE CORPO E DE SEXUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O
CONSUMO À LUZ DA ÚLTIMA TEORIA DAS PULSÕES**

GUILHERME DI ANGELLIS DA SILVA ALVES

BRASÍLIA

2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TÂNATOS: A CONSTRUÇÃO DE
MODELOS DE CORPO E DE SEXUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O
CONSUMO À LUZ DA ÚLTIMA TEORIA DAS PULSÕES**

GUILHERME DI ANGELLIS DA SILVA ALVES

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Sérgio Dayrell Porto

BRASÍLIA

2013

*Death seed blind man's greed
Poets' starving children bleed
Nothing he's got he really needs
Twenty first century schizoid man
King Crimson*

*I've got nothing to say
I've got nothing to do
All of my neurons are functioning smoothly
Yet still I'm a cyborg just like you
I am one big myoma that thinks
My planet supports only me*

*I've got this one problem, will I live forever?
I've got just a short time you see*

*Modern man, evolutionary betrayer
Modern man, ecosystem destroyer
Modern man, destroy yourself in shame
Modern man, pathetic example of Earth's organic heritage
Bad Religion*

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio incondicional e pelo exercício do poder transformador do conhecimento;

Aos amigos Gabriel Estides Delgado, Natalia Emerich, Marcela Aviani e Anna Thereza pela troca de conhecimentos, angústias e afetos;

Ao meu orientador, Sérgio Dayrell Porto, um norte;

Aos professores e funcionários da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em especial Regina Lúcia, Luciano de Castro, Solano Nascimento, Cláudia Busato, Célia Ladeira, Fábio Henrique Pereira, Gustavo de Castro, Pedro Russi, Tiago Quiroga e Tânia Montoro;

Às colegas Ana Carolina Roure e Isa Stacciarini;

A Capes, pelo incentivo à pesquisa.

RESUMO

O presente estudo investiga a construção de modelos de sexualidade e de corpo pela mídia e sua relação com o consumo à luz da última teoria das pulsões, de Freud, e de suas releituras em Green, Marcuse, May e Lacan. Um erotismo midiaticizado, apropriado pelo econômico, cuja função é propagar e difundir o discurso do poder. Neste processo de consumo e de produção do corpo e da sexualidade, Tânetos exerce um papel de suma importância ao oferecer tanto a obliteração temporária do mal-estar como a busca constante e irrefreável por nova satisfação, todas elas culturalmente construídas na forma de objetos de consumo, o corpo incluso.

Palavras-chaves: Erotismo, mídia, Tânetos, biopoder, indústria cultural

ABSTRACT

The present study investigates the construction of models of bodies and sexualities by the media and its relation to the consume in the light of the last theory of drives, from Freud, and its rereadings on Green, Marcuse, May and Lacan. An mediatized eroticism, absorbed by the economic relations, whose function is to propagate the discourse of power. In this process of consume and production of the body and the sexuality, Thanatos exercises a very important role, offering both the temporary obliteration of the malaise as well as the constant and unstoppable search for a new satisfaction, all of which culturally constructed in the shape of objects of consumption, the body included.

Key words: Eroticism, Media, Thanatos, biopower, cultural industry.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A INCOMPLETUDE INERENTE AO SER	19
1.1 PRINCÍPIO DE PRAZER X PRINCÍPIO DE REALIDADE	20
1.2 A DIMENSÃO SOCIAL NO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO: ONTOGÊNESE E FILOGÊNESE DA REPRESSÃO	23
1.2.1 A sexualidade infantil: da condição autoerótica e perverso-poliforma ao lugar de objeto	23
1.2.2 O recalque orgânico e a perda originária do objeto	26
1.3 A PULSÃO COMO ELEMENTO IMPULSIONADOR DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA.....	28
1.3.1 Recalque e sublimação: os caminhos da cultura para a pulsão	29
1.4 A RELAÇÃO DE OBJETO E A ANGÚSTIA EM LACAN.....	33
1.5 Id, EGO E SUPEREGO	35
1.6 O COMPLEXO DE ÉDIPO	37
1.7 TOTEM E TABU: FUNDAMENTOS DA CIVILIZAÇÃO	40
1.8 EROS E TÂNATOS: VIDA E MORTE	44
1.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48

CAPÍTULO 2: DESEJO E PODER	52
2.1 DISCURSO E PODER EM FOUCAULT	59
2.2 A ARTE ERÓTICA NA GRÉCIA ANTIGA	62
2.2.1 Os feitos de Afrodite	64
2.2.2 A relação matrimonial	66
2.2.3 A pederastia	67
2.2.4 Vida social e vida sexual	69
2.3 A CONSTITUIÇÃO ERÓTICA NA ROMA ANTIGA	73
2.4 A CONSTITUIÇÃO ERÓTICA NO FEUDALISMO	76
2.5 A CONSTITUIÇÃO ERÓTICA NO VITORIANISMO	79
2.5.1 Da arte erótica à ciência sexual	85
CAPÍTULO 3: CÁRCERE DE MODELOS E DESEJOS: A BIOPOLÍTICA, A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A INDÚSTRIA CULTURAL	91
3.1 O PONTO DE PARTIDA PARA UM NOVO MODELO ECONÔMICO	96
3.2 O NASCEDOURO DE UMA NOVA ERA	100
3.3 INDÚSTRIA CULTURAL	102
3.3.1 Os novos tempos	102
3.3.2 A nova <i>práxis</i>	105
3.3.3 O novo corpo	106
3.3.4 Os novos deuses	107
3.3.5 A nova religião	108
3.3.6 A revolução feminina	109

3.4 A SOCIEDADE DE CONSUMO	112
3.5 NASCIMENTO DO BIOPODER E O <i>HOMO OECONOMICUS</i>	116
CAPÍTULO 4: AS SEIS LEITURAS INTERPRETATIVAS EM MASSA FOLHADA DAS CAPAS DE NOVA E MEN'S HEALTH	127
4.1 METODOLOGIA	127
4.1.2 A revista como armazém; a capa a vitrine	130
4.2 LEITURA POLISSÊMICA	130
4.3 LEITURA PARAFRÁSTICA OU CIENTÍFICA	138
4.4 LEITURA ARQUEOLÓGICA	148
4.4.1 Breve histórico dos periódicos femininos	151
4.5 LEITURA ENUNCIATIVA	156
4.6 LEITURA ARGUMENTATIVA	165
4.6.1 A produção Industrial de Tânatos	174
4.7 LEITURA DO ACONTECIMENTO	179
CONCLUSÃO	190
BIBLIOGRAFIA	206
ANEXOS	213

INTRODUÇÃO

Para Dênis de Moraes¹, as corporações de mídia exercem um papel estratégico duplo: elas atuam tanto como legitimadoras do ideário global como o transformam no discurso social hegemônico, propagando visões de mundo e modos de vida que transferem para o mercado a regulação das demandas coletivas. Muniz Sodré corrobora a afirmação de Moraes ao dizer que as tecnologias de informação são as geradoras de uma ideologia da comunicação universal e que elas estão alinhadas aos mercados financeiros².

A mídia possui papel de enorme relevância nas relações produtivas e sociais, pois é no âmbito da comunicação que é organizada a síntese político-ideológica da ordem hegemônica.

Stuart Hall resgata a afirmação clássica de Marx de que as ideias dominantes de qualquer época são as ideias da classe dominante, pois ao controlar os meios de produção material, esta classe também possui e controla os meios de produção intelectual. Ao produzir tanto a sua definição de realidade social como o lugar do cidadão dentro dela, eles constroem uma imagem particular de sociedade que representa interesses de classe específicos como se fossem os de todos os membros da sociedade. É própria da ideologia, reafirma Sodré, a troca da parte pelo todo, da parcialidade do sentido por uma universalidade ilusória³. A reprodução das ideologias dominantes é assegurada na mídia, portanto. Para Hall, esta reprodução é o produto de um conjunto de imperativos estruturais e não de uma conjuntura aberta com aqueles que ocupam posições poderosas⁴.

A globalização, afirma Milton Santos⁵, representou um momento de ruptura no processo de evolução social e moral. O progresso técnico que pôde enfim possibilitar tal estágio tecnológico não realizou a globalização a serviço

¹ MORAES, Dênis. **O capital da mídia na lógica da globalização**. In: MORAES, Dênis(org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.187.

² SODRÉ, Muniz. **O globalismo como neobarbárie**. In: MORAES, Dênis(org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.29.

³ Ibidem, p.22.

⁴ HALL, Stuart *et al.* **A produção social das notícias: o “mugging” nos media**. In: TRAQUINA, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. 2.ed. Lisboa:Veja, 1999, p.231.

⁵ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 65.

da humanidade, mas do sistema. Ao reafirmar e legitimar um ideário global, o processo de globalização eliminou a noção de solidariedade. Não somente isso: a violência estrutural do que Santos chama de perversidade sistêmica da globalização, que mata a política e legitima a preeminência de uma ação hegemônica, incentiva a competitividade em detrimento da compaixão, o consumo sobrepondo-se à noção de cidadania, além de um estado de informação totalitária, que promove uma confusão de espíritos.

Os papéis dominantes, legitimados pela ideologia e pela prática da competitividade, são a mentira, com o nome de segredo da marca; o engodo, com o nome de *marketing*; a dissimulação e o cinismo, com os nomes de tática e estratégia. É uma situação na qual se produz a glorificação da esperteza, negando a sinceridade, e a glorificação da avareza, negando a generosidade⁶.

É no âmbito da mídia que a síntese político-ideológica hegemônica é constituída. A indústria cultural legitima o sistema econômico e promove a subordinação da cultura à racionalidade técnica. Com isso, os valores industriais passam a ser os valores vigentes, o que promove uma compulsão alienante da técnica, mistificação das massas, mal-estar e constante ameaça de castração. Para Edgar Morin, a cultura de massa reforça tanto o prazer quanto o consumo. Sua produção é despersonalizada, mas cria-se a ideia de que determinado produto é genuíno ou individualizado. A indústria cultural visa sempre a manutenção da ordem, em que ela é dominante. Para isso, se apropria do mundo, destituindo ideologia, individualidade e aplicando um denominador comum, aprazível a todos⁷.

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. (...) Eis aí o segredo da sublimação-estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime⁸.

⁶ Ibidem, p.61.

⁷ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 55

⁸ ADORNO, Theodore; **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p.115

O jornalismo é um modo de conhecimento que lança mão de mapas culturais de significado existentes na sociedade e ajuda a reforçá-los ou apagá-los, contribuindo para o estabelecimento de “consensos” a respeito de valores e atitudes⁹. Ele constrói sentidos sobre a realidade em um processo de contínua e mútua interferência.

As estruturas hierárquicas de comando e de revisão, a socialização informal em papéis institucionais, a sedimentação de ideias dominantes na “ideologia profissional” – todos ajudam a garantir, nos *media*, a sua reprodução continuada na forma dominante. O que temos estado a salientar nesta seção é precisamente o modo como uma determinada prática profissional assegura que os *media* desempenhem um papel importante, eficazmente mas “objetivamente”, na reprodução da vertente preponderante das ideologias dominantes.¹⁰

A partir desta problematização, surge um questionamento sobre a força do mundo industrial globalizado na construção de um ideário de mundo, de valores e de condutas ao transferir para o mercado a regulação das demandas coletivas. No modelo econômico vigente, pode-se falar de sexo como produto industrial? Até que ponto a conduta com o corpo e com a sexualidade é moldada pela indústria? Quais as consequências de tal modelo para a sociedade de consumo?

O objetivo deste trabalho é investigar a construção do corpo e do sexo industrial a partir de uma análise das capas das revistas *Nova* e *Men's Health*, maiores revistas do mundo em seu segmento. Serão analisadas quatro capas de cada publicação, uma de cada ano, entre 2010 e 2013, escolhidas em sorteio. A pesquisa objetiva também, com a análise, pensar o papel de Tânetos como motor do consumo e da produção dos corpos e da sexualidade expostas nessas revistas, à luz da última teoria das pulsões de Freud e de suas revisitações em Green, May, Lacan, Marcuse.

Na primeira parte da pesquisa, serão abordadas as causas ontogenéticas e filogenéticas da repressão dos instintos sexuais a partir de estudos de Freud, Lacan, Marcuse e May. O objetivo é apresentar a origem e a estrutura do

⁹ TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

¹⁰ HALL, Stuart *et al.* **A produção social das notícias: o “mugging” nos media**. In: TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa:Veja, 1999, p.231.

aparelho repressor humano e de que forma ele se dá da sociedade para o indivíduo e deste para ele mesmo.

A repressão tem origens ontogenéticas e filogenéticas. Isso significa dizer que o indivíduo sofre a supressão dos seus impulsos primários que buscam prazer tanto em um duelo contra si mesmo como na sua relação com outros indivíduos. Ambas as origens correspondem à transformação do instinto do prazer em princípio de realidade¹¹. Essa transformação precisa garantir que o indivíduo não entenda a supressão como abandono do prazer, mas como um adiamento garantido do mesmo. Marcuse argumenta que toda forma do princípio de realidade deve estar consubstanciada num sistema de instituições e relações sociais que transmitam e imponham a modificação dos instintos. “Uma sociedade em que todos os membros trabalham normalmente pela vida requer modos de repressão diferentes dos de uma sociedade em que o trabalho é exclusivo de um determinado grupo¹²”.

Na segunda parte da pesquisa, tem-se a comprovação histórica da repressão aos instintos sexuais a serviço do progresso. Quanto mais complexa a estrutura da sociedade, maior a complexidade do aparato repressor. É a história econômica do sexo: a relação que o sistema produtivo de determinada sociedade tem com a forma com que ela condiciona as práticas sexuais. Para tanto, serão tomados como base três momentos, antiguidade clássica, feudalismo e revolução industrial, especialmente nos períodos de transição de um modelo para outro.

Na terceira parte, tem-se a análise do modelo produtivo vigente e dos aparatos de adequação da superestrutura, dos valores e das condutas sexuais a partir desse modelo. Quais as transformações que se deram na cultura do sexo no período que vai da 2ª Guerra Mundial aos dias de hoje e de que forma as mudanças econômicas proporcionaram tais eventos, considerando que a legitimação dessas práticas passa pela consonância com o modelo econômico? O capítulo discute como os modelos conduta com o corpo e com a sexualidade são estabelecidos pela indústria cultural.

¹¹ FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.12.

¹² MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 52

Na quarta parte e última parte, tem-se o objeto em si da pesquisa. Para tanto, será utilizado o método das seis leituras interpretativas em massa folhada, de Sérgio Dayrell Porto¹³, como parte da hermenêutica de profundidade, elaborada por Thompson.

Metodologia

A Hermenêutica de Profundidade (HP) é um procedimento metodológico elaborado por John Thompson a partir dos trabalhos de Paul Ricœur, Heidegger e Gadamer. Ela é especialmente útil na interpretação das formas simbólicas nos estudos da cultura, da ideologia e da comunicação de massa. Ela adota um enfoque tríplice, contemplando as relações sócio-históricas, as análises discursivas e novas reinterpretações a partir das fases anteriores. No trabalho em questão, será utilizada para uma interpretação das capas das revistas Nova e Men's Health. Para tanto, foram escolhidas aleatoriamente uma capa por ano entre 2010 e 2013.

A metodologia da HP nos possibilita fazer uso de métodos particulares de análise e ao mesmo tempo alerta-nos sobre seus limites e suas falácias subjacentes. São um esquema intelectual para um movimento de pensamento que demonstra as características distintas das formas simbólicas, sem cair nas armadilhas gêmeas do internalismo ou do reducionismo¹⁴.

A primeira fase do enfoque da Hermenêutica de Profundidade é a **análise sócio-histórica**. A produção, circulação e recepção de formas simbólicas são processos que acontecem dentro de contextos ou campos historicamente específicos e socialmente estruturados. Essas formas são intercambiadas entre as pessoas, implicando necessariamente algum meio de transmissão, seja pela conversa face-a-face ou pela difusão radiofônica¹⁵. A recepção é um processo situado dentro de contextos sócio-histórico definidos, no qual os participantes empregam vários tipos de recursos, regras e convenções na apropriação e compreensão dessas formas simbólicas. Tal análise diz respeito aos três primeiros capítulos da dissertação.

¹³ PORTO, Sergio Dayrell. **Análise de Discurso – O Caminho das Seis Leituras Interpretativas em Massa Folhada**. Brasília, Casa das Musas, 2010.

¹⁴ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.377.

¹⁵ Ibidem, p.366.

Thompson explica que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais também são construções simbólicas complexas, e por isso apresentam uma estrutura articulada. Por conta disso, uma segunda fase de análise se faz necessária, **a análise formal ou discursiva**. Formas simbólicas são produtos contextualizados e algo mais, pois elas são produtos que, em virtude de suas características estruturais têm capacidade – e é este o seu objetivo – de dizer alguma coisa sobre algo¹⁶.

A hermenêutica de profundidade pressupõe diversas maneiras de se conduzir essa análise formal ou discursiva, a depender sempre dos objetos e circunstâncias particulares de investigação. Entre elas, as análises semiótica, da conversação, sintática, narrativa e/ou argumentativa. Para esta segunda etapa, foi escolhido o método de leitura em massa folhada, de autoria de Sérgio Dayrell Porto¹⁷, que consiste em seis leituras interdependentes do textos -- polissêmica, científica, arqueológica, enunciativa, argumentativa e de acontecimento -- para a análise de determinadas formas simbólicas, a do erotismo mediatizado, aqui em questão.

1. Leitura Polissêmica ou Literária:

Nesta primeira leitura, o pesquisador deve-se deixar levar pelo texto, sem a necessidade de investigar as intenções do enunciador. É uma leitura descompromissada, mais próxima do senso comum que da analítica acadêmica. A intuição e a inteligência sensível devem aflorar nesta etapa para que os sentidos da leitura comecem a surgir. Nela, o pesquisador não se atenta com a multiplicidade de sentidos nem com possíveis sentidos já estratificados.

2. Leitura Parafrástica ou Científica:

Depois daquela leitura inicial, descompromissada e silenciosa, o pesquisador passa a buscar nesta as intenções do interlocutor. Com isso, é possível verificar se os questionamentos e hipóteses pensados anteriormente são ou não procedentes. Assim sendo, procura-se nesta

¹⁶ Ibidem, p.369.

¹⁷ PORTO, Sergio Dayrell. **Análise de Discurso – O Caminho das Seis Leituras Interpretativas em Massa Folhada**. Brasília, Casa das Musas, 2010.

etapa verificar se o enunciado está ou não vinculado a alguma corrente de pensamento ou paradigma, não mais deixando o texto fluir livremente.

3. Leitura Arqueológica:

A leitura arqueológica procura explicar o contexto histórico em que se dá o enunciado. Quais as referências históricas e contextuais do texto? Quais as lembranças os interlocutores fazem aflorar em seus textos? Qual a função simbólica da narrativa? Quais símbolos e palavras são utilizadas para tanto? Quais as malhas básicas que sustentam a narrativa, que exercem papel de destaque?

4. Leitura Enunciativa:

Nesta quarta etapa, o pesquisador identifica e nomeia os sujeitos enunciadore e os receptores. É aqui que devem ser mostradas quais as posições dos interlocutores. É o momento do dizer, por meio dos sujeitos da enunciação, dos enunciados e das formações discursivas.

5. Leitura Argumentativa:

Na quinta etapa, o pesquisador mostra como as principais ideias do texto são apresentadas e discutidas. Verifica-se o tom dado pelo enunciadore, se dialogal, autoritário ou lúdico, e analisa-se como tais ideias são defendidas – e com que meios e forças. É a leitura que busca desnudar as estratégias de persuasão.

6. Leitura do Acontecimento:

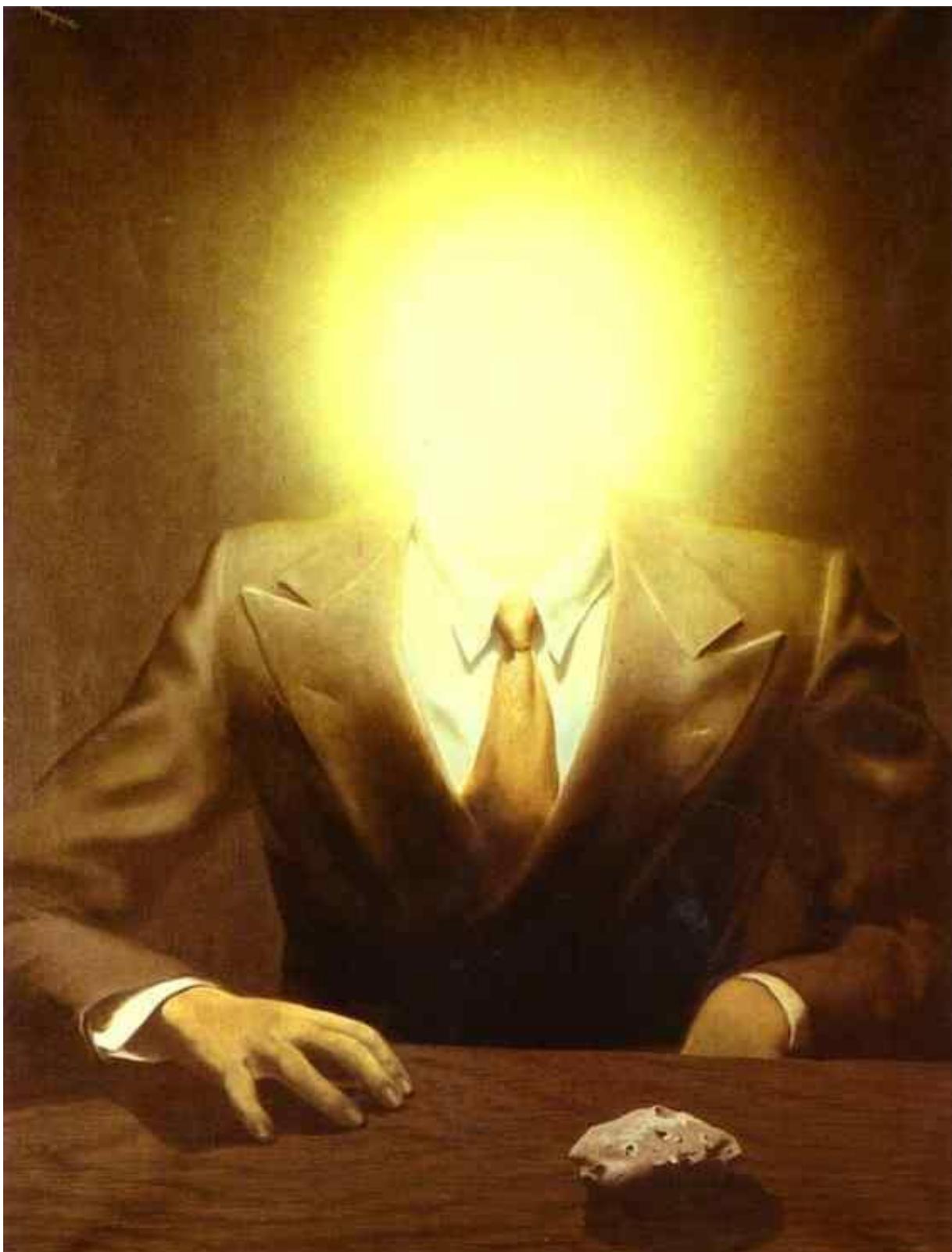
A última etapa representa o momento de encontro da estrutura da linguagem com a história, hora de encontrar a exterioridade do texto em seu contexto, no vão dos interdiscursos, onde a presença do outro evidenciará as marcas de um novo acontecimento.

Ao propor tais leituras, Porto explica que embora interdependentes, essas etapas não se excluem, mas se interpenetram e são solidárias umas com as outras. Isso possibilita novos retornos que estimulam idas e vindas diferentes.

A terceira é última fase da HP é denominada por Thompson **Interpretação/Reinterpretação**. Esse processo de interpretação vai além dos métodos da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva. Ele transcende a contextualização das formas simbólicas tratadas como produtos socialmente situados, e o fechamento das formas simbólicas tratadas como construções que apresentam uma estrutura articulada. Tal fase será apresentada na conclusão do presente estudo.

Com essas três fases, a Hermenêutica de Profundidade nos permite ver como as formas simbólicas podem ser analisadas de maneira a reconhecer seu caráter de construção situados social e historicamente, sem que seu conteúdo seja generalizado num enfoque autossuficiente, evitando reducionismos e internalismos.

O desejo cega. O desejo, cego farol do homem, é signo da sua incompletude. A fome e o amor movem o mundo.



Rene Magritte, *O Princípio do Prazer*, 1937.

1. A INCOMPLETUDE INERENTE AO SER

A sexualidade é a constante indestronável da teoria psicanalítica de Freud. Ela é o motor das relações humanas e o principal determinante das estratégias de subjetivação do homem. Pensar a sexualidade – e mais precisamente o processo de culturalização da sexualidade – é pensar as possibilidades de emergência do sujeito, as relações de poder, a conduta moral, o cuidado de si e as relações com os outros. A conduta sexual atua como metonímia da própria cultura.

Basta uma breve incursão pela história para perceber a variedade dos comportamentos sexuais – e todo o aparelhamento discursivo, moral, coercitivo, técnico e prático deles advindo. Quais as justificativas para modelos tão distintos de conduta? A única não variável ao se estudar o sexo ao longo da história é a necessidade que cada cultura tem de envolvê-lo com roupagens que garantam a manutenção da ordem, que possibilitem a formação de laços mais coesos. A necessidade de culturalização dos impulsos sexuais e agressivos que constituem o homem é universal: estabelecer e impor formas de controle de impulsos são tarefas intrínsecas à sociedade, pois dizem respeito à possibilidade de emergência e constituição dos sujeitos.

Freud ensina que a civilização nasce da renúncia, e é a partir dos desvios de energia sexual e agressiva que é possível estabelecer relações significativas entre os indivíduos. A transformação do princípio de prazer em princípio de realidade, como veremos, é condição inerente à vida em sociedade, ao proporcionar os desvios e as ressignificações destes impulsos, adequando-os às exigências externas.

Esta estratégia de recalque e de sublimação é inerente a qualquer sociedade. O que varia nesta relação é a forma e o peso que cada um desses elementos terá, pois a justificativa, ensina Marcuse, é econômica: é preciso desviar parte desta energia para o trabalho; a forma com que cada cultura produz é fundamental nos processos de interação, especialmente na conduta sexual.

Ao longo deste capítulo será mostrada a estrutura psíquica a partir da dimensão social, ou seja, os processos ontogenéticos e filogenéticos percorridos pela sexualidade rumo à culturalização.

1.1 PRINCÍPIO DE PRAZER X PRINCÍPIO DE REALIDADE

Freud ensina que a civilização¹⁸ surge quando o poder dos instintos¹⁹ é subjugado. Para ele, a história do homem é a história da sua repressão. É incompatível com o processo civilizatório a gratificação permanente e ininterrupta das necessidades instintivas. Renúncia e sublimação constituem pré-requisitos para o progresso. Diz o psicanalista austríaco:

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, artísticas ou ideológicas o desempenho tão importante na vida civilizada²⁰.

A cultura, portanto, coage a estrutura instintiva e a redireciona porque a busca pela satisfação plena se mostra ineficaz e inconsistente no mundo externo. O homem passa a se diferenciar dos outros animais a partir do momento que modifica essa estrutura, afetando os princípios que norteiam a satisfação dos impulsos primários. O filósofo alemão Herbert Marcuse sustenta que “a civilização começa quando o objeto primário – isto é, a satisfação integral de necessidades, é abandonado”²¹.

É impossível obter satisfação de forma permanente. O processo civilizatório traz consigo a renúncia dos instintos, mas com ela a promessa de que essa renúncia não será em vão, pois o direcionamento dessas energias para o trabalho irá garantir uma nova satisfação, ainda que adiada e condicionada.

Marcuse postula que

O motivo da sociedade, ao impor a modificação decisiva da estrutura instintiva, é, pois, econômico; como não tem meios suficientes para sustentar a vida de seus

¹⁸ O termo “civilização” é utilizado por Freud diversas vezes como sinônimo de cultura, tal qual em “Civilização e Seus Descontentes”.

¹⁹ Por instintos, deve-se entender impulsos primários do organismo humano que estão sujeitos à modificação histórica.

²⁰ FREUD, Sigmund. **Mal-Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.52

²¹ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.33

membros sem trabalho por parte deles, a sociedade trata de restringir o número de seus membros e desviar as suas energias das atividades sexuais para o trabalho²².

O filósofo alemão define e esquematiza o processo que transforma e redireciona a estrutura instintiva em um sistema dominante de valores. Assim o faz²³ a partir dos estudos de Freud:

De:	Para:
Satisfação imediata	Satisfação adiada
Prazer	Restrição do prazer
Júbilo (atividade lúdica)	Esforço (trabalho)
Receptividade	Produtividade
Ausência de repressão	Segurança

A esse fenômeno descrito acima por Marcuse, Freud dá o nome de transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. A teoria freudiana divide o aparelho mental humano na luta entre dois princípios básicos, o princípio de prazer e o princípio de realidade, em um sentido estrito, ou, entre inconsciente e consciente, em um sentido amplo. O inconsciente é governado pelo princípio de prazer, e corresponde à estrutura mais remota e recôndita da psique. Ele abrange os processos mentais mais primários e instintivos. Luta tão e somente para obter o máximo de prazer e o mínimo de desprazer. Esse princípio de prazer irrestrito, no entanto, entra em choque com o meio natural e humano, já que o indivíduo eventualmente chega à conclusão – traumática para ele – de que é impossível ter uma gratificação total e indolor de suas necessidades. Em Além do Princípio de Prazer, Freud constata que

o princípio do prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso²⁴.

Freud afirma que dessa experiência de desapontamento surge o princípio de realidade, que passa a duelar com o princípio de prazer. Do embate entre as duas estruturas da psique, o homem acaba por renunciar ao prazer

²² Ibidem, p. 37

²³ Ibidem, p.34

²⁴ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.12.

momentâneo que o princípio de prazer busca – que é incerto e de natureza destrutiva – e o substitui por um novo prazer, procrastinado e cerceado, mas garantido. Diz Freud:

Sob a influência dos instintos de autopreservação, o princípio de prazer é substituído por princípio de realidade. Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer²⁵.

Marcuse completa a afirmação de Freud dizendo que adaptação do prazer ao princípio de realidade implica a transubstanciação do próprio prazer, já que ela vem para subjugar a força destruidora da gratificação instintiva, que é incompatível com as normas e com relações estabelecidas da sociedade²⁶.

É sabido, portanto, que a estrutura primeva da mente humana, o inconsciente, busca obter o máximo de prazer e o mínimo de desprazer. Da percepção traumática de que é impossível obter por completo o que essa estrutura almeja, ela é sobreposta por uma nova estrutura, que condiciona e redireciona a obtenção do prazer. A civilização surge a partir da repressão e da renúncia dos instintos básicos. O motivo para tanto é econômico, já que a civilização não se sustentaria sem o direcionamento das forças dos indivíduos para o trabalho. A sociedade precisa direcionar os impulsos se ela quer manter uma ordem estabelecida. É em consonância com a estrutura econômica da civilização que os instintos básicos do princípio de prazer são direcionados e desviados.

Freud analisa o desenvolvimento desse aparelho repressivo em duas ordens: a ontogenética e a filogenética, esta pela evolução da civilização repressiva. Aquela, pela evolução do indivíduo reprimido.

²⁵ FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.12.

²⁶ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.35

1.2 A DIMENSÃO SOCIAL NO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO: ONTOGÊNESE E FILOGÊNESE DA REPRESSÃO

1.2.1 A sexualidade infantil: da condição autoerótica e perverso-poliforma ao lugar de objeto

Em *três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud destaca a importância da sexualidade em todas as realizações humanas ao afirmar que ela é uma disposição psíquica universal, inerente à nossa condição. Leva em conta três fatores: que a vida sexual se inicia logo após o nascimento, que há uma distinção clara entre sexual e genital e que a sexualidade abrange a função de obter prazer das zonas do corpo. Além disso, a teoria freudiana da sexualidade sobrepõe o prazer à reprodutibilidade, pois a pulsão sexual tem por objetivo a satisfação. Tendo o prazer como meta, só secundariamente serve à finalidade de reproduzir.

São três as características da sexualidade infantil em seu primeiro momento: ser originária de uma função somática, ser autoerótica e ser poliformo-perversa. O primeiro órgão que surge como zona erótica é a boca. Freud diz que a persistência do bebê em sugar é prova de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da nutrição, e seja por ela instigada, esforça-se por obter prazer independente desta nutrição²⁷. A pulsão sexual é definida neste primeiro momento por um processo de apoio em outras atividades somáticas. O que confere o caráter sexual à pulsão é justamente a energia libidinal, que se satisfaz no prazer.

A libido tem sua origem no corpo erógeno, circunscrito à disposição perverso-polimorfa, pois a sexualidade infantil não conhece lei nem proibição e todos os objetos são passíveis de sua energia libidinal.

Se nas primeiras satisfações pulsionais, a pulsão sexual encontra seu objeto de satisfação fora do corpo do bebê, só posteriormente, depois de ter perdido o objeto, que a criança terá percebido o que lhe causava satisfação. Freud diz que quando o bebê se dá conta dessa perda do objeto, ele passa a ter o seu próprio corpo como alvo sexual. O autoerotismo é, portanto, um

²⁷ FREUD, Sigmund. **Esboço da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 179.

segundo momento, o tempo da perda de objeto. Importante destacar no ensaio outras duas considerações: o autoerotismo é o momento inaugural da sexualidade, visto que é a partir daí que o prazer sexual se separa de uma necessidade fisiológica, mas não é o momento inaugural da vida psíquica, que é a experiência de sugar o seio.

Seio este que não é um objeto para ela: somente o é em sua ausência. O fato de a criança chupar o dedo demonstra um prazer que já foi experimentado. Essa experiência de satisfação é armazenada nos traços mnêmicos, e a ela nunca se renuncia, apenas se a substitui. Freud é enfático: “nada é mais difícil de abdicar do que um prazer outrora experimentado²⁸”.

O bebê *aprende* a distinguir entre o seio real e o seio alucinado, o que lhe instaura a possibilidade de diferenciação de si e do outro que cuida dele. O pequeno Hans demonstrou que diante da necessidade de sobrevivência, o bebê é obrigado a representar, para si mesmo, não apenas o agradável, mas também o desagradável, ou seja, os estímulos provenientes do mundo externo que provocam tensões internas. Assim, novas exigências efetuam uma sucessão de adaptações necessárias no aparelho psíquico, devido à significação crescente da realidade externa na estruturação do sujeito. Portanto, as conjunturas reais presentes devem ser consideradas também como uma condição de emergência do sujeito quando a atividade psíquica passa a funcionar sob o princípio de realidade²⁹.

Para que este processo de adaptação do sujeito à realidade possa se efetuar, é mandatória a passagem de uma organização autoerótica – que é vinculada apenas ao princípio de prazer – a uma nova organização que considere os processos do princípio de realidade. Em sua entrada na cultura, o recém-nascido vivencia a angústia e a impotência do desamparo original. A constituição do psiquismo se estrutura como resposta a essa condição. No entanto, há de se considerar a entropia do processo: grande parcela dessa energia pulsional não consegue percorrer esse caminho, o que resulta em

²⁸ Idem. **Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna**. Rio de Janeiro: Imago, 1997,

²⁹ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 44.

angústia e ansiedade. A neurose, vale lembrar, é a própria dificuldade de as pulsões sexuais levarem em conta essa necessidade de adiamento e transformação.

A angústia seria então um sinal psíquico de sua própria falta: falta psíquica (desvalimento psíquico) expressa no corpo, eis a angústia, como, 'mutatis mutandis', a pulsão é entendida por Freud como a representação psíquica da estimulação somática. Pulsão, angústia e psíquico nascem no mesmo ato, no mesmo gesto, o da primeira satisfação. Rigorosamente, então, o nascimento psíquico pode ser entendido como presença: presença pulsional (que exige trabalho), a qual presença a angústia denuncia³⁰.

Se por um lado existe um limite de solução para as demandas pulsionais, é justamente essa condição que faz do psiquismo uma instância em devir, o que permite o alcance de novos caminhos para a pulsão³¹. É a fome e o amor, como num poema de Schiller ao qual Freud constantemente alude. Esse processo, que implica em exercícios de adiamento de satisfação e em soluções sempre parciais, diz respeito, em um sentido mais amplo, à própria vida em sociedade, às renúncias necessárias para a vida em grupo e às consequências desta renúncia.

Outra importante consequência deste processo reside na abertura subjetiva, no marco inicial da subjetividade. No entanto, para o bebê não há objeto, uma vez que este ainda não existe para aquele enquanto objeto externo, mas como uma extensão do eu narcísico. O objeto só começa a estabelecer uma relação com o bebê que lhe proporcione a cisão entre o interno e o externo a partir desta situação de desamparo psíquico e motor, tão fundamental para o ingresso no mundo.

Freud é axiomático: encontrar o objeto sexual é, na verdade, reencontrá-lo, agora em outro lugar, na imagem, na memória, na representação. O nascimento da sexualidade tem a ver com a dissociação do objeto sexual do objeto da função vital, separando a necessidade do desejo, que é um fluxo psíquico de retorno da experiência de satisfação.

³⁰ CELES, L.A. **Nascimento psíquico**. Em O bebê, o corpo e a linguagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 46.

³¹ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p.19.

É como se fosse preciso um percurso da pulsão sexual até o objeto para que a função e o papel da cultura e do outro no acultramento da sexualidade se tornem efetivos, como se nota nos complexos de Édipo e de castração. De qualquer forma, alerta-se para a implicabilidade do agente externo no funcionamento e sobrevivência psíquicos, num momento em que os movimentos de supressão das necessidades vitais já estão definitivamente emaranhados às experiências de satisfação, de prazer e desprazer, e escapam, portanto, de uma mera realização no plano da necessidade³².

1.2.2 O recalque orgânico e a perda originária do objeto

Em “A história do movimento psicanalítico”, Freud destaca que “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”³³. Em vários de seus trabalhos, incluindo cartas a Wilhelm Fliess (carta 11/1/1897 e 14/11/1897) ele faz problematizações sobre o papel desempenhado pelo olfato na sexualidade humana. Ao indagar sobre a origem do recalque normal (a moralidade, a vergonha etc.), o psicanalista acredita que exista algo de orgânico desempenhando papel no recalque³⁴. Ele leva em conta dois fatores: a importância da postura ereta no homem e a substituição do olfato pela visão como principal sentido. Esses processos estariam na própria base do processo normal de recalque.

Dito de modo grosseiro, a lembrança realmente fede, da mesma forma que, no presente, o objeto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz), enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isso é o recalque³⁵.

O recalque da sexualidade se torna fenômeno estrutural. O advento da postura bípede do homem resulta em uma atrofia do sentido olfativo. O homem se distancia do chão, e seus olhos se tornam sua melhor fonte de relação com o mundo, tendo na visão elemento primordial de atração sexual. Se em outros

³² Ibidem, p.22

³³ FREUD, SIGMUND. **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 26.

³⁴ JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 36.

³⁵ Ibidem, p. 37

mamíferos a urina, as fezes e toda superfície do corpo possuem um efeito sexualmente inebriante, nos homens, isso provoca repulsa. Há um recalque orgânico do prazer no cheiro, fator estrutural para um recalque geral da sexualidade.

O tabu da menstruação seria derivado do recalque orgânico, uma “defesa contra uma fase do desenvolvimento que foi superada³⁶”. A educação infantil (já que as crianças não possuem uma aversão natural aos excrementos) e o aprendizado da higiene que dela decorre também são consequências do mesmo processo. A educação é definida por Freud como sendo fundamentalmente um processo de recalque dos estímulos sexuais olfativos anteriores à bipedia³⁷.

Desta troca do olfato pela visão, outra importante mudança ocorre: a desvalorização dos estímulos olfativos ocasiona o isolamento do período menstrual, resultando na predominância dos estímulos visuais com os órgãos sexuais visíveis. A excitação sexual se torna contínua e não mais cíclica. Essa mudança diz respeito à passagem do funcionamento instintivo para o pulsional, determinante para o desenvolvimento da cultura. A instituição da família, que representa o início da civilização humana, não seria possível sem esta mudança do instinto para a pulsão, definida por Freud como força constante. Com o surgimento dessa excitação sexual contínua, a presença do objeto sexual passa a ser requerida ininterruptamente, fator fundamental para o estabelecimento da família. Freud é bastante enfático ao afirmar que a postura ereta, por todas as suas consequências, teria sido responsável pelo advento da civilização³⁸.

³⁶ Ibidem, p. 41

³⁷ Ibidem, p. 42

³⁸ Apud JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 41

1.3 A PULSÃO COMO ELEMENTO IMPULSIONADOR DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

Em *Pulsão e suas vicissitudes*, Freud diz que a pulsão é um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático, uma medida de exigência de trabalho imposta à mente em consequência com a sua ligação com o corporal³⁹. É fundamentalmente uma reivindicação permanente de satisfação. Enquanto o instinto tem um objeto pré-determinado que garante a satisfação da necessidade, na pulsão existe um hiato entre a ânsia por gratificação e o objeto, que é, por isso, sempre variável.

A pulsão sexual é propulsora das primeiras representações psíquicas, ao pressupor sempre um elemento externo ao sujeito para efetivar o seu circuito⁴⁰. É nas vicissitudes das experiências de satisfação que a pulsão se inscreve, demarcando os traços mnêmicos decisivos à vida de cada sujeito.

A necessidade de dar vazão a esses estímulos é intrínseca ao homem. O meio de lidar com o acúmulo pulsional, já que é impossível a sua eliminação ou supressão, é neutralizá-lo parcialmente, por meio da sua domesticação.

Domesticar a pulsão consiste em adequá-la em intensidade, em potencialidade, o que também significa adequá-la quanto ao seu destino ao objeto, sujeitando-a a outro sistema de processamento, o processo secundário. Se não há possibilidade de eliminar por completo as exigências pulsionais, domesticá-las é uma das saídas para a vida em sociedade, o que seria tornar a pulsão razoavelmente compatível com as aspirações do eu de modo a não perseguir sua satisfação autoerótica, tornando-se acessível às influências que dela surgem⁴¹.

O cerne da questão pulsional reside na capacidade do aparelho psíquico para lidar com as excitações. O psíquico se manifesta como mediador, propondo desvios, atalho e substitutivos que freiem a demanda pulsional. Como nenhum objeto é capaz de satisfazer a pulsão – pois o objeto de satisfação por excelência está desde sempre perdido – ele é de natureza completamente variável, o que manifesta a importância da cultura, ao ser ela a

³⁹ FREUD, Sigmund. **A pulsão e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 142

⁴⁰ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 30

⁴¹ *Ibidem*, p. 40

responsável pelos diversos destinos pulsionais e pelo engajamento da pulsão em objetos da cultura.

1.3.1 Recalque e sublimação: os caminhos da cultura para a pulsão

A batalha entre as exigências pulsionais e o processo civilizatório exige do indivíduo e da sociedade constantes elaborações, já que não existe uma superação definitiva. A vinculação do sujeito com o mundo externo se deve, sobretudo, ao recalque das pulsões sexuais e agressivas na esfera civilizatória. Freud afirma que a luta pela vida é norteadada em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente entre as reivindicações do indivíduo e as reivindicações da cultura⁴², situação que demonstra que os destinos subjetivos carregam o peso do conflito entre sujeito e cultura.

A possibilidade de emergência do sujeito reside na constante solicitação de um trabalho psíquico que transforme a natureza pulsional, que continua a atuar e a necessitar de simbolização. Sem a intervenção do aparelho psíquico (e da cultura), a pulsão continua a se apresentar de forma desenfreada, sem contornos e limites, necessitando do psiquismo para articular e adaptar os impulsos internos e os estímulos externos, ligando-os a objetos, civilizando-os na busca por satisfação. Nesse momento, pode-se apontar que os elementos pulsão, psiquismo e civilização se relacionam mutuamente, sobretudo no que se refere à travessia realizada pelo sujeito no desenvolvimento cultural, cuja sustentação se dá, principalmente, pelo estabelecimento do recalque. Pulsão e civilização, cada um na sua maneira, são elementos que se legitimam na estrutura subjetiva, à medida que são internalizados psicologicamente, com o auxílio da educação e do supereu⁴³.

Quando essa balança se desequilibra, quando o recalque não é bem-sucedido, a parte recalcada pode retornar sobre a forma de sintoma, pode receber a gratificação desejada ou então ser sublimada. Dentro desta perspectiva de lutas entre pulsão e civilização, o psicanalista Renato Mezan diz que a tese freudiana de que a cultura reside completamente na coerção pulsional não se sustenta por completo. Há, ainda, outra dimensão a ser levada em conta: a cultura também possui a tarefa de fornecer à pulsão objetos que excitem e satisfaçam o desejo. Essa outra missão da cultura está presente

⁴² FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.116.

⁴³ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, P.86

tanto no processo de subjetivação – na escolha do objeto, por exemplo, elevada ao estatuto de satisfação ideal – quanto nas experiências de sublimação.

Tudo que se apresenta como capaz de satisfazer o desejo humano é fruto de um trabalho social. Portanto, a relação entre a cultura e a pulsão não pode ter apenas um cunho coercitivo. – coagir as pulsões para que elas se dirijam para o trabalho ou para as relações sociais permitidas e estimuladas, que se baseiam em última análise no erotismo inibido quanto ao fim –, mas deve obrigatoriamente incluir um aspecto sedutor, propiciador, que sem dúvida é parte satisfatória (no sentido de oferecer coisas que de fato satisfazem, de algum modo, os desejos agressivos e sexuais do ser humano, bem como os seus anelos narcísicos)⁴⁴.

A cultura se estrutura, portanto, não apenas de maneira coercitiva, mas como espaço e possibilidade de investimentos a partir de fantasias e desejos singulares. É importante compreender, portanto, a estrutura e o papel de cada um desses processos – recalque, sublimação e fantasia – na constituição do sujeito e na formação da cultura.

O recalque tem como principal tarefa a mediação entre os elementos pulsionais e a civilização. Graças à capacidade do aparelho psíquico de suportar certa quantidade de excitação, é possível desviar a energia das pulsões para tarefas necessárias, porém desprazerosas. Ele é o processo de substituição do prazer pelo princípio de realidade. Expressa um desejo interdito, não realizado, pois a obtenção deste prazer provocaria um prejuízo maior que seu recalque, permitindo que a vida comum se amplie.

O fracasso do recalque aparece como angústia, definida como a percepção da consciência das tensões entre o desejo e a impossibilidade de sua realização completa, entre o eu e o ideal do eu, que aspiram finalidades distintas⁴⁵. Desta forma, Guimarães destaca o paradoxo da relação: apesar da civilização exigir constantes renúncias pulsionais do indivíduo, sendo a grande responsável pelo mal-estar, ela é a única possibilidade de subjetivação e objetivação do homem.

⁴⁴ MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 359.

⁴⁵ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, P.112.

É possível encontrar outros destinos para a pulsionalidade, seja por caminhos indiretos ou satisfações substitutivas. A pulsão recalcada, no entanto, continuará exigindo satisfação, pois haverá sempre uma descontinuidade entre o prazer exigido e o prazer conseguido.

O instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente do instinto reprimido, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas nas palavras do poeta [Mefistófeles, de Fausto], pressiona sempre para a frente, indomado. O caminho para trás que conduz à satisfação completa acha-se, via de regra, obstruído pelas resistências que mantêm as repressões, de maneira que não há alternativa senão avançar na direção que o crescimento ainda se acha livre, embora sem perspectiva de levar o processo a uma conclusão ou de ser capaz de atingir o objetivo⁴⁶.

A sublimação é outro processo de desvio e reorientação dos impulsos sexuais para realizações em favor da cultura, dessa vez de forma a inutilizar a libido. No ensaio *a moral sexual civilizada e doença moderna*, Freud caracteriza seu mecanismo como um processo que proporciona o desvio das forças pulsionais de sua finalidade diretamente sexual, orientando-as para novos fins, mas sem se desfazer de seu caráter originariamente sexual⁴⁷. É um destino pulsional dessexualizado, sem perder, no entanto, a sua busca do prazer e a fuga do desprazer. As atividades culturais elevadas, como o trabalho intelectual, a arte e os esportes são exemplos de processos em que as criações sociais são investidas pelos impulsos sexuais e agressivos, fortalecendo a relação entre sujeito e civilização.

Freud destaca o papel da arte na cultura, “ao oferecer satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais e, por esse motivo, ela serve como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização⁴⁸”. Na mesma perspectiva, Jorge⁴⁹ enaltece o esporte. Ao se

⁴⁶ FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.60.

⁴⁷ Idem. **A moral sexual civilizada e doença moderna**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.193.

⁴⁸ Idem. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.25.

observar o discurso do futebol, termos de natureza bélica, como *morte súbita*, *artilheiro*, *ataque*, *defesa*, *tiro de meta*, *adversário* etc. evidenciam a natureza sublimatória do esporte, ao desviar as pulsões agressivas do homem para uma atividade elaborada.

No ensaio *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, Freud demonstra a relação estreita entre o processo artístico e criativo e a sublimação das pulsões sexuais infantis. Segundo o psicanalista, os afetos de Leonardo estariam subordinados ao impulso da pesquisa, demonstrando de onde vinha a fome para o seu insaciável desejo de compreender o mundo que o cercava.

Durante esse trabalho de pesquisa, o amor e o ódio se despiam de suas formas positivas ou negativas e ambos se transformavam apenas em objeto de interesse intelectual. Na verdade, Leonardo não era insensível à paixão; não carecia da centelha sagrada que é direta ou indiretamente a força motora – *il primo motore* – de qualquer atividade humana. Apenas convertera sua paixão em sede de conhecimento; entregava-se, então, à investigação com a persistência, constância e penetração que derivam da paixão e, ao atingir ao auge de seu trabalho intelectual, isto é, a aquisição do conhecimento, permitia que o afeto há muito reprimido viesse à tona e transbordasse livremente.⁵⁰

Há duas questões que devem ser levadas em conta, no entanto: o processo sublimatório nunca é completo. É impossível sublimar toda a pulsão, pois uma parcela direta de satisfação é sempre exigida. Além disso, ele está restrito a uma parcela muito pequena da sociedade, já que nem todo mundo dispõe de meios econômicos e sociais que permitam isso.

Por fim, a fantasia é outro elemento importante dentro da dinâmica de recalque das pulsões, ao compensar, sempre parcialmente, as renúncias impostas pela vida em sociedade. Rouanet a caracteriza como “a anulação imaginária do sofrimento”:

A função do pensamento imaginário é compensar o indivíduo por todas as renúncias, quer as impostas pela realidade quer as exigidas pelo desenvolvimento psicogenético. Cada objeto perdido é substituído por

⁴⁹ JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 79

⁵⁰ FREUD, Sigmund. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.69.

uma formação imaginária, cada fase ultrapassada, o percurso que vai da fase oral à genital, deixa traços no psiquismo: fantasias nas quais se conserva, alucinatoriamente, o objeto desaparecido, a pulsão parcial superada. A fantasia é o correlato intra-psíquico da renúncia e da perda⁵¹.

A esfera social funciona como espaço de sustentação do circuito pulsional⁵². O que a psicanálise freudiana demonstra é que a condição do homem está fundada na renúncia e no reconhecimento da sua incompletude. A civilização, ao mesmo tempo em que indica o limite e provoca o impedimento da satisfação, é o único espaço em que tal gratificação – parcial, ao menos – dos impulsos libidinais é possível, revelando que os processos subjetivos são, essencialmente, estruturados numa situação de conflito⁵³.

1.4 A RELAÇÃO DE OBJETO E A ANGÚSTIA EM LACAN

Lacan parte da concepção de sexualidade de Freud – segundo a qual no cerne da sexualidade humana figura uma falta de objeto – para estruturar sua teoria. O pai da psicanálise define esse objeto como sendo indiferente, o que significa dizer que todo objeto pode ocupar o lugar de objeto de pulsão. O grande triunfo de Lacan foi ter dado nome a essa falta: *objeto a*, definido como “a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importar que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, a minúsculo⁵⁴”.

O objeto a é o objeto faltoso, o objeto perdido do desejo, para quem o seu encontro é, na verdade, um reencontro. No entanto, trata-se de um objeto que não existe enquanto tal, sendo possível ser chamado de causa do desejo apenas porque este mantém uma relação intrínseca à falta.

Lacan explica que é em torno desse objeto, que ocupa para o sujeito o lugar do primeiro exterior, que se orienta todo o encaminhamento desejante. É

⁵¹ ROUANET, A epistemologia Freudiana, p.53.

⁵² GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 89

⁵³ Ibidem, p.118

⁵⁴ Apud JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 139.

ele quem representa o Outro absoluto, perdido como tal e só possível enquanto reencontro⁵⁵. Dessa forma, o caráter faltoso comparece cada vez que o sujeito reencontra o objeto, pois sua perda é sinônimo da própria objetividade.

A condição originária de perda é denominada por Lacan de real imaginário, e é ela que responde pelos modelos tão diversos que a sexualidade humana exhibe. Tal condição nunca cessa de se escrever na história do sujeito e é a partir dela que todas as etapas posteriores são desencadeadas⁵⁶.

O encontro do parceiro, portanto, se dá pelas vias do que constitui o regime simbólico da estrutura, através do discurso do outro, e pela contingência, ou seja, aspectos históricos, culturais etc. Esse regime recusa a negação do real imaginário e passa, assim, a existir. Tal existência, no entanto, é precária e fugaz, podendo facilmente ser deslocada para outro objeto.

Mas o desejo, na medida em que está eminentemente articulado às cadeias significantes do registro do simbólico, implica uma referência instável, porque contingencial, ao objeto – no sentido, por exemplo, daquilo que diz o provérbio chinês: ‘só se deseja aquilo que se vê’. Dito de outro modo, nesse nível o objeto é encontrado, mas ele pode ser tanto esse, quanto aquele, ou mesmo aquele outro... O objeto, aqui, passou do nível anterior do impossível ao nível do contingencial, isto é, ao nível de algum possível de se escrever, mas não se constitui como um objeto exclusivo, muitos outros podem ocupar junto ao sujeito um lugar semelhante⁵⁷.

É na perspectiva do desejo que se pode falar em angústia. Lacan nos ensina que esta é o melhor remédio para aquele, pois reintroduz a referência à falta originária da estrutura. A angústia, diz Lacan, é um afeto – e um afeto que não engana, já que possui relação estrutural com o que constitui o sujeito, isto é, a falta, a incompletude.

⁵⁵ JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 141

⁵⁶ Ibidem, p. 145

⁵⁷ Ibidem, p.147-148

1.5 Id, EGO E SUPEREGO

À repressão dos impulsos primários e ao desvio desses impulsos em esforço produtivo dá-se o nome de transformação do princípio do prazer em princípio de realidade. Essa transformação acontece tanto por causas coletivas como por causas individuais. No aparelho mental humano, a repressão ocorre a partir do evento traumático que é a impossibilidade de serem satisfeitas todas as necessidades primárias. A mente passa a se defender e a buscar alternativas frente à frustração. É a partir desse fenômeno que a estrutura mental passa a ser dividida em três camadas distintas, que atuam entre si: o Id, o Ego e o Superego.

O id é dominado pelo inconsciente. É a camada mais fundamental e a mais antiga do ser. Nele, residem todos os instintos primários. Não visa a autopreservação nem se deixa influenciar por valores ou moralidade. O id se esforça exclusivamente à obtenção de prazer, à satisfação das necessidades instintivas regidas pelo princípio de prazer.

A parte do id que é dotada de órgãos capazes de receber estímulos acaba entrando em contato com o mundo externo e é modificada até formar o ego, que é o mediador entre o id e os dois mundos. Freud explica que a principal função do ego é controlar e coordenar os impulsos instintivos do id para reduzir os conflitos deste com a realidade.

O ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do pré-consciente-consciente; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões⁵⁸.

Com o desenvolvimento do ego, uma última camada surge: o superego, que também é definido por Freud como o ideal do ego. Ele surge da identificação do indivíduo com a figura paterna na sua pré-história pessoal. O superego é resultado do complexo de Édipo (que será discutido posteriormente) e é o representante da moralidade e dos valores que são

⁵⁸ FREUD, Sigmund. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.38

identificados pelo indivíduo nas figuras de autoridade quando este ainda é infante. Por isso, o superego – ou o ideal do ego – impõe exigências de uma realidade pretérita. Ele tem no sentimento de culpa a sua maior arma. Freud diz que as moralidades que os pais e as entidades impuseram nos indivíduos são destiladas no ego e se transformam na consciência deste. No entanto, as lutas originalmente conscientes com as exigências da realidade (os pais e as entidades sociais que os substituirão) se transformam em reações automáticas e inconscientes⁵⁹. Marcuse completa que

O princípio de realidade afirma-se através de uma contração do ego consciente, numa direção significativa: o desenvolvimento autônomo dos instintos é congelado, e o seu padrão fixa-se no nível da infância. A adesão a um “status quo ante” é implantada na estrutura instintiva. O indivíduo torna-se instintivamente reacionário – tanto no sentido literal como figurativo. Exerce contra si próprio, inconsciente, uma severidade, que, outrora, era adequada a um estágio infantil da sua evolução, mas que há muito tempo se tornou obsoleta, à luz das potencialidades racionais da maturidade (individual e social). O indivíduo pune-se (e, depois, é punido) por feitos que já foram anulados ou que já não são incompatíveis com a realidade civilizada, com o homem civilizado⁶⁰.

Importante ressaltar que a renúncia ao instinto conduziria a uma tensão perpétua se não fosse possível deslocar a energia para reduzir sua intensidade. Esse deslocamento de energia é fundamental para a manutenção da ordem dentro do indivíduo e dentro da sociedade. Não basta reprimir: é preciso prometer algo em troca. Quando essa repressão se dá por razões externas, ela é apenas fonte de desprazer; mas, quando se dá por razões internas, em obediência ao superego, a renúncia tem um efeito econômico diferente.

Em acréscimo às inevitáveis consequências desprazerosas, ela [a renúncia] também traz ao ego um rendimento de prazer – uma satisfação substitutiva, por assim dizer. O ego se sente elevado; orgulha-se da renúncia instintual, como se ela constituísse uma realização de valor. Acreditamos que podemos entender o mecanismo desse rendimento de prazer. O superego é o sucessor e o representante dos pais (e educadores) do indivíduo, que lhe supervisionaram as ações no primeiro período de sua vida; ele continua as funções dele quase sem mudança. Mantém o ego num permanente estado de dependência e exerce pressão constante sobre ele. Tal como na infância, o ego fica apreensivo em pôr em risco o amor de seu senhor supremo; sente sua aprovação como libertação e satisfação, e suas censuras como tormentos de consciência. Quando o ego traz ao superego o sacrifício de uma renúncia instintual, ele espera ser recompensado

⁵⁹ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.49.

⁶⁰ Ibidem, p. 49

recebendo mais amor deste último. A consciência de merecer esse amor é sentida por ele como orgulho⁶¹.

A estrutura mental é dividida em três camadas que se relacionam entre si. O id é o domínio das pulsões do inconsciente, que objetiva a satisfação integral das necessidades; o ego é formado pela parte do id que se corresponde ao mundo externo. Ele é o responsável pela substituição do princípio de prazer em princípio de realidade. Já o superego é a consciência moral. Ele atua como representante dos valores adquiridos das figuras de autoridade do indivíduo em seu desenvolvimento. Freud diz que o ego efetua as repressões a serviço e a mando do superego.

1.6 O COMPLEXO DE ÉDIPO

Foram discutidos anteriormente os modos para a repressão ocorrer na perspectiva do indivíduo. Percebe-se a luta entre o instinto de vida e o instinto de morte e as ações do Id, do Ego e do Superego. Esses, no entanto, não são únicos fenômenos que suprimem e condicionam os instintos básicos.

Foi dito que a civilização nasce com a renúncia dos impulsos primitivos e com a conversão desses impulsos em força produtiva. A repressão internalizada pelo indivíduo continua na vida em grupo. Essa descoberta da psicanálise conseguiu aproximar a psicologia individual da psicologia das massas.

A primeira participação do indivíduo em grupo é na família. Nessa primeira experiência do homem com o mundo, ocorrem duas fases estruturais do desenvolvimento psíquico: Édipo e castração. Apesar de ambas fazerem parte do ser humano, elas se dão em ordem diferentes – e com consequências diferentes – nos homens e nas mulheres.

Nos meninos, a mãe se torna, por meio do seio, o objeto inicial da aplicação de suas energias psíquicas libidinosas. Com o pai, a relação é de reconhecimento por pertencer ao mesmo sexo que ele. O complexo ocorre quando o menino vê no pai um adversário e um concorrente, por ter na mãe o

⁶¹ FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.101 et seq.

seu objeto sexual. A relação é ambígua, já que ao mesmo tempo se identifica com a figura paterna e quer vencê-la e tomar o seu lugar. A rivalidade com o pai culmina no complexo de castração, que tem consequências traumáticas no homem.

O complexo reside no fato de o menino descobrir que a mãe, o seu objeto de desejo, não possui o falo, que a criança compreende como sendo o pênis do pai. A partir daí, surge nela o medo de perder o pênis. Essa perda passa a funcionar no menino como uma punição por ter desejado sexualmente a mãe. Com isso, o Édipo é recalçado e destruído para, no seu lugar, surgir o superego, que foi discutido anteriormente.

Nas meninas, Freud explica que a castração ocorre antes de Édipo. A identificação surge primeiro com a mãe, que é quem lhe alimenta por meio do seio. Diferente dos meninos, essa primeira fase não é traumática. O conflito surge com a castração, ao constatar que é diferente dos meninos anatomicamente por não possuir um membro externo. É o que Freud chamou de *inveja do pênis*. A menina percebe que a mãe também não possui o membro fálico, então a abandona e a substitui pelo pai. É o Édipo feminino: a menina passa a desejar um filho com o pai para com ele repor o falo ausente. Com essa carência, a mulher erotiza todo seu corpo na tentativa de fazer dele um corpo fálico, o que implica em excesso de narcisismo e em vaidade física.

O processo constitui-se, portanto, de três fases. Na primeira, dá-se a produção do falo. A mãe está sempre presente e a criança se torna o falo dela, que predomina neste momento. Na segunda fase, dá-se a castração. É o fim do mito fálico. O pai é o rival do menino e a mãe deixa de ser absoluta. Na menina, a castração é signo da ausência e a busca de repará-la por meio de um filho com o pai. No menino, ela é a ameaça de castigo por ter querido tomar a mãe para si. Neste momento, o predomínio é do pai. Na terceira fase, o problema da castração é eliminado por meio da interiorização do pai, que a criança vê como modelo por conta da castração e da identificação secundária. Com a separação da mãe, a criança passa a querer ter o falo, que, acredita, o pai é detentor. É o momento de predomínio do falo.

Lacan diz que esses complexos são apenas modelos. Os desejos propriamente ditos, como o de tomar a mãe e tê-la para si, por exemplo, não existe. O que existe é o elemento simbólico que há por trás dos complexos. “Não se trata em absoluto de um falo real na medida em que, como real, ele exista ou não exista, trata-se de um falo simbólico, na medida em que é de sua natureza apresentar-se na troca como ausência, ausência funcionando como tal”, diz Lacan⁶².

O falo funciona como um objeto místico que passa a ocupar o lugar dos demais estímulos. É o símbolo da incompletude inerente ao ser. É a marca do desejo. No caso do menino, Lacan diz que

A função do Édipo parece muito mais claramente destinada a permitir a identificação do sujeito com o seu próprio sexo, que se produz, em suma, na relação ideal, imaginária, com o pai. Mas não é este verdadeiro objetivo de Édipo, que é a justa situação do sujeito com referência à função do pai, isto é, que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser pai⁶³.

Na menina,

O pai é para ela, inicialmente, objeto de seu amor – isto é, objeto do sentimento que se dirige ao elemento de falta no objeto, na medida em que é pela via desta falta que ela foi conduzida a esse objeto que é o pai. Esse objeto de amor se torna em seguida aquele que dá o objeto de satisfação, o objeto da relação natural da procriação. A partir daí, só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim ser substituído por aquele que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai, dando-lhe, efetivamente, uma criança⁶⁴.

Lacan diz também que o conceito de Édipo e de castração não podem ser reduzidos a uma questão familiar. Freud não diz respeito a sujeitos em si – a mãe ou o pai de fato –, mas a determinadas posições que são normalmente ocupadas por esses sujeitos. A castração pode ou não ser realizada pelo pai. O que importa é que há alguém para ocupar o posto de nome de pai, independente de ser o progenitor biológico. Lacan explica que nome de pai é apenas o conceito da proibição, do primeiro “não”, ou seja, a própria interiorização da lei. O superego é essa lei interiorizada agindo sobre o indivíduo.

⁶² LACAN, Jacques. **Seminário 4: A relação do objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 154.

⁶³ Ibidem, p. 208.

⁶⁴ Ibidem, p. 207.

Nesta mesma perspectiva, é importante destacar o artigo *Pacto edípico e pacto social*, do psicanalista Hélio Pellegrino. Ele destaca que, com Édipo, há um pacto social estabelecido. É a partir do pacto edípico que a criança recebe as ferramentas que lhe permitam fazer-se sujeito. Diante da renúncia pulsional, condição básica para ser aceito como membro da sociedade, o sujeito aceita o princípio de realidade e passa a se articular em torno do trabalho. Em troca, cabe à sociedade possibilitar os meios para que o sujeito mantenha sua integridade física e psíquica. A lei primordial – que marca o salto da natureza para a cultura – nasce do temor, mas ele sozinho não é suficiente para a imposição da ordem. Só o amor e a liberdade, diz Pellegrino, permitem uma verdadeira e produtiva relação com a lei, o que coloca Eros como motor da cultura.

O Édipo é a Lei do desejo. A Lei do desejo pode e deve corresponder um desejo da Lei. A Lei existe sob a égide de Eros. Ela é, portanto, um produto erótico, está na base do processo civilizatório, desde sua origem, na raiz do esforço individual e coletivo no sentido da hominização e da humanização do ser humano⁶⁵.

1.7 TOTEM E TABU: FUNDAMENTOS DA CIVILIZAÇÃO

O complexo de Édipo consiste num desejo instintivo por um objeto primário – o seio da mãe. O desejo é total. A separação da criança do seu objeto de desejo é um evento traumático para ela, que vê na figura autoritária a responsável por isso. Ela quer eliminá-la para voltar a um estado anterior de gratificação completa. A castração é o entendimento de que tal desejo não será concretizado. A vitória é da autoridade. A criança passa a aceitar a nova condição, recalando o desejo instintivo por medo da figura autoritária e almejando ser um dia essa figura. Édipo é o princípio de prazer transformado em princípio de realidade.

A partir dos trabalhos de Darwin sobre o estado social do homem primitivo, Freud nota que o comportamento humano que leva à formação de uma comunidade surge com Édipo. Assim como os símios superiores, o homem primevo vivia originalmente em hordas relativamente pequenas. Nela,

⁶⁵ Pellegrino, Hélio. Pacto edípico e pacto social

encontramos um pai cheio de violência e de ciúmes, que guarda todas as fêmeas para si e expulsa os filhos à medida que crescem. A civilização só começa a partir de uma reação dos filhos contra a tirania do pai, líder da horda primordial.

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoram o pai, colocando assim um fim à horda primordial. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. [...] O violento pai primevo fora sem dúvida o modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião⁶⁶.

Os filhos odiavam o pai porque ele era um obstáculo na busca de poder e de satisfação sexual. No entanto, também o admiravam. Uma vez satisfeito o ódio por meio do assassinato, toda a identificação que fora recalcada vem à tona sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa se espalha por todo grupo. Freud completa: “o pai morto tornara-se mais forte que o pai vivo⁶⁷”. A repressão das necessidades instintivas, imposta pelo pai, não foi, portanto, um resultado apenas da dominação. Ela criou também as condições mentais propícias ao funcionamento continuado da dominação.

Por conta desse sentimento de culpa, que é sedimentado nos indivíduos, as principais proibições, restrições e condicionamentos nos impulsos básicos – das quais a civilização depende – são formadas. O pai é transformado num totem e surgem a partir daí os tabus que regulam a conduta do clã: não matar o pai e não ter relações sexuais incestuosas.

Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponde inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo⁶⁸.

O totemismo evoluiu e deu origem às religiões e a sistemas mais rebuscados de leis. Essa evolução da sociedade, no entanto, não conseguiu

⁶⁶ FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.170

⁶⁷ Ibidem, p.171.

⁶⁸ Ibidem, p.172.

eliminar as cicatrizes do modelo arcaico de repressão. Marcuse sustenta que até hoje os processos repressivos derivam de Édipo.

O “pecado original” foi contra o homem – e não foi pecado, porque foi cometido contra um que era, ele próprio, culpado. E essa hipótese filogenética revela que a civilização madura está ainda condicionada pela imaturidade mental arcaica. A memória de impulsos e feitos pré-históricos continua assediando a civilização: o material reprimido retorna, e o indivíduo ainda é castigado por impulsos que foram dominados há muito tempo e feitos que há muito se resolveram⁶⁹.

Diversas críticas foram feitas às afirmações de Freud sobre o totemismo e os tabus. A primeira delas diz respeito ao incesto. O psicanalista vienense cita o sociólogo finlandês Edvard Westermarck⁷⁰, que considera a endogamia uma aversão inata do homem. Já o psicólogo e sexólogo britânico Havelock Ellis⁷¹ não se utiliza das mesmas explicações biológicas e diz que por conta do convívio ao longo de anos, os instintos sexuais são amortecidos entre as pessoas de mesmo sangue. Freud, no entanto, desconsidera ambas as hipóteses:

Não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado por lei. Não há lei que ordene aos homens comer e beber ou os proíba de colocar as mãos no fogo. Os homens comem e bebem e mantêm as mãos afastadas do fogo instintivamente por temor a penalidades naturais, não legais, que seriam acarretadas pela violência aplicada a esses instintos. A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir. Por conseguinte, podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural a cometer. Se não existisse tal propensão, não haveriam tais crimes e se esses crimes não fossem cometidos, que necessidade haveria de proibi-los? Desse modo, em vez de presumir da proibição legal do incesto que existe uma aversão natural a ele, deveríamos antes pressupor haver um instinto natural a seu favor e que, se a lei o reprime, assim o faz porque os homens civilizados chegaram à conclusão de que a satisfação desses instintos naturais é prejudicial aos interesses da sociedade⁷².

Já Lévi-Strauss refuta o complexo de Édipo como o nascimento da sociedade humana e diz que o princípio que deu origem à civilização é a exogamia. O desejo incestuoso é posterior à relação exogâmica. O antropólogo francês vê na troca um valor social que possibilita que a tribo não desapareça por manter um sistema fechado de matrimônio. A relação incestuosa iria de encontro à necessidade tribal. Strauss também diz que os eventos que dizem

⁶⁹ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.69

⁷⁰ FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.149

⁷¹ Ibidem, p.149.

⁷² Ibidem, p.150.

respeito à estrutura elementar do ser humano não podem ter aparecido somente uma vez, e teriam, portanto, sido repetidas constantemente no interior da consciência.

A ideia fundamental é justa, isto é, a exogamia tem um valor menos negativo do que positivo, afirma a existência social de outrem, e só proíbe o casamento endógamo para introduzir e prescrever o casamento com um grupo diferente da família biológica. Certamente não é porque algum perigo biológico se ligue ao casamento consanguíneo, mas porque do casamento exógamo resulta um benefício social⁷³.

Freud teria invertido a lógica do complexo de Édipo: o desejo da mãe seria uma consequência, não uma causa. E o assassinato do pai e o arrependimento posterior não passariam de um sonho. Diz Lévi-Strauss: “O prestígio desse sonho, seu poder de modelar, sem que se saiba, os pensamentos dos homens provêm justamente do fato dos atos por ele evocados nunca terem sido cometidos, porque a cultura sempre e em toda parte se opôs à isso⁷⁴”. Para ele, a ontogênese não reproduz a filogênese, ou o contrário. As duas hipóteses conduziriam às mesmas contradições. Com isso, afirma Lévi-Strauss, Freud, ao tentar explicar o início da civilização, acaba por explicar o seu presente.

O que se nota, apesar de todas as revisões à visão de Freud, é que o essencial se mantém: a sociedade nasce da repressão e se mantém com e por ela. É o instinto de prazer transformado em princípio de realidade. “O princípio de prazer foi destronado não só porque militava contra o progresso na civilização, mas também porque militava contra a civilização cujo progresso perpetua a dominação e o trabalho esforçado e penoso⁷⁵”.

É universal a necessidade de culturalização dos impulsos sexuais e agressivos que constituem o homem. Estabelecer e impor formas de controle de impulsos são tarefas intrínsecas à sociedade, pois dizem respeito à possibilidade de emergência e constituição do sujeito.

Assim, a indicação de que, por intermédio da restrição da sexualidade e da agressividade, os homens se organizam e vivem em sociedade registra

⁷³ LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 521

⁷⁴ Ibidem, p. 532

⁷⁵ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 54

que a renúncia pulsional é um movimento, por assim dizer, de socialização, pois não há possibilidade de subjetivação se não há também limite de satisfação. As condições de emergência da cultura registram uma situação conflituosa, ou seja, ao mesmo tempo que para o homem o seu semelhante situa-se como meio de realização subjetiva, ele também se constitui como impedimento. Assim, têm-se uma condição paradoxal: a cultura erotiza a criança, para, em seguida, frustrá-la com inúmeras e necessárias interdições, a fim de diminuir a força das suas pulsões e, posteriormente, impor recalques à realização de seus impulsos sexuais e agressivos, constitutivos da condição humana⁷⁶.

1.8 EROS E TÂNATOS: VIDA E MORTE

O estudo sobre o antagonismo entre os instintos libidinais e os de autopreservação se deu em um estágio inicial da teoria freudiana. Posteriormente, ele concentrou seus esforços em outro antagonismo de forças: o conflito entre o instinto de vida (Eros) e o instinto de morte (Tânatos). A vida passa a ser definida como conflito e conciliação entre os dois instintos⁷⁷.

As forças que existem por trás das tensões provocadas pelo id são chamadas por Freud de instintos, aos quais ele divide em duas forças antagônicas, Eros, o instinto de vida, e Tânatos, o instinto de morte. Este tem como objetivo conduzir a vida orgânica de volta ao seu estado inanimado⁷⁸. Ele define o instinto como um impulso presente em todos os organismos vivos que tem por objetivo retornar a um estado anterior, o qual só foi abandonado por forças externas desviantes. Assim sendo, ele reconhece a natureza conservadora dos organismos⁷⁹. Freud é enfático: “o objetivo de toda a vida é a morte e, retrospectivamente, que o inanimado exista antes que o vivente⁸⁰”.

Expressando-o de modo sucinto, existem duas características humanas muito difundidas, responsáveis pelo fato de os regulamentos da civilização só poderem ser mantidos através de certo grau de coerção, a saber, que

⁷⁶ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 81.

⁷⁷ FREUD, Sigmund. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.53

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.202.

⁸⁰ Ibidem, p.204

os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões⁸¹.

Os fenômenos da vida passam a ser explicados por Freud pela ação recorrente dessas duas pulsões. Eros tem como objetivo unir e formar laços cada vez maiores, como famílias, raças, povos, etc. Já Tânatos tende a dissolver essas unidades e retorná-las a seu estado orgânico inanimado. Enquanto as ações de Eros são mais visíveis, Freud diz que a pulsão de morte opera silenciosamente. Ela só aparece de maneira mais clara nos processos nitidamente patológicos, como as toxomanias, nas quais a obtenção do gozo é empenhada a qualquer preço.

Marcuse explica que a liberdade de excitação foi abandonada no início da vida; portanto, a tendência instintiva para o equilíbrio, com o choque de Eros e Tânatos, é, no derradeiro momento, a regressão para um estado anterior à própria vida. Justifica:

O instinto de morte é destrutividade não pelo mero interesse destrutivo, mas pelo alívio de tensão. A descida para a morte é uma fuga inconsciente à dor e às carências vitais. É uma expressão da eterna luta contra o sofrimento e a repressão⁸².

A teoria freudiana buscou na biologia a justificativa para tal fenômeno. Freud diz que por conta desse instinto de morte, os organismos primitivos não sobreviviam por muito tempo, até que, novamente por influências externas, células germinativas foram criadas pelos organismos para alongar o percurso para a morte. Essas células germinativas são os instintos de vida, que fazem oposição aos instintos de morte por obter o que parece ser para ela uma imortalidade potencial⁸³.

O instinto de vida abrange o instinto sexual desinibido, os impulsos naturais de natureza inibida e também o instinto autopreservativo. Ele se contrapõe ao instinto de morte por buscar a expansão. Eros deve ser compreendido como a sexualidade que inclui o reconhecimento do outro no plano psíquico, sendo um destino culturante da pulsão. Guimarães destaca entre esses destinos os processos identificatórios e o estreitamento dos

⁸¹ FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 18.

⁸² MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 47.

⁸³ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.207

vínculos afetivos – que exigem uma sexualidade em estado dessexualizado –, pois fortalecem os laços sociais e canalizam a energia libidinal, que, de outra forma, inviabilizaria a vida em conjunto⁸⁴.

É preciso fazer, portanto, a distinção entre energia sexual destinada a processos culturantes e energia como alívio de tensão. Enquanto as pulsões de vida têm como objetivo o objeto *a* com suas roupagens imaginárias, a pulsão de morte almeja o objeto primário, inacessível. Em *O mal-estar na civilização*⁸⁵, Freud destaca que os dois tipos de pulsões raramente aparecem isolados um do outro, pois a civilização também se constrói nesse conflito. Eros, além de culturante, é culturado⁸⁶.

O psicanalista americano Rollo May considera os instintos sexuais o melhor exemplo do objetivo de prazer por meio da redução de tensão. Como a libido plenamente gratificada acarreta a autodestruição, Eros surge para salvar a libido da anulação. May contrapõe sexo e Eros:

Sexo pode ser definido de maneira bastante adequada em termos fisiológicos com a excitação das tensões fisiológicas e sua satisfação. Eros, pelo contrário, é a vivência das intenções pessoais e o significado do ato. O prazer do sexo é definido por Freud e por outros como a redução da tensão; no Eros, pelo contrário não desejamos ser libertados da excitação, e sim nos agarramos a ela, nela nos comprazemos e até a aumentamos. A finalidade do sexo é a gratificação e o alívio de tensão, enquanto que o Eros é o desejo, a ânsia e a eterna procura de expansão⁸⁷.

Para explicar o embate entre essas duas forças, Freud fez uso da mitologia grega ao dar o nome de Eros para o instinto de vida e de Tântatos para o instinto de morte. Para os gregos antigos, Eros é o criador da vida na terra e é um dos quatro deuses originais. Platão considera Eros o poder formador de todas as coisas existentes.

Eros é o deus ou demiurgo, prossegue Platão, que constitui o espírito criador do homem. Eros é o impulso que leva o homem a unir-se a outra pessoa, não só sexualmente ou por outras modalidades de amor, mas nele excitando a

⁸⁴ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p.174

⁸⁵ FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 141.

⁸⁶ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 175.

⁸⁷ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.80.

ânsia do conhecimento, impelindo apaixonadamente a procurar a união com a verdade⁸⁸.

Seja para mitologia grega, para a biologia ou para a psicanálise, o instinto de vida utiliza as pulsões sexuais para promover a expansão do organismo. Já o instinto de morte utiliza as pulsões sexuais e instintivas para promover o alívio de tensão e, assim, tentar retornar a um estado anterior de inércia.

Para ilustrar essa assertiva, há um mito grego que diz que Afrodite e Ares tiveram vários filhos, entre eles Eros, deus do amor. Diferente dos outros filhos do casal, Eros não crescia. Era um bebê pequeno, frágil, rosado, de asas transparentes e covinhas no rosto. Preocupada com a saúde do filho, Afrodite consultou Têmis, deusa guardiã da lei, que respondeu que seu filho era assim porque o Amor não podia crescer sem Paixão.

Interessante observar nesta alegoria a relação intrínseca entre amor e desejo, um se opondo radicalmente ao outro, mas tão dependentes de si. Na concepção de Lacan, o amor ambiciona produzir sentido para enfrentar a falta de sentido radical inerente ao regime do real originário, regime do desejo enquanto objeto faltoso da estrutura.

O amor se atém à passagem do que cessa de não se escrever para o que não cessa de se escrever. É nessa região de intercessão entre os regimes simbólico e imaginário que o amor se inscreve, e, sendo assim, o amor é essencialmente produção de sentido. Por isso, o amor é não só produtor de um discurso fragmentado, porque infinitizado, como também constitui um legítimo estilo literário, a correspondência amorosa: o amor exige reciprocidade, exige correspondência, o que leva Lacan a afirmar que “amar é querer ser amado”⁸⁹.

O amor é a tentativa de resposta à falha inerente ao desejo. Ele não admite essa falha, quer preenchê-la a todo custo. Basta observar a ideia de cara-metade, recorrente em diversas civilizações, para compreender essa ânsia por completude. A constituição de um inteiro a partir de dois, do parceiro absoluto, da plenitude no amor, evidencia tal natureza. A origem da palavra inglesa para o amor significa sede, como Freud já demonstrava na dualidade Eros e Anankê: a fome e o amor movem o mundo.

⁸⁸ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.86.

⁸⁹ JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 146

1.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paleoantropologia mostra que o surgimento da bipedia foi o mais importante acontecimento do processo de hominização. Suas consequências foram inúmeras e determinantes, a começar pela liberação das mãos, agora disponíveis para a coleta e para a fabricação de objetos. O emparelhamento entre mão e cérebro⁹⁰ possibilitou o aumento da massa encefálica e a assimetria funcional dos hemisférios cerebrais. Posteriormente, com o advento da linguagem, o aparelhamento se tornou tríptico: cérebro, mão e boca.

A bipedia também repercutiu estruturalmente na sexualidade. O psiquiatra francês André Bourguignon, autor de *História natural do homem*, destaca que “de fato, foi a bipedia que fez do homem o primeiro animal não somente sexuado, mas ‘sexual’, e da sexualidade um dos fundamentos da hominização⁹¹”. Com o advento da postura ereta, o homem se distancia do chão e o olfato perde espaço para a visão como o principal sentido de organização da vida. A desvalorização dos estímulos olfativos resultou na predominância dos estímulos visuais com os órgãos sexuais visíveis. A excitação sexual se torna contínua e não mais cíclica. Tem-se aí a transição de um modelo instintual para o modelo pulsional, como demonstra Freud em *três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. O recalque orgânico é consequência desta transição.

A instituição da família, que representa o início da civilização humana, não seria possível sem o surgimento do modelo pulsional, que proporcionou uma demanda contínua da presença do parceiro. A postura bípede também foi responsável pela associação do sexual ao afetivo. O coito ventro-ventral, com a troca de olhares e de carícias, deu ao sexo componentes de afeição que antes só eram exibidos em contextos não-sexuais, como na relação mãe e filho. Bourguignon afirma ter sido esta nova forma de coito a mais importante influência da bipedia na sexualidade.

⁹⁰ JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 165

⁹¹ Apud JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.166.

O psicanalista francês também afirma que, com a bipedia, os órgãos sexuais masculinos e femininos adquirem uma posição diferente: a vulva, entre as coxas, foge da percepção visual e olfativa, enquanto o pênis e o escroto permanecem expostos e vulneráveis. Ele vê neste aspecto um elemento filogenético central para se entender a angústia da castração⁹².

O modelo pulsional foi determinante para o estabelecimento da vida em sociedade, dada as suas possibilidades de desvio e ressignificações. A civilização, ensina Freud, nasce da renúncia e sob seu signo é mantida. É universal, portanto, a necessidade de culturalização dos impulsos sexuais e agressivos que constituem o homem. Estabelecer e impor formas de controle de impulsos são tarefas intrínsecas à sociedade, pois dizem respeito à possibilidade de emergência e constituição do sujeito. Renúncia e sublimação constituem pré-requisitos para o progresso.

Assim, a indicação de que, por intermédio da restrição da sexualidade e da agressividade, os homens se organizam e vivem em sociedade registra que a renúncia pulsional é um movimento, por assim dizer, de socialização, pois não há possibilidade de subjetivação se não há também limite de satisfação. As condições de emergência da cultura registram uma situação conflituosa, ou seja, ao mesmo tempo que para o homem o seu semelhante situa-se como meio de realização subjetiva, ele também se constitui como impedimento. Assim, têm-se uma condição paradoxal: a cultura erotiza a criança, para, em seguida, frustrá-la com inúmeras e necessárias interdições, a fim de diminuir a força das suas pulsões e, posteriormente, impor recalques à realização de seus impulsos sexuais e agressivos, constitutivos da condição humana⁹³.

A repressão tem origens ontogenéticas e filogenéticas. Isso significa dizer que o indivíduo sofre a supressão dos seus impulsos primários que buscam prazer tanto em um duelo contra si mesmo como na sua relação com outros indivíduos. Ambas as origens correspondem à transformação do instinto do prazer em princípio de realidade. Essa transformação precisa garantir que o indivíduo não entenda a supressão como abandono do prazer, mas como um adiamento garantido do mesmo. Marcuse argumenta que toda forma do

⁹² Apud JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.166.

⁹³ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 81.

princípio de realidade deve estar consubstanciada num sistema de instituições e relações sociais que transmitam e imponham a modificação dos instintos⁹⁴.

Como pode ser notado no pacto edípico e na alegoria totêmica, a existência de modelos identificatórios é indispensável para que indivíduos tenham com o que se identificar. Depende de cada sociedade, no entanto, definir quais e quantos serão tais modelos, se estarão ou não acessíveis a todos os seus membros e, em caso positivo, em que condições tal identificação se dará⁹⁵. Marcuse explica que a justificativa para e o determinante da repressão é econômico: sociedades em que todos os membros trabalham normalmente pela vida exigirão modos de repressão diferentes dos de sociedades em que o trabalho é exclusivo de um determinado grupo⁹⁶. Com a análise do modelo econômico, é possível ter uma visão mais estrutural dos artifícios de cada sociedade para culturalizar a sexualidade, tema do próximo capítulo.

⁹⁴ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.35.

⁹⁵ MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 271.

⁹⁶ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 52.

O sexo é verdade, mas a verdade sobre o sexo é um demiurgo de mil faces: prazer e pecado, gozo e sofrimento, vida e morte.



Gustave Courbet, a origem do mundo, 1866.

CAPÍTULO 2: DESEJO E PODER

No capítulo anterior, foram mostrados os processos ontogenéticos e filogenéticos que permitem os desvios e ressignificações das energias libidinais e, conseqüentemente, o acultramento do homem. A civilização, nos ensina Freud, é erguida sob o signo da renúncia. Recalque e sublimação constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade e para a emergência e formação dos sujeitos que a constituem.

A tarefa de coagir parte das pulsões sexuais e agressivas para o trabalho e para as relações sociais e oferecer, em contrapartida, formas compensatórias de satisfação é intrínseca a todas as sociedades. A única variante neste processo, chamado por Freud de transformação do princípio do prazer em princípio de realidade, é a forma com que cada cultura resolverá (ou não. É um embate infundável) este jogo de forças entre instinto e civilização, desejo e poder.

Há uma relação estreita entre o modelo de produção de cada sociedade e os instrumentos coercitivos dos impulsos sexuais. Culturas em que todos os membros trabalhem irão exigir estruturas de coerção diferentes das sociedades que possuem uma divisão de trabalho bem estabelecida ou que adotem um modelo escravagista de produção.

O objetivo deste capítulo é mostrar o alinhamento dos discursos sobre o sexo com alguns modelos econômicos ao longo da história. Não se trata de fazer uma história do sexo ou uma história econômica do sexo (até porque ela não existe como há uma história do rock ou do uísque. Não há gênese, como bem explicou Foucault numa entrevista a Jacques-Alain Miller⁹⁷), mas de expor diferentes configurações ao longo do tempo – e que ainda reverberam nos dias de hoje – para melhor compreender os efeitos do modelo industrial na nossa sexualidade. O estudo da história tem um efeito estilingue: quanto maior o impulso para trás, com mais força pode-se projetar em direção ao futuro. Para isso, no entanto, algumas observações metodológicas precisam ser feitas para não acertar o alvo errado.

⁹⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005, p. 162

Quando se afirma que a justificativa para o acultramento da sexualidade ao longo da história é econômico, é preciso cautela para não cair em determinismos. Importante resgatar aqui a crítica de Weber ao materialismo histórico para observar, além dos fatores econômicos, os fenômenos economicamente relevantes e os economicamente condicionados.

Os fenômenos econômicos são fundamentais para que se possa compreender determinada sociedade porque o homem é, essencialmente, um ser que trabalha. A forma com que o trabalho é organizado torna-se, por isso, a característica de cada sociedade⁹⁸. Apesar de ser inegável a influência que o modelo de produção de uma sociedade tem nas relações sociais, seja no ordenamento jurídico ou na produção artística, não se pode desconsiderar do cenário fatores que não são necessariamente econômicos, pois há uma miríade de elementos que atuam em conjunto no que concerne os discursos sobre o sexo, num intrincado jogo de lutas.

É preciso observar como as grandes estratégias de poder encontram suas condições de exercício em micro-relações, podendo ser ultrapassadas por essas posteriormente, pois sempre há movimentos de retorno, geradores de novos efeitos. Do contrário, a história seria estanque. Foucault fala em dispositivo:

O dispositivo se constitui como tal e continua sendo dispositivo na medida em que engloba um duplo processo: por um lado um processo de sobredeterminação funcional, pois cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente; por outro lado, processo de perpétuo preenchimento estratégico⁹⁹.

Ele destaca, em sua *História da Sexualidade*, um fator que expõe essa relação: as incitações, valorizações e manifestações que surgiram a partir dos discursos proibitivos na sexualidade durante o vitorianismo.

⁹⁸ ARON, Raymond. **Dezoito lições sobre a sociedade industrial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p.43

⁹⁹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005, p. 245

Há duas características fundamentais do vitorianismo: a consolidação da revolução industrial e do capitalismo e a fortíssima repressão sexual. Na era da rainha Vitória, a Inglaterra dominava os mercados externos e controlava as principais rotas navais. É o período conhecido como conhecido como *Pax Britannica*, em que a Inglaterra vive um de seus maiores períodos de prosperidade e paz. Não é coincidência que a dominação com tanto rigor da sexualidade acompanha o desenvolvimento capitalista: o sexo se torna o grande inimigo do trabalho. Era preciso reprimi-lo para converter essa energia em produtividade nas fábricas. “Na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se¹⁰⁰”. A sociedade vitoriana, no entanto, ao invés de fazer da sexualidade um tabu, não parava de falar sobre o sexo, mesmo que tenha sido somente para proibi-lo. A incitação aos discursos trouxe também uma série de dispositivos que proporcionaram, justamente, um reajustamento dessas condutas.

O cerceamento das regras de decência provocou, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: a incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; a obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado¹⁰¹.

Um cuidado com o corpo, principalmente. É possível observar neste período a emergência institucionalizada de uma série de cuidados com o corpo por meio da escola, do exército, da psiquiatria etc.

Importante compreender, portanto, a concepção de poder em Foucault para melhor observar a relação entre o modelo produtivo e a estrutura coercitiva do sexo. Ele concebe o poder como um conjunto de relações assimétricas entre os indivíduos ou entre grupos de indivíduos. Em vez de agir de cima para baixo e do centro para a periferia, submetendo a todos, o poder avança da periferia para o centro, de baixo para cima, em moto perpétuo,

¹⁰⁰ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.1**. São Paulo: Graal, 2003, p. 11

¹⁰¹ Ibidem, p. 24.

dando sustentação à autoridade. Em vez de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir. Em vez de funcionar negativamente, por confisco e por coleta, ele funciona positivamente, dinamizando, incrementando as forças e os recursos existentes. O indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. Somos, simultaneamente, efeito do poder e seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu¹⁰².

Há de sempre levar em conta, portanto, as reivindicações e as novas possibilidades de investimento do poder frente a elas. Cada ofensiva contrária gerará um novo impulso de retomada, de nova configuração, não sob a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação. O poder, longe de impedir o saber, o produz.

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (...) Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugar... e a batalha continua¹⁰³.

Ao tornar a sexualidade, a partir do século XIX, objeto de preocupação e análise, alvo constante de vigilância e controle, o poder produziu também a intensificação dos desejos sobre o próprio corpo. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. A resposta veio por meio da exploração econômica: pode-se ficar nu agora, mas desde que o corpo seja malhado, bonito, bronzeado.

¹⁰² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005, p. 184

¹⁰³ Ibidem, p. 146.

As sociedades industriais perceberam muito bem que o controle da sexualidade poderia ser atenuado para tomar outras formas. Como se verá com mais detalhes mais adiante, a indústria, que anteriormente já havia aplicado à cultura os seus princípios de automatização, padronização e tecnicismo, introduz no sexo o seu *modus operandi*. Isso porque a revolução feminista e o advento da pílula anticoncepcional fazem do sexo fonte de prazer antes de fonte de procriação. As mulheres passam a afirmar sua sexualidade. Isso, no entanto, foi apenas uma das várias demandas femininas. Elas queriam a emancipação do seu papel passivo e subordinado – e o usufruto do seu corpo teria de ser uma afirmação dessa vontade de potência. No entanto, esse discurso é silenciado pela cultura de massas. Não é de seu interesse a discussão sobre gênero ou classes, mas a manutenção do modelo econômico. Modifica-se, então, a estrutura do feminismo. No lugar da emancipação das mulheres, das reivindicações contra seu papel subalterno, fica apenas aquilo que é de agrado, que se adéqua aos pressupostos da cultura industrial. Resume-se a revolução a uma revolução sexual. Não são abordadas nos veículos de massa (a revista *Cosmopolitan* inclusa) as grandes questões de gênero. Essas são emudecidas. O que se nota nas publicações voltadas para o público feminino a partir da década de 70 é a ênfase no sexual, na discussão prática, técnica do sexo. As razões, novamente, são econômicas: a indústria explora a sexualidade feminina desde o início do século XX. Agora, passa a vender o sexo. Antes disso, normatiza-o, com as revistas femininas servindo de guia prático para essas mulheres que não só podiam como agora deveriam fazer uso da sua sexualidade.

Por conta dessa natureza que Foucault descreve a respeito do poder, é preciso estar atento ao papel da repressão a serviço do progresso. Em *Eros e Civilização*, Marcuse dá a ela uma importância superestimada. Se coubesse ao poder apenas a função repressora, agindo sempre por meio do recalque, do impedimento, sua estrutura seria um tanto frágil. Como não o é, sabemos bem, o poder não age apenas de modo negativo, pois também produz efeitos que incitam o desejo, como a psicanálise bem demonstra.

A ideia de uma energia rebelde a subjugar pareceu-lhes [aos psicanalistas] inadequada para decifrar a maneira como poder e desejo se

articulam; eles os supõem ligados de modo mais complexo e mais original do que esse jogo entre uma energia selvagem, natural e viva provinda de baixo, que aumenta sem cessar, e uma ordem que tenta lhe opor obstáculos de cima; não se trata de imaginar que o desejo é reprimido, pela boa razão de que é a lei que é constitutiva do desejo e da falha que o instaura. A correlação de poder já estaria lá onde está o desejo: ilusão, portanto, denunciá-lo numa repressão exercida a posteriori; vão, também partir à cata de um desejo exterior ao poder¹⁰⁴.

Tomemos, por exemplo, a condição de trabalho escravo que milhares de brasileiros ainda enfrentam no campo – situação, aliás, análoga à que Marx descreve na França de 1820. Em situação de extrema pobreza, esses trabalhadores rurais são submetidos a um regime de endividamento forçado. Sem encontrar trabalho, são recrutados por *gatos* a deixarem suas famílias e procurarem emprego em regiões remotas. Muitas vezes, para seduzi-los, são oferecidos adiantamentos. A dívida já começa aí. Largados em pensões, e devendo o dinheiro referente aos gastos com a viagem, precisam pagar ainda a moradia e a alimentação. Mais dívidas. Posteriormente, outro *gato* compra o trabalhador, ou seja, paga as suas dívidas anteriores e o recruta para trabalhar em alguma fazenda remota, de paradeiro desconhecido pelo trabalhador. Sem saber para onde foi conduzido, e sem qualquer possibilidade de retorno, pois não pode contatar sua família ou alguma autoridade, ele é forçado a trabalhar apenas para pagar suas dívidas, que crescem sempre mais que seus ganhos.

Em certa medida, ainda é possível observar esses instrumentos de endividamento, agora reestruturados, camuflados em redes de instituições. O trabalhador que só irá receber seu salário no final do mês precisa contrair dívidas para poder se sustentar. Os juros elevados dos empréstimos, o alto custo de vida nas cidades, tudo isso faz com que o salário apenas sirva para pagar o que o trabalhador deve, como na anedota do estudante que compra um carro para poder ir para o trabalho e se vê obrigado a permanecer no emprego apenas para pagar o carro que comprou. Ou então o estímulo cada vez maior ao crédito e ao consumo, o que obriga o consumidor a trabalhar cada vez mais para sustentar seus gastos. Quanto maior o poder, maiores as

¹⁰⁴ Ibidem, p. 91.

chances de reivindicação, obrigando a estrutura a buscar formas cada vez mais complexas e elaboradas de controle, que inexistem sem formas de gratificação.

Tendo em conta essa microfísica do poder, Foucault questiona, em sua *história da sexualidade*, quais os mecanismos positivos que, produzindo a sexualidade desta ou daquela forma ao longo da história, podem e puderam ocasionar efeitos de miséria. A ênfase não é na repressão sexual, mas nos aspectos positivos que permitem mudanças e geram reestruturações.

Em todo caso, a hipótese de um poder de repressão que nossa sociedade exerceria sobre o sexo e por motivos econômicos revela-se insuficiente se for preciso considerar toda uma série de reforços e de intensificações que uma primeira abordagem manifesta: proliferação de discursos, e discursos cuidadosamente inscritos em exigências de poder; solidificação do despropósito sexual e constituição de dispositivos suscetíveis, não somente de isolá-lo, mas de solicitá-lo, suscitá-lo, constituí-lo em foco de atenção, de discursos e de prazeres; produção forçosa de confissão e, a partir dela, instauração de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos. Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer¹⁰⁵.

Daí a importância dos estudos da psicanálise, pois vários desses processos de construção e constrição da sexualidade não são encarados necessariamente como repressão pelo aparelho psíquico. Em muitos casos, não se percebe determinada restrição como recalque, mas como sublimação, o que proporciona um efeito psíquico bem diferente. Renato Mezan ilustra muito bem esta afirmativa:

¹⁰⁵ Ibidem, p.82.

Tudo que se apresenta como capaz de satisfazer o desejo humano é fruto de um trabalho social. Portanto, a relação entre a cultura e a pulsão não pode ter apenas um cunho coercitivo. – coagir as pulsões para que elas se dirijam para o trabalho ou para as relações sociais permitidas e estimuladas, que se baseiam em última análise no erotismo inibido quanto ao fim –, mas deve obrigatoriamente incluir um aspecto sedutor, propiciador, que sem dúvida é parte satisfatória (no sentido de oferecer coisas que de fato satisfazem, de algum modo, os desejos agressivos e sexuais do ser humano, bem como os seus anelos narcísicos)¹⁰⁶.

Estas relações também devem ser observadas, pois tornam o estudo da recepção desses discursos uma tarefa extremamente complexa. Mais interessante é observar a proliferação dos discursos sobre a sexualidade, os dispositivos que os permeiam e a sua relação com o poder.

2.1 DISCURSO E PODER EM FOUCAULT

O discurso sobre o sexo não é apenas um discurso sobre o ato sexual. Sob tal pano de fundo, é possível perceber toda uma tecnologia da vida, ao ser o sexo um ponto importante de disputa política. A sexualidade diz respeito às disciplinas do corpo – ajustamentos, economia de energia e distribuição de forças –, à regulação das populações, a uma série de micropoderes que possibilitam a vigilância e o controle sobre a relação que os homens têm consigo mesmos. É matriz das disciplinas e princípio das regulações¹⁰⁷. Daí a importância de se observar os discursos, pois eles são a materialidade das relações de poder.

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa

¹⁰⁶ MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.

359

¹⁰⁷ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.1**. São Paulo: Graal, 2003, p.158-9

economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência¹⁰⁸.

A relação de poder já se instaura no desejo. Neste sentido, o detentor do discurso (como Lacan demonstra no seu estudo sobre a relação de objeto) é o seu incitador por excelência, aquele que irá dar significado e estrutura a ele. Foucault diz que o discurso não é apenas aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo. É aquilo que é objeto dele. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos nos apoderar”¹⁰⁹.

Outro cuidado necessário diz respeito à apreensão do discurso e ao modo de sujeição à conduta moral, ou seja, à maneira com que o indivíduo estabelece sua relação com essas regras e reconhece a exigência de colocá-las em prática.

Por moral, compreende-se um determinado conjunto de valores e regras de ação propostos aos indivíduos por meio de aparelhos normativos diversos, como a família, a igreja, a escola. A moral, no entanto, também pode ser compreendida como o comportamento real dos indivíduos em relação às regras que lhes são propostas, ou seja, a maneira pela qual obedecem ou resistem, respeitam ou negligenciam um conjunto de valores, o que demonstra certo grau de variação e de transgressão das regras que lhes são transmitidas, direta ou implicitamente, algo que sempre deve ser levado em conta.

De tal modo, Foucault distingue a regra de conduta da conduta que se pode medir a essa regra. A não realização de determinado desejo – a infidelidade, por exemplo – pode acontecer por respeito às regras, por temor às punições, por empatia ou afeto ao sujeito que será afetado por essa ação ou por uma vontade de se transformar em sujeito moral da própria conduta. As justificativas pelas quais os indivíduos se sujeitam às regras de ação irão proporcionar efeitos diversos para a economia psíquica – e isso deverá ser sempre levado em conta.

¹⁰⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005, p.179.

¹⁰⁹ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.10.

Dessa forma, a austeridade sexual pode ser praticada por meio de um longo trabalho de aprendizagem, de memorização, de assimilação de um conjunto sistemático de preceitos e através de um controle regular da conduta, destinado a medir a exatidão com que se aplicam essas regras; pode-se praticá-la sob a forma de uma renúncia brusca, global e definitiva aos prazeres; como também sob a forma de um combate permanente, cujas peripécias – até os fracassos passageiros – podem ter sentido e valor; ela pode também ser exercida através de uma decifração tão cuidada, permanente e detalhada quanto possível, dos movimentos do desejo, sob todas as formas, mesmo aquelas mais obscuras sob as quais ele se oculta¹¹⁰.

Uma ação, portanto, não é moral somente em si mesma, mas também pelo lugar que ela ocupa no conjunto da sua conduta.

A ação moral, além de comportar uma relação ao código a que se refere, implica também a constituição de si enquanto “sujeito moral”, definindo a sua posição em relação ao preceito respeitado, pela própria natureza deste respeito e pelo seu significado para o sujeito. Em sociedade que valorizem os aspectos punitivos da insubordinação, que estimulem castigos, os efeitos psíquicos das conduta e o peso das instituições na manutenção da conduta moral são muito diferentes das sociedades em que a experiência moral faz parte de uma busca espiritual e ascética.

Se de fato for verdade que toda “moral”, no sentido amplo, comporta os dois aspectos que acabo de indicar, ou seja, o dos códigos de comportamento e os das formas de subjetivação; se for verdade eles jamais podem estar inteiramente dissociados, mas que acontece deles se desenvolverem, tanto um quanto o outro, numa relativa autonomia, é necessário também admitir que em certas morais a importância é dada sobretudo ao código, à sua sistematicidade e riqueza, à sua capacidade de ajustar-se a todos os casos possíveis, e a cobrir todos os campos de comportamento; em tais morais a importância deve ser procurada do lado das instâncias de autoridade que fazem valer esse código, que o impõem à aprendizagem e à observação, que sancionam as infrações; nessas condições, a subjetivação se efetua, no essencial, de uma forma quase jurídica, em que o sujeito moral se refere a uma lei ou a um conjunto de leis às quais ele deve se submeter sob a pena de incorrer em faltas que o expõem a um castigo¹¹¹.

O que este capítulo irá observar – após ter em mente as relações de poder, de discurso e de moral – é quem produz o discurso sobre o sexo ao longo de alguns momentos da história, sob que condições ele é produzido,

¹¹⁰ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p. 28.

¹¹¹ Ibidem, p.29.

para quem ele é direcionado e a quem (e a o que) ele beneficia. É preciso pensar o sexo não enquanto natureza, mas enquanto história, significação, discurso, verdade. Ao procurarmos descobrir como está o sexo, descobrimos mesmo como estamos nós.

Os quatro períodos escolhidos para a análise neste capítulo são: a Grécia antiga, pela produção de uma arte erótica; o surgimento do estoicismo romano e a revolução cristã; o regime feudal da idade média; a revolução industrial, o vitorianismo e o surgimento de uma ciência do sexo. A escolha desses momentos se deve às reverberações que têm tanto na estrutura econômica de hoje quanto na relação com o corpo e com o sexo, tema do próximo capítulo.

2.2 A ARTE ERÓTICA NA GRÉCIA ANTIGA

Não se pode atribuir aos gregos antigos a noção de sexualidade. O termo nasce apenas no século XIX, a partir de três fatores: a formação de saberes que a ela se referem (como a psiquiatria), os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas de reconhecimento, pelo sujeito, dessa sexualidade.

Para os gregos, a conduta sexual não está inserida dentro uma mesma entidade, organizada numa moral autoritária e imposta a todos, agrupando e interferindo nas questões que orbitam em torno do sexo. Além disso, tais atos não são encarados como proibição, mas como modelos de conduta. Importante observar também que a moral que norteia as práticas sexuais não abrange toda a população. Trata-se de uma moral escrita, pensada e endereçada aos homens. As mulheres aparecem como objetos dessa moral, e até quando há referências explícitas a elas, são, na verdade, obrigações que os homens devem ter para assegurar seu poder dominante sobre elas, educando e vigiando-as. É, portanto, uma elaboração da conduta dos homens livres para e sobre homens livres.

Cada uma das três artes gregas de conduta – a Dietética, a Econômica e a Erótica – propõem modelos específicos de comportamento em relação ao sexo. A Dietética trata da temperança por meio do uso moderado dos atos de

prazeres, chamado pelos gregos de *aphrodisia* – os atos de Afrodite. O exercício dessa moderação exigia um cuidado com os momentos específicos em que esses atos deveriam ser praticados, manifestando preocupação com a sobrevivência do indivíduo e com a manutenção da espécie. Já a Econômica não dizia respeito ao uso comedido e oportuno dos atos de prazer, mas à manutenção, por parte do marido, da estrutura hierárquica dentro de sua casa (economia vem de *óikos*, casa). O problema a ser apreendido neste campo é como assegurar o privilégio e o poder que o homem mantém em relação à esposa e aos escravos. O marido deve temer qualquer excesso e praticar o domínio de si no domínio exercido sobre os outros para garantir essa permanência. Por fim, o cuidado solicitado pela Erótica diz respeito à virilidade do adolescente e ao seu *status* futuro de homem livre. Não se trata apenas do homem ser senhor do seu prazer, mas de compreender de que maneiras ele pode dar lugar à liberdade do outro no domínio que exerce sobre si mesmo. No pensamento grego clássico, a relação com os rapazes é o núcleo mais delicado e ativo de reflexão e elaboração.

O comportamento sexual é definido no pensamento grego como domínio moral, sob a forma de *aphrodisia*, atos de prazer que dizem respeito a um campo de forças difíceis, mas importantes que sejam dominadas. Como elemento de uma conduta racional e moralmente admissível, era exigida dos homens uma estratégia de medida e de momento, de quantidade e de oportunidade. A conduta em relação ao sexo está intrinsecamente ligada à ideia de que o governo dos outros começava, necessariamente, com o governo de si. A exigência de moderação e austeridade não se apresenta como lei a qual todos deveriam se submeter. Está mais para um princípio de conduta para aqueles que querem dar à existência uma forma mais elevada.

A economia grega era baseada na agricultura e no trabalho escravo, obtido pelas vitórias nas guerras. Os homens exerciam controle sobre todos os habitantes da Grécia. A conduta moralmente aceita e o prazer sexual tinham de reforçar o caráter dominante dos homens em relação a mulheres e escravos. Eles não se misturavam com os outros e suas atividades eram restritas aos homens, como a política, a filosofia, a educação e os esportes. O amor não era compartilhado com as mulheres, mas entre seus iguais. Já a relação sexual era

sempre feita com o homem ocupando o papel ativo, que representava seu caráter dominante sobre os demais. O papel ativo é um princípio norteador dessa moral, demonstrado especialmente na pederastia, a relação de amor e de aprendizado entre o *erasta* e o *erômano*, o amante e o amado, o homem livre e o rapaz em formação. O excesso e a passividade são, para o homem grego, as duas principais formas de imoralidade.

2.2.1 Os feitos de Afrodite

Os *aphrodisia* são os atos, gestos e relações que proporcionam prazer, que instigam o desejo. Diferente do que ocorre na idade média, em que a ideia de carne transforma o prazer em temor, objeto de repúdio, o desejo para os gregos não é necessariamente vil. O que se busca não é reprimi-lo, mas dar a ele uma forma que seja condizente com o *status* de homem livre. O tipo de questionamento que se faz diz respeito não ao ato em si, mas à sua dinâmica.

O que na ordem da conduta sexual parece, assim, constituir para os gregos objeto da reflexão moral não é, portanto, exatamente o próprio ato (visto sob as suas diferentes modalidades), nem o desejo (considerado segundo sua origem ou direção), nem mesmo o prazer (avaliado segundo os diferentes objetos ou práticas que podem provocá-lo); é sobretudo a dinâmica que une os três de maneira circular (o desejo que leva ao ato, o ato que é ligado ao prazer, e o prazer que suscita o desejo). A questão ética colocada não é: quais desejos? quais atos? quais prazeres? Mas: com que força se é levado “pelos prazeres e pelos desejos?” A ontologia a que se refere essa ética do comportamento sexual não é, pelo menos em sua forma geral, uma ontologia da falta e do desejo; não é a de uma natureza fixando a norma dos atos; mas sim a de uma força que liga entre si atos, prazeres e desejos. É essa relação dinâmica que constitui o que se poderia chamar o grão da experiência ética dos *aphrodisia*¹¹².

A temperança é a palavra-chave. A maneira como se considerava esses atos, os questionamentos que são feitos, os regimes a serem adotados, tudo tinha como norte esse princípio. Não se trata de não ter desejos, portanto, mas de não deixar que esses desejos impeçam os homens de serem senhores de si. Não poderia haver governo dos outros – dos escravos, das mulheres, da cidade – sem o governo dos próprios desejos. O mandamento do oráculo de Delfos *conheça a ti mesmo* objetivava integrar o indivíduo em totalidades

¹¹² FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p.42.

sociais bem estruturadas¹¹³. Ao dirigir-se ao interior, era possível descobrir um denominador comum entre o mundo e o eu. Da mesma forma, as relações sexuais estavam intrinsecamente relacionadas às relações sociais.

A dinâmica que une atos, prazeres e desejos possui duas variáveis: em relação à intensidade e à quantidade. Era sempre importante demonstrar comedimento. Além disso, a prática dos prazeres se referia também ao que Foucault chama de papel e de polaridade. O verbo que diz respeito aos *aphrodisia* possui um valor ativo, referindo basicamente ao papel masculino, à função ativa que é definida pela penetração. Era possível ser empregado também na forma passiva, referindo-se ao parceiro-objeto, papel feminino da relação.

Temos, sem dúvida, razão em dizer que não existe no vocabulário grego substantivo que agrupe numa noção comum o que pode haver de específico na sexualidade masculina e na sexualidade feminina. Mas é preciso sublinhar que, na prática dos prazeres sexuais, distingue-se claramente dois papéis e dois pólos, como também podem ser distinguidos na função generativa; são dois valores de posição – a do sujeito e a do objeto, a do agente e a do paciente: como diz Aristóteles, “a fêmea enquanto fêmea é de fato um elemento passivo, e o macho, enquanto macho, um elemento ativo. Enquanto que a experiência da “carne”, será considerada como uma experiência comum aos homens e às mulheres, mesmo se não toma a mesma forma em ambos, e enquanto que a “sexualidade” será marcada pela cesura entre sexualidade masculina e feminina, os *aphrodisia* são pensados como uma atividade implicando dois atores, cada qual com seu papel e função – aquele que exerce a atividade e aquele sobre o qual ela se exerce¹¹⁴.

O temor, a lei e a busca pela verdade constituem importantes instrumentos de controle da sexualidade. Homens livres e senhores de si que o eram, os aparelhos coercitivos não eram o do castigo e da punição, mas do controle consciente dos atos, por meio de todo um exercício de ascese, que visava um cuidado de si. A condição que se procura alcançar por meio de todos os cuidados com a temperança, pelo domínio dos atos de prazer, é entendida como uma busca de liberdade. Governar desejos e prazeres é o caminho para ser livre e se manter assim. Este talvez seja o elemento mais importante daquilo que Foucault chama de *ars erotica*: a constituição de um

¹¹³ SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da Razão Cínica**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2011, p.655

¹¹⁴ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p.45

poder que é imposto pelo indivíduo para si mesmo, não por meio da lei e do chicote, mas voluntária, por exercícios e cuidados. Estrutura semelhante existe, como veremos mais à frente, na sociedade industrial.

Se é preciso, como diz Platão, impor-lhe os três mais fortes freios – o temor, a lei e o discurso verdadeiro – se é preciso, segundo Aristóteles, que a faculdade de desejar obedeça à razão como a criança aos mandamentos de seu mestre, se o próprio Aristipo queria que, sem deixar-se de “servir-se” dos prazeres, se velasse a não se deixar levar por eles, a razão não é que a atividade sexual seja um mal; também não é porque ela arriscaria desviar-se em relação a um modelo canônico; mas sim porque ela depende de uma força, de uma *energeia* que é por si mesmo levada ao excesso. Na doutrina cristã da carne, a força excessiva do prazer encontra seu princípio na queda e na falta que marca desde então a natureza humana. Para o pensamento grego clássico essa força é por natureza virtualmente excessiva e a questão moral consistirá em saber de que maneira enfrentar essa força, de que maneira dominá-la e garantir a economia conveniente dessa mesma força¹¹⁵.

2.2.2 A relação matrimonial

Entre os dois cônjuges, o status ligado ao estado de casamento, à gestão do lar, à manutenção da descendência fundamentam os princípios de conduta e definem as regras da temperança exigida. As relações sexuais entre homem e mulher se constituíam problemas para os gregos porque diziam respeito à manutenção do *status* de homem livre.

Os dois papéis são complementares. É somente a esposa que pode dar filhos legítimos e garantir a continuidade da instituição familiar. Dessa forma, a relação entre os esposos não tinha outra função diferente da de produzir uma descendência. Toda a atividade sexual das mulheres deve se situar dentro da relação conjugal, o marido como parceiro exclusivo. Elas se encontram sempre a seu poder. Em caso de adultério, as sanções são tanto de ordem privada como pública. Já o homem tem por obrigação respeitar uma mulher casada ou que está sob a guarda paterna, mas a ofensa nestes casos é voltada ao homem que detém o controle da mulher.

Numa sociedade em que as moças são dadas muito jovens – em geral em torno dos quinze anos – a homens que são, frequentemente, duas vezes mais velhos que elas, a relação conjugal, à qual o oikos serve de suporte e de contexto, toma a forma de uma pedagogia e de um governo das

¹¹⁵ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p.48

condutas. Aí reside a responsabilidade do marido. Quando o comportamento da mulher, em vez de ser proveitoso para o marido, só lhe causa danos, a quem deve ser atribuída a falta? Ao marido¹¹⁶.

Os princípios dessa moral são diretamente relacionados às necessidades do Estado. O bom casamento é aquele que é útil para a cidade. Dirigir a casa também é comandar, e um comando que não diferente do que se exerce na cidade.

2.2.3 A pederastia

A *aphrodisia* em relação aos rapazes constitui, para o pensamento grego, objeto de grande inquietação. Não há uma oposição excludente entre amar alguém de seu próprio sexo e amar alguém do sexo oposto. As linhas que demarcavam a sexualidade não eram tão radicais assim. Do ponto de vista da moral, a oposição entre o homem temperante, senhor de si, e aquele que se entregava desmedidamente aos prazeres era muito mais grave. Não há o reconhecimento de duas espécies distintas de desejos. Havia, no entanto, uma distinção no que se refere ao amor: o desejo que visa o próprio ato e que se realiza ao acaso poderia ser destinado tanto às mulheres quanto aos rapazes, mas o amor mais nobre e mais racional só é direcionado aos homens. As mulheres, consideradas seres desprovidos de razão, não tinham o mesmo apelo que os rapazes. Havia o encanto da conquista, do cortejo, da juventude, da beleza, do exercício do poder. Mas ao mesmo tempo em que os rapazes eram objetos de desejo, também eram homens livres em formação, daí a necessidade de formá-los. Além de uma relação de desejo, a pederastia tinha um papel pedagógico importante, manifestado nas figuras do *erasta* e do *erômano*.

O primeiro tem a posição da iniciativa, ele persegue, o que lhe dá direitos e obrigações: ele tem que mostrar seu ardor, e também tem que moderá-lo; ele dá presentes, presta serviços, tem funções a exercer com relação ao amado; e tudo isso o habilita a esperar a justa recompensa; o outro, o que é amado e cortejado, deve evitar ceder com muita facilidade; deve também evitar aceitar demasiadas honras diferentes, conceder seus favores às cegas e por interesse, sem pôr à prova o valor de seu parceiro;

¹¹⁶ Ibidem, p.139.

também deve manifestar reconhecimento pelo que o amante fez por ele¹¹⁷.

O que Foucault mostra com isso é que esta prática de cortejo era acompanhada por uma série de procedimentos que serviam para integrar a relação entre o *erasta* e o *erômano* numa série de atividades e de relações anexas. Amar os rapazes era uma prática permitida pelas leis e admitida pela opinião, encontrando suportes em instituições militares e pedagógicas. Aliada a essa valorização, no entanto, existia certas expectativas de conduta que os rapazes deveriam corresponder: havia um desprezo pelos jovens que cediam facilmente ou que se demonstravam muito interessados, os homens efeminados eram desqualificados etc.

A pederastia implica, portanto, uma diferença de idade e de *status* entre os parceiros. É justamente a relação de um homem mais velho – que desempenha o papel social, moral e sexualmente ativo – e a de um rapaz mais jovem – que ainda não atingiu seu *status* de homem livre e necessidade de ajuda – que tornava a relação válida.

Mas ela só poderia ir até certo ponto. Com o rapaz, o cortejo se dava em espaços públicos, às vistas de todos. Além disso, o jovem era livre para escolher o amante que quisesse, o que fortalecia os jogos de conquista. À medida que os jovens amadureciam, as relações deixavam de ser tornar interessantes. A honra e a virilidade desses rapazes tinham de ser preservadas para garantir o seu futuro e o seu *status*. Podia-se até atribuir aos rapazes a forma mais elevada de amor, mas a abstenção também era solicitada para que se pudesse preservar o valor espiritual da relação. Essa idade de transição, tão frágil, era uma oportunidade para provar seu valor, se formar, se medir. Quem aceitasse o papel passivo na relação podia perder seus direitos de cidadão. Após esse período de formação, ele estava apto a constituir família e exercer a sua condição de domínio sobre outros.

A diferença é outra: a moral matrimonial, e mais precisamente a ética sexual do homem casado, não exige, para se constituir e definir suas regras, a existência de uma relação do tipo do Eros (mesmo se é muito possível que esse vínculo exista entre os esposos). Em troca, quando se

¹¹⁷ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p.175.

trata de definir o que deve ser, para atingir a mais bela e a mais perfeita forma, a relação de um homem com um rapaz, e quando se trata de determinar qual uso, no interior de sua relação, eles podem fazer de seus prazeres, então a referência ao Eros torna-se necessária: a problematização diz respeito a uma Erótica. É porque entre os dois cônjuges, o status ligado ao estado de casamento, a gestão do *oikos*, a manutenção da descendência podem fundamentar os princípios de conduta, definir suas regras e fixar as normas da temperança exigida. Em compensação, entre um homem e um rapaz, que estão em posição de independência recíproca, e entre os quais não existe constrição institucional, mas um jogo aberto (com preferência, escolha, liberdade de movimento, desfecho incerto), o princípio de regulação das condutas deve ser buscado na própria relação, na natureza do movimento que os leva um para o outro, e da afeição que os liga reciprocamente¹¹⁸.

Interessante observar que, *mutatis mutandis*, as jovens mulheres é que posteriormente passam a ter tais cuidados, proteções e cortejos (como será visto mais para frente). É a elas que questões como a virgindade, a proteção da honra e o comedimento vão ser direcionadas, além de serem os objetos de desejo por excelência.

2.2.4 Vida social e vida sexual

Na antiguidade clássica, período que vai do século VII a.C até o século V d.C, com a queda do império romano, o sistema de produção era o escravagista. Tanto na Grécia como em Roma, havia uma diferença enorme entre duas classes: os escravos, que não possuíam direitos efetivos, e os homens livres, que detinham os meios de produção, os escravos e o produto desse trabalho. A qualidade de senhores livres definia a postura e o costume desses homens. Aquilo que fosse compreendido como atitudes dos seres tidos como inferiores – escravos e mulheres – era visto como ruim. O homem livre tinha de se distanciar da outra classe e do outro gênero.

Havia uma distinção enorme entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual. Os homens livres viam com desprezo o serviço manual. É de Platão¹¹⁹ o entendimento de que “o trabalho permanece alheio a qualquer valor humano e em certos aspectos parece mesmo a antítese do que seja essencial ao homem”. A ociosidade era sinônima da perfeição do homem livre. A

¹¹⁸ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p.179

¹¹⁹ Platão Apud ANDERSON, Perry. **Passagem da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.27.

justificativa é bastante simples: esse é o elemento que diferencia escravos dos senhores livres. Cultuar o ócio e desprezar o trabalho braçal era afirmar-se senhor.

O ideal é o do proprietário fundiário livre, capaz de se bastar a si próprio, sendo o ócio a condição normal do homem de fortuna; a imagem do jovem quadro sobrecarregado de tarefas e responsabilidades é estranha ao espírito grego, como lhe são estranhas as virtudes positivas que o mundo industrial inclui nas palavras produtividade e rendimento. Na ética do grego de outrora, a guerra é um meio de aquisição muito mais defensável do que o comércio¹²⁰.

A base da economia grega era a agricultura tradicional, com agricultores dispersos, autossuficientes e com pequenas propriedades de terras. O grande latifúndio era exceção. O comércio marítimo ocupava uma participação pequena, mas notável. No entanto, era realizado em sua grande maioria por estrangeiros.

Tinha-se na Grécia antiga um país de consumidores, não de produtores, que via na guerra um papel de motor para a redistribuição. Atenas arrecadava principalmente por meio dos impostos de circulação de produtos e revertia esse capital de acordo com as vontades dos senhores. Era uma democracia direta, autogovernada pelos homens livres.

Sem a necessidade do trabalho para se sustentar por conta do trabalho escravo, o homem livre se dedicava ao culto do corpo e da mente. Os homens ocupavam os espaços públicos para resolver questões ligadas à política e à cidade, na ágora. Passaram praticamente o dia inteiro fora de casa, na companhia dos amigos ou amantes nos ringues de luta, no centro, nos bosques, no liceu.

O culto do corpo, associado a uma nobreza de espírito – que não levava em conta a escravidão, que era vista com naturalidade –, eram ideais gregos. A conjugação de beleza e harmonia eram formas essenciais para a ideia de perfeição daquele mundo e de suas instituições sociais. A educação era constituída da alfabetização básica e da aritmética, do ensino da música e da educação física.

¹²⁰ AMOURETTI, Marie-Claude; RUZÉ, Françoise. **O Mundo Grego Antigo**. Lisboa: Dom Quixote, 1993, p.247.

Um grego achava natural que um homem que tivesse relações heterossexuais pudesse ter também relações homossexuais. O fator que realmente se levava em conta era a questão do domínio do homem livre sobre os outros. E isso estava associado ao seu papel econômico. Um senhor poderia fazer sexo com um escravo, desde que ocupasse o papel ativo na relação. A postura dominante era realmente o fundamental, independente do tipo de relação.

Em uma sociedade em que as relações sexuais com uma mulher não eram vistas, necessariamente, senão como um meio de procriação ou de satisfação puramente física (estando esta última amplamente disponível através de prostitutas e escravas), a abordagem de um *erastes* [o parceiro ativo e mais velho] era um meio pelo qual um rapaz jovem podia sentir-se querido e valorizado por si mesmo. O amor de uma mulher, membro dependente da sociedade, talvez não fosse tão valoroso quanto o de um homem, em especial se fosse mais velho, rico, bonito e influente. Mesmo assim, o *eromenos* [o rapaz que o *erastes* tentava conquistar] só chegava até certo ponto. Permitir a penetração anal era, para um grego, ser tratado como uma mulher e, portanto, uma humilhação degradante. É interessante notar que os cidadãos atenienses eram privados da cidadania, se condenados por prostituição masculina. Em Atenas, tal atividade, podia ser deixada com segurança à prática dos não-atenienses¹²¹.

O que era moralmente aceito pelos homens livres era um comportamento que afirmassem a sua postura de dominante em relação às demais classes. Enaltecia-se o ócio em relação ao trabalho dos escravos, a masculinidade e a virilidade em relação à feminilidade. É importante salientar que a arte grega demorou até o século IV a.C para representar a figura feminina também como ideal de beleza.

Atenas possuía democracia direta aos seus cidadãos, mas o conceito de cidadania era restrito apenas aos homens que tivessem mães e pais atenienses. Havia uma clara distinção entre os sexos. A mulher pertencia ao homem e estava sujeita à autoridade paterna até o casamento, quando passava a estar sob comando do marido. As esposas viviam dentro de casa e raramente se misturavam com os homens. Quando o marido trazia amigos para jantar em sua casa, a mulher e os filhos se retiravam. Cabia a elas todo o serviço doméstico. Não tinham direitos à educação formal e nem podiam participar da política. Seus atributos deveriam ser a castidade, a obediência, o conhecimento das tarefas domésticas e a economia dos gastos.

¹²¹ JONES, Peter V (org). **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

O homem podia repudiar a esposa sem qualquer motivo. Isto era direito legal; a mulher só podia fazê-lo em casos de provocação extrema por parte do marido. Alguns direitos à mulher autorizavam-na a freqüentar o teatro e o festival destinado às mulheres. Contudo, para os homens ela continuava a ser apenas gyne – portadora dos filhos¹²².

As mulheres eram seres destituídos de razão para os gregos, o que servia de justificativa para não terem direito à educação formal. Por conta desse desprezo por parte dos homens, a sexualidade feminina ficava restrita. Havia o dildo, um objeto no formato do pênis que era esculpido em madeira, que era lubrificado em azeite para ser usado pelas mulheres para se satisfazerem sexualmente. A homossexualidade feminina é bem documentada, talvez num misto de sexualidade reprimida e sentimento de solidariedade entre elas.

A forma de amor mais elevada era a do amor pelo ser igual. Ao homem era degradante amar um ser inferior – a mulher. O elemento masculino era descrito como um ser superior, com qualidades e virtudes capazes de provocar no próprio homem um sentimento de admiração e desejo. Ao mesmo tempo, os defeitos atribuídos ao elemento feminino acabavam por despertar diferença e os homens o relegavam ao plano sexual-procriativo¹²³.

A economia grega era baseada na agricultura e no trabalho escravo, que era obtido das vitórias nas guerras. Os homens exerciam controle sobre todos os habitantes da Grécia. A conduta moralmente aceita e o prazer sexual tinham de reforçar o caráter dominante dos homens em relação a mulheres e escravos. Eles não se misturavam com os outros e suas atividades eram atividades restritas aos homens, como a política, a filosofia, a educação e os esportes. A prática sexual seguia o mesmo princípio. O amor não era compartilhado com as mulheres, mas com os homens, seus iguais. Já a relação sexual teria de ser feita com o homem ocupando o papel ativo, que representa seu caráter dominante sobre os demais. A homossexualidade só era aceita se atendesse tal requisito. O homossexual passivo e a homossexual ativa eram inversões à ordem e seriam, portanto, passíveis de punição. A pena para os homens era a perda de seus direitos de cidadão. As mulheres eram expulsas de casa e obrigadas a buscar sustento por conta própria ou eram mortas.

¹²² CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.83.

¹²³ Ibidem, p.84.

Trata-se do princípio de isomorfismo entre relação sexual e relação social. Deve-se entender por esse princípio que a relação sexual – sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade – é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido. As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística, nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade¹²⁴.

2.3 A CONSTITUIÇÃO ERÓTICA NA ROMA ANTIGA

A guerra tinha uma importância enorme para a economia do império. Delas, os romanos conseguiam escravos e extraíam riquezas das colônias. Por conta disso, a formação do povo tinha de girar em torno desse meio de sustento. Era preciso preparar os espíritos dos romanos para a guerra, fortalecê-los com ideais que enaltecem a unidade e à pátria.

E se Roma atingiu tão rapidamente essa espécie de invulnerabilidade que a protege diante dos inimigos, é porque as tradições e os costumes lhe asseguram uma superioridade de fato sobre todos os outros homens: austeridade, disciplina, fidelidade aos compromissos, uma honestidade rígida fazem dela uma cidade única entre todas as outras¹²⁵.

O historiador Pierre Grimal cita que os romanos sempre exibiram atitudes de elevada exigência moral. Eles haviam fixado para si um ideal de virtude que remeteram para o passado, dando a este valor de mito a ser alcançado. Essa virtude dos romanos é feita de uma dedicação extrema aos valores da pátria. O fim dessa moral romana é claro: a subordinação da pessoa à cidade, que necessitava de habitantes dispostos a se sacrificar por ela nas guerras.

É muito provável que esta concepção tirânica do dever cívico tivesse sido imposta, sobretudo pela sociedade patrícia que tomou o poder em 509 a.C; foi a *gens* que contribuiu para manter a hierarquia estrita dos elementos sociais, assegurando materialmente a dependência dos indivíduos em relação ao clã¹²⁶.

¹²⁴ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p.190

¹²⁵ GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2001, p.65

¹²⁶ Ibidem, p.67.

A disciplina, o respeito e a fidelidade aos compromissos constituíam um ideal para os romanos. É fundamental para homem de Roma ter uma boa reputação e um bom nome e deixar, após a morte, a lição de virtude para sua família e seus conhecidos. O túmulo é um monumento para recordar as ações do falecido. O reconhecimento por uma vida dedicada aos valores de Roma era uma das formas que o império encontrava de estimular em sua população os valores que eram tão fundamentais a sua economia.

Este desejo de glória, de renome eterno, é sem dúvida a vingança do indivíduo que a sociedade reprimia, em vida, de mil maneiras: magistrado, não podia prosseguir a sua obra para além de um ano, chefe militar, se não tinha a sorte de obter qualquer vitória decisiva durante o seu comando, cabia ao sucessor a colheita dos louros. É perante a morte que volta a ser ele próprio, que a vida adquire valor exemplar na medida em que respeitou a disciplina em todas as suas formas: *virtus, pietas e fides*¹²⁷.

Na Grécia, os jovens se formavam no ginásio e a sua cultura intelectual vinha para completar a educação do corpo. Os esportes eram um exercício com um fim em si, uma arte. Em Roma, essa prática de ginástica pura foi ignorada. Os exercícios dos jovens eram uma preparação para a guerra, sem arte, sem preocupação estética.

Os ganhos das guerras e da exploração das colônias eram concentrados nas mãos de pouquíssimos habitantes. Assim como na Grécia, havia uma distinção entre os homens livres e os escravos. Estes eram o despojo das vitórias do império, que serviam a seus senhores como lhes conviesse. Com a enorme concentração de renda, os romanos tinham prazer em esbanjar luxo e riqueza.

Roma, a mais rica de todas [as cidades], era aquela em que se ostentavam um luxo por vezes incrível – embora pareça muito mesquinho ao lado do esbanjamento que outros séculos conheceram – mas o resto do povo fazia mais do que recolher as migalhas ou, pior ainda, do que obter pequenas parcelas à custa de um trabalho esgotante e sem tréguas¹²⁸.

As mulheres tinham uma paixão tão exagerada pelo luxo a ponto de alguns historiadores terem atribuído a isso o declínio do império, devido ao enorme gasto com importações. Elas se contentavam com isso frente ao fato de não terem direitos plenos e de ficarem basicamente restritas ao lar. As

¹²⁷ Ibidem, p.72

¹²⁸ GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2001, p.259.

esposas supervisionavam os cuidados com a casa e se ocupavam com futilidades. Não se diferenciava muito do papel das gregas. Já as mulheres pobres não tinham escolha. Sob condições precárias de vida, eram obrigadas a vender o que quisesse que se comprasse, inclusive elas mesmas.

Diferente da Grécia, em que o casamento servia para fins de procriação e para se garantir uma segurança na velhice, em Roma o matrimônio era a forma de se legitimar a descendência. Era, antes de tudo, um contrato por motivos econômicos ou políticos. A forma mais comum era a de *usus*, que só tornava a união legal depois de um ano de convivência. Enquanto isso, a mulher continuava pertencendo ao pai. Essa espécie de estágio probatório era benéfica aos dois cônjuges. Outro tipo de matrimônio era o *coemptio*, em que se comprava a mulher pagando em dinheiro ao pai da noiva.

O exagero prevalecia entre os homens livres. Era uma forma de se extrapolar a repressão e as exigências da vida pública, cheia de moralidades e demandas por virtude e severidade. Se na vida pública, havia uma série de restrições, no sexo tudo era permitido.

O conto do romano casto, corrompido pelos “maus vizinhos” – os gregos –, realmente é um conto. Deleitar-se em fartura de comida, de bebida e orgias não significa “viver à grega”, pois alugar, comprar mulheres e viver entregue aos prazeres era costume comum entre os romanos¹²⁹.

Gregos e romanos consideravam a prostituição uma peça importante na ordem social. Garantia a segurança das mulheres casadas e era vista como uma necessidade à higiene pública. Contando que os homens e as mulheres que se prostituíssem não fossem de nascimento livre, tudo era permitido, como comprar, alugar, raptar. Até as crianças que fossem escravas poderiam servir para a prostituição.

O império romano dependia substancialmente da guerra para sua manutenção. Para isso, era necessário que os homens estivessem dispostos a lutar e a morrer pela pátria. O comportamento que era encorajado era justamente o que reforçava essa servidão. Os romanos tinham de ser austeros, disciplinados e fiéis às causas de Roma. Exigia-se muito, mas quem estivesse

¹²⁹ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papirus, 1999, p.94.

disposto a cumprir as demandas tinha a glória eterna de seu nome como recompensa. As orgias que os romanos participavam – e que contavam com pessoas de todas as classes – ajudavam a diminuir tensão da severidade que era exigida. Tudo era feito com muito exagero e além do sexo, havia comida e principalmente muita bebida. Terminava com vômitos; como que se para limpar a alma e se preparar novamente para as obrigações da vida pública. O luxo e a luxúria eram válvulas de escape das tensões de Roma. Para os ricos, ao menos.

2.4 A CONSTITUIÇÃO ERÓTICA NO FEUDALISMO

A partir do século I a.C, Roma enfrenta uma crise econômica que culmina na sua desintegração e declínio. Os bárbaros ganhavam território, faltavam escravos para a mão-de-obra e já não se obtinha a renda desejada das colônias.

Os novos tempos de recessão exigiam que o comportamento dos romanos também se modificasse. Antes epicuristas, os romanos passaram adotar uma moral mais austera, mais exigente. Já não se podia mais esbanjar luxo e exagero na vida social e na vida sexual. O estoicismo grego ganhava forças ao privilegiar a negação dos prazeres mundanos. Em tempos de pobreza e recessão, até a economia dos corpos se faz necessária.

A crise econômica causou também uma crise religiosa em Roma. Já não se acreditava tanto nos deuses que favoreciam o império nas guerras, porque o império romano não estava sendo tão favorecido assim, perdendo batalha após batalha, colônia após colônia.

No século IV d.C, tinha-se um povo desorientado econômica, política e religiosamente. O império se esfacelara, o povo estava desunido. Para que se mantivesse ao menos uma sobrevivida, seria preciso buscar novamente um elemento unificador, como foi a lealdade à pátria nos tempos de glória.

A mudança do modelo econômico exigia uma nova moral. Dentre as diversas religiões que sobreviviam clandestinamente em Roma, o imperador Constantino viu no cristianismo a que mais se adequava ao novo modelo econômico, que agora exigia temperança em todos os aspectos da vida. Se

nos momentos de grandes riquezas, era exigido aos homens romanos grandes feitos, grandes glórias, grandes virtudes – e essa exigência era apaziguada em grandes exposições de luxúria e de gula –, no momento de grande privação econômica era exigido que se tivesse uma moral que privilegiasse a privação da conduta social e sexual.

De um lado, o poder central estava enfraquecido, e de outro, a igreja se sobrepunha forte e estável. Os padres em suas paróquias, na verdade, preenchiam as deficiências de um governante seguro e austero. A imposição das leis do Estado eram substituídas pelas ameaças do inferno e pela promessa de uma vida eterna e feliz. O inferno por sua vez era a punição universal. Na aldeia e nos grandes centros, pobres e ricos, todos estavam submetidos às mesmas ordens. Assim, por vários séculos, a moral cristã foi se alastrando, com rigor de autoridade e como força social¹³⁰.

O cristianismo não introduziu um pensamento novo. Seu grande feito foi ter dado ar sacro e metafísico a um moral que já existia, mas sob a forma pagã. Ele nasce como um socialismo primitivo, para confortar pobres e oprimidos em sua pobreza e opressão. Quando o quadro de miséria passa a se alastrar por toda Roma, o cristianismo incorpora uma ideologia mais universal, de cunho moralista. Combina o maniqueísmo entre corpo e alma, vida terrena e vida espiritual do estoicismo grego, com a cultura judaica e com a cultura romana.

A crise do império desencadeou um processo de ruralização. A baixa produtividade dessa agricultura dificultava a produção de excedente e, portanto, de comércio. As moedas existiam, mas eram pouco práticas. As trocas se tornaram mais comuns.

O pouco comércio dificultava a interação entre culturas e os homens acabavam presos a mesma região. Nasciam e morriam no mesmo lugar. A influência se dava basicamente pela igreja católica e pela nobreza dos feudos, apesar desta estar subordinada à religião também. A igreja católica é a grande detentora de terras no regime feudal. É a maior potência econômica e também a maior potência política. As suas exigências para com a conduta dos homens da idade média ajudavam a perpetuar o poderio que igreja e nobreza possuíam.

¹³⁰ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.101.

Na fase inicial da civilização cristã, as relações amorosas e conjugais passam por profundas transformações. Todo relacionamento afetivo, amoroso e sexual fora do casamento é considerado pecado contra a carne. A homossexualidade, a prostituição, a bigamia, a poligamia ou a poliandria são classificadas como costumes mundanos. Mesmo no casamento havia ressalvas, pois o sexo era uma aventura condenada e sinal da fraqueza humana. João Crisóstomo e Metódio admitiam que, se os casais limitassem as carícias e a paixão, teriam chances de salvação eterna. Era consenso de toda a igreja a permissão de um só casamento, pois diziam os padres: o segundo será considerado adultério, o terceiro, fornicação e o quarto, ignóbil¹³¹.

É evidente a negação do modelo econômico e do modelo cultural do período anterior. A vida e os prazeres terrenos passaram ser sinônimos de fraqueza. O verdadeiro prazer está no mundo metafísico. Por isso, a extrema preocupação com a sexualidade. Num período de escassez de alimentos, não se podia gastar energia com o sexo. Era preciso restringi-lo à procriação. Medo, culpa, inferno e castigo eram as possíveis punições para quem desobedecesse. Mas o grande controle se deu com o sacramento da confissão. Nada mais ficava sem o conhecimento da igreja, nem mesmo os pensamentos.

O casamento passou a ser abençoado pela igreja para que esta pudesse regular melhor a vida dos casais. Em *idade média idade dos homens*, o historiador francês George Duby também diz que o matrimônio era a condição necessária para disciplinar a sexualidade. Santo Agostinho havia afirmado que o sexo precisava ser feito de forma pura e sem prazer para não ser pecaminoso. Tudo que se distanciasse disso era passível de punição, nesta ou na outra vida.

A economia estritamente rural dificultava o intercâmbio entre culturas e garantia a manutenção da ordem, que era estabelecida pela igreja, em um plano mais amplo, e pela nobreza, em um plano mais restrito. A baixa produtividade da agricultura criava um estado permanente de precariedade, que piorava com a distribuição de renda absolutamente desigual. A riqueza que havia estava restrita à igreja e à nobreza. A compreensão dessa estrutura econômica é fundamental para se entender porque a moral era baseada na mansidão, na renúncia e negação da vida terrena. A promessa de uma vida melhor após a morte confortava os sofrimentos e a repressão da vida terrestre; e a renúncia

¹³¹ Ibidem, p.106.

dos prazeres – que garantia o poder na mão da ordem dominante e que era fundamental em tempos precários por economizar energia por conta da escassez – não parecia tão ruim assim.

Mas acabou se tornando inviável depois de um tempo e os dias do regime feudal estavam contados quando o feudalismo demonstrou fortes sinais de enfraquecimento a partir do século XIII. As crises de fome aumentaram e começaram a dispersar os camponeses. A riqueza da igreja católica começava a ser questionada e um novo modelo de conduta social, que recontextualizava elementos da antiguidade, estava sendo pensado em detrimento da repressão social e sexual.

Quatro foram os principais elementos que possibilitaram a transformação do mundo medieval para o mundo moderno: o renascimento, que trouxe um pensamento racionalista, humanista e neoplatônico que modificou estruturalmente a mentalidade da época; o protestantismo, que colocou em xeque e enfraqueceu o poderio da igreja católica, que era pleno à época; os descobrimentos ultramarinos, que possibilitaram novas perspectivas econômicas e fortaleceram uma burguesia ainda nascente; e a centralização política, que possibilitou a criação do Estado moderno.

2.5 A CONSTITUIÇÃO ERÓTICA NO VITORIANISMO

Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra inaugura a revolução industrial. As máquinas substituem as ferramentas, a energia motriz a força humana e as fábricas o sistema de produção doméstico. Esse fato marcou a gênese do modelo capitalista em detrimento do modelo feudal, o que modificou radicalmente a estrutura da sociedade, bem como a conduta da população.

E tanto a Grã-Bretanha quanto o mundo sabiam que a revolução industrial lançada nestas ilhas não só pelos comerciantes e empresários como através deles, cuja única lei era comprar no mercado mais barato e vender sem restrição no mais caro, estava transformando o mundo. Nada poderia detê-la. Os deuses e reis do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente¹³².

¹³² HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p.82

A revolução industrial é precedida da revolução inglesa do século XVII, em 1688, que limitou severamente o poder dos monarcas, cuja prerrogativa havia sido transferida para o parlamento. Com isso, a burguesia ganhou forças para explorar o ucapital e tornar possível a transição para um novo modelo econômico.

Para tal, alguns fatores foram essenciais, entre eles: um excedente de capital, que foi investido no maquinário, possibilitando a máquina a vapor e diversos outros equipamentos que diminuiram os custos e aumentaram a produção; um amplo mercado, para que se vendesse esse excedente; abundância de recursos naturais, como o carvão fóssil, que alimentava as máquinas, e algodão para a indústria têxtil, uma das grandes fontes de renda da Inglaterra; e mão-de-obra.

Sobre esses elementos que propiciaram o novo modelo econômico, o historiador Eric Hobsbawm diz que

O primeiro e talvez mais crucial fator que tinha que ser mobilizado e transferido era o da mão-de-obra, pois uma economia industrial significa um brusco declínio proporcional da população agrícola (isto é, rural) e um brusco aumento da população não agrícola (isto é, crescentemente urbana), e quase certamente, (como no período em apreço) um rápido aumento geral da população, o que, portanto implica, em primeira instância, um brusco crescimento no fornecimento de alimentos, principalmente da agricultura doméstica – ou seja, uma “revolução agrícola”¹³³.

No final do século XVIII, 80% da Europa vivia e trabalhava no campo. Em 1831, os setores mineiros, industriais e da construção empregam 41% da população ativa e a agricultura contava com 25%¹³⁴, o que evidencia que em pouco tempo a Inglaterra já havia se transformado em uma nação industrial. Em 1871, 44% da população ativa estava na indústria enquanto 15% concentrava-se no campo.

Neste mesmo período, a população da Europa aumenta consideravelmente: eram cerca de 160 milhões em 1750 para se tornar algo entre 210 milhões em 1800, um aumento de quase 30%¹³⁵. O crescimento

¹³³ Ibidem, p.76

¹³⁴ BEAUCHAMP, Chantal. **Revolução Industrial e Crescimento Econômico no séc. XIX**. Lisboa: edições 70, 1998, p. 48

¹³⁵ Ibidem, p.19

demográfico aliado a catástrofes naturais gerou uma crise de alimentos por todo continente europeu. A fome devastava o campo. Os camponeses arruinados são obrigados a vender a sua força de trabalho para não morrer de fome. O burguês compra esta mão-de-obra. Os camponeses e artesãos estavam livres da opressão feudal, mas expropriados dos seus meios de produção. A sensação de liberdade dura pouco: o homem não só se escraviza no trabalho, como também nele se aliena.

Os homens tinham que ser atraídos para as novas ocupações, ou – como era mais provável – forçados a elas, pois inicialmente estiveram imunes a essas atrações ou relutantes em abandonar o seu modo de vida tradicional. A dificuldade social e econômica era a arma mais eficiente; secundada pelos salários mais altos e a liberdade maior que havia nas cidades. Por várias razões, as forças capazes de desprender os homens de seu passado sócio-histórico eram ainda relativamente fracas em nosso período, em comparação com a segunda metade do século XIX¹³⁶.

Havia capital, maquinários, demanda e mão-de-obra barata. O novo modelo econômico prosperou e garantiu que a burguesia se firmasse tanto no plano econômico quanto no social. As classes médias começavam a substituir a aristocracia na estrutura do poder. No entanto, o sucesso econômico era insignificante sem o sucesso social. Após o avanço financeiro, a burguesia queria alçar o topo da escala da distinção e implantar seu pensamento no mundo moderno.

A moral dessa nova classe que aparecia pautava-se em valores opostos aos princípios morais mais essenciais do mundo feudal. No lugar do princípio de casta, surgia uma radical individualização, novo código da pequena família burguesa. A colaboração, uma das principais características da economia mundial, dava sinais de morte, e em seu lugar nascia a concorrência. As ideias comunais, por fim, sucumbiram aos princípios da vitoriosa propriedade privada¹³⁷.

É a partir do final do século XVIII que se tem uma divisão nítida entre privado e público. O privado, que no período feudal era visto de forma negativa, foi revalorizado a ponto de se tornar um sinônimo de felicidade para as classes médias burguesas. A separação entre esses dois campos foi fundamental para o modelo econômico e social dessa nova classe dominante.

¹³⁶ HOBBSAWM, Eric J., **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p.78 et seq.

¹³⁷ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.128

Na elaboração desse ideal, é essencial o papel das classes médias, que aí encontraram uma verdadeira identidade. Ele se irradia desse âmbito para as classes operárias, que se pretende moralizar com as virtudes de uma boa dona de casa. Não há dúvida de que o operariado adota tal ideal, mas à sua própria maneira e para os seus próprios fins¹³⁸.

A moral da nova classe burguesa subjuga a esposa como propriedade do marido. E não mais da forma que era entendida no código aristocrático, em que a esposa pertencia ao marido como corpo físico. A mulher passa a ser propriedade do homem também como um ser dotado de personalidade, ou seja, de seu eu espiritual. Em uma intensidade jamais vista, as mulheres ficam presas à esfera privada.

Há uma explicação econômica para tal fato. A revolução francesa, em 1789, ampliou vários direitos para a mulher, como o divórcio e a ocupação de postos que antes eram exclusivos dos homens. Ela mostrou para os homens o perigo que uma inversão da ordem que era tida como natural traria a eles. Associar as mulheres ao espaço privado – e tornar essa associação como natural – era manter o domínio patriarcal e diminuir os impactos sociais que a revolução francesa havia causado.

E a vida mais íntima se encontrava submetida a pressões devido à secularização do casamento, à restrição religiosa, à mobilização em massa; a ordem até então tida como natural se tornava instável. As mulheres podiam se vestir como os homens e pretender lutar na frente militar. Se fossem “infelizes”, podiam pedir o divórcio. A abolição da deferência perante os reis, as rainhas, os nobres e os ricos, parecia pôr em questão a deferência da esposa em relação ao marido, dos filhos em relação aos pais¹³⁹.

Com a nítida separação entre o público e o privado, a sexualidade é relegada em um segundo plano, escondida na esfera privada. Surge um novo momento para a moralidade europeia: o vitorianismo. As mulheres da era vitoriana, período compreendido entre 1840 e 1900, eram seres apáticos e de uma moralidade exagerada. O desconhecimento do próprio corpo era sinal de pureza. Para elas, ficava a obrigação de exercer o papel de esposa e mãe. Para eles, a de prover a família e proteger as mulheres do intercâmbio exagerado com o mundo.

¹³⁸ PERROT, Michelle... [et al], **História da Vida Privada, volume 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.18

¹³⁹ Ibidem, p.52.

Todavia a Idade Moderna, com todos os seus avanços científicos e revoluções, não abandonou as ideias do velho puritanismo. Ao contrário, funde estas às novas modas intelectuais, formando-se deste modo um sistema moral conveniente com as suas ambições sociais. É o vitorianismo. (...) Nada mais racional para a burguesia do século XIX, do que desenvolver um apego quase desenfreado à privacidade e, ao mesmo tempo, promover uma busca do refinamento dos desejos terrenos. Era a necessidade de conveniências, de autocensura e de preocupações com a moral¹⁴⁰.

O vitorianismo consolidou a revolução industrial e o capitalismo. Na era da rainha Vitória, a Inglaterra dominava os mercados externos e controlava as principais rotas navais. É também um período de enorme repressão sexual. E é neste momento que a Inglaterra vive um de seus maiores períodos de prosperidade e paz, conhecido como *Pax Britannica*. Não é coincidência que a dominação com tanto rigor da sexualidade venha acompanhada do desenvolvimento capitalista. O sexo se torna o grande inimigo do trabalho. Era preciso reprimi-lo para converter essa energia em produtividade nas fábricas.

Ora, era preciso adequar a sexualidade ao modelo de trabalho. Os trabalhadores se submetiam a jornadas de trabalho massacrantes, que duravam doze, catorze horas sem direito a descanso. O ambiente das fábricas era insalubre. Voltavam do trabalho esgotados e tinham de se preparar para uma nova jornada no dia seguinte, pois o salário era tão baixo que não havia escolha além de se submeter àquela rotina.

Em primeiro lugar, todo operário tinha que aprender a trabalhar de uma maneira adequada à indústria, ou seja, num ritmo regular de trabalho diário ininterrupto, o que é inteiramente diferente dos altos e baixos provocados pelas diferentes estações no trabalho agrícola ou da intermitência autocontrolada do artesão independente. A mão-de-obra tinha também que aprender a responder aos incentivos monetários. (...) A resposta foi encontrada numa draconiana disciplina de mão-de-obra (multas, um código de “senhor e escravo” que mobilizava as leis em função do empregador etc.), mas acima de tudo na prática, sempre que possível, de se pagar tão pouco ao operário para que ele tivesse que trabalhar incansavelmente durante toda a semana para obter uma renda mínima¹⁴¹.

A moral da época enaltecia o trabalho duro enquanto restringia a prática sexual para fins de procriação. Subjugar a mulher ao lar era restringir os avanços sociais que elas haviam conquistados com a revolução francesa e manter uma ordem patriarcal. Promover a separação do espaço público e do

¹⁴⁰ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.136

¹⁴¹ HOBBSAWM, Eric J., **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p.79

privado era consolidar o direito à propriedade privada, base do capitalismo. E a enorme repressão sexual – reduzindo a sexualidade a uma sexualidade heterossexual, fundada no matrimônio e para fins de procriação – garantiria um melhor desenvolvimento no trabalho.

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada; muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. (...) no espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos¹⁴².

O exagero da moralidade chegava ao ponto de se proibir consultas ginecológicas a não ser em extrema necessidade. A menstruação era um assunto proibido. A mulher vitoriana, submissa ao marido, era reprimida quanto à instrução, à fisiologia e ao prazer. Elas acabavam se dedicando a uma série de frivolidades e sentiam prazer ao negar o prazer do corpo. Essas moralidades, no entanto, eram adequadas às diferentes necessidades dos gêneros e das classes sociais. O papel da mulher como “anjo da casa” ou “rainha do lar” cabia perfeitamente às esposas da classe média. Às mulheres pobres não havia escolha: era preciso trabalhar. Entre a necessidade e a moralidade, encontrou-se um modelo híbrido que atendesse à moral burguesa.

No começo da década de 1840, para tomar apenas um exemplo, o receio da burguesia quanto ao emprego de mulheres em ofícios incompatíveis com sua natureza manifestou-se com relação ao trabalho feminino nas minas. Já estava bem assente que uma burguesa que trabalhasse para ganhar dinheiro não era feminina. No caso das mulheres pobres, as normas eram um pouco diferentes. As mulheres podiam ter um ofício, se fosse um prolongamento de seu papel feminino “natural”. Não se considerava inconveniente que as empregadas domésticas limpassem, cozinhassem e cuidassem das crianças. O ofício de costureira ou de modista também era compatível, da mesma forma que as profissões ligadas à alimentação. Mas certos ofícios executados por mulheres eram considerados totalmente incompatíveis com a natureza delas, principalmente se fossem exercidos em um ambiente misto¹⁴³.

Essas mesmas modificações valeram para os homens principalmente. As esposas eram de tão forma puras, santas e castas que a ideia de buscar satisfação sexual com elas provocava inibição e repulsa. Vigorava à época

¹⁴² FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade** v.1. São Paulo: Graal, 2003, p. 9.

¹⁴³ PERROT, Michelle... [et al], **História da Vida Privada, volume 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 81.

uma tese de Santo Agostinho que dizia que o sexo que era feito no paraíso era frio e mecânico, desprovido de prazer. E que assim que deveria se dar no matrimônio. Era aconselhado então – até pelos médicos¹⁴⁴ – que se procurasse prostitutas para cumprir tal necessidade fisiológica.

Com a transformação das esposas em guardiãs da moralidade, os homens apelavam para a prostituição, que cresceu vertiginosamente no período vitoriano. Não demorou muito para uma onda de doenças venéreas invadir novamente o mundo cristão – como havia acontecido no século XV. Com medo da infecção em massa, os governos adotaram diversas medidas para coibir a prostituição. Os maridos tiveram de voltar ao lar matrimonial.

Ao fim do século XIX, várias modificações sociais emergiram em decorrência do modelo econômico. As ideias de Engels e de Marx espalham-se, e o capitalismo forte e soberano começa a ser questionado. A exploração da mão-de-obra, que mantinha sua renda em nível de subsistência, criava conflitos com o proletário, que culpava e destruía as máquinas em protesto. Liberais e radicais ganhavam forças com seus conceitos de democracia e de república. Isso transforma também a estrutura da família e seu comportamento. O modelo econômico que sufocava e reprimia estava sendo modificado. Mas o longo século XIX só terminaria em 1914, com a explosão da primeira guerra mundial¹⁴⁵.

2.5.1 Da arte erótica à ciência sexual

Na análise sobre os instrumentos que condicionaram a conduta dos prazeres sexuais na Grécia antiga, podemos observar que é a temperança o elemento chave da relação. A conduta sexual não está inserida dentro uma mesma entidade, organizada numa moral autoritária, que interfere em todas as questões que orbitam em torno do sexo. Além disso, tais atos não são encarados como proibição, mas como modelos de austeridade. O que existe é uma conduta que encara o prazer e o desejo dentro de uma relação consigo, mais preocupada em possibilitar uma existência e uma prática mais elevadas

¹⁴⁴ TANNAHILL, Reay, **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p.377

¹⁴⁵ Adoto aqui a interpretação de Eric Hobsbawm a respeito do século XIX, período que, para ele, vai de 1789 a 1914.

que reprimir e reprovar os impulsos. Esta arte erótica também pôde ser vista na Índia e na China.

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos¹⁴⁶.

Vários fatores proporcionaram uma modificação nesta postura em relação ao sexo: o declínio das cidades-Estado a partir do século III a.C, que provocou a decadência das classes dominantes e um retiro voluntário, ao buscarem naquele momento um retraimento para si, dando mais valor à existência pessoal e à vida privada; a dissolução do império romano e as mudanças no modelo de produção; a imposição do cristianismo como a nova religião dominante, que nasceu nas periferias romanas até chegar à capital e introduzir por toda a vastidão do império a sua moral estoica. Com isso, novos cuidados e novas condutas passam a vigorar.

O prazer sexual, enquanto substância ética, está posto na ordem da força contra a qual é preciso exercer dominação. Diferente da ideia de arte erótica, no campo de batalha contra o excesso e a violência o peso passa a ser colocado cada vez mais na fraqueza do indivíduo perante tais forças, na necessidade que ele tem de fugir, de se proteger. A experiência dos prazeres sexuais passa a ser associada ao perigo, ao mal.

A idade média introduz, com isso, a ideia de carne. O ato sexual é perigoso, nocivo, difícil de ser controlado. Nele, o mal se aparenta pela sua forma e pelos seus efeitos. É apenas no casamento que ele encontra a sua realização natural e racional, mas nem mesmo sob tal condição o sexo deixa de ser objeto de intensa observação.

Não se pode, no entanto, atribuir ao cristianismo a paternidade desse modelo que não é mais de austeridade, mas de vigilância. O declínio das

¹⁴⁶ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade** v.1. São Paulo: Graal, 2003, p. 65

aristocracias tradicionais e a despossessão política provocam uma reflexão acerca do relacionamento condizente com o novo *status*, com as funções, atividades e obrigações. Foucault mostra no terceiro volume da sua história da sexualidade todo um movimento gradual de mudança de uma ética que implicava uma articulação bem estreita entre o poder sobre si e o poder sobre os outros para uma nova em que a configuração de si enquanto sujeito ético se torna mais problemática. O cuidado sobre si, o uso dos prazeres, a relação com os rapazes, com as mulheres, o jogo político e o jogo matrimonial vão se ajustando aos novos tempos, às novas relações de poder até se transformarem no modelo cristão de carne.

E é neste contexto que se produz um duplo fenômeno, característico dessa ética dos prazeres. Por um lado, nela se requer uma atenção mais ativa à prática sexual, a seus efeitos sobre o organismo, ao seu lugar no casamento e ao papel que ela exerce nele, ao seu valor e às suas dificuldades na relação com os rapazes. Mas ao mesmo tempo em que ela retém mais a atenção e que se intensifica o interesse que se lhe dedica, mais facilmente ela aparece como perigosa e como suscetível de comprometer a relação consigo que se trata de instaurar; parece cada vez mais necessário desconfiar dela, controlá-la localizá-la tanto quanto possível somente nas relações de casamento – nem que sena para sobrecarregá-la, nessa relação conjugal, de significações mais intensas¹⁴⁷.

Percebe-se também de forma bem clara que o elemento sublimatório dessa abnegação ainda constitui um elemento importante, uma vez que a renúncia ao desejo é vista como condição fundamental para uma existência purificada. Os testes e as provações são encarados como formas de confirmar a independência de que se é capaz de ter a respeito de tudo aquilo que não é indispensável. A grande mudança dessa prática ascética é a de uma relação de si para si para uma relação de si para com deus.

O que se chama interioridade cristã é um modo particular de relação consigo que comporta formas precisas de atenção, de suspeita, de decifração, de verbalização, de confissão, de auto-acusação, de luta contra as tentações, de renúncia, de combate espiritual etc. E o que é designado como “exterioridade” da moral antiga implica também o princípio de um trabalho sobre si, mas sob uma forma bem diferente. A evolução que se produzirá, aliás com muita lentidão, entre paganismo e cristianismo, não consistirá numa interiorização progressiva da regra, do ato e da falta; ela operará, antes de mais nada, uma reestruturação das

¹⁴⁷ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.3**. São Paulo: Graal, 2002, p. 234.

formas da relação consigo e uma transformação das práticas e das técnicas sobre as quais essa relação se apoiava¹⁴⁸.

Com o fim do feudalismo e o início da sociedade industrial um novo discurso sobre o sexo é exigido. A isso se devem diversos fatores estruturais: a sociedade se transforma completamente com o êxodo rural, com o surgimento das fábricas, dos maquinários, com a divisão do trabalho. A organização do trabalho modifica profundamente as relações sociais e desenvolve uma nova verdade sobre o sexo, dessa vez amparada por procedimentos que, em essência, são diversamente contrários à ideia de arte erótica: a *scientia sexualis*.

É o século XIX que vem inaugurar a noção de sexualidade, por meio de todos esses dispositivos oriundos da *scientia sexualis*, que incluem a formação de saberes, sistemas de poder que regulam sua prática e as formas de reconhecimento. A sexualidade é justamente o correlato dessa prática discursiva desenvolvida e estruturada lentamente. Há de considerar, no entanto, que diversas estruturas do modelo anterior ainda persistem e influenciam o novo discurso sobre o sexo.

A prática da confissão, por exemplo, um dos instrumentos mais importantes da idade média para a produção da verdade, passa a ser integrada ao processo científico, os médicos os novos grandes inquisidores. O sexo não é apenas culpa e pecado, mas também catalogado entre o normal e o patológico por uma ciência que, ainda profundamente influenciada pela noção de carne, estava essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas. Os perigos ilimitados que o sexo trazia consigo justificavam o caráter inquisitivo de todos os exames minuciosos, de todas as pretensas e pretensiosas tentativas de cura, de postulados e interpretações. Todas essas precauções meticulosas e análises detalhadas podiam ser interpretadas como procedimentos destinados a esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo.

É necessária uma representação muito invertida do poder para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falamos todas essas vezes que há

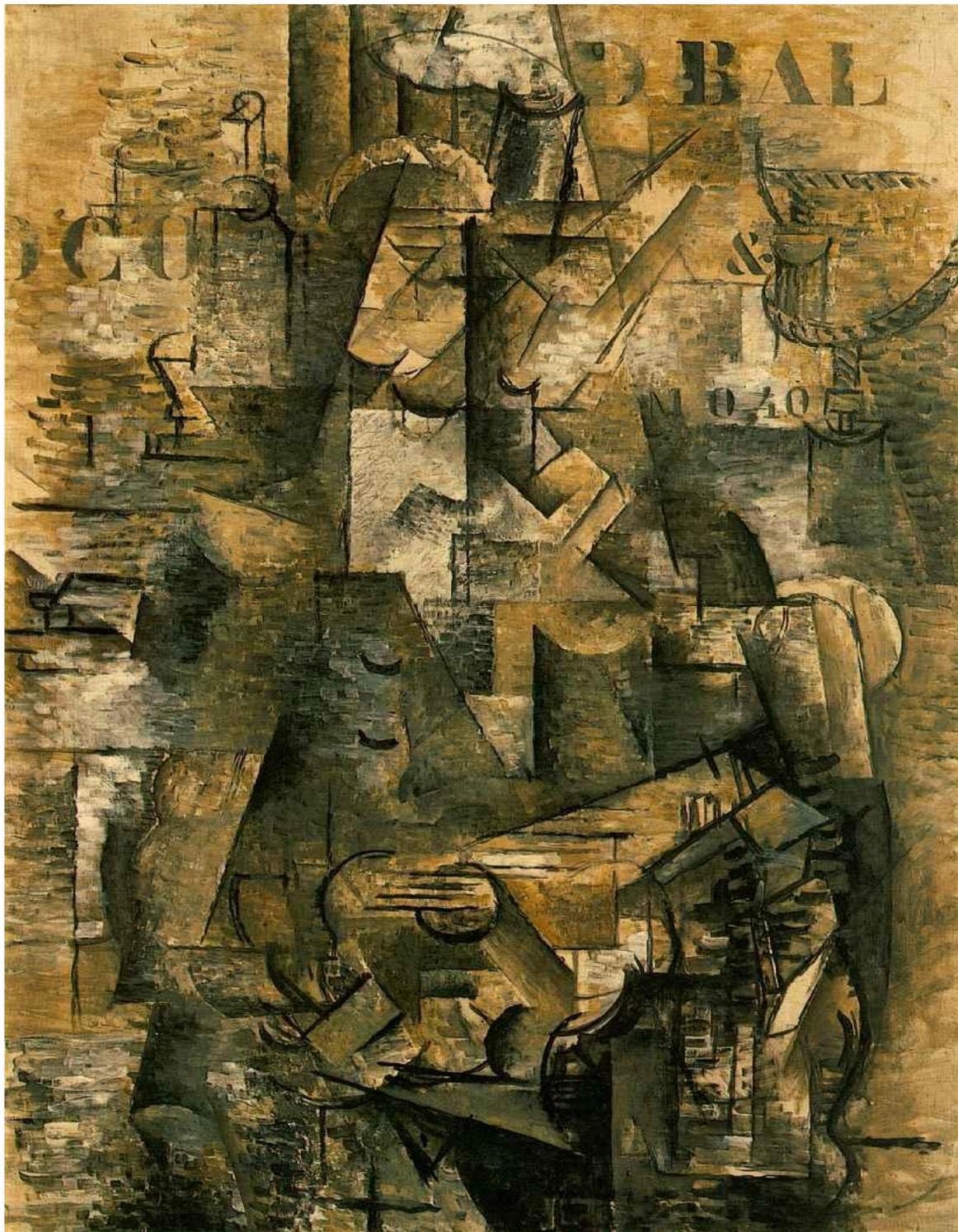
¹⁴⁸ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003, p.60.

tanto tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente¹⁴⁹.

No próximo capítulo, veremos como a modernidade líquida – utilizando um conceito de Bauman – produziu um novo discurso sobre o sexo e como essas três noções – arte erótica, carne e ciência sexual – ainda se articulam, de forma reestruturada e resquiciosa, na produção desse novo discurso.

¹⁴⁹ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.3**. São Paulo: Graal, 2003, p.69

O século XX e a fragmentação do homem. Homens-máquina, homens-guerra, homens-prótese. Bomba e Brigitte Bardot.



George Braque, *Le Portugais*, 1911

CAPÍTULO 3: CÁRCERE DE MODELOS E DESEJOS: A BIOPOLÍTICA, A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A INDÚSTRIA CULTURAL.

A função integrativa do trabalho e a sua racionalidade a partir da revolução industrial são situações sem precedentes no mundo¹⁵⁰. As sociedades primitivas nunca souberam o que era a desocupação forçada por uma escassez artificial de empregos. Tampouco havia distinção entre o tempo de produção e o momento do ócio. Não era o trabalho o elemento decisivo e integrador do homem na sociedade, não era o desemprego o grande vilão, a desintegrá-lo socialmente, privá-lo de sua dignidade, de sua condição humana.

Não há correlatos em sociedades anteriores não por não existirem materiais e técnicas para desenvolvimento de um modo de vida e de produção industriais, mas porque os sistemas de conhecimento científico que proporcionaram tal modelo foram consequência de uma radical transformação da atitude do espírito humano em relação à natureza e à sociedade.

Weber ilustra bem essa assertiva em seu estudo sobre o espírito do capitalismo. Não foram as origens da matemática ou da mecânica que foram determinantes para o surgimento do capitalismo, mas sim a utilização técnica do conhecimento científico. “O desenvolvimento do racionalismo econômico é parcialmente dependente da técnica e do direito racionais, mas é ao mesmo tempo determinado pela habilidade e disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional¹⁵¹”. O industrialismo, portanto, não representa apenas uma alteração das formas e dos processos de produção, mas uma cultura que condiciona as relações sociais e produtivas.

¹⁵⁰ RAMOS, Alberto Guerreiro. **A sociologia Industrial: formação, Tendências atuais**. Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 1952, p.34

¹⁵¹ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009, p.32.

É possível observar estruturas racionais das leis e da administração (no direito romano, principalmente), desenvolvimento de técnicas e de maquinários, divisão laboral etc. nos regimes de trabalho da antiguidade e da idade média, mas sempre em condições que limitavam o desenvolvimento industrial. Com o estudo do mundo antigo, é possível perceber que não foi por falta de capacidade técnica que o desenvolvimento da indústria se deu muito aquém do possível. Ramos¹⁵² cita Tales de Mileto, que desviou o curso do rio Halys, Eupalinos, que escavou um túnel de um quilômetro de comprimento na montanha de Castro, e muitos outros.

Apesar de dotados de capacidade técnica para substituir o trabalho humano pelo maquinário, os gregos nunca o quiseram. Isso porque o trabalho nas sociedades antigas é encarado como uma tarefa degradante. A vida ociosa era signo de superioridade social, uma das principais diferenças de natureza e de virtude entre os homens livres e os escravos, mão-de-obra barata e disponível, fator que por si só já limitava o desenvolvimento de uma indústria. Se o trabalho era visto como algo nocivo ao homem livre, e existindo quem facilmente o fizesse por ele, qual a necessidade de investir na ampliação de recursos, no desenvolvimento técnico? “A aplicação da ciência na economia do esforço humano só se torna possível, de maneira sistemática, na medida em que se opera o desaviltamento do trabalho¹⁵³”. Vale lembrar que a etimologia da palavra *trabalho* é *tripalium*, três paus, um instrumento que subjugava escravos e animais e os forçava a produzir.

Fatores semelhantes também limitaram o desenvolvimento industrial na Idade Média. A farta mão-de-obra servil, o isolamento das sociedades medievais, a estratificação social bem definida, a pouca oferta de produtos – tanto em quantidade quanto em qualidade – e o baixo desenvolvimento econômico contribuíram significativamente para a manutenção de um espírito semelhante ao vigente nas sociedades antigas.

¹⁵² RAMOS, Alberto Guerreiro. **A sociologia Industrial: formação, Tendências atuais**. Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 1952, p.18.

¹⁵³ Ibidem, p.18.

A eficiência, a economia, o racionalismo, o desenvolvimento de técnicas de trabalho e as noções de progresso e competição não teriam lugar na organização social medieval, dado o espírito da época. Como a operação do trabalho se dava de maneira estável – e qualquer ideia de mudança contrariava os desígnios de Deus, da Divina Providência – não havia sentido em se pensar em desenvolvimento técnico, em economia de esforços. É possível notar, no entanto, nos monastérios da Idade Média, o embrião dessa mudança de espírito que possibilitaria o industrialismo mais à frente.

Todavia, os fermentos do industrialismo operavam poderosamente nas sociedades medievais. Um destes fermentos é a aceitação ascética atribuída ao trabalho que, ao contrário do que proclamavam os antigos, não é considerado um corruptor da alma e do corpo, mas como instrumento de preparação para a vida contemplativa e de libertação dos apetites inferiores¹⁵⁴.

Quando o trabalho passa a adquirir um valor religioso, de sacrifício, de desprendimento, é possível perceber uma mudança de postura considerável. O ócio passa a ter, para Santo Agostinho, o sentido de preguiça. São Bento incorpora o trabalho manual em suas regras de conduta. Os monges passam a adotar em sua vida monástica uma série de procedimentos de rotina, de sistematização, de aumento da produção e de investimento científico na agricultura, na pecuária, na botânica. Desse período surge uma série de importantes invenções para a agricultura e para a economia, como a luneta, a roda dentada, os óculos, o moinho hidráulico, o moinho de vento e tantas outras.

As tendências que, na Idade Média, deram ao trabalho o seu significado ascético, que permitiram a floração dos inventos, aliadas a outras operantes no mesmo sentido, estimuladas por transformações econômicas e sociais (a abertura de novos mercados; o incremento qualitativo e quantitativo das necessidades, pela divulgação de novos artigos e aumento de população; a emergência da classe burguesa; o incremento do capital mobiliário e a difusão do uso da moeda; a ética protestante, etc.) tomam consistência e força e se exprimem sob a forma histórica do que se tem chamado de Renascimento, a primeira cisura que produz o trânsito da Idade Média à Idade Moderna¹⁵⁵.

¹⁵⁴ Ibidem, p.29.

¹⁵⁵ Ibidem, p.32.

É no mosteiro medieval que as categorias de tempo e de espaço se modificam radicalmente, o relógio e o sino – elementos fundamentais no período industrial – os novos reguladores. Lá, as horas canônicas são disciplinadas pela mecânica do tempo, com as atividades sempre realizadas em intervalos regulares. Ramos destaca que é dentro da etapa medieval que transcorre uma história secreta da revolução industrial¹⁵⁶.

Além disso, o Renascimento modifica a organização social da Idade Média, caracterizada pela santidade da tradição e pela estratificação social bem definida, para uma nova ordem, pautada pela calculabilidade dos atos humanos e pela objetividade racional, abrindo o caminho, agora fora dos mosteiros, para a revolução industrial. O industrialismo, além de representar uma alteração nas formas e nos processos de produção, foi gerador de uma nova organização social.

O que ao final das contas criou o capitalismo foi o empreendimento racional permanente, a contabilidade racional, a técnica racional, mas tampouco foram esses fatores por si só; mostrou necessário o fator adicional da mentalidade racional, a racionalização da condução de vida, o *ethos* econômico racional¹⁵⁷.

No estudo de Weber sobre o capitalismo, ele elenca as seguintes condições para sua gênese:

1. Apropriação de todos os meios materiais de produção;
2. Liberdade de mercado;
3. Técnica racional;
4. Direito racional;
5. Trabalho livre (ou seja, pessoas que não somente estão em condições jurídicas, mas que também se veem obrigadas a vender livremente sua força de trabalho no mercado);
6. Comercialização da economia;
7. Especulação;

¹⁵⁶ Ibidem, p.37.

¹⁵⁷ WEBER, Max. **A gênese do capitalismo moderno**. São Paulo: Ática, 2006, p.110.

Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber mostra como a religião foi fundamental no processo de construção e legitimação do modo de ser industrial.

O que a grande época religiosa do século XVII legou a seus sucessores utilitaristas foi, acima de tudo, uma consciência surpreendentemente boa, e poderíamos até dizer, farisaicamente boa, do enriquecimento monetário, desde que por meios lícitos. (...) Surgiu uma ética econômica especificamente burguesa. Com a consciência de estar na plenitude da graça de Deus e visivelmente por Ele abençoado, o empreendedor burguês, desde que permanecesse dentro dos limites da correção formal, que sua conduta moral estivesse intacta e que não fosse questionável o uso que fazia da riqueza, poderia perseguir seus interesses pecuniários o quanto quisesse, e com isso sentir que estava cumprindo um dever. Ademais, o poder do ascetismo religioso punha-lhe à disposição trabalhadores sóbrios, conscienciosos e extraordinariamente ativos, que se agarravam a seu trabalho como a um propósito de vida desejado por Deus¹⁵⁸.

E não só a religião: o estado também exerceu um papel fundamental, ao administrar interesses, legislar, coagir e punir. Se na Idade Média a luta do trabalhador era pelo direito de poder vender o produto do seu trabalho nos mercados, com a revolução industrial, ela passa a ser por não mais ser pago por produtos alheios e sim receber em dinheiro. O Estado exerce atividade fundamental ao criar uma legislação que desse algumas garantias ao trabalhador e que, principalmente, protegesse os interesses dos empresários, garantindo a mão-de-obra necessária.

O recrutamento de mão-de-obra para a nova forma de produção, assim como esta se desenvolve desde o século XVIII na Inglaterra, baseada na concentração de todos os meios de produção na mão do empresário, efetuava-se, por um lado, mediante meios coercivos muito rigorosos, e mais precisamente os de caráter indireto. A esse contexto pertencer, sobretudo, a Lei dos Pobres e a Lei da Aprendizagem da rainha Elizabeth. A necessidade dessas leis originou-se do grande número de pessoas que vagavam pelo país, despossuídos pela revolução da constituição agrária. Os processos de expulsão dos pequenos lavradores em regime de servidão por arrendatários maiores e de transformação de terras de cultivo em pastagens para ovelhas (embora este último aspecto tenha sido sobreestimado ocasionalmente) contribuíram para reduzir cada vez mais o número de trabalhadores necessários no campo e para produzir uma população excedente, sujeita ao trabalho coercitivo. Quem não se apresentasse voluntariamente era metido nas casas de correção e

¹⁵⁸ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009, p.136-137.

trabalho com sua disciplina severa; quem abandonasse o posto de trabalho sem documento de licenciamento pelo mestre-artesão ou pelo empresário era tratado como vagabundo; nenhum desempregado recebia apoio senão em forma da coerção de se dirigir à casa de correção e trabalho. Desse modo recrutaram-se os primeiros trabalhadores para as fábricas. E foi difícil para eles acomodar-se à disciplina do trabalho¹⁵⁹.

Como é possível perceber ao longo da história, a formação de uma cultura que legitime, que justifique uma conduta em relação ao trabalho de maneira a reforçar suas estruturas, sempre se fez necessária. Quando estado e religião não mais conseguem atender os anseios da indústria, quando estes passam a contrariar os interesses do mercado, é possível observar a formação de uma nova cultura e de uma nova comunicação que propagam e legitimam o modelo produtivo e a organização social do trabalho. A indústria cultural e a comunicação de massas possuem esses pressupostos, substituem aos poucos estado e religião nessa tarefa árdua de Atlas. É a esses novos atores que devemos nos debruçar a partir da segunda revolução industrial para entendermos os discursos direcionados ao trabalho e, claro, ao sexo.

3.1 O PONTO DE PARTIDA PARA UM NOVO MODELO ECONÔMICO

A partir de 1880, a economia da Inglaterra sofre uma estagnação. O modelo de capitalismo da maior potência do século XIX declina por conta de sua política de comércio livre, que fez o investimento no exterior ser mais vantajoso, diminuindo consideravelmente o emprego dentro da ilha. Soma-se a isso a precocidade da revolução industrial britânica; o protecionismo tarifário das outras nações, que dificultava as exportações e reforçava as rivalidades entre elas; e as greves e revoltas da classe operária, que exigia melhores condições de trabalho e de renda. Tem-se aí a crise.

Já as outras nações europeias industrializadas e os Estados Unidos apresentavam índices de crescimento econômico superiores aos do Reino Unido e ganhavam cada vez mais espaço no mercado mundial. Em 1900, os EUA já detinham 30,1% da produção industrial do mundo, enquanto o Reino Unido era responsável por 19,5% e a Alemanha por 16,6%. Treze anos depois,

¹⁵⁹ WEBER, Max. **A gênese do capitalismo moderno**. São Paulo: Ática, 2006, p.51.

a Alemanha ultrapassa a Grã-Bretanha e se torna a segunda maior potência industrial, com 15,7% da produção, enquanto os Estados Unidos continuavam em primeiro com 35,8%.

Essas novas potências industriais que emergem a partir de 1880 começam a buscar novos territórios, fora da Europa, para expandir sua produção e aumentar a riqueza. Instala-se uma disputa econômica e política entre essas nações, que tem seu ápice na 1ª Guerra Mundial. Em 1898, ocorre uma grave tensão entre França e Inglaterra por conta de uma região disputada por ambos no Nilo. Mais tarde, a Alemanha rivaliza com a França duas vezes por conta de Marrocos. As crises e conflitos regionais se tornam mais graves com o passar do tempo, e o imperialismo vigente à época – que além da disputa colonial desperta um nacionalismo exacerbado – acentuava as rivalidades.

O motivo era que essa guerra, ao contrário das anteriores, tipicamente travadas em torno de objetivos específicos e limitados, travava-se por metas ilimitadas. Na Era dos Impérios a política e a economia se haviam fundido. A rivalidade política internacional se modelava no crescimento e competição econômicos, mas o traço característico disso era precisamente não ter limites. (...) Mais precisamente, para os dois principais oponentes, Alemanha e Grã-Bretanha, o céu tinha de ser o limite, pois a Alemanha queria uma política e posição marítima globais como as que então ocupava a Grã-Bretanha, com o conseqüente relegamento de uma já declinante Grã-Bretanha a um status inferior. Era uma questão de uma ou outra. Para a França, então e depois, os objetivos do jogo eram menos globais, mas igualmente urgentes: compensar sua crescente e aparente inevitável inferioridade demográfica e econômica frente à Alemanha¹⁶⁰.

O crescimento vertiginoso, porém tardio da Alemanha implica em uma nova divisão das colônias, que já estavam partilhadas. A nação germânica era detentora de um enorme poder econômico, mas possuía pouca força externa. A crise diplomática começa com a desconfiança da Inglaterra e da França, que viam na Alemanha um fator de desordem. O fator derradeiro para a crise e a conseqüente guerra é o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, em junho de 1914. Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia. A Alemanha apóia a declaração e a os russos apóiam os servos. A partir daí, surge um jogo automático de alianças que culmina na 1ª Grande Guerra. Esta disputa – que parecia ser a solução para todas as dificuldades econômicas e políticas

¹⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.37

externas e internas, mas que acaba por ser tornar um problema tão grande a ponto de criar uma nova hierarquia na Europa e no mundo – marca o fim do século XIX.

Nas suas origens, a Grande Guerra é a última conflagração do século XIX, uma vez que exprime os contenciosos acumulados ao longo das décadas passadas. A fatalidade do conflito sai da cronologia, espécie de máquina infernal; o seu absurdo transparece no balanço demográfico e no apagamento definitivo da Europa; mas, pelas suas consequências a médio e a longo prazo, a Primeira Guerra mundial é o berço do século XX. Pois não é ela que dá à luz o comunismo e o fascismo, a inflação e as desvalorizações, a instabilidade e a procura desesperada de uma ordem mais ou menos mitificada?¹⁶¹

O declínio da Inglaterra e a ascensão dos Estados Unidos ao posto de maior potência industrial evidenciam a falência do modelo britânico de exploração capitalista. A segunda revolução industrial surge da adaptação desse modelo às necessidades emergentes. Se na Inglaterra havia mais mão-de-obra que recursos, na América, a falta de trabalhadores força os empresários a utilizar cada vez mais máquinas e a exigir mais produtividade de seus empregados. A nova revolução surge com o nascimento da economia-mundo americana, que, por meio de *pools* e *trusts*, mobiliza capital para investir em conhecimento científico.

O século XX leva ao extremo a dinâmica de acumulação própria do capitalismo: a acumulação de bens imateriais acelera-se, uma vez que de 1890 a 1910 são inventariadas 19 descobertas fundamentais, de 1910 a 1930 umas trinta e outras tantas desde essa altura. A dinâmica das invenções condiciona a inovação, fator de crescimento aparentemente sem limites dos bens de produção e de consumo. Uma vez satisfeitas as suas necessidade primordiais, o homem, dispondo de um instrumento produtivo cada vez mais aperfeiçoado, pode “possuir”. (...) Tudo contribui para a civilização material da abundância, do crédito ao consumo, da publicidade, da instauração dos lucros de transferência que desligam o salário do trabalho e do capital¹⁶².

Entre as invenções mais importantes no período anterior à Primeira Guerra estão a luz incandescente, o cinema, a aviação, os raios-X, a psicanálise, a física quântica. Esses inventos proporcionaram um admirável mundo novo. O homem realiza o sonho de Ícaro, se comunica a distância, guarda o som em uma caixa de cera, vê a fotografia em movimento. Nasce a Era da Eletricidade e com ela todos os sonhos são possíveis para quem tem uma ideia na cabeça e um grupo de investidores no bolso.

¹⁶¹ NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p.49 e seq.

¹⁶² Ibidem, p. 10.

Mas talvez a mais revolucionária e impactante invenção tenha sido o automóvel. Ele é mais que um meio de transporte: origina um novo mercado e reestrutura a organização do trabalho, modifica as bases econômicas e sociais e dá origem a novos comportamentos e costumes. No início, sua produção era artesanal e escassa, até o desenvolvimento do modelo T da Ford, em 1908, marco da história automobilística. É um veículo barato, seguro, simples de dirigir e que funcionava a base de qualquer produto que produzisse combustão. É a partir desse modelo que, em 1913, Henry Ford desenvolve um sistema de produção que revoluciona a economia e a sociedade: o fordismo.

O novo processo de produção consiste no trabalho em cadeia. O produto percorre a linha de montagem enquanto cada operário fica parado em sua estação cuidando de uma parte específica. Isso estandarizou a produção, reduziu a necessidade de qualificação de mão-de-obra e diminuiu consideravelmente os custos. O tempo de circulação da esteira era o tempo para se produzir cada automóvel. A ideia veio do abatedouro de porcos: Ford queria adaptar a organização do trabalho ao processo reverso de se abater e desmantelar o animal. No matadouro se desmontava um organismo completo por setores enquanto o animal abatido desfilava em uma esteira. Na fábrica se montaria um organismo completo da mesma forma.

Além desse novo modelo de trabalho, que se manteve vigente até 1980, com o toyotismo, Ford reduziu o preço de venda dos seus automóveis e aumentou o salário dos funcionários de três para cinco dólares. Não era altruísmo: o dono da Ford Motors queria evitar uma crise provocada pela alta produção e baixo consumo. Aumentar a remuneração dos operários era garantir o consumo de mais carros. E foi exatamente isso que aconteceu. Em 1909, antes desse novo modelo, o preço do automóvel era 900 dólares. Sete anos mais tarde, custava 345 dólares.

Esses resultados fizeram que outras grandes empresas adotassem o mesmo modelo de produção. Com isso, surgiram as primeiras linhas de crédito e de financiamento, proporcionando maior poder de compra para a população. A sociedade americana passa a se basear no consumo. É o começo de uma nova era.

O novo meio de transporte transforma, pois, uma das características essenciais das sociedades industriais: à poupança exaltada no passado, garantia de uma moral do esforço, sucede o consumo-fruição sustentado pelo crédito. Assim, por uma completa inversão, já que não é a oferta que se torna o fator essencial do crescimento, mas a procura que dinamiza o rendimento global e permite a elevação do nível de vida¹⁶³.

Esse novo modelo econômico garantiu aos Estados Unidos o posto de grande potência econômica. Já a Europa estava devastada com a guerra, que destruiu 10 milhões de vidas, acabou com indústrias e arruinou a economia. Os americanos estavam no poder agora. E do novo modelo econômica nasceria um novo modelo cultural.

3.2 O NASCEDOURO DE UMA NOVA ERA

Com o fim da primeira guerra, uma nova ordem política se estabeleceu no mundo. As mulheres, que entraram no mercado de trabalho com a primeira guerra, já ganhavam poder para tornar possível uma reivindicação antiga: o direito ao voto. Reay Tannahill narra que em 1866 George H. Williams, um senador americano do estado de Oregon, havia afirmado que só depois que as mulheres

Começarem a navegar pelo oceano e empurrar o arado; quando elas gostarem de ser acoçadas e cercadas por todos os tipos de homem nas vias públicas do comércio e do mundo dos negócios; quando elas amarem a traição e o torvelinho da política; quando elas amarem a devassidão do campo de luta, o fumo dos ribombos e o sangue da batalha, mais do que amam os afetos e as alegrias do lar e da família, então será tempo de falarmos sobre as tornarmos eleitoras¹⁶⁴.

A guerra exigia um aumento na produção de armamentos, comidas, vestimentas etc. A indústria precisava contratar mais – só que grande parte dos homens que detinham a força de trabalho estava nos campos de batalha. As mulheres foram chamadas para ocupar esses postos de trabalho, o que deu a elas um limitado poder econômico, mas que possibilitaria a sua busca por direitos.

As mulheres foram as grandes vencedoras da primeira guerra – se é que se pode dizer que houve vencedores, tamanha atrocidade da batalha. Com seu fim, elas adquiriram importantes direitos políticos e seu acesso à educação e sua entrada no mercado de trabalho progrediram. Entre 1918 e 1920, Alemanha,

¹⁶³ Ibidem, p.469.

¹⁶⁴ TANNAHILL, Reay, **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 422.

Estados Unidos, Canadá, Áustria, Irlanda, Holanda dão às mulheres plena capacidade política. Pouco tempo depois, outros países acompanham o processo. O Brasil, por exemplo, teve sua primeira eleitora em 1927 e sua primeira prefeita em 1928, na cidade de Lajes, Rio Grande do Norte. É o resultado de uma caminhada política que data da revolução francesa e que foi constantemente freada.

O fim da guerra é também um período para reconstrução das nações. A queda brusca na taxa de natalidade e na população economicamente ativa, a volta dos homens da guerra para as fábricas e o aumento do salário feminino acabam por desencadear um novo ataque ideológico para forçar o retorno ao lar.

Fortalecida com o apoio da igreja, uma política familiarista toma como alvo privilegiado o trabalho das mulheres, e especialmente o das mulheres casadas. Desse trabalho nasce todo o mal, a ele é imputada a queda da natalidade, a mortalidade infantil, a desagregação do lar, a degenerescência dos costumes e a abdicação dos pais face à educação dos filhos. Trata-se de uma luta cerrada e em dois registros simultâneos. Um radical e repressivo: a proibição pura e simples; o outro educativo e positivo: a revalorização do trabalho doméstico¹⁶⁵.

Apesar da capacidade política adquirida, as mulheres continuavam majoritariamente donas de casa. Às esposas que retornam ao lar – e às que sequer saíram dele – o novo modelo econômico impôs diversas mudanças em sua vida. É o taylorismo que invade a vida doméstica. A nova esposa tem de adotar em sua casa os mesmos princípios da produtividade e da eficácia que já são comuns nas fábricas. Ela é a administradora do lar, que tem à sua mão uma série de utensílios domésticos recém-criados para que economize tempo a ser utilizado em outras atividades. Surgem cursos e escolas para a produtividade doméstica. Os conceitos da indústria são ingressados no lar e a mulher se torna uma operária doméstica.

Mas a principal arma ideológica para colocar as mulheres, principalmente as americanas, de volta ao universo doméstico é Hollywood. À nova mulher, passa a ser exigido, além de destreza e economia no lar, um cuidado com a

¹⁶⁵ LAGRAVE, Rose-Marie. **Uma Emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX.** In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX.** Porto: Afrontamento, 1991, p. 508.

aparência. Nota-se uma tendência à uniformização da aparência feminina e do próprio ideal de feminino.

Foi Hollywood, desde os dias em que sua popularidade se disseminou – nos anos 20 – até a televisão solapar sua influência nos anos 50, que da maneira mais consistente, conscienciosa e na moda, sustentou a imagem do casamento como o objetivo natural da mulher, a culminação romântica de sua vida. Muitas mensagens foram vendidas ao público, antes e desde então, mas nunca nenhuma o foi tão efetivamente como a mensagem hollywoodiana do glamour, romance e casamento. Muito depois que a “mulher moderna” se libertou das ideias e hábitos de sua avó vitoriana, Hollywood continua a condicioná-la à crença de que o lugar e o destino da mulher estavam no lar. Não porque, como no passado, inexistissem opções para ela, mas porque essa mulher estava atada lá, pelo mágico poder do amor¹⁶⁶.

É do século XIX o nascimento da publicidade, fruto da concorrência e do livre mercado que surgiram com a revolução industrial. Além disso, a criação de uma economia de mercado e de um público consumidor acabaram por gerar uma demanda cultural, logo incorporada à indústria.

3.3 INDÚSTRIA CULTURAL

3.3.1 Os novos tempos

É a partir da segunda metade do século XIX, com o capitalismo liberal, com uma economia de mercado e uma sociedade de consumo que surgem os meios de comunicação em massa. O jornal, o rádio e o cinema nascem com o intuito de informar, mas acabam se tornando também acessórios da indústria.

Assim, a indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho¹⁶⁷.

Marx disse que a produção cria o consumidor. Ela produz tanto um objeto para um sujeito quanto um sujeito para o objeto. A indústria cultural reforça essa ideia. Ela surge com as transformações econômicas advindas do taylorismo e do fordismo. O trabalhador deixa de receber apenas o equivalente a sua subsistência para se tornar também um consumidor, tanto de produtos quanto de ideias. Com isso, o operário não é somente alienado do produto de

¹⁶⁶ TANNAHILL, Reay, *O Sexo na História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 438

¹⁶⁷ COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 10.

seu trabalho, por receber uma quantia insuficiente para comprar aquilo que produz, ele é alienado da própria vida, por não dispor de instrumentos sociais que possibilitem sua inserção na sociedade e por não ter sequer tempo livre para tanto.

Ele passa a receber o suficiente apenas para comprar bens inferiores ao das classes mais abastadas. Acabam sendo oferecidos simulacros de produtos, especialmente na cultura. O folhetim no lugar do romance, o teatro de revista no lugar do teatro, e assim por diante.

Surge entre os veículos de comunicação, por exemplo, o *penny press*, jornal de custo irrisório, que contém notícias sobre celebridades, escândalos com homens públicos, tragédias, folhetins e *faits divers*. Ele não tem por objetivo informar a população acerca dos temas mais relevantes, e sim de divertir, entreter. No entanto, uma grande parcela da população era analfabeta. O alcance dos meios de comunicação só se torna irrefreável na Era da Eletrônica, com o cinema e o rádio.

A primeira exibição feita pelos irmãos Lumière em dezembro de 1895 choca os presentes, que veem não só a descoberta científica, mas a capacidade que ela tem para espantar e surpreender. Mais tarde, o invento se tornaria uma indústria de construção de sonhos – e de valores e ideais.

Louis e Auguste inovam menos pela sua contribuição técnica – um processo de arrastamento periódico da película tirado do funcionamento da máquina de costura – do que pela sua vontade de seduzir um público que paga o direito de entrada. Com eles, as imagens animadas saem do campo reservado dos cientistas para conquistarem as massas, fazê-las sonhar, mostrar as coisas furtivas... Não é um acaso se o cinema, contemporâneo da aviação, do automóvel e da eletricidade é também contemporâneo dos primeiros trabalhos de Freud sobre a psicanálise e da reflexão do filósofo Bergson sobre o movimento e a imobilidade¹⁶⁸.

O cinema diverte multidões a preços baixíssimos (no século XX, ao menos) e proporciona um distanciamento da realidade. Esse distanciamento é fundamental característica de um produto da indústria cultural. O produto de massa reforça o prazer, o que é importante para a indústria, na medida em que o bem estar do trabalhador acarreta ganho em produtividade. Bem disposto, ele pode render mais. Cria-se um produto que distraia, que divirta suas

¹⁶⁸ NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p.39.

atenções dos problemas reais que o afligem. Ele se projeta no outro para que não lembre de si, e no dia seguinte retorne ao trabalho – seja uma fábrica ou uma repartição pública – bem disposto.

Além disso, Theodore Adorno diz que o prazer é uma incorporação tácita dos valores que são passados. Ao adquirir bens de consumo que divirtam, o consumidor incorpora para si a ideologia burguesa. Ele não questiona a ordem vigente, tampouco a exploração em que é submetido.

Divertir-se significa concordar; (...) significa sempre: não ter de pensar, esquecer a dor, inclusive quando ela é mostrada. Em sua base está a impotência. Com efeito, é um fuga: não, como pretende, fuga da terrível realidade, mas do último pensamento de resistência que a realidade ainda pode ter deixado. A liberação prometida pelo amusement é a do pensamento como negação¹⁶⁹.

O homem massificado está condenado a um círculo vicioso. Ele aceita aquilo que lhe é imposto – e que não vê como imposto – por não dispor de instrumentos que possibilitem sua compreensão e não possui tais instrumentos por não ter nem renda nem tempo livre para tanto. Mauro Wolf diz que “o espectador, mediante o material que observa, é continuamente colocado na condição de assimilar ordens, prescrições e proscricções sem saber¹⁷⁰”.

É importante ressaltar que cultura é também uma indústria, e por conta disso adota os mesmos sistemas de produção. Os motivos são econômicos. A padronização e fabricação em série diminuem custos. E quanto maior o público potencial, maior a renda potencial. A justificativa para a própria ideologia propagada é também econômica, com a manutenção da ordem. A indústria cultural age dessa forma porque ela responde ao lucro. Suas perversidades derivam desse fato.

No entanto, aliada a essa necessidade, tem-se a exigência por parte do público – especialmente ao se tratar de produto cultural – de algo novo, diferente. A cultura de massa trabalha então com arquétipos, com uma fórmula que pareça ser diferente, mas que é igual em princípio. “Quanto mais a

¹⁶⁹ WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 77.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 82.

indústria cultural se desenvolve, mais ela apela para a individualização, mas tende a padronizar essa individualização¹⁷¹”.

A concentração técnico-burocrática pesa universalmente sobre a produção cultura de massa. Donde a tendência à despersonalização da criação, à predominância da organização racional de produção (técnica, comercial, política) sobre a invenção, à desintegração do poder cultural. No entanto, essa tendência exigida pelo sistema industrial se choca com uma exigência radicalmente contrária, nascida da natureza própria do consumo individual, que sempre reclama um produto individualizado, e sempre novo¹⁷².

3.3.2 A nova *práxis*

O entretenimento contamina a informação. Os veículos midiáticos acabam por se nivelar por baixo por conta disso, já que também dependem de renda para sobreviverem. Os efeitos da cultura de massa são visíveis também em outras formas de cultura. Isso porque a incitação ao prazer que ela traz a quem consome é tão poderosa a ponto de se tornar fundamental. Como uma droga, o prazer que advém da fuga, da diversão, vicia. Em uma estrutura social em que o tempo livre se torna cada vez mais escasso, o divertimento acaba por se tornar uma necessidade fisiológica.

Simplificação, maniquização, atualização, modernização concorrem para aclimatar as obras de “alta cultura” na cultura de massa. Essa aclimação por retiradas e acréscimos visa a torná-las facilmente consumíveis, deixa mesmo que se introduzam nelas temas específicos da cultura de massa, ausentes da obra original como, por exemplo, o happy end¹⁷³.

A cultura de massa reforça tanto o prazer quanto o consumo. Sua produção é despersonalizada, mas cria-se a ideia de que determinado produto é genuíno ou individualizado. A indústria cultural visa sempre a manutenção da ordem, em que ela é dominante. Para isso, se apropria do mundo, destituindo ideologia, individualidade e aplicando um denominador comum, aprazível a todos.

A cultura de massa é imposta do exterior ao público (e lhe fabrica pseudonecessidades, pseudo-interesses) ou reflete as necessidades do público?

¹⁷¹ MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX, Vol. 1: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 31.

¹⁷² Ibidem, p. 25.

¹⁷³ Ibidem, p. 55.

É evidente que o verdadeiro problema é o da dialética entre o sistema de produção cultural e as necessidades culturais dos consumidores¹⁷⁴.

Edgar Morin insere a cultura de massa como produto da dialética produção-consumo, estabelecida no centro de outra dialética, a global, que é a da sociedade como um todo.

3.3.3 O novo corpo

Para estimular o consumo, a indústria cultural associou o erotismo feminino com o próprio movimento do capitalismo moderno. Para Morin, o dinheiro, sempre insaciável, se dirige ao Eros, sempre subnutrido, para estimular o desejo, o prazer e o gozo, chamados e entregues pelos produtos lançados no mercado.

Tem-se início à expansão vertical do capitalismo, que invade o reino dos sonhos, acorrenta a libido e domestica o Eros. A cultura de massas mergulha nas profundezas do mundo onírico da libido, o que faz com que o Eros entre no circuito econômico. Dotado de poder industrial, o instinto de vida desaba sobre a civilização.

Morin diz que ao utilizar o desejo e o sonho como ingredientes no jogo da oferta e da procura, o capitalismo impregnou a vida humana de um onirismo e de um erotismo difusos mais que a reduziu ao materialismo. Essa técnica de estimular o consumo por meio da libido instalou uma relação dúbia, já que as mulheres e homens se tornam ao mesmo tempo sujeitos e objetos.

Foi dito, e Lo Duca também o disse, por sua vez, que essas técnicas de erotismo transformavam a mulher em objeto. A mulher-objeto, objeto de divertimento, de prazer e de luxo, seria, de algum modo, a vítima do cinismo desfrutador do homem. Mas, de fato, o reino da mulher-objeto é a outra face do reino da mulher-sujeito¹⁷⁵.

Importante ressaltar que tanto na publicidade voltada para o público masculino quanto na direcionada às mulheres, é o corpo feminino que é erotizado. No primeiro caso, numa incitação da libido; no segundo, uma incitação narcisística e identificatória.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 47.

¹⁷⁵ Ibidem, p.122.

Essas imagens que provocam o desejo masculino ditam à mulher suas condutas sedutoras. Constituem os modelos junto aos quais ela irá buscar seus poderes. As imagens mais fortemente erotizadas são da publicidade dos produtos de beleza que se destinam diretamente às mulheres consumidoras, a fim de lhes propor conquistas e vitórias. É para submeter que a mulher se submete ao ideal de sedução e aos figurinos-modelos do erotismo padronizado¹⁷⁶.

O culto ao corpo jovem retirou da velhice a sua autoridade. A experiência dos idosos, frente aos novos ideais, é vista como anacronismo e a sabedoria dos mais velhos é um disparate. O que conta, diz Morin, não é mais a experiência acumulada, mas a adesão ao movimento.

Assim a cultura de massa desagrega os valores gerontocráticos, acentua a devalorização da velhice, dá forma à promoção dos valores juvenis, assimila uma parte das experiências adolescentes. Sua máxima é “sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens”. Historicamente, ela acelera o vir-a-ser, ele mesmo acelerado, de uma civilização. Sociologicamente, ela contribui para o rejuvenescimento da sociedade. Antropologicamente, ela verifica a lei do retardamento contínuo do *bolck*, prolongando a infância e a juventude junto ao adulto. Metafisicamente, ela é um protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice¹⁷⁷.

3.3.4 Os novos deuses

A imprensa de massa reforça a imagem das celebridades do cinema, das novelas e da música a ponto de mitificá-las em deuses. E o faz de um jeito muito peculiar, porque ao mesmo tempo em que eleva esses – *os olímpianos* –,¹⁷⁸ a uma esfera supra-humana, a mídia se apodera de suas vidas particulares para retirar delas o elemento humano que possibilita a identificação.

Morin diz que a cultura de massa, como toda cultura, elabora modelos e normas. A diferença é que essa cultura é estruturada segundo a lei do mercado, sem prescrições impostas, apenas imagens ou palavras que fazem apelo à imitação, com incitações publicitárias. Esses modelos propostos são eficazes porque corresponderem às aspirações e às necessidades que se desenvolvem realmente. Esses novos deuses, criados pela grande imprensa, se originam da fusão do imaginário para o real.

A informação transforma esses Olimpos em vedetes da atualidade. Esse novo Olimpo é, de fato, o produto mais original do novo curso da cultura de massa. As estrelas de cinema já haviam sido anteriormente promovidas a divindades. O novo curso as humanizou. Multiplicou as relações humanas com o público. Elevou ao

¹⁷⁶ Ibidem, p.122..

¹⁷⁷ Ibidem, p.156.

¹⁷⁸ Morin utiliza um termo utilizado inicialmente por Henri Raymond.

estrelato as cortes reais, os playboys e até certos homens políticos. Desde que as estrelas inacessíveis e sublimes do cinema desceram para a Terra, desde que as cortes reais se transformaram em Trianons da cultura de massa, a vida dos olímpianos participa da vida cotidiana dos mortais. Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos nos papéis que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam¹⁷⁹.

Morin diz que ao mesmo tempo em que esse Olimpo de novos deuses domina a cultura de massa, ele se comunica, por meio dela, com a humanidade. Isso porque a identificação é fundamental, já que cria a ideia de que tal status é possível de ser atingido pelas pessoas comuns e o elemento de separa uns dos outros é justamente a aceitação às normas da indústria cultural. Consumida esteticamente, a cultura de massa desenvolve também uma práxis e uma mitologia.

3.3.5 A nova religião

A cultura de massa consegue arrancar para si grande parte do poder que antes era relegado à religião. Isso é possível ao assumir uma postura muito similar à religiosa, mas de caráter antecipatório: promete o prazer e a satisfação eternos na vida mundana para aqueles que cumprirem seus mandamentos. Para Morin, a essência da promessa é a mesma: a salvação.

A cultura de massa é um embrião de religião da salvação terrestre, mas falta-lhe a promessa da imortalidade, o sagrado e o divino, para realizar-se como religião. Os valores individuais por ela exaltados – o amor, felicidade auto-realização – são precários e transitórios; o indivíduo terrestre e mortal, fundamento da cultura de massa, é ele próprio o que há de mais precário e transitório; essa cultura está comprometida com a história em movimento, seu ritmo é o da atualidade, seu modo de participação é lúdico-estético, seu modo de consumo é profano, sua relação com o mundo é realista. A contradição – a vitalidade e a fraqueza – da cultura de massa é a de desenvolver processos religiosos sobre o que há de mais profano, processos mitológicos sobre o que há de mais empírico. E inversamente: processos empíricos e profanos sobre a ideia-mãe das religiões modernas: a salvação individual¹⁸⁰.

Com isso, Morin explica que o imaginário não mais se projeta no céu, mas na própria terra. Os deuses são as estrelas, são as celebridades estampadas nas capas de revistas; os demônios são os criminosos nas páginas policiais e

¹⁷⁹ Ibidem, p. 105

¹⁸⁰ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 167.

nos noticiários da TV. Todos eles estão entre nós, tem nossas origens, são mortais. Nesse sentido, ele diz que a cultura de massas é realista. Essa nova dinâmica possui um efeito prático que dá ainda mais força a indústria: não se promete apenas um lugar entre esses deuses – ou olímpianos –, mas a oportunidade de se tornar um deus também.

Os conceitos reforçados pela cultura de massa têm poder de mandamento, e cada vez mais a religião mundana ganha espaço no mundo, oferecendo respostas para nossas angústias e substituindo os sofrimentos de nossas vidas por uma esperança de eterna felicidade. É, portanto, um trabalho com direções inversas. Se por um lado esses sócios vivem em nosso lugar, soberanos, eles nos servem de consolo para a vida que nos falta, de distração para a vida que foge da nossa escolha; de outro, incitam-nos à imitação, dão o exemplo da busca da felicidade. Estrelas criadas da noite para o dia passam a ideia de que é possível para os mortais a ascensão ao reino dos deuses. Por um lado, a cultura de massa alimenta a vida; por outro, atrofia-a.

3.3.6 A revolução feminina

Apesar da conquista do direito ao voto, as mulheres ainda não tinham declarado sua independência. Suas aspirações profissionais foram freadas e relegadas ao período entre a escola e o casamento. Tanto a primeira quanto a segunda guerra mundial possibilitaram o ingresso no mercado de trabalho, mas foram desestimuladas assim que os homens retornavam a seus postos: a hora da mulher voltar para o lar, de ser feliz no matrimônio. É do período pós-guerra o baby-boom, a reafirmação do papel histórico de parideira, só que desta vez com adjetivos como *rainha do lar*, *dona de casa*. Foi só na década de 60 que as mulheres começaram a perceber que a conquista do voto foi apenas simbólica. A revolução ainda estava por vir, tão certa como as iniciativas para impedi-la ou minimizá-la.

Ninguém, contudo, as encorajou a querê-la. Então, choviam sobre elas todos os novos brinquedos e diversões da era pós-guerra. Cosméticos, roupas leves, jóias baratas, discos de vitrolas, férias à beira-mar, salões de dança, restaurantes, cafés, salas de chá e, acima de tudo, o cinema, conspirando para absorver o breve poder de gastar daquelas cujas vidas profissionais, segundo se esperava, durariam apenas os poucos anos entre o colégio e o casamento. Durante mais de 5000 anos, os homens tinham possuído as mulheres e as mulheres haviam sido

possuídas pelos homens, de maneira que seria preciso mais que do que um voto e um salário, para que fosse quebrado o hábito do casamento¹⁸¹.

Primeiro porque a ideia vendida pela igreja e por uma Hollywood com resquícios de vitorianismo não condizia com a realidade do matrimônio. Os casais – principalmente os mais novos, que acreditavam na promessa do amor eterno vendida pelo cinema, pelas revistas, pela religião – se depararam perdidos e isolados ao lidar com um período que marcava a falência das velhas tradições. No lugar da eterna alegria, havia tédio, tédio infundável. Os filhos eram um problema que causava tensões financeiras e brigas, muitas brigas.

Mesmo assim, o medo do divórcio, que era visto como um fracasso da mulher, era maior que o medo de uma vida infeliz. O baby-boom definitivamente não significava a felicidade do lar. Os relatórios de Alfred Kinsey mostravam que 40% dos homens eram infiéis e que 70% tinham visitado prostitutas. Além disso, um sexto dos homens do campo já havia tido relações zoofílicas.

Só em meados dos anos 60 que a situação começou a mudar. Os responsáveis por ela foram justamente os filhos do baby-boom, que negaram os costumes e os modos de vida dos seus pais, predominantemente infelizes. É a geração Hippie, é a geração de maio de 68, são os beatniks, que se rebelaram contra a ortodoxia política, social e sexual dos seus pais. Nos Estados Unidos de 65, havia um divórcio para cada quatro casamentos. Em 77, um divórcio para cada dois casamentos¹⁸². Por conta da nova revolução social, nasce um culto à juventude (em 65, um quarto da população americana tinha menos de 20 anos), embasada pelos pais que sentiam que desperdiçaram sua vida na guerra, e pelos filhos, que não queriam cometer os erros dos pais.

No passado, muitos casamentos insatisfatórios haviam sobrevivido porque as mulheres se apegavam a eles, mas em meados dos anos 70, isto deixou de ser verdadeiro. O movimento feminista, que começou efetivamente com a fundação da Organização Nacional em prol das Mulheres, em 1966, com direção e estilo especiais, pela necessidade de competir por atenção política, juntamente com os direitos civis e campanhas contra a guerra do Vietnã, foi uma proposta muito diferente do anterior movimento sufragista. E uma razão de peso foi que, onde a permissão de votar e ganhar a vida falham em modificar o conceito das mulheres

¹⁸¹ TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 438

¹⁸² Ibidem, p. 441.

sobre si mesmas, aconteceu espetacularmente um único desenvolvimento médico dos anos 60¹⁸³.

A pílula anticoncepcional foi determinante no processo da revolução feminina. Ela finalmente libertou as mulheres – depois de milênios se arriscando em técnicas anticoncepcionais perigosas e falhas – do estigma de ser mãe. A maternidade seria uma escolha, não uma conseqüência. A pílula abre caminho para a independência sexual, para a afirmação do corpo, da sexualidade. O sexo é retirado do domínio público e devolvido ao domínio privado, depois de um controle cristão que começou com Santo Agostinho, no século IV d.C.

Desse processo, multiplica-se a literatura sobre o assunto. Antes restrito a alguns círculos sociais, o sexo vira assunto indispensável, discutido à demasia. Proibido, agora, é não falar de sexo. As revistas femininas são determinantes, tanto para abrir a discussão quanto para desviá-la para o outro caminho.

Se todas as tentativas de reestrutura da ordem econômica e da ordem social foram combatidas e minimizadas, com a revolução feminista não seria diferente. A indústria cultural se apoderou da revolução, abriu caminho para que se discutissem determinados assuntos e não se discutissem outros.

O processo de massificação, que a indústria exerce sobre a cultura, retira o caráter ideológico, porque ser este de ruptura, e incorpora somente elementos que sejam comuns a todos. Ética vira etiqueta. As exigências da revolução feminista foram eliminadas da discussão nos veículos de massa. Reduziu-se a revolução feminista a uma revolução sexual. O direito da mulher à emancipação à liberdade do usufruto do corpo. As revistas femininas, produtos da indústria cultural, ajudaram no processo de subjugação das conquistas da década de 60. Parecia que a luta era apenas pelo direito de fazer sexo livremente, quando era muito mais que isso.

¹⁸³ Ibidem, p.441.

3.4 A SOCIEDADE DE CONSUMO

Com as mudanças que ocorreram na sociedade após a segunda revolução industrial, o princípio ético da vida produtiva, pautado pelo atraso da satisfação, se torna obsoleto. As aplicações da racionalidade referida a valores no modelo weberiano não mais traduzem o espírito do tipo de razão instrumental daquilo que Bauman chama de modernidade líquida. A partir da necessidade de um novo espírito de um novo capitalismo, a indústria cultural suplanta a ética protestante, agora mais um fator de entrave que de suporte. É ela quem cria os modelos de conduta, os objetivos a perseguir, os ídolos a adorar.

A grande mudança nessa transição do capitalismo pesado para o leve, explica Bauman, “foi o desbaratamento dos invisíveis “politburos” capazes de “absolutizar” os valores, das cortes supremas destinadas a pronunciar veredictos sem apelação sobre os objetivos dignos de perseguição”¹⁸⁴. Tanto ele como Foucault usam o exemplo do Panóptico de Bentham¹⁸⁵ como metáfora do poder moderno. Nele, os internos estavam presos ao lugar e impedidos de qualquer movimento, confinados entre muros bem protegidos. Ao contrário dos internos, os vigias podiam se mover livremente, e sem o conhecimento daqueles. As instalações e a facilidade de movimento dos vigias era a garantia de sua dominação e dos múltiplos laços de subordinação. O domínio do tempo e do espaço, imobilizando os subordinados, era a principal estratégia no domínio do poder. A segunda modernidade, ou a modernidade líquida, transforma essa relação de domínio. A velocidade no trânsito de informações atinge o seu limite natural, reestrutura a relação de poder, que ultrapassa a diferença entre espaços. Se no Panóptico, os encarregados precisavam estar próximos ao controle, nas relações de poder pós-Panópticas, os operadores do poder podem fugir ao alcance dos subordinados a qualquer momento.

Tudo isso fazia sentido na sociedade sólido-moderna de produtores – uma sociedade, permitam-me repetir, que apostava na prudência e na circunspeção a longo prazo, na durabilidade e na segurança, e sobretudo na segurança durável de longo prazo. Mas o desejo humano de

¹⁸⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p. 72

¹⁸⁵ Ibidem, p.17.

segurança e os sonhos de um “Estado estável” definitivo não se ajustam a uma sociedade de consumidores. No caminho que conduz a esta, o desejo humano de estabilidade deve se transformar, e de fato se transforma, de principal ativo do sistema em seu maior risco, quem sabe até potencialmente fatal, uma causa de disrupção ou mau funcionamento¹⁸⁶.

A coerção foi substituída pela estimulação, a regulação normativa pela incitação de novos desejos e necessidades. O capitalismo leve, de aparência amigável para com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Permitiu apenas a coexistência de autoridades em números tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade¹⁸⁷. Uma das maiores transformações, portanto, foi o que Bauman chamou de “derretimento dos sólidos”, que elevou o mercado à categoria de verdade.

O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais “sólida” que as ordens que substituíra, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica¹⁸⁸.

Bauman conceitua o consumismo como um arranjo social que resulta da permanente reciclagem de vontades e desejos rotineiros “neutros quanto ao regime”. Ele nasce quando o consumo assume o papel estrutural que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. Tal arranjo transforma esses anseios na principal força propulsora da sociedade, coordenando a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além de formar indivíduos, desempenhando papel de identificação consigo e com o grupo. A insaciabilidade dos desejos com a urgência e o imperativo de sempre procurar mercadorias para se satisfazer é imperativa para um tipo de sociedade que tem no consumidor satisfeito a ameaça mais apavorante. Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e

¹⁸⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008, p.44

¹⁸⁷ Idem. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p.76.

¹⁸⁸ Ibidem, p.10.

desejos. A vida é organizada em torno do consumo. Orientada por desejos sempre crescentes e voláteis e não mais por regulação normativa.

A forma mercadoria penetra e transforma dimensões da vida social até então isentas de sua lógica, até o ponto em que a própria subjetividade se torna uma mercadoria a ser comprada e vendida no mercado, como a beleza, a limpeza, a autonomia. Ele argumenta que se na sociedade de produtores o *fetichismo da mercadoria* oculta o elemento humano da relação de trocas, é papel do *fetichismo da subjetividade* ocultar a realidade demasiado comodificada da sociedade de consumidores¹⁸⁹.

Primeira: o destino final de toda mercadoria colocada à venda é ser consumida por compradores. Segunda: os compradores desejam obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos. Terceira: o preço que o potencial consumidor em busca de satisfação está preparado para pagar pelas mercadorias em oferta dependerá da credibilidade dessa promessa e da intensidade desses objetos. Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecida, de maneira abreviada, como “sociedade de consumidores”¹⁹⁰.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; (...) A tarefa dos consumidores, e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis que

¹⁸⁹ Ibidem, p.23.

¹⁹⁰ Ibidem, p.18.

“flutuam com igual gravidade específica” e assim captar o olhar dos consumidores¹⁹¹.

Se nas sociedades de produtores o trabalho era o grande motor social, a dar visibilidade, respeito e identidade, nas sociedades de consumidores, é o consumo que ocupa esse papel identificatório. O consumo cria a ilusão da escolha, da liberdade, da soberania.

Uma dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas poderem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. O corolário dessa possibilidade é a suposição de que as pessoas podem ser juízes incompetentes de sua própria situação, e devem ser forçadas ou seduzidas, mas em todo caso guiadas, para experimentar a necessidade de ser “objetivamente” livres e para reunir a coragem e a determinação para lutar por isso¹⁹².

A velocidade com que a informação é transmitida é também fator de aprisionamento na modernidade líquida. O cerceamento se dá por meio dos padrões e rotinas impostos, do ritmo veloz com o sistema opera e obriga os participantes a acompanharem, sob o risco iminente e constante de serem ultrapassados. Somado a isso, a ausência explícita de normas é fator incapacitante, e contribui para uma servidão voluntária.

Padrões e rotinas impostos por pressões sociais condensadas poupam essa agonia aos homens; graças à monotonia e à regularidade de modos de conduta recomendados, para os quais foram treinados e a que podem ser obrigados, os homens sabem como proceder na maior parte do tempo e raramente se encontram em situações sem sinalização, aquelas situações em que as decisões devem ser tomadas com a própria responsabilidade sem o conhecimento tranquilizante de suas consequências, fazendo com que cada movimento seja impregnado de riscos difíceis de calcular. A ausência, ou a mera falta de clareza. Das normas – anomia – é o pior que pode acontecer às pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida. As normas capacitam tanto quanto incapacitam; a anomia anuncia a pura e simples incapacitação¹⁹³.

¹⁹¹ Ibidem, p.20.

¹⁹² BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p.25

¹⁹³ Ibidem, p.28.

Em *Modernidade Líquida, Vida para Consumo e Amor Líquido*, Bauman demonstra como as relações pessoais também sofrem forte influência do consumo. As escolhas dos parceiros partem dos mesmos pressupostos, sujeitas aos mesmos mecanismos que influenciam na escolha de uma mercadoria, o que por si só já gera uma contradição e uma empecilho: procurar um *parceiro* obviamente não se enquadra exatamente no esquema comprar-e-pagar – muito menos em se tratando de uma relação duradoura¹⁹⁴.

O impacto da diferença entre o relacionamento parceiro-parceiro e o ato de adquirir bens de consumo comuns, distinção essa muito profunda, originada na reciprocidade do acordo necessário para que a relação se inicie, é minimizado (se não tornado demasiado irrelevante) pela cláusula que torna a decisão de um dos parceiros suficiente para encerrá-la. É essa cláusula que põe a nu a similaridade sobreposta à diferença: no modelo de uma “relação pura”, tal como nos mercados de bens, os parceiros têm o direito de tratar um ao outro como tratam os objetos de consumo. Uma vez que a permissão (e a prescrição) de rejeitar e substituir um objeto de consumo que não traz mais satisfação total seja estendida às relações de parceria, os parceiros são reduzidos ao status de objeto de consumo. De maneira paradoxal, eles são classificados assim por causa de sua luta para obter e monopolizar as prerrogativas do consumidor soberano¹⁹⁵.

3.5 NASCIMENTO DO BIOPODER E O *HOMO OECOMICUS*

Em seu estudo sobre o biopoder, Foucault busca determinar a maneira como se estabeleceu o domínio da prática do governo, seus diferentes objetos e objetivos, a partir da modernidade – ou seja, como se constituiu uma nova arte de governar –; a que se deve a transformação de um estado sólido para um estado líquido de modernidade, usando a terminologia de Bauman, ou, se tratando de Deleuze, quais as transformações sociais que possibilitaram uma transposição de um modelo disciplinar para um modelo de sociedade de controle, fatores que elevaram o mercado à instância suprema de formação da verdade no mundo contemporâneo.

Na Idade Média, o poder real se fazia por meio do exército e das práticas judiciárias, que exerciam coerção direta e física sobre os indivíduos, um sistema de justiça amparado por um sistema armado. A partir do século XVII,

¹⁹⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008, p.29

¹⁹⁵ Ibidem, p.32.

uma nova racionalidade governamental começa a se desenvolver e o direito passa a limitar a ação de um Estado que se constitui como um Estado de polícia. A teoria do direito e as instituições que a legitimam vão subtrair o poder real, vão estabelecer direitos naturais e imprescindíveis que nenhum soberano poderá violar. Tais mudanças são observáveis na revolução inglesa do século XVII, que legitimou a burguesia, no advento do parlamento francês, na legitimação protestante etc.

Isso não significa, no entanto, uma ausência de controle sobre os indivíduos, mas uma nova instrumentalidade no exercício do poder. Foucault detecta uma série de micropoderes disciplinares que passam a legitimar e fortalecer o Estado a partir de uma nova racionalidade. Esses micropoderes visavam principalmente a administração dos corpos, a partir da formação de um conjunto de instituições – o exército, a escola, a fábrica, o hospital etc. – que disciplinavam e normatizavam a vida e o corpo das populações, não mais das individualidades.

Em *a história da sexualidade*, primeira vez em que o pensador francês fala em “biopolítica das populações”, ele observa que o sexo e, em sentido amplo, a vida, se tornam alvos por excelência de um poder que não visa apenas agir disciplinarmente sobre as condutas individuais, mas que objetiva desenvolver uma gestão da vida por meio de uma série de práticas – controle de natalidade, de mortalidade, de sanitarismo – de incentivo, manipulação e controle. Quando Foucault fala em dispositivo da sexualidade, ele se refere justamente à posição privilegiada que o sexo e o corpo passam a ter para o controle disciplinar da população. O exercício desse poder, que não mais afronta a individualidade, pois se refere ao controle geral da população, é fundamental ao se considerar a necessidade de adequação às enormes transformações sociais e materiais da época, que modificam substancialmente o trabalho, a produção, as relações sociais, a percepção de espaço e de tempo etc.

Esta razão governamental moderna consiste na instauração de um princípio limitador da arte de governar, que se sustenta na regulação interna da racionalidade governamental. Isso ocorre por meio de mecanismos internos, numerosos e complexos que têm por função não só assegurar o crescimento

do Estado em força, riqueza e poder, mas limitar do interior o exercício do poder de governar, o que transfere para o mercado esse papel normatizador.

E, em vez de continuar a saturar esse lugar de formação da verdade com uma governamentalidade regulamentar indefinida, vai-se reconhecer – e é aí que as coisas acontecem – que se deve deixá-lo agir com o mínimo possível de intervenções, justamente para que ele possa formular a sua verdade e propô-la como regra e norma à prática governamental. Esse lugar de verdade não é, evidentemente, a cabeça dos economistas, mas o mercado¹⁹⁶.

Não se pode pensar, portanto, em um afrouxamento do Estado, mas em um afrouxamento na arte de governar, o que proporciona, justamente, maior poder e estabilidade. “Governar segundo o princípio da razão de Estado é fazer que o Estado possa se tornar sólido e permanente, que possa se tornar rico, que possa se tornar forte diante de tudo o que pode destruí-lo”¹⁹⁷.

O mercado é que vai dizer a verdade em relação à prática governamental. Com o estabelecimento dessa nova razão, o governo já não precisa mais intervir, já não age diretamente sobre as coisas e sobre as pessoas. “O governo só se interessa pelos interesses”¹⁹⁸, ou seja, só está legitimado a agir quando os interesses de determinados indivíduos confrontam os interesses de todos. Foucault explica que a definição de um bom governo passa a ser dada pelo mercado, não mais funcionando simplesmente com base na justiça. O mercado é que vai fazer com que o governo funcione com base na verdade, verdade esta que é dada pelo mercado¹⁹⁹.

A análise das práticas e dos limites do governo se reconfiguram em relação a esse princípio soberano. A partir dessa nova razão, o questionamento passa a girar em torno daquilo em que seria inútil, contraditório ou absurdo o governo mexer. Tornando o mercado um pressuposto fundamental, intrínseco, inquestionável, a economia política reflete sobre as práticas governamentais sem interrogar sua legitimidade, apenas seus efeitos.

¹⁹⁶ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.32.

¹⁹⁷ Ibidem, p.6.

¹⁹⁸ Ibidem, p.62.

¹⁹⁹ Ibidem, p.45.

A economia política reflete sobre as próprias práticas governamentais, e ela não interroga essas práticas governamentais em termos de direito para saber se são legítimas ou não. Ela não as encara sob o prisma de sua origem, mas sob o dos seus efeitos, não se perguntando por exemplo: o que é que autoriza um soberano a cobrar impostos?, mas simplesmente: quando se cobra um imposto, quando se cobra esse imposto nesse momento dado, de tal categoria de pessoas ou de tal categoria de mercadorias, o que vai acontecer? Pouco importa ser esse direito legítimo ou não, o problema é saber quais efeitos ele tem e se esses efeitos são negativos²⁰⁰.

O liberalismo se constitui, portanto, com estas três características: a verificação do mercado, a limitação pelo cálculo da utilidade governamental e a posição da Europa como região de desenvolvimento econômico ilimitado em relação ao um mercado mundial.

Esta nova razão governamental se constitui num complexo jogo entre os interesses individuais e coletivos, entre a utilidade social e o lucro econômico, entre o equilíbrio do mercado e o regime do poder público, entre os direitos fundamentais e a independência dos governados. Mais que restringir, coagir, negar, o governo se torna um grande manipulador de interesses, age internamente, pelas formas flexíveis e sutis de controle e governo das populações e dos indivíduos, tal como elas se exercem por meio das regras da economia do mercado mundializado, para além dos domínios limitados da soberania política tradicional. Há de se pensar, portanto, no que há de livre e liberal no liberalismo, já que, ao se apresentar como gestora da liberdade, essa razão governamental constitui uma relação problemática e complexa, produzindo, mas também limitando e destruindo essa liberdade.

A nova razão governamental necessita, portanto, de liberdade, a nova arte governamental consome liberdade. Consome liberdade, ou seja, é obrigada a produzi-la. É obrigada a produzi-la, obrigada a organizá-la. A nova arte governamental vai se apresentar portanto como gestora da liberdade, não no sentido do imperativo “seja livre”, com a contradição imediata que esse imperativo pode trazer. Não é o “seja livre” que o liberalismo formula. O liberalismo formula simplesmente o seguinte: vou produzir o necessário para tornar você livre. Vou fazer de tal modo que você tenha a liberdade de ser livre. Com isso, embora esse liberalismo não seja tanto o imperativo da liberdade, mas a gestão e a organização das condições graças às quais podemos ser livres, vocês veem que se instaura, no cerne dessa prática liberal, uma relação problemática, uma

²⁰⁰ Ibidem, p.21.

relação problemática, sempre diferente, sempre móvel, entre a produção da liberdade e aquilo que produzindo-a, pode vir a limitá-la e a destruí-la²⁰¹.

A liberdade, para Foucault, nunca é mais que uma relação entre governantes e governados, uma relação em que a medida do “pouco demais” da liberdade existente é dada pelo “mais ainda” de liberdade que é pedido²⁰². Por liberal, ele compreende uma forma de governamentalidade que deixa mais lacunas à liberdade, mas apenas na medida em que é útil manter esses espaços brancos. A prática liberal é consumidora da liberdade, pois parte (e necessita) de certos pressupostos: liberdade de mercado, de venda e de compra, de direito de propriedade e, em determinados casos, de expressão.

Quando os fisiocratas descobrem que há mecanismos espontâneos da economia que todo governo deve respeitar se não quiser induzir efeitos opostos, inversos mesmos, aos seus objetivos, que consequências tiram? Que se deve dar aos homens a liberdade de agir como quiserem? Que os governos devem reconhecer os direitos naturais, fundamentais, essenciais dos indivíduos? Que o governo deve ser o menos autoritário possível? De modo algum. O que os fisiocratas deduzem disso tudo é que o governo tem de reconhecer esses mecanismos econômicos em sua natureza íntima complexa. Depois de conhecê-los, deve evidentemente comprometer-se a respeitar esses mecanismos. Respeitar esses mecanismos não quer dizer, contudo, que ele vai providenciar uma armadura jurídica que respeite as liberdades individuais e os direitos fundamentais dos indivíduos. Quer dizer simplesmente que ele vai munir sua política de um conhecimento preciso, contínuo, claro e distinto do que acontece na sociedade, do que acontece no mercado, do que acontece nos circuitos econômicos, de modo que a limitação do seu poder não seja dada pelo respeito à liberdade, mas simplesmente pela evidência da análise econômica que ele saberá respeitar. Ele se limita pela evidência, não se limita pela liberdade dos indivíduos²⁰³.

A economia já não é mais, portanto, a análise da lógica histórica de processo, é a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da atividade dos indivíduos. Com as transformações sociais, políticas e econômicas que culminaram no neoliberalismo, é possível perceber como o indivíduo, por decisão espontânea, passa a se submeter e a subjugar a sua

²⁰¹ Ibidem, p.86.

²⁰² Ibidem, p.86.

²⁰³ Ibidem, p.84.

conduta de acordo com os princípios de flexibilidade daquilo que Foucault vem a chamar de *homo oeconomicus*, tornando-se, assim, a presa voluntária de processos de individuação controlada à deriva dos interesses do mercado, ainda mais soberano em sua formulação de verdade.

Eis o que é, portanto, a análise neoliberal: já não se trata mais da análise macroestrutural dos processos econômicos, é a forma como esses indivíduos passam a ser esses mecanismos mesmos. O indivíduo como efeito do poder e seu centro de transmissão.

O *homo oeconomicus* é, do ponto de vista de uma teoria do governo, aquele em que não se deve mexer. Delixa-se o *homo oeconomicus* fazer. É o sujeito ou o objeto do *laissez-faire*. É, em todo caso, o parceiro de um governo cuja regra é o *laissez-faire*. E eis que agora, nessa definição de Becker tal como eu lhe dei, o *homo oeconomicus*, isto é, aquele que aceita a realidade, ou que responde sistematicamente às modificações nas variáveis do meio, esse *homo oeconomicus* aparece justamente como o que é manejável, o que vai responder sistematicamente a modificações sistemáticas que serão introduzidas artificialmente no meio. O *homo oeconomicus* é aquele que é eminentemente governável. De parceiro inatingível do *laissez-faire*, o *homo oeconomicus* aparece agora como correlativo de uma governamentalidade que vai agir sobre o meio e modificar sistematicamente as variáveis do meio²⁰⁴.

O sujeito econômico é um empresário de si mesmo, a empresa o modelo social universalmente generalizado. O sujeito econômico é o homem do consumo, mas, na medida em que consome, é também um produtor, o produtor da sua satisfação. Ideal de satisfação, no entanto, que é definido pelo próprio mercado, o poder agindo interna e obscuramente. A racionalidade econômica é pautada pela incognoscibilidade da totalidade do processo, tal o caráter atomístico deste *homo oeconomicus*. Ele é o elemento de base desta nova razão governamental que começa a se estabelecer no século XVIII e que ganha plenitude na sociedade de consumo.

O sujeito econômico é um parceiro porque *permite* que a arte de governar se regule de acordo com o princípio da economia, tanto se tratando de economia política quanto de economia no sentido de restrição e autolimitação – do governo e de si. Foucault descreve seu papel como um átomo de liberdade diante de todas as condições restritivas e limitadoras de um

²⁰⁴ Ibidem, p.369.

governo possível²⁰⁵. Nesta relação, em que a liberdade só existe enquanto o mercado permanecer pressuposto inquestionável, a invisibilidade e o obscurantismo do processo são fundamentais. A mecânica econômica implica que cada um siga seu próprio interesse e, ao fazer isso, também impede a compreensão da totalidade do processo, para que possa combinar seus elementos constituintes artificial ou voluntariamente. O sujeito econômico não contesta, mas funda o caráter atomístico do processo econômico do qual está inserido.

A invisibilidade não é simplesmente um fato que, em consequência de alguma imperfeição da inteligência humana, impediria que as pessoas percebessem que há por trás delas uma mão que organiza ou que une o que cada um faz sem saber em seu foro interior. A invisibilidade é absolutamente indispensável. É uma invisibilidade que faz que nenhum agente econômico deva e possa buscar o bem coletivo²⁰⁶.

Os mesmos elementos que podem servir de justificativa para que o sujeito econômico da sociedade de consumo se sinta livre, também podem ser usados para aprisioná-lo. A servidão a que ele se submete é uma servidão voluntária. É ele quem compra as mercadorias que o aprisionarão, ele quem corre atrás de um trabalho cada vez mais alienante, ele quem escolhe os deuses a obedecer, os ídolos a cultuar.

Como explica Christophe Dejours em *A loucura do trabalho*, “é o homem inteiro que é condicionado ao comportamento produtivo pela organização do trabalho, e fora da fábrica ele conserva a mesma pele e a mesma cabeça”. Em nenhum momento do seu dia-dia é possível escapar da influência do sistema que faz parte de cada instante da vida. As pesquisas de Dejours demonstram que a organização do trabalho exerce uma ação decisiva sobre o aparelho psíquico. Há o sofrimento que nasce do choque entre uma história individual que é cheia de projetos de vida, de sonhos e anseios e uma organização laboral que as ignora. Há o trabalho de adestramento e exploração do corpo, por meio de uma ação específica sobre os processos psíquicos. Contra o

²⁰⁵ Ibidem, p.370.

²⁰⁶ Ibidem, p.381.

sofrimento, a ansiedade e a insatisfação, sistemas defensivos são construídos, tanto pelo aparelho psíquico quanto pelo sistema. Sendo o trabalho que é fonte de sublimação privilégio de uma minoria ínfima, resta ao trabalhador encontrar medidas compensatórias.

Dejours também observa a relação entre a jornada de trabalho e o período de descanso. Em uma pesquisa na fábrica da Renault²⁰⁷, ele observou nos finais de semana, quase regularmente, irrupções coletivas de agressividade, o que resultava num aumento de carros com defeitos. Os carros do começo da semana e do final da semana são, via de regra, muito mais defeituosos que os do meio da semana.

Este exemplo mostra que se os ritmos de produção são mantidos no ritmo máximo da tolerância, sés efeitos se farão sentir não-somente à distância, mas na mesma semana, entre o começo e o fim dela, e até mesmo entre o começo e o fim do dia. Mas, ainda assim, as chefias esforçam-se para manter os ritmos de trabalho num nível tolerável pela maioria dos trabalhadores. É assim que se define a norma. Um norma de produção, é lógico, mas também uma norma mental. (...) O sofrimento mental e a fadiga são proibidos de se manifestarem numa fábrica. Só a doença é admissível²⁰⁸.

Na medida em que o sistema de produção coloniza todos os setores da vida, o espaço para o lazer também é o espaço para produção, para produzir a satisfação tão necessária para suportar a jornada. O final de semana é redentor. Todo feriado é santo, na medida em que salva a existência de uma morte por asfixia. Do mesmo modo que a religião cristã interioriza no homem o sentimento de culpa para posteriormente oferecer a *salvação* para os problemas que ela mesma criou, o mercado também oferece seus paliativos por meio do consumo, com produtos que ele não precisaria consumir tão avidamente se não fizesse parte de um sistema alienante.

O processo do cotidiano pode ser dividido em apenas duas etapas: o tempo da produção e o tempo do consumo. No primeiro, aprendem-se as técnicas para se exercer um ofício. O valor do trabalho é calculado conforme princípios de eficiência, no qual o ganho da mão-de-obra é diretamente proporcional ao que se produz. É preciso maximizar a produção para

²⁰⁷ DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992, p.120.

²⁰⁸ Ibidem, p.121.

potencializar a renda. E aí não se trata somente de quantidade. A segunda etapa, o tempo do consumo, refere-se ao uso do que se ganha na primeira. É preciso dar vazão ao que foi produzido, e se cada vez se produz mais, tem de se consumir em igual proporção. Foi-se o tempo da temperança. Dá-se ao consumo um valor instintivo. Ao conseguir atribuir esse valor, o consumo vira consumismo, uma necessidade do corpo que precisa ser saciada, tal a angústia que se cria quando não a alimentamos. Estabelece-se aí um estado em que se tem de produzir cada vez porque é preciso consumir cada vez mais.

Quando o indivíduo chega a esse estágio, muda-se a nomenclatura do processo. Tem-se agora o templo da produção e templo do consumo. O trabalho é um santuário; dignifica o homem. O shopping é um santuário; tranquiliza a alma. As relações interpessoais podem ser caracterizadas na categoria de produção ou de consumo. As empresas não vendem apenas produtos, vendem estilos de vida. A identidade, o senso de pertencimento, tudo passa pelas mercadorias. Nenhum prazer é totalmente livre. *There ain't no such a thing as a free lunch.*

A biopolítica representa a inclusão da vida natural nos mecanismos de poder estatal. A vida biológica ganha importância política na modernidade justamente pelo seu aspecto sacro, mas também é por esse fator que ela é exposta ao poder soberano da vida e da morte.

O fenômeno da biopolítica pode ser entendido como exercício cotidiano de um poder que investe na preservação da vida por meio da aniquilação da própria vida, o que leva o pensador italiano Giorgio Agamben também falar em tanatopolítica. Esse processo de inclusão da vida no cálculo político conduziu à formação de estados totalitários, observável no nazismo e no stalinismo, por exemplo. O valor – e o desvalor – da vida humana converte-se em tema central da atividade política.

Quanto a nós, estamos em uma sociedade do “sexo”, ou melhor, de “sexualidade”: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, o seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneração, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade. Quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo (...) Foram os novos do poder, elaborados durante a época clássica e

postos em ação no século XIX, que fizeram passar nossas sociedades de uma simbólica do sangue para uma analítica da sexualidade. Não é difícil ver que, se há algo que se encontra do lado da lei, da morte, da transgressão, do simbólico e da soberania, é o sangue; a sexualidade, quanto a ela, encontra-se do lado da norma, do saber da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações²⁰⁹.

A inclusão da vida na política não é exclusiva dos regimes totalitários. Isso também constitui as democracias liberais e de mercado. O desenvolvimento do capitalismo não teria sido possível sem o controle disciplinar de um biopoder, com tecnologias diversas que proporcionaram os “corpos dóceis” tão fundamentais para o sistema. Agamben mostra que a biopolítica do totalitarismo moderno e da sociedade de consumo e do hedonismo de massa possuem as mesmas raízes e justificativas. Fala também da decadência da moderna e do progressivo convergir com os estados totalitários nas sociedades pós-democráticas espetaculares²¹⁰.

A contiguidade entre democracia de massa e Estados totalitários não tem, contudo, a forma de uma improvisa reviravolta: antes de emergir impetuosamente à luz do nosso século [o século XX], o rio da biopolítica, que arrasta consigo a vida do homo sacer, corre de modo subterrâneo, mas contínuo. É como se, a partir de um certo ponto, todo evento político decisivo tivesse sempre uma dupla face: os espaços, as liberdades e os direitos que os indivíduos adquirem no seu conflito com os poderes centrais simultaneamente preparam, a cada vez, uma tácita porém crescente inscrição de suas vidas na ordem estatal, oferecendo assim uma nova e mais temível instância ao poder soberano do qual desejariam liberar-se²¹¹.

Foucault explica que o estado moderno integrou numa proporção sem precedentes técnicas de individualização subjetiva e procedimentos objetivos de totalização; um duplo vínculo político, constituído pela individuação e pela simultânea totalização das estruturas do poder. Vemos como na sociedade de consumo esse duplo vínculo se fortalece. Como elemento unificador, totalizante; consumo como caminho subjetivante e identificatório. Vemos também o papel de uma indústria cultural que condiciona e legitima esses discursos sobre o corpo: “E diante de fenômenos como o poder midiático-espetacular, que está hoje por toda parte transformando o espaço político, é

²⁰⁹ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.1**. São Paulo: Graal, 2003, p.161s

²¹⁰ AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 17.

²¹¹ Ibidem, p. 127.

legítimo ou até mesmo possível manter distintas tecnologias subjetivas e técnicas políticas²¹²?”

Terminadas estas questões preliminares, os próximos capítulos entram de fato na discussão proposta pela dissertação: qual o papel da indústria cultural na manutenção deste modelo produtivo, no desenvolvimento de um “espírito” que o justifique e o legitime? Qual é o discurso dominante em relação ao sexo e à conduta com o corpo nas revistas que se propõem a estabelecer esta discussão? Quais os efeitos dessa política sobre o corpo?

²¹² Ibidem, p. 13.

CAPÍTULO 4: AS SEIS LEITURAS INTERPRETATIVAS EM MASSA FOLHADA DAS CAPAS DE NOVA E MEN'S HEALTH

4.1 METODOLOGIA

A Hermenêutica de Profundidade (HP) é um procedimento metodológico elaborado por John Thompson a partir dos trabalhos de Paul Ricoeur, Heidegger e Gadamer. Ela é especialmente útil na interpretação das formas simbólicas nos estudos da cultura, da ideologia e da comunicação de massa. Ela adota um enfoque tríplice, contemplando as relações sócio-históricas, as análises discursivas e novas reinterpretações a partir das fases anteriores. No trabalho em questão, será utilizada para uma interpretação das capas das revistas Nova e Men's Health. Para tanto, foram escolhidas aleatoriamente uma capa por ano entre 2010 e 2013.

A metodologia da HP nos possibilita fazer uso de métodos particulares de análise e ao mesmo tempo alerta-nos sobre seus limites e suas falácias subjacentes. São um esquema intelectual para um movimento de pensamento que demonstra as características distintas das formas simbólicas, sem cair nas armadilhas gêmeas do internalismo ou do reducionismo²¹³.

A primeira fase do enfoque da Hermenêutica de Profundidade é a **análise sócio-histórica**. A produção, circulação e recepção de formas simbólicas são processos que acontecem dentro de contextos ou campos historicamente específicos e socialmente estruturados. Essas formas são intercambiadas entre as pessoas, implicando necessariamente algum meio de transmissão, seja pela conversa face-a-face ou pela difusão radiofônica²¹⁴. A recepção é um processo situado dentro de contextos sócio-histórico definidos, no qual os participantes empregam vários tipos de recursos, regras e convenções na apropriação e compreensão dessas formas simbólicas. Tal análise diz respeito aos três primeiros capítulos da dissertação.

Thompson explica que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais também são construções simbólicas complexas, e por isso apresentam uma estrutura articulada. Por conta disso, uma segunda fase de análise se faz

²¹³ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.377.

²¹⁴ Ibidem, p.366.

necessária, **a análise formal ou discursiva**. Formas simbólicas são produtos contextualizados e algo mais, pois elas são produtos que, em virtude de suas características estruturais têm capacidade – e é este o seu objetivo – de dizer alguma coisa sobre algo²¹⁵.

A hermenêutica de profundidade pressupõe diversas maneiras de se conduzir essa análise formal ou discursiva, a depender sempre dos objetos e circunstâncias particulares de investigação. Entre elas, as análises semiótica, da conversação, sintática, narrativa e/ou argumentativa. Para esta segunda etapa, foi escolhido o método de leitura em massa folhada, de autoria de Sérgio Dayrell Porto²¹⁶, que consiste em seis leituras interdependentes do textos -- polissêmica, científica, arqueológica, enunciativa, argumentativa e de acontecimento -- para a análise de determinadas formas simbólicas, a do erotismo mediatizado, aqui em questão.

Leitura Polissêmica ou Literária: nesta primeira leitura, o pesquisador deve-se deixar levar pelo texto, sem a necessidade de investigar as intenções do enunciador. É uma leitura descompromissada, mais próxima do senso comum que da analítica acadêmica. A intuição e a inteligência sensível devem aflorar nesta etapa para que os sentidos da leitura comecem a surgir. Nela, o pesquisador não se atenta com a multiplicidade de sentidos nem com possíveis sentidos já estratificados.

Leitura Parafrástica ou Científica: depois daquela leitura inicial, descompromissada e silenciosa, o pesquisador passa a buscar nesta as intenções do interlocutor. Com isso, é possível verificar se os questionamentos e hipóteses pensados anteriormente são ou não procedentes. Assim sendo, procura-se nesta etapa verificar se o enunciado está ou não vinculado a alguma corrente de pensamento ou paradigma, não mais deixando o texto fluir livremente.

Leitura Arqueológica: a leitura arqueológica procura explicar o contexto histórico em que se dá o enunciado. Quais as referências históricas e

²¹⁵ Ibidem, p.369.

²¹⁶ PORTO, Sergio Dayrell. **Análise de Discurso – O Caminho das Seis Leituras Interpretativas em Massa Folhada**. Brasília, Casa das Musas, 2010.

contextuais do texto? Quais as lembranças os interlocutores fazem aflorar em seus textos? Qual a função simbólica da narrativa? Quais símbolos e palavras são utilizadas para tanto? Quais as malhas básicas que sustentam a narrativa, que exercem papel de destaque?

Leitura Enunciativa: nesta quarta etapa, o pesquisador identifica e nomeia os sujeitos enunciadore e os receptores. É aqui que deve ser mostradas quais as posições dos interlocutores. É o momento do dizer, por meio dos sujeitos da enunciação, dos enunciados e das formações discursivas.

Leitura Argumentativa: na quinta etapa, o pesquisador mostra como as principais ideias do texto são apresentadas e discutidas. Verifica-se o tom dado pelo enunciador, se dialógico, autoritário ou lúdico, e analisa-se como tais ideias são defendidas – e com que meios e forças. É a leitura que busca desnudar as estratégias de persuasão.

Leitura do Acontecimento: a última etapa representa o momento de encontro da estrutura da linguagem com a história, hora de encontrar a exterioridade do texto em seu contexto, no vão dos interdiscursos, onde a presença do outro evidenciará as marcas de um novo acontecimento.

Ao propor tais leituras, Porto explica que embora interdependentes, essas etapas não se excluem, mas se interpenetram e são solidárias umas com as outras. Isso possibilita novos retornos que estimulam idas e vindas diferentes.

A terceira e última fase da HP é denominada por Thompson **Interpretação/Reinterpretação**. Esse processo de interpretação vai além dos métodos da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva. Ele transcende a contextualização das formas simbólicas tratadas como produtos socialmente situados, e o fechamento das formas simbólicas tratadas como construções que apresentam uma estrutura articulada. Tal fase será apresentada na conclusão do presente estudo.

Com essas três fases, a Hermenêutica de Profundidade nos permite ver como as formas simbólicas podem ser analisadas de maneira a reconhecer seu caráter de construção situados social e historicamente, sem que seu conteúdo

sejam generalizados num enfoque autossuficiente, evitando reducionismos e internalismos.

4.1.2 A revista como armazém; a capa a vitrine

A palavra revista vem do inglês *magazine*, de origem árabe, cujo significado é *depósito de mercadorias*. Foi no inglês que a palavra adquiriu o significado de “publicação periódica, de caráter literário, contendo leituras amenas e instrutivas, e adornada de estampas²¹⁷”. A revista se configura, portanto, como um armazém, um armazém literário (aliás, como Hipólito José da Costa também chamava o seu *Correio Braziliense*). Existem magazines de variedades, verdadeiras lojas de departamento, e aquelas especializadas em esportes, ou em um esporte apenas, desde que acha público consumidor. Se as revistas são como lojas, as capas são suas vitrines. Por elas, antecipamos o conteúdo, conhecemos sua proposta, temos acesso aos produtos de maior destaque.

Assim como uma boa vitrine é indispensável para atrair quem passa por perto, a capa tem o poder de seduzir leitores em potencial, convencê-los a entrar e consumir os outros produtos à mostra. A vitrine ou a capa, portanto, são de fundamental importância para o sucesso de um negócio. E mais: conhecendo o que a revista considera de maior interesse, ao dar destaque na capa, conhecemos o que ela pensa do seu público e quais as estratégias que usa para atraí-lo.

Partindo dessa interpretação, a pesquisa irá analisar a construção do corpo e da sexualidade presentes nas revistas **Nova** e **Men's Health** a partir de suas capas. Foram escolhidas aleatoriamente quatro de cada publicação, um de cada ano, entre 2010 e 2013.

4.2 LEITURA POLISSÊMICA

A diagramação das capas de Nova e Men Health são padronizadas. Por esse motivo, convém analisá-las em conjunto, adotando também análises específicas de cada edição sempre que for necessário.

²¹⁷ NIMER, Miguel. **Influências Orientais na Língua Portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.65.

O primeiro elemento que atrai a atenção na capa da revista **Nova** é a modelo que a estampa. Ela ocupa todo o centro da revista, seu rosto ofusca até mesmo o nome da publicação. É ela quem se observa primeiro, dada a enorme diferença entre os tamanhos da imagem e das manchetes que compõem a capa. A **Men's Health** adota o mesmo estilo de diagramação: um modelo ocupando posição central e de destaque, que também encobre com sua cabeça parte do nome da revista, e várias manchetes orbitando ao seu redor.

As modelos expostas na capa de **Nova** se exibem para a câmera em postura sensual, erotizada. Mãos nos cabelos e nos quadris (maio de 2011, agosto de 2012), nos seios (setembro de 2010, fevereiro de 2013), olhar firme em direção ao leitor. Roupas que delineiam o corpo, exibem mais que escondem. Na edição de fevereiro de 2013, a modelo usa apenas um short; com o braço direito, ela esconde parte dos seios; pernas, barriga, braços também estão à mostra. A maquiagem realça os olhos, os lábios, a maçã do rosto. O mesmo vale para as outras capas: roupas sensuais, postura erotizada, corpo esbelto e seminu, valorizando seios e/ou quadris. Elas são magras, jovens, sensuais, predominantemente brancas²¹⁸ e famosas. Todas as modelos que posam para a capa de **Nova** possuem algum tipo de notoriedade na mídia, um *status* de celebridade. São atrizes, cantoras, modelos, participantes de reality show.

Na **Men's Health**, a postura do modelo da capa é mais convidativa e menos sedutora que na **Nova**. Eles sorriem um sorriso branco e largo, usam roupas mais casuais – bermudas (novembro de 2011, janeiro de 2012), jeans (outubro de 2010, fevereiro de 2013), camisas e camisetas. Em grande parte das capas, os modelos estão sem a parte de cima da roupa, e exibem braços fortes, ombros largos, abdome malhado.

Enquanto na **Nova** a modelo reina soberana, na **Men's Health** sempre há uma mulher ilustrando a capa, ora em destaque, ao lado do modelo, ora como ilustração para alguma manchete. Na edição de fevereiro de 2013, o

²¹⁸ De janeiro de 2010 a junho de 2013 (primeiro escopo da pesquisa), em 42 edições, portanto, apenas quatro modelos da capa são negras.

modelo está sem camisa; o corpo é magro e forte, bíceps, abdome, peitoral, ombros expostos. Ele sorri para o leitor. Tem dentes brancos, cabelos curtos com gel, barba curta e modelada. Ao lado dele, encostada em seus ombros com uma postura acolhida, uma mulher loira, olhos claros, alta, magra; ela usa apenas a parte de baixo do biquíni e tem seus seios encobertos pelo braço do modelo. Também olha diretamente para o leitor, e, ao contrário dele, seu semblante é sério e firme, como os das modelos de **Nova**. Na **Men's Health**, o modelo usa roupas para o dia-a-dia, numa pretensa naturalidade do porte, do corpo e das roupas que usa. O modelo, com raras exceções, é anônimo²¹⁹.

A semelhança na diagramação das duas revistas não se reduz aos modelos da capa. A disposição das manchetes e o seu conteúdo também dialogam. Em ambas as publicações, o texto orbita ao redor da imagem, as manchetes parecem complementá-las. O texto é publicitário, busca convencer mais que informar. O modo é imperativo, o tom varia entre o coloquial (“Tchau, pança!”), o profético (“mude seu look, mude sua vida”), o inquisitivo (“Hora de ficar solteiro?”).

Na capa de maio de 2011, as seguintes palavras aparecem destacadas em cor e tamanho ao longo da página: *Sexo, feliz, homem, dieta, cabelo, promovida*. A palavra homem aparece em destaque em todas as quatro capas analisadas de **Nova**.

O assunto das manchetes em **Nova** gira em torno de poucos tópicos: sexo/relacionamento, estilo, comportamento, vida profissional e beleza. Na **Men's Health**, os assuntos trazidos na capa se assemelham à publicação voltada ao público feminino: sexo/relacionamento, estilo, comportamento, culinária e beleza/saúde. A quantidade de manchetes relacionadas aos assuntos é que muda mais: são 12 manchetes dentro do tópico

²¹⁹ A revista chegou a promover um concurso para escolher, dentre os leitores, a capa de outubro de 2011. (<http://menshealth.abril.com.br/wp-content/uploads/2011/06/2011RG0629CaradaCapavfinal.doc.pdf> e <http://menshealth.abril.com.br/ocaradacapa/> -- Acessados em 17/7/2013). O leitor deveria “estar em boa forma” e curtir o “estilo Men's Health – viver com equilíbrio, prazer, energia e saúde –”. Para tanto, era preciso enviar uma foto colorida de rosto, uma foto colorida da parte superior do corpo, sem camisa, e uma foto de corpo inteiro, além de responder, em até 250 palavras, “Por que você acha que merece ser o Cara da Capa? Fale sobre você, seu estilo de vida, sobre um desafio que você superou, e o que é para você entrar em forma de um jeito saudável”.

sexo/relacionamento em **Nova**, indo desde reportagens que prometem desvendar a cabeça masculina e fazê-lo se apaixonar pela leitora (maio de 2011) a um guia com ideias para multiplicar o orgasmo da leitora e de seu parceiro em segundos (setembro de 2010).

SEXO/RELACIONAMENTO EM NOVA ²²⁰:

1) 101 dúvidas de **SEXO** que você não encontra no Google

2) Cabeça de **homem**:

- O que o deixa **apaixonado por você** logo na primeira vez

- **Vai dar namoro?** (Descubra no Facebook)

- Como recuperar o **frio na barriga** do início do relacionamento

3) Bônus especial homem:

-Diário de um traidor

-Os melhores solteiros do Brasil (**um deles pode ser seu!**)

-O que eles querem *mesmo* na cama

E muito mais

4) Pesquisa exclusiva! As novas regras da traição

5) Achou “o” cara? Saiba como ele pode ser seu

6) Homens de 20, 30, 40 anos. Como ter o melhor orgasmo com cada um deles

7) Projeto paixão: muuuito mais romance – e com o mesmo cara

8) Homem moderno: Como usar, conquistar e ser a única na vida dele

9) Infidelidade financeira: a nova forma de traição que põe em risco o relacionamento

10) **SEXO**:

²²⁰ As partes em negrito representam os trechos destacados pela publicação, ou adotando cor de destaque, aumentando a letra ou colocando em negrito.

– Como você nunca viu ou fez

– As técnicas mais quentes do Best-seller erótico do momento.

11) Dossiê íntimo: tudo o que você não tem coragem nem de perguntar ao gineco

12) **Sexpress** Ideias hot para **multiplicar o seu orgasmo e o dele** em segundos.

Na **Men's Health**, o número de reportagens dentro do mesmo tópico é bem menor que em **Nova**. Nas quatro edições analisadas, cinco reportagens estampadas na capa, com dicas para seduzir no ambiente de trabalho (fevereiro de 2013) e conseguir mais sexo (outubro de 2010).

1) EDIÇÃO ESPECIAL CASAL:

– Como dar um **gás na relação**

– Hora de ficar **solteiro?**

– 9 sacadas de **sedução**.

2) Transe sem risco de DST

3) Especial Sedução:

– faça contato

– Os diálogos top

– Motel sem chabu

4) MAIS SEXO! Seja o tal para toda obra

5) Sexo no trabalho: o ambiente legal para você se dar bem

ESTILO em **NOVA**:

1) Moda: Os looks mais sexy para cada signo

2) Especial Sexy X Over

- 3) **Mude seu look, mude sua vida:** cabelo e make para conhecer aquele gato, decolar na carreira e levantar a autoestima.
- 4) **LIQUIDAÇÃO.** As peças que você compra agora e usa para sempre.

ESTILO em **MEN'S Health**:

- 1) **ESTILO:** Marque presença com a estampa certa
- 2) **ESTILO:** Dome seus pelos e destaque-se na areia
- 3) **Guia de estilo:** Verão a mil (Jeans branco, perfumes, camiseta Henley, relógio, sandália de couro, óculos, a nova bermuda de praia, Yes!) 103 ideias
- 4) **Estilo.** 6 looks campeões de Ibope

COMPORTAMENTO NOVA:

- 1) Por que parece que sempre falta algo para ser FELIZ
- 2) Sim, é possível vencer a TPM
- 3) Guia infalível para curar todo tipo de ressaca moral

VIDA PROFISSIONAL NOVA:

- 1) – Makeover financeiro: plano para sair do vermelho
- 2) – Os top headhunters revelam os segredos para conquistar a vaga dos sonhos

BELEZA:

- 1) Aparelhos que **exterminam acne, celulite, gordura... Sem dor!**
 - 2) **DIETA Fique magra** comendo fora.
 - 3) Bônus! **Especial cabelo**
- Manual para **mudar a cor** – até em casa

- As novas e seguras **escovas progressivas**

- Tratamentos high-tech para **ressuscitar os fios**

4) VOCÊ INCRÍVEL: a transformação total que deixou três leitoras magras, sem celulites, lindas. **Nós damos a receita.**

5) Magra e feliz: a dieta do prazer que vai deixar seu corpo incrível

6) LINDA (Sem esforço!!!):

- A caneta que apaga estrias

- O calor que derrete gordura

- onda que elimina celulite

7) DIETA DA LIBIDO. Cardápio sexy para antes, durante e depois do date

CULINÁRIA MEN'S HEALTH:

1) O churrasco nota 10 (20, se contar a cerveja)

2) CERVEJA. O jeito legal de beber sem detonar

3) EXCLUSIVO 9 pratos top da culinária brasileira. Voto de leitores e nutricionistas

BELEZA/SAÚDE Men's Health:

1) Ano Novo, corpo em dia O plano de 11 etapas para encorpar a jato

2) 47 truques para definir o shape

3) Músculos sarados em 15 minutos

4) Corpo definido a jato (shape forte e sem pneus em um mês) (pôster grátis. Treino pra lá de simples)

5) Malhado como um lutador: o treino de MMA que dá músculo e agilidade em um mês

6) Pelos, pés, unhas pés... Os detalhes que contam pontos com ela

- 7) Derreta a pança na água. Plano completo de malhação
- 8) Os 18 suplementos pra sua saúde
- 9) Tchau, pança! 4 planos divertidos para secar sem se matar (projeto verão 2011)
- 10) Especial cuidados pessoais. 152 soluções. Cabelo, barba, rosto, corpo, perfume
- 11) Pôster grátis. Braços parrudos em um mês
- 12) Fique mais atraente na boa
- 13) Coração de aço em seis passos

Em **Nova**, maior ênfase na temática ligada a sexo e relacionamento, com 12 das 28 manchetes de capa. Os textos prometem maior sucesso com os homens, técnicas para potencializar o prazer na vida sexual, tiram dúvidas sobre o assunto. Beleza é outro assunto amplamente manchettato na capa de **Nova**, com 7 reportagens. Se formos incluir as reportagens de estilo com as de beleza, pois são muito similares e tendem ao mesmo objetivo – deixar a leitora *mais atraente* – são 11 reportagens. Elas dão dicas de cuidado com os cabelos, ensinam técnicas para perder peso e para ficar mais bonita.

Na **Men's Health**, maior ênfase no cuidado estético com o corpo (“Braços parrudos em um mês”, “Corpo definido a jato”, “Músculos sarados em 15 minutos”). A palavra *destaque* está presente também de forma substancial no texto (“Marque presença com a estampa certa” “Dome seus pelos e destaque-se na areia”), tanto de maneira direta quanto subentendida.

A aprovação feminina como estratégia também é nítida no texto (“Pelos, unhas pés... Os detalhes que contam pontos com ela”, “6 looks campeões de lbope”) e principalmente nas ilustrações da capa. Todas as capas analisadas (não só as quatro escolhidas, mas todas as previamente analisadas na primeira triagem) têm um mulher jovem, magra, com poucas roupas e postura sensual, seja ao lado do homem, em destaque, ou como ilustração para alguma outra manchete. Enquanto em **Nova** o texto infere como medida de sucesso da apreensão do seu conteúdo a modelo da capa, em **Men's Health**, tal medida parece ser o *usufruto* da mulher, resposta para o porquê de tomar todas as medidas propostas pela publicação.

Outro aspecto de relevância é o aspecto publicitário do texto. É nítido o tom persuasivo do discurso, que tem o objetivo não de informar, mas de despertar o interesse do público para a proposta (afinal são revistas de comportamento e de estilo). No caso das manchetes, elas atuam como títulos de anúncios publicitários: querem atrair a atenção do leitor, provocar interesse pelo conteúdo que segue, causar impacto emocional, provocar desejos e personalizar a mensagem. As manchetes analisadas apresentam as quatro características de títulos publicitários: afirmativo, exclamativo, interrogativo e imperativo. O apelo emocional se sobressai a argumentos racionais como estratégia de convencimento. Os tons interrogativos e imperativos dos textos objeto de análise, aliados ao uso de cores e fontes que reforçam determinadas palavras-chaves, reforçam essa ideia.

A primeira hipótese é de que a divisão temática das manchetes – sempre os mesmos temas, abordados de maneiras diferentes (às vezes nem tão diferentes assim) atuam com o objetivo de formar uma unidade, ela mesma encarnada no(a) modelo(a) da capa. As reportagens podem ser lidas de forma independente e isolada, mas o fato das diferentes reportagens estarem inseridas dentro das mesmas temáticas – o cuidado estético, uma *práxis* sexual e estilo definido tanto na vestimenta quanto no corpo e no comportamento – evidencia a reinteração por parte das revistas na formação dessa unidade. A capa seria, nessa lógica, a representação icônica do proposto pela revista.

Por meio de um conjunto de denotações e conotações é válido pressupor que os modelos da capa seriam o resultado, o sucesso da ação proposta pelas reportagens, tanto pelo fato de eles corresponderem ao que a revista anuncia (a modelo magra ao lado de uma manchete com dicas de emagrecimento, o modelo musculoso e a chamada para uma reportagem sobre ganho de massa muscular) quanto pelo processo em que a leitura se dá – da direita para esquerda, de cima para baixo –, transitando dos modelos para as manchetes e delas para eles.

4.3 LEITURA PARAFRÁSTICA OU CIENTÍFICA

Na primeira leitura da capas das revistas **Nova** e **Men's Health** foi possível perceber um padrão no que diz respeito ao conteúdo e à diagramação

dele: ambas as capas apresentam o mesmo formato, com um modelo ocupando papel central e diversas manchetes, diretamente ligadas à imagem, orbitando em volta dela. As temáticas são recorrentes: sexo/relacionamento, estilo, beleza e comportamento.

Ao analisarmos mais aprofundadamente o conteúdo inserido dentro dessas temáticas, observamos que dentro delas o conteúdo é também reiterado: no sexo/relacionamento, técnicas para aumentar o prazer e multiplicar o orgasmo, estratégias de empoderamento e posse do outro. Nas manchetes de estilo e de comportamento dicas para receber a aprovação alheia, se destacar e ser desejado. Nas de beleza, dicas para emagrecer e ganhar músculos.

A reiteração de temas e subtemas específicos nos leva a crer na existência de um projeto por parte das revistas: o homem **Men's Health** e a mulher **Nova**. As publicações são direcionadas a públicos específicos, aos quais se almeja inculcar determinados valores e comportamentos. Tanto **Nova** quanto **Men's Health** já promoveram concursos entre os leitores para escolher quem estamparia a capa²²¹. O critério maior para a escolha dos vencedores era a própria subserviência em relação aos valores divulgados na revista. Aqueles que mais se assemelhassem aos modelos da capa -- e a tudo que eles representam -- ganhariam o concurso.

Os modelos da capa são os olímpicos de Morin²²². Em *Cultura de massas no século XX: neurose*, ele mostra como a imprensa de massa reforça a imagem das celebridades a ponto de mitificá-las em deuses. São atrizes, cantoras, participantes de reality shows que, estampadas na capa, se tornam objeto de desejo e de contemplação. São apresentadas sem máculas ao leitor, em poses performáticas e postura distanciada. Elas não são mulheres normais, parecem versões modernas dos afrescos renascentistas de Sanzio, em que as mulheres possuem uma aura de superioridade e plenitude.

²²¹ <http://mdemulher.abril.com.br/promocao/concursos-revista-nova-690723.shtml> Acessado em 9 de setembro de 2013.

<http://menshealth.abril.com.br/wp-content/uploads/2011/06/2011RG0629CaradaCapavfinal.doc.pdf> e <http://menshealth.abril.com.br/ocaradacapa/> -- Acessados em 17/7/2013

²²² Morin utiliza um termo usado inicialmente por Henri Raymond

Tal processo, no entanto, ocorre de um jeito muito peculiar, porque ao mesmo tempo em que eleva esses *olimpianos* a uma esfera supra-humana, a mídia se apodera de suas vidas particulares para retirar delas o elemento humano que possibilita a identificação. Morin diz que a cultura de massa, como toda cultura, elabora modelos e normas. A diferença é que essa cultura é estruturada segundo a lei do mercado, sem prescrições impostas, apenas imagens ou palavras que fazem apelo à imitação, com incitações publicitárias. Esses modelos propostos são eficazes porque correspondem às aspirações e às necessidades que se desenvolvem realmente. Esses novos deuses, criados pela grande imprensa, se originam da fusão do imaginário com o real.

A informação transforma esses Olimpos em vedetes da atualidade. Esse novo Olimpo é, de fato, o produto mais original do novo curso da cultura de massa. As estrelas de cinema já haviam sido anteriormente promovidas a divindades. O novo curso as humanizou. Multiplicou as relações humanas com o público. Elevou ao estrelato as cortes reais, os playboys e até certos homens políticos. Desde que as estrelas inacessíveis e sublimes do cinema desceram para a Terra, desde que as cortes reais se transformaram em Triâons da cultura de massa, a vida dos olímpianos participa da vida cotidiana dos mortais. Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos nos papéis que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam²²³.

Morin diz que ao mesmo tempo em que esse Olimpo de novos deuses domina a cultura de massa, ele se comunica, por meio dela, com a humanidade. Isso porque a identificação é fundamental, já que cria a ideia de que tal status é possível de ser atingido pelas pessoas comuns e o elemento que separa uns dos outros é justamente a aceitação às normas da indústria cultural. Consumida esteticamente, a cultura de massa desenvolve também uma práxis e uma mitologia.

Dessa forma, tão importante quanto elevar esse modelos à condição de casta superior, é permitir, ao menos no imaginário, a identificação com eles e a crença de que tal status está ao alcance de quem se dispôr a tanto, tornando-os ao mesmo tempo imitáveis e inimitáveis.

²²³ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 105

Grande parte do poder que antes era relegado à religião passa a ser arrendado pela cultura de massa. Isso é possível ao assumir uma postura muito similar à religiosa, mas de caráter antecipatório: promete-se o prazer e a satisfação eternos na vida mundana para aqueles que cumprirem seus mandamentos. Para Morin, a essência da promessa é a mesma: a salvação.

A cultura de massa é um embrião de religião da salvação terrestre, mas falta-lhe a promessa da imortalidade, o sagrado e o divino, para realizar-se como religião. Os valores individuais por ela exaltados – o amor, felicidade auto-realização – são precários e transitórios; o indivíduo terrestre e mortal, fundamento da cultura de massa, é ele próprio o que há de mais precário e transitório; essa cultura está comprometida com a história em movimento, seu ritmo é o da atualidade, seu modo de participação é lúdico-estético, seu modo de consumo é profano, sua relação com o mundo é realista. A contradição – a vitalidade e a fraqueza – da cultura de massa é a de desenvolver processos religiosos sobre o que há de mais profano, processos mitológicos sobre o que há de mais empírico. E inversamente: processos empíricos e profanos sobre a ideia-mãe das religiões modernas: a salvação individual²²⁴.

Com isso, Morin explica que o imaginário não mais se projeta no céu, mas na própria terra. Os deuses são as estrelas, são as celebridades estampadas nas capas de revistas. Todos eles estão entre nós, têm nossas origens, são mortais. Nesse sentido, ele diz que a cultura de massas é realista. Essa nova dinâmica possui um efeito prático que dá ainda mais força à indústria: não se promete apenas um lugar entre esses *olimpianos*, mas a promessa de se tornar um deus também, promessa no entanto, bem distinta da realidade.

Em **Nova**, isso é bastante claro ao analisar o perfil das mulheres da capa. Cléo Pires (setembro de 2010) é atriz de novelas da Rede Globo. Deborah Secco (agosto de 2012) e Paloma Bernardi (fevereiro de 2013) também. Já Maria Melillo (maio de 2012) foi vencedora de uma edição do reality show *Big Brother Brasil*. Todas são brancas, jovens, magras e famosas. O status de celebridade possui papel fundamental: é a fama que antecede a admiração, não o contrário.

Ora o discurso é de distanciamento. Maria diz: "de comum não tenho nada". Cléo Pires é descrita como *superpoderosa*. Ora é de aproximação. Deborah Secco diz na capa: "você pode escolher entre ser feliz e ser triste.

²²⁴ Ibidem, p. 167.

Escolhi ser feliz. Paloma Bernardi: "Não sou santa mesmo!". Cléo Pires: "Perdi tudo e dei a volta por cima".

Diferente de **Nova**, no entanto, **Men's Health** não faz (com raras exceções) uso de celebridades. O uso de modelos anônimos funciona como estratégia persuasiva, aproximando o leitor ainda não habituado a tais práticas do modelo que as incorpora (como será discutido nas leituras arqueológica e enunciativa).

Os modelos aparentemente ordinários, usando vestes comuns, neutras, descaracterizadas, são importantes para não afastar um público ainda não habituado a algumas das propostas da revista (conforme será discutido na leitura arqueológica, tais práticas ainda são recentes em publicações masculinas e ainda passam por um processo de legitimação).

Outra evidência é a predominância das reportagens de capa sobre cuidados estéticos. Treze reportagens enquadradas nessa categoria contra cinco sobre sexo, o segundo assunto mais presente. O modelo desconhecido, somado a manchetes que prometem resultados estéticos quase instantâneos, passa a ideia de que tais cuidados estão ao alcance de todos.

Dentro da perspectiva de projeto, pode-se inferir pela quantidade de reportagens de cada temática nas publicações, quais valores e assuntos são mais importantes para cada uma das revistas. A leitura arqueológica irá explorar mais a fundo este tópico.

Para compreender melhor os mecanismos produção e legitimação do homem **Men's Health** e da mulher **Nova** convém trazer à luz os conceitos de masculinidade hegemônica e feminilidade enfatizada, de Robert Connell.

R.W Connell²²⁵ argumenta que existe uma gama de formas de feminilidade e masculinidade em diferentes níveis da sociedade. Apesar disso, tais formas de feminilidade e masculinidade são estilizadas e empobrecidas. A sua inter-relação é centrada em um fato estrutural singular: o domínio global do homem sobre a mulher.

²²⁵ CONNELL, R.W. **Gender and power**. California: Stanford University Press, p. 183.

Tal fato estrutural fornece a base para os relacionamentos entre homens e mulheres que definem uma forma hegemônica de masculinidade, formas subalternas de masculinidade, além de sua relação com as mulheres e a feminilidade. Ela argumenta que a relação entre diferentes formas de vivenciar o masculino é parte importante de como a sociedade patriarcal opera.

No famoso caso do "Homem dos Lobos", Freud já havia mostrado como a personalidade adulta masculina era um sistema sob forte tensão, com contracorrentes reprimidas, mas não obliteradas²²⁶. A partir da revisão histórica da crítica feminina à sociedade patriarcal, com a observância de que há um jogo intrínseco de poder na manutenção do poder, Connell define a masculinidade hegemônica como um padrão de práticas (ações e expectativas de papéis e identidades) que possibilita que a dominação dos homens sobre as mulheres se mantenha vigente. Ela se diferencia de outras masculinidades -- entendidas por ela como masculinidades subordinadas, que mantêm um vínculo de subordinação, complacência ou marginalização -- por seu aspecto normativo. Ela não é normal em um sentido estatístico, e são poucos os homens que realmente a adotem. Ela diz respeito ao que é considerado culturalmente como a forma mais honrada de ser um homem e exige que os outros homens se posicionem em relação a ela, além de legitimar ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens²²⁷. Connell observa e destaca também a complacência dentre as mulheres heterossexuais na construção da masculinidade hegemônica.

Importante observar também que a masculinidade hegemônica não é estanque. O termo *hegemonia* foi extraído de Gramsci. Ele não significa dominação total, obliteração de alternativas. Significa ascendência alcançada dentro de uma balança de forças, por meio da cultura, das instituições e da persuasão.

²²⁶ CONNELL, R.W; MESSERSCHMIDT, James w. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013

²²⁷ Ibidem.

Connell entende²²⁸ que as masculinidades hegemônicas passaram a existir em circunstâncias específicas, abertas, portanto, à mudança histórica. Formas anteriores de masculinidade podem ser substituídas por novas, justamente pelas relações de poder entre todos os participantes.

O ideal de masculinidade também não precisa corresponder à maioria dos homens. A vitória da hegemonia envolve a criação de modelos de masculinidade que são especificamente figuras de fantasia. Mais importante que corresponder a tais modelos, afirma, é sustentar tais imagens como normativas por meio de uma estratégia coletiva em relação às mulheres e a masculinidades subordinadas.

Importante observar ainda que existe uma ambiguidade inerente à noção de masculinidade hegemônica, justamente por ser um modelo trans-histórico. É preciso observar sempre a historicidade das relações de gênero e suas transformações nas definições sociais da masculinidade. O que tem de ser considerado é a circulação de modelos de conduta masculina tidas como admirável, celebrados pelo Estado ou exaltados pela mídia de massa, conforme o impacto e peso que tais agência possui em determinado momento da sociedade.

Desse modo, as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal²²⁹.

Já as formas de vivência do feminino operam no nível das relações sociais massificadas. A base essencial para a diferenciação, diz Connell, é justamente a subordinação global das mulheres aos homens. Todas as formas de feminilidade na nossa sociedade, afirma, são construídas no contexto dessa

²²⁸ Ibidem, p.252.

²²⁹ Ibidem, p.253.

subordinação²³⁰. Por tal razão, não há feminilidade que possua a posição entre as mulheres mantida pela masculinidade hegemônica entre os homens.

A forma definida em concordância com a subordinação e orientada para acomodar os interesses e desejos dos homens é chamada de feminilidade enfatizada²³¹. Outros modelos de feminilidade são definidos por estratégias de resistência ou não-cumprimento ou até mesmo pela complexa combinação de cumprimento, resistência e cooperação. O inter-relacionamento dessas formas é parte fundamental nas dinâmicas de transformação das ordens de gênero.

Como a masculinidade hegemônica, a feminilidade enfatizada é uma construção cultural pública, embora seu conteúdo é especificamente conectado com o ambiente doméstico. É um tipo de feminilidade performática, desempenhada especialmente para o homens.

Connell afirma que a feminilidade enfatizada é organizada como uma adaptação ao poder hegemônico masculino, e ao enfatizar determinados caracteres desejáveis para as mulheres, consegue estabelecer hegemonia sobre outros tipos de vivência da feminilidade.

O conceito de feminilidade enfatizada põe o foco sobre a complacência em relação ao patriarcado, e isso continua a ser altamente relevante na cultura de massa contemporânea. Ainda, as hierarquias de gênero também podem ser afetadas pelas novas configurações das identidades e das práticas das mulheres, especialmente mulheres mais jovens – configurações que estão crescentemente sendo reconhecidas pelos homens jovens. Consideramos que as pesquisas sobre masculinidade hegemônica agora precisam estar mais atentas às práticas das mulheres e à ação histórica recíproca entre feminilidades e masculinidades²³².

Dessa maneira, a compreensão da masculinidade hegemônica deve reconhecer a agência dos grupos subordinados, o poder dos grupos dominantes e o condicionamento mútuo das dinâmicas sociais. A leitura arqueológica irá expor melhor algumas dessas transformações.

²³⁰ CONNELL, R.W. **Gender and power**. California: Stanford University Press, p. 186.

²³¹ Ibidem, p. 187.

²³² Idem; MESSERSCHMIDT, James w. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013, p.266.

Há uma nítida relação de cumplicidade nos projetos de homem e mulher das duas publicações. Como mostrado na leitura polissêmica, as temáticas e as estratégias retóricas são as mesmas. Tudo isso leva a crer na adequação desses discursos e práticas com a masculinidade hegemônica e a feminilidade enfatizada, levando em conta os aspectos particulares de cada uma, como será exemplificado a seguir. Além disso, é possível extrair da leitura da revista o papel da indústria cultural como a principal agenciadora desses modelos.

Em *Erotismo e Mídia*, Camargo e Hoff evidenciam o papel disciplinador da mídia na construção e na didática do erotismo. Segundo os autores, o corpo veiculado na mídia é um corpo construído para significar e ganhar significado nas relações midiáticas²³³. É imagem, texto não-verbal que representa um ideal. É o que denominam corpo-mídia: construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas. É um simulacro e consiste em uma síntese do corpo, que força o corpo da vida cotidiana a se adaptar à síntese.

O corpo-mídia não tem como finalidade estabelecer ou discutir diferenças, sua função é difundir e propagar o discurso do poder. Atualização das formas discursivas do poder, não é um corpo para nos ensinar, mas é um corpo-discurso que se exerce de forma absoluta²³⁴.

O projeto levado a cabo por essas publicações é também um projeto a longo prazo, como as reiteraões temáticas demonstram. Por representar um ideal de masculinidade e de feminilidade -- ao mesmo tempo em que afirma por meio das manchetes ser plenamente possível atingir tal condição -- ambiciona fazer com que em maior ou menor escala todos se sintam impelidos a acatar determinadas práticas em relação ao sexo ou ao cuidado com o corpo. Quanto maior a inserção social do indivíduo, como explicam Camargo e Hoff²³⁵, maior a disciplina exigida. Quanto maior a divulgação e aceitação desses modelos, maior a exigência de assimilação, prevalecendo assim sobre outras formas de masculinidade e feminilidade.

Os dois aspectos fundamentais do projeto de homem e de mulher dizem respeito à construção de um corpo e de uma sexualidade específicas, além da

²³³ CAMARGO, Francisco Carlos; HOFF, Tânia Márcia Cezar. *Erotismo e mídia*. São Paulo: Expressão e arte editora, 2002, p.27.

²³⁴ Ibidem, p.67.

²³⁵ Ibidem, p.67.

consequente afirmação e empoderamento de si a partir dessas medidas. As treze manchetes sobre a imagem externa em **Men's Health** e as sete de **Nova** disciplinam o corpo, normatizando-o com técnicas e procedimentos que visam a máxima eficiência do resultado. Para os homens, músculos sarados em quinze minutos, *shape* forte e definido em um mês. Para as mulheres, beleza sem esforço e remoção de acnes, celulites e gorduras sem dor.

No sexo, máxima eficiência do prazer e empoderamento do outro pelo uso desse prazer aprendido. O orgasmo como medida de sucesso (a leitura argumentativa aprofundará esta questão). Em **Nova**, dicas para usar e conquistar o homem moderno, para fazê-lo se apaixonar pela leitora, para obter o melhor orgasmo com cada tipo de homem. Na **Men's Health**, dicas e mais dicas para seduzir e para conseguir mais sexo.

Há um reforço mútuo das imagens de homem e mulher projetadas pelas publicações. Há, também, uma equivalência nas temáticas e demandas, o que reforça a ideia de projeto. A mulher de desejo do homem **Men's Health** (como exemplificado nas imagens femininas em todas as capas) é fisicamente semelhante às modelos de **Nova**. Ambas as publicações se fazem valer de um outro do sexo oposto como estratégica retórica. A palavra *homem* aparece em todas as capas analisadas de **Nova**. Em **Men's Health**, a aprovação feminina corresponde a importante parte do argumento motivacional.

Nova e **Men's Health** trabalham com a ideia de projeto. Tal construção diz respeito a uma masculinidade hegemônica e a uma feminilidade enfatizada. Como tal, diz respeito a um ideal de homem e de mulher, com procedimentos específicos em relação ao corpo e à sexualidade que, em maior ou menor medida, ambicionam e afetam a todos, predominando e exercendo nítida influência sobre outras formas de se vivenciar o masculino e o feminino. A construção desses modelos passa necessariamente pela indústria cultural, com seus valores e processos de difusão.

Na leitura arqueológica, a pesquisa discutirá a formação da masculinidade hegemônica e da feminilidade enfatizada a partir da indústria cultural, além dos processos de formação das duas revistas, com as transformações desses ideias de masculino e feminino ao longo dos anos. Na

leitura enunciativa, a relação intrínseca desses modelos -- e das disciplinas e normas ao corpo e à sexualidade -- com o consumo. As relações de produção e consumo atuando diretamente, ambos os modelos unificados por ele.

4.4 LEITURA ARQUEOLÓGICA

O século XVIII dá início a uma abordagem científica do erotismo ao tratá-lo sob a ótica da razão²³⁶, mas é o século seguinte que vem inaugurar a noção de sexualidade, por meio de todos dispositivos oriundos daquilo que Foucault denominou *scientia sexualis*, que incluem a formação de saberes e sistemas de poder que regulam sua prática e as formas de reconhecimento. A sexualidade é justamente o correlato dessa prática discursiva desenvolvida e estruturada lentamente. É um discurso que estabelece verdades científicas e normas regulamentares para a sexualidade, atuando sobre o corpo, determinando o que deve ou não ser feito, o que é saúde ou doença, e prescrevendo procedimentos adequados para a cura e para a prática sexual.

Em *O Nascimento da Biopolítica* (2008), Foucault argumenta que o estado moderno integrou numa proporção sem precedentes técnicas de individualização subjetiva e procedimentos objetivos de totalização; um duplo vínculo político, constituído pela individuação e pela simultânea totalização das estruturas do poder. Vemos como na sociedade de consumo esse duplo vínculo se fortalece. Como elemento unificador, totalizante; consumo também como caminho subjetivante e identificatório. Vemos ainda o papel de uma indústria cultural que condiciona e legitima esses discursos sobre o corpo: “E diante de fenômenos como o poder midiático-espetacular, que está hoje por toda parte transformando o espaço político, é legítimo ou até mesmo possível manter distintas tecnologias subjetivas e técnicas políticas?”²³⁷.

O desenvolvimento do capitalismo não teria sido possível sem o controle disciplinar de um biopoder, com tecnologias diversas que proporcionaram os

²³⁶ Ibidem, p.58.

²³⁷ AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p.13.

“corpos dóceis” tão fundamentais para o sistema. Agamben (2002) mostra que a biopolítica do totalitarismo moderno e da sociedade de consumo e do hedonismo de massa possuem as mesmas raízes e justificativas. Fala também da decadência da modernidade e do progressivo convergir com os estados totalitários nas sociedades pós-democráticas espetaculares. Arendt, antes de Agamben, argumenta em *A Condição Humana* que o evento decisivo da modernidade política foi a instrumentalização da política pelo mero viver, o bem supremo. A vida se torna o valor único.

A sociedade de consumidores adapta a concepção do modelo discursivo médico-científico da *scientia sexualis* às relações mercadológicas, constituindo uma nova medicina do corpo, um novo controle. Primeiro, a compreensão da sexualidade do corpo, depois a associação da saúde à estética e a construção de padrões de corpo e de beleza, amplamente divulgados pela mídia.

Tal dispositivo, diz Foucault (como visto no capítulo 3 da dissertação), gerou um “falar de” que possibilitou a construção e a difusão de um “fazer” normatizado, em uma nova forma de realização do erótico. Na mesma perspectiva, Morin mostra como a indústria cultural associou o erotismo com o próprio movimento do capitalismo moderno. O dinheiro, sempre insaciável, se dirige a Eros, sempre subnutrido, para estimular o desejo, o prazer e o gozo, chamados e entregues pelos produtos lançados no mercado. É o que ele chama de expansão vertical do capitalismo, que invade o reino dos sonhos, acorrenta a libido e domestica Eros. Morin diz que ao utilizar o desejo e o sonho como ingredientes no jogo da oferta e da procura, o capitalismo soube impregnar a vida humana de um onirismo e de um erotismo difusos²³⁸.

O erótico passa a ser regido pelo econômico. Dentro daquilo que Lévy²³⁹ chama de virtualização, ele perde a sua essência e a sua força criativa a partir do momento em que a mídia procede de maneira semelhante à *scientia sexualis* na criação de verdades e na divulgação e controle do discurso erótico.

²³⁸ MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.122.

²³⁹ LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

O erotismo midiaticizado produz um corpo-discurso, construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas. É imagem, texto não-verbal que representa um ideal e dilui a subjetividade e a dispersividade dos corpos de natureza e de cultura²⁴⁰. É um simulacro cuja função é difundir e propagar o discurso do poder. Relaciona a saúde à estética, desagrega valores gerontocráticos, acentua a desvalorização da velhice e promove valores juvenis.

Esse processo de virtualização do erótico e de apropriação econômica dele, em que ele se dissolve nas funções mercadológicas e está presente em todas as redes de exercício do poder, acarreta na dissolução do seu próprio potencial criativo. Objetivado pela economia, ele perde suas representações locais e determinantes da moral, perde sua subjetividade. Prevalece o caráter físico, ou seja, aquilo que é expresso no corpo como erótico, que permitirá tratá-lo como mercadoria e, como tal, terá valor somente o que dele for observável universalmente.

O novo entendimento do erótico faz com que ele não seja religioso, pois sua ligação com o começo e a vida prende-se ao plano natural. Não é político, porque não é ideológico, e nem regulador da convivência social. Também não é moral, pois não propõe práticas de melhoria de vida – sonhos e utopias – e porque a consciência de eternidade prevê viver mais e não viver melhor. Desprovido da dimensão intelectual e marcado pelo código econômico, quase não se distingue do pornográfico. Está presente em todas as formas discursivas, sempre numa dimensão econômica, e não mais como erótico propriamente dito²⁴¹).

Esse erotismo midiaticizado carrega consigo elementos da *scientia sexualis* e da *ars erotica*. Do primeiro, o investimento direto sobre o corpo e a sexualidade, além da construção de um *falar de* e um *fazer* específicos às questões. Do segundo, a constituição de um poder que é imposto pelo indivíduo para si mesmo, não por meio da lei e do chicote, mas voluntária, por exercícios e cuidados. As estratégias de coerção existem e são severas, mas dependem da voluntariedade do sujeito durante o processo, por meio da identificação com esses padrões de beleza, como será discutido na leitura argumentativa. A sanção a quem não se submete a tais padrões depende da

²⁴⁰ CAMARGO, Francisco Carlos; HOFF, Tânia Márcia Cezar. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão e arte editora, 2002, p.27.

²⁴¹ *Ibidem*, p.46.

inserção social do indivíduo e diz respeito à sua imagem perante os outros e a si mesmo.

Como Morin e outros mostram, cabe à indústria cultural o papel normatizador do corpo e da sexualidade, além da tarefa de instigar, por meio desses olímpicos, a vontade para seguir tais códigos de conduta. O corpo-modelo da mídia tem de tornar aparente aquilo que, enquanto ideia, não passa de abstração, difícil portanto de ser comunicado. O corpo-modelo é um corpo-síntese. Nesta perspectiva, as revistas de comportamento analisadas cumprem função fundamental.

4.4.1 Breve histórico dos periódicos femininos

Os periódicos voltados para o público feminino têm desde sua origem uma grande relevância na construção dos costumes e práticas femininas. Eles surgem no início do século XX, com a instituição de uma nova ordem social. A criação de eletrodomésticos e outros produtos para o lar, além de maquiagens e acessórios femininos geram uma oferta publicitária. As publicações nascem a partir disso.

Tem-se na década de XX uma nova postura em relação às mulheres. Elas adquirem o direito ao voto, ganham espaço no mercado de trabalho, mas ainda são presas a raízes vitorianas, que as colocam como subalternas. É uma relação ambivalente, na medida em que se valoriza a imagem feminina, mas perpetua o seu papel doméstico.

Na realidade, a cultura de massas revela, no preciso momento que dela se apropria, a ambivalência da imagem feminina cultural ocidental, acrescida, mais do que reduzida, pelas exigências de emancipação: a hegemonia da figura feminina na publicidade, nas capas das revistas e nos cartazes, remete com efeito para a coincidência entre a mulher como potencial sujeito e a mulher como possível objeto²⁴².

Os espaços destinados às mulheres surgem juntamente com a indústria cultural. A imprensa feminina reflete e estimula as mudanças. Não é coincidência que a indústria dos cosméticos se estabeleceu na França

²⁴² PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 382

justamente neste período. Mudaram aspectos fundamentais na cultura e na visão do papel ideológico da mulher.

Em 1937, é lançada a revista Marie-Claire. Com um preço popular e uma tiragem de 800 mil exemplares, a revista introduz às classes menos abastadas os tratamentos cosméticos e os cuidados com moda e comportamento. Esses processos são interrompidos durante a segunda guerra, mas retornam logo após, acompanhando e estruturando as mudanças sociais. A Marie-Claire é publicada em mais de 30 edições internacionais, cada uma seguindo um modelo diferente, de acordo com a cultura do país. No Brasil, é publicada desde 1991.

Na Itália, a imprensa feminina é o segmento mais sólido da indústria cultural. Em alguns casos, a publicidade chega a significar mais de metade do conteúdo das revistas. Entre 53 e 63, o número chega ao triplo na relação publicidade/reportagens²⁴³. Além disso, nota-se um oligopólio na produção desses conteúdos, já que quatro empresas controlam ¾ da produção editorial.

Da desvalorização “apocalíptica” de tais publicações passou-se ao reconhecimento de que elas respondiam a uma “necessidade profunda” e eram capazes de exercer “uma função na economia psíquica” (...) ou então a considerá-las não apenas como momento de evasão, mas também como afinação da sensibilidade. Esta mudança insere-se numa nova perspectiva histórica-política que controla, por exemplo, a posição a favor do divórcio de algumas importantes revistas femininas (como Grand Hôtel, Cosmopolitan, Amica, Annabella), por ocasião do referendo que pretendia a sua revogação, rejeitada em 1974 por 59% dos votos. Alguns comentadores atribuíram essa escolha a considerações de mercado; reaparecia, pois, de uma forma nova, a conexão problemática entre o mercado e o consumo, por um lado, e a emancipação, por outro²⁴⁴.

Nos Estados Unidos, o processo é similar. Às mulheres americanas, são exigidos cuidados na administração do lar, como economia, produtividade, e cuidados com a aparência física. Essa redefinição do ideal feminino tem influência determinante tanto da indústria de cosméticos quanto de Hollywood. As revistas abordam essas duas questões, com dicas para cuidar da casa, receitas para economizar dinheiro, e matérias sobre produtos de beleza e moda. As mulheres que trabalham, na sua grande maioria em cargos modestos (secretárias, telefonistas, vendedoras etc.), gastam seu ordenado

²⁴³ Ibidem, p. 398

²⁴⁴ Ibidem, p. 399

principalmente no cuidado estético. Essas revistas, como parte da indústria cultural, estimulam o consumo desses produtos e a adoção dos costumes dos novos tempos. Os periódicos valorizam a figura feminina, mas não discutem a emancipação das mulheres ou sua condição na sociedade.

O ideal de energia, alegria, higiene, assim como uma graciosa coqueteria e uma forma de independência, não segue apenas o exemplo americano oferecido por Bette Davies e Katherine Hepburn, mas representa uma interpretação das novas necessidades que utiliza a tradição francesa do fascínio e da liberdade da mulher. É interessante recordar que, apesar da predominância do modelo americano, a cultura de massas usa a referência constante a um modelo outro, inacessível; no período entre as duas guerras ele é certamente, para a publicidade americana, o modelo da mulher francesa, a ponto de muitos produtos americanos serem apresentados como uma recuperação das práticas oriundas de Paris²⁴⁵.

Acompanhando a revolução feminista da década de 60, a revista americana *Cosmopolitan* – que já existia desde o fim do século XIX, mas sob a forma de revista para a família – assume uma produção voltada para as mulheres. Ela faz uso do momento histórico para falar abertamente de sexo. Seu modelo – que dá ênfase ao sexo e mostra celebridades, moda, mercado de trabalho – é exportado rapidamente para o resto do mundo. Hoje conta com 58 edições internacionais, inclusive com filial brasileira, sob o nome de Nova.

O longo processo (ainda inconcluso) de emancipação feminina e de auto-afirmação passou pela indústria cultural, em forma de massificação e de uniformização. O papel da mídia feminina foi determinante para essas mudanças, tanto para acelerar quanto para retardar. Eles criaram novas exigências de comportamento e de conduta e abriram um espaço para que as mulheres expusessem suas angústias e aflições.

São mais convincentes as interpretações que conseguem pôr em evidência a relação contraditória entre as mulheres e o feminino, por um lado, e a cultura de massas, por outro. O que conduz a reconhecer os aspectos de real conexão entre o desenvolvimento da cultura de massas e as formas de emancipação das mulheres ou a permanência de velhas formas de feminilidade. No primeiro tipo de conexão inclui-se a capacidade dos meios de comunicação para retomar e relançar discursos de inspiração feminista, por exemplo na publicidade de “soutiens que libertam”, no final dos anos 60, ou das férias como “liberdade de escolher”, nos anos 80. No segundo tipo, cabem todas as identificações da imagem feminina com o natural, com o biológico e com a reencarnação daquilo

²⁴⁵ PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 390

que no nosso mundo é representado como “exótico”, como outro facilmente integrável no plano do turismo e da aparência²⁴⁶.

A revolução feminina da década de 60 foi minimizada pela indústria cultural, principalmente pelos veículos voltados a esse público. Eles criaram novas obrigações para a mulher, massificaram seu comportamento. As revistas se resumem a cuidados com o corpo, e a sua constante erotização, numa relação narcisística, enquanto as questões fundamentais, que dizem respeito a emancipação da mulher e a sua condição na sociedade, foram – e permanecem – silenciadas.

A mídia constitui-se num dos principais meios de difusão e capitalização do culto ao corpo como tendência de comportamento. De um lado, a mídia, de outro lado, a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendência. A imprensa escrita vem se consolidando como espaço privilegiado não só para a divulgação de informações relativas ao corpo, mas também para a inculcação de padrões de beleza e de comportamento. Para isso, a imprensa recorre ao especialista – profissional que tem espaço e sucesso garantidos em revistas femininas – para dar dicas acerca dos cuidados com o corpo no campo da sexualidade, moda, dieta, beleza e exercícios físicos²⁴⁷.

O primeiro periódico brasileiro voltado ao público feminino foi a revista *Espelho Diamantino*, editada no Rio de Janeiro em 1827. Editada por homens, versava sobre literatura, política, arte e moda. Ainda nessa época de imprensa artesanal, surgiram as revistas *Espelho das Brasileiras*, de 1831, *Jornal das Senhoras*, de 1852, a primeira publicação a conter artigos de cunho feminista. Em 1875, aparece o periódico *O Sexo Feminino*, que contava com 800 assinaturas, feito considerável para a época. A revista possuía um olhar crítico sobre a dominação masculina através do casamento, contendo vários artigos que manifestavam apoio ao divórcio e à maior participação das mulheres no mercado de trabalho.

Capricho, de 1952, é a revista feminina mais antiga ainda em circulação. Com suas fotonovelas, chegou a vender 500 mil exemplares por mês. Em 61, surge *Cláudia*. Em 1973, a editora Abril lança a revista Nova, a primeira

²⁴⁶ PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 385

²⁴⁷ SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintomas da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004, p.127

publicação feminina a abordar temas mais polêmicos, como sexo, relacionamento e vida profissional. De acordo com o site da editora Abril²⁴⁸, a proposta da revista é orientar a mulher na busca pela independência profissional e pessoal. Metade das leitoras estão entre os 25 e 44 anos e 49% delas são da classe B. A tiragem divulgada é de 228.430 exemplares. Como visto na análise polissêmica, o sexo é o assunto mais recorrente.

Já Men's Health surge nos Estados Unidos em 1987, com a proposta de criar um estilo de vida para os homens, com matérias sobre *fitness*, nutrição, moda e sexualidade. No Brasil, a primeira publicação de Men's Health é de maio de 2006. Apesar de existirem no mercado diversas outras revistas voltadas ao público masculino, Men's Health é a primeira que aborda temas que se relacionam diretamente com o conteúdo das revistas femininas, marcando uma nova etapa na construção do ideal de masculino e feminino.

O fato desse tipo de publicação voltada para os homens e destinada a construir um ideal de corpo e de sexo ser muito mais recente que é para as mulheres traz um série de consequências. Para as mulheres, o cuidado com o corpo antecede a exigência de um bom desempenho sexual e de se afirmar por meio dele. Para os homens, o desempenho estético do corpo é que é mais recente. Ambas as publicações reforçam e dão mais ênfase aos elementos menos consolidados nesse ideal de masculinidade hegemônica e de feminilidade enfatizada, o que explica por que em **Nova** o sexo é o tema mais recorrente e em **Men's Health** é o cuidado com o corpo. Levando em conta a ideia de projeto nas duas revistas, enfatiza-se justo aquilo que causa maior insegurança, o elemento motivador.

Ainda nesta perspectiva histórica é importante observar também que as estratégias de persuasão também mudam. A necessidade de um corpo perfeito é bem mais recente ao homem, assim como sua imposição. Enquanto em **Nova** o tom autoritário prevalece, em **Men's Health** ele é muito mais fraternal. A revista se propondo, como define no site e em vários de seus editoriais, a ser um mentor disposto a liberar todo o potencial do leitor. A instigar mais que

²⁴⁸ <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/nova/>. Acessado em 14/10/2013

exigir e utilizando como benefício desses cuidados o usufruto das mulheres, das mulheres que são como as da capa de **Nova**.

Men's Health enfatiza as inseguranças dos homens como as revistas femininas já fazem por anos no que diz respeito à imagem do corpo, ao visual, ao estar em forma, ao ser desejado e desejável. Imbuí os leitores desses cuidados sobre a afirmação de que é isso que é preciso ser feito para ter o afeto das mulheres, para se destacar (a leitura polissêmica mostrou como a palavra *destaque* é recorrente na publicação) e ser desejado. Ela trata os homens da mesma forma com que **Nova** trata as mulheres, exigindo sempre mudanças, sempre melhorias. A ideia de progresso é o outro lado da moeda da insatisfação com que se é e com o que se tem. A ansiedade preenche o espaço entre a imagem vista no espelho e na capa da revista, e ela é um excelente motivador, pois as respostas (aparentes) para as inseguranças dos leitores também estão impressas nas mesmas revistas.

Na leitura arqueológica foram discutidos os processos de formação do erotismo midiático, híbrido da *scientia sexualis* e da *ars erotica*. Mostrou-se também o processo de formação e consolidação das duas publicações estudadas. Na leitura enunciativa, será discutido a relação intrínseca da construção desses modelos de sexualidade e de corpo com o consumo.

4.5 LEITURA ENUNCIATIVA

Em *A condição Humana*, Hannah Arendt descreve o trabalho, a obra e a ação como as atividades fundamentais da *vita activa*, pois correspondem às condições básicas sob as quais a vida foi dada ao homem na Terra. O **trabalho** é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. Sua condição é a própria vida. Como os outros animais, temos de saciar as necessidades permanentemente repostas do processo vital. A **obra** é a atividade que corresponde à não-naturalidade da existência humana, que não está irremediavelmente presa no sempre-recorrente ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por este último. Ela confirma a nossa singularidade perante os outros seres ao dizer respeito ao legado não-natural do passado. Sua condição humana é a mundanidade. Já a **ação** é a única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação da

matéria. Ela corresponde à condição humana da pluralidade, condição fundamental de toda vida política, artifício por meio do qual os indivíduos afirmam a sua presença única no mundo, por meio da ação e do discurso.

Arendt mostra que nos primeiros estágios do capitalismo manufatureiro há uma mudança no critério de definição do produto de fabricação humana. Se em um período anterior, a finalidade do *homo faber*, o fabricante de mundo, era a criação de objetos de uso, com o novo modelo econômico a finalidade da fabricação passa a girar em torno do valor de troca.

Por ser somente no mercado de trocas que um objeto pode adquirir valor em relação a outro, o *homo faber* ganha espaço na esfera pública. Com isso, o homem político perde o seu espaço, pois no mercado de trocas a relação entre os indivíduos se dá na condição de fabricante de produtos, exibindo não a sua individualidade, mas suas mercadorias.

Nesta mesma perspectiva, Foucault fala do *homo oeconomicus*, cria de uma nova razão governamental que coloca o mercado como instrumento de verificação da prática de governo. É ele que vai fazer com que o governo funcione com base na verdade, verdade esta que é dada pelo mercado²⁴⁹. O *homo oeconomicus* permite que a arte de governar se regule de acordo com o princípio da economia, tanto se tratando de economia política quanto de economia no sentido de restrição e autolimitação – do governo e de si. Foucault descreve esse papel como um átomo de liberdade diante de todas as condições restritivas e limitadoras de um governo possível²⁵⁰. Nesta relação, em que a liberdade só existe enquanto o mercado permanecer pressuposto inquestionável, a invisibilidade e o obscurantismo do processo são fundamentais. A mecânica econômica implica que cada um siga seu próprio interesse e, ao fazer isso, também impede a compreensão da totalidade do processo, para que possa combinar seus elementos constituintes artificial ou voluntariamente. O sujeito econômico não contesta, mas funda o caráter atomístico do processo econômico do qual está inserido.

²⁴⁹ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.45.

²⁵⁰ Ibidem, p.370.

A vitória do *homo faber* na era moderna representou também a generalização do critério utilitário. A categoria de meios e fins, que diz respeito ao processo de fabricação, foi introduzida como mentalidade nas mais diversas esferas da sociedade. Com isso, o espaço privilegiado da contemplação dá lugar à ação como o mais elevado posto, tornando a contemplação, outrora importante, sem sentido²⁵¹. Outras consequências advindas com a era moderna foram a alienação do mundo, a introspecção e a perda do senso comum.

O fato de que a moderna alienação do mundo foi suficientemente radical para estender-se até a mais mundana das atividades humanas, a obra e a reificação, à produção de coisas e à construção do mundo distingue as atitudes e avaliações modernas ainda mais nitidamente daquelas da tradição do que indicaria uma mera inversão de posições entre a contemplação e a ação, entre a atividade de pensar e a atividade de agir. O rompimento com a contemplação foi consumado não com a promoção do homem fabricante à posição antes ocupado pelo homem contemplativo, mas com a introdução do conceito de processo na atividade de produção²⁵².

O critério utilitário do *homo faber* foi levado ao extremo com a instrumentalização de tudo o que existe. O *Animal laborans* reduziu todas as atividades humanas ao denominador comum de assegurar as coisas necessárias à vida e a produzi-las em abundância. A vitória do trabalhador sobre o fabricante de objetos e o homem de ação marca um novo limiar em que humanidade e animalidade têm suas fronteiras diluídas. A fruição do mero estar vivo converte-se no horizonte da felicidade, esta compreendida como saciedade.

Arendt diz que o evento decisivo da modernidade política foi a instrumentalização da política pelo mero viver, o bem supremo. A vida se torna o valor único. A partir desse entendimento, Foucault e Agamben trabalham o conceito de biopolítica, que representa a inclusão da vida natural nos mecanismos de poder estatal. A vida biológica ganha importância política na modernidade justamente pelo seu aspecto sacro, mas também é por esse fator que ela é exposta ao poder soberano da vida e da morte.

²⁵¹ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.364

²⁵² Ibidem, p.376.

O fenômeno da biopolítica pode ser entendido como exercício cotidiano de um poder que investe na preservação da vida por meio da aniquilação da própria vida, o que leva Agamben também falar em tanatopolítica. Esse processo de inclusão da vida no cálculo político conduziu à formação de estados totalitários, observável no nazismo e no stalinismo, por exemplo. O valor – e o desvalor – da vida humana converte-se em tema central da atividade política.

A inclusão da vida na política não é exclusiva dos regimes totalitários. Isso também constitui as democracias liberais e de mercado. O desenvolvimento do capitalismo não teria sido possível sem o controle disciplinar de um biopoder, com tecnologias diversas que proporcionaram os “corpos dóceis” tão fundamentais para o sistema. Agamben mostra que a biopolítica do totalitarismo moderno e da sociedade de consumo e do hedonismo de massa possuem as mesmas raízes e justificativas. Fala também da decadência da moderna e do progressivo convergir com os estados totalitários nas sociedades pós-democráticas espetaculares²⁵³.

A vitória do *animal laborans* representa o apequenamento da estatura e dos horizontes do homem moderno, para quem a felicidade é o último objetivo a almejar e se mostra exclusivamente como saciedade e fastio. Com isso, a busca pela imortalidade é substituída pela da longevidade anônima, o que traz consequências severas para a política. Com a vitória do *animal laborans*, é a existência do mundo como obra do homem que entra em discussão. É a permanente ameaça de ser tragado pelos processos socialmente construídos para a busca e satisfação das necessidades, sempre pululantes, que está em jogo na relação do *animal laborans* com o mundo.

Arendt mostra que quanto mais fácil se torna a vida em uma sociedade de consumidores ou de trabalhadores, mais difícil é a possibilidade de se preservar a consciência das exigências da necessidade que a compele. O perigo, alerta, é que tal sociedade, deslumbrada pela abundância, e presa ao

²⁵³ Ibidem, p. 17.

funcionamento aparentemente orgânico de um processo interminável, já não seja capaz de reconhecer a sua própria futilidade²⁵⁴.

A verdade bastante incômoda de tudo isso é que o triunfo do mundo moderno sobre a necessidade se deve à emancipação do trabalho, isto é, ao fato de que o *animal laborans* foi admitido no domínio público; e, no entanto, enquanto o *animal laborans* continuar de posse dele, não poderá existir um verdadeiro domínio público, mas apenas atividades privadas exibidas à luz do dia. O resultado é aquilo que eufemisticamente é chamado de cultura de massas; e o seu arraigado problema é uma infelicidade universal, devida, de um lado, ao problemático equilíbrio entre o trabalho e o consumo e, de outro, à persistente demanda do *animal laborans* de obtenção de uma felicidade que só pode ser alcançada quando os processos vitais de exaustão e de regeneração, de dor e de alijamento da dor, atingem um perfeito equilíbrio. A universal demanda de felicidade e a infelicidade extensamente disseminada em nossa sociedade (que são apenas os dois lados da mesma moeda) são alguns dos mais persuasivos sintomas de que já começamos a viver em uma sociedade de trabalho que não tem suficiente trabalho para mantê-la contente. Pois somente o *animal laborans*, e não o artífice nem o homem de ação, sempre demandou ser “feliz” ou pensou que homens mortais pudessem ser felizes²⁵⁵.

A vitória do *animal laborans* pode ser compreendida, portanto, como uma estratégia de domesticação do homem por meio do *pathos*, aqui compreendido como desejo, como fome. Preso a necessidades artificiais, à construção social dessas necessidades, ele dedica sua vida à obtenção dessa sociedade. Em um mundo em que o tempo não pode mais ser dividido entre trabalho e ócio, mas entre produção e consumo, o *animal laborans* é um ávido trabalhador em um mundo de pouco trabalho. Esse sujeito econômico, diz Foucault, é o homem do consumo, mas, na medida em que consome, é também um produtor, o produtor da sua satisfação. Ideal de satisfação, no entanto, que é definido pelo próprio mercado, o poder agindo interna e obscuramente.

Dessa forma, o tempo excedente do *animal laborans* nunca pode ser empregado em algo que não seja o consumo, e quanto maior é o tempo livre, mais ávidos e urgentes precisam ser esses desejos. Com tal voracidade, nenhum objeto do mundo – nem mesmo as próprias pessoas, como mostra

²⁵⁴ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.167-168

²⁵⁵ Ibidem, p.166.

Bauman²⁵⁶, pois elas são tanto sujeito quanto objeto nesse processo – está a salvo do consumo e da aniquilação por meio dele²⁵⁷.

É vital para o sistema produtivo a produção de consumidores, o que se realiza, como mostra Arendt, na forma com que as mercadorias são exibidas e incorporadas à vida social. Isso traz como consequência um tensionamento das subjetividades, a partir de uma miríades de modelos de identificação e de vinculação obtidos pelo consumo.

A indústria cultural é parte estruturante neste processo, ao implantar na cultura os mesmos pressupostos em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho²⁵⁸. Se o aumento da produção depende necessariamente do aumento do consumo – e, portanto, da destruição daquilo que foi produzido – a insaciabilidade é condição indispensável ao processo. O mal-estar advindo dessa busca irrefreável, verdadeiro trabalho de Sísifo, não é apenas consequência de se viver em um sistema em que o consumo é elemento totalizador e subjetivante: o mal-estar é também o combustível que move o essa busca, ao estimular o consumo e, conseqüentemente, aumentar a produção, ao exigir do sujeito constantes reelaborações de si mesmo.

Uma dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas poderem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. O corolário dessa possibilidade é a suposição de que as pessoas podem ser juízes incompetentes de sua própria situação, e devem ser forçadas ou seduzidas, mas em todo caso guiadas, para experimentar a necessidade de ser “objetivamente” livres e para reunir a coragem e a determinação para lutar por isso²⁵⁹.

²⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008, p.32

²⁵⁷ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.165-166

²⁵⁸ COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 10.

²⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p.25

A masculinidade hegemônica e a feminilidade enfatizada, expostas nas capas de **Men's Health** e de **Nova**, assim o são por possuírem uma relação intrínseca no seu comportamento e nas suas formações com o consumo. O corpo e o erotismo ali exibidos são industriais, revelam o predomínio da técnica sobre a subjetividade.

O corpo-modelo não é o corpo natural. É o corpo rigidamente trabalhado, disciplinado por normas, técnicas e procedimentos específicos, destinados a maximizar os ganhos e minimizar o tempo de produção. Manchetes prometem o corpo-modelo: barriga magra, coxas grossas, braços fortes, ombros largos. E o prometem, por meio desses procedimentos técnicos, com produtividade máxima: dietas com resultados quase instantâneos, quase sem esforços; exercícios de musculação com eficiência e imediata.

O culto da produtividade aliado também ao corpo: maximização dos ganhos corporais e estéticos a partir de estratégias cientificamente comprovadas e maximização da obtenção de prazer por meio de técnicas, também embasadas por estudos acadêmicos. Não só o culto da produtividade, mas a demanda gerada a partir dela: com procedimentos tão simples e eficientes, como não, ou melhor, por que não aderir? Só depende do sujeito essa adesão, e quanto maior for ela por parte das pessoas que o cercam, maior a pressão para que ele a faça também.

Pois não são só os procedimentos técnicos da indústria que se introduzem no corpo; são principalmente os valores que passam a operar na lógica de produção do corpo e de sua erótica. Se o que apresentado naquelas capas é tido como modelo, como ideal, por consequência, a não adequação é o seu oposto. Gera infelicidade, frustração, mal-estar. Os sentimentos de identificação, de pertencimento, de aceitação e de satisfação consigo são partes estruturantes do processo, como será discutido na leitura argumentativa.

Tais mudanças beneficiam o comportamento industrial ao elevar a mentalidade industrial de progresso no próprio cuidado com o corpo e com o sexo. Pode-se até mesmo pensar em produção e consumo, lados da mesma moeda.

Na primeira etapa, a produção do sexo, tem-se os cuidados com o corpo, o aprendizado técnico, a conduta. Esse processo demanda gastos. O corpo da moda, a roupa da moda, a técnica da moda têm seus custos de produção. Sexo não é conjunção carnal de dois corpos nus, pois ninguém está realmente nu no sexo industrial. Os participantes vestem máscaras, assumem papéis previamente concebidos. O ato começa com a concepção do ser industrial, que é sexualmente atrativo porque carrega consigo os valores propagados pela indústria.

Na segunda etapa, o consumo do sexo industrial, tem-se o sexo como válvula de escape das tensões provocadas pelo trabalho repressivo. A nova jornada de trabalho, surgida após importantes movimentos que exigiam melhores condições para os trabalhadores, não leva o operário à exaustão física, mas a adequação do homem à máquina e seu ritmo de produção mecanizado proporcionam um desgaste mental muito grande. A conduta vitoriana²⁶⁰, que reprimia o sexo sob todas as formas que não a para fins procriativos, é abandonada por ser ineficaz nos novos tempos. A conduta sexual é modificada para atender aos interesses produtivos e seu consumo proporciona o relaxamento tão fundamental para o início de uma nova jornada de trabalho.

Com respeito a isso confrontamos um novo e específico problema no mundo ocidental – a guerra entre eros e tecnologia. Não existe guerra entre sexo e tecnologia: as inovações tecnológicas ajudam a tornar o sexo seguro, disponível e eficiente. Sexo e tecnologia se reúnem para alcançar o “ajuste”; com a plena libertação da tensão nos fins de semana, pode-se trabalhar melhor no mundo convencional às segundas-feiras. As necessidades sensuais e a sua gratificação não estão em guerra com a tecnologia, pelo menos no sentido imediato (se estão a longo prazo é outra questão)²⁶¹.

O sexo ganha requintes industriais: ele é despersonalizado, padronizados com normas e técnicas, regidos conforme a necessidade de indústria, que descaracteriza a sexualidade e a insere dentro da relação produção/consumo, reduzindo Eros à erotização, ao uso do corpo como ferramenta da indústria. O orgasmo atua como medida de sucesso, elimina a subjetividade da relação, anuncia a infabilidade da técnica. O homem perfeito (seja lá quem for) está ao alcance da leitora da **Nova**, desde que ela consiga se utilizar dos macetes da

²⁶⁰ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade** v.1. São Paulo: Graal, 2003, p. 11

²⁶¹ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**. Petrópolis: Vozes, 1973, p.107

reportagem. Caso não consiga, o insucesso é por sua própria conta. As dicas infalíveis de sedução da **Men's Health** eliminam a subjetividade da mulher a ser seduzida. Não importa quem seja, tal a força da técnica, seu domínio sobre outras esferas.

O amante tecnologicamente eficaz, derrotado pela contradição que é a cópula sem eros, acaba por tornar-se impotente. Perdeu a força de ser arrebatado e sabe muito bem o que está fazendo. Os instrumentos deixam de ser uma ampliação da consciência, passando a ser seus substitutos, e tendendo a recalá-la e truncá-la²⁶².

É preciso levar em conta também nesse processo de produção e consumo do corpo e da sexualidade o quão disciplinador é o débito, a dívida. Paga-se a crédito esse investimento com o corpo e nesse sexo, cujo resultado será a aceitação, o sentimento de sucesso, de vitória, de progresso. Todos os valores mais enaltecidos pela sociedade retraduzidos nesses novos investimentos. Tal investimento, no entanto, tem como contrapartida a necessidade de se estar sempre produzindo, sempre recebendo dinheiro para poder arcar com gastos. O espaço público invadido pelo privado. São os shoppings, os condomínios de luxo fechados, os residenciais privativos, os clubes etc. O consumo permeia todas as relações – e a disciplina é conduzida de forma a obrigar o trabalhador a produzir caso ele queira consumir – produção e consumo do corpo, produção e consumo do sexo também. Sempre se está um passo atrás do corpo-modelo. Sempre se está em dívida em relação a ele. Tal débito é disciplinador desse conduta, forçando sempre o investimento -- ou as consequências da negação dele. A esteira da academia é também a roda do hamster.

Na leitura enunciativa, foi discutido o papel do consumo na formação da masculinidade hegemônica e da feminilidade enfatizada. Os ideais e valores industriais se inserem também na construção do corpo e do seu erotismo. Por meio das manchetes, é possível pensar na produção e no consumo do corpo e do sexo. O consumo como elemento integrador dos dois ideais de masculino e feminino.

²⁶² MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**. Petrópolis: Vozes, 1973, p.109.

Na leitura argumentativa, será discutido o papel do mal-estar freudiano, motor desse consumo e da construção do corpo e do sexo. Além disso, os efeitos dessa ação nas forças de Eros e de Tânatos.

4.6 LEITURA ARGUMENTATIVA

A partir de 1920, com a publicação de *Além do Princípio de Prazer*, o estudo sobre o antagonismo entre os instintos libidinais e os de autopreservação cede lugar para outro antagonismo de forças: o conflito entre o instinto de vida (Eros) e o instinto de morte (Tânatos). A vida passa a ser definida como conflito e conciliação entre os dois instintos²⁶³.

As forças que existem por trás das tensões provocadas pelo id são chamadas por Freud de instintos, aos quais ele divide em duas forças antagônicas, Eros, o instinto de vida, e o instinto de morte. Este tem como objetivo conduzir a vida orgânica de volta ao seu estado inanimado²⁶⁴. Ele define o instinto como um impulso presente em todos os organismos vivos que tem por objetivo retornar a um estado anterior, o qual só foi abandonado por forças externas desviantes. Assim sendo, ele reconhece a natureza conservadora dos organismos²⁶⁵. Freud é enfático: “o objetivo de toda a vida é a morte e, retrospectivamente, que o inanimado exista antes que o vivente²⁶⁶”.

O que parece ser apenas uma nuance tem inúmeras consequências, pois frente ao espectro da morte, o único adversário à altura é Eros, figura metafórica das pulsões de vida. O que esta nova definição reagrupa? A soma das pulsões anteriormente descritas que agora se encontram reunidas sob uma denominação única: as pulsões de autoconservação, as pulsões sexuais, a libido objetual e o narcisismo. Em suma, todos os elementos constitutivos das teorias anteriores nada mais são do que subconjuntos reunidos por uma função idêntica: a defesa e a realização da vida por Eros contra os efeitos devastadores das pulsões de morte²⁶⁷.

²⁶³ FREUD, Sigmund. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.53

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.202.

²⁶⁶ Ibidem, p.204

²⁶⁷ GREEN, André. Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo: ed. Escuta, 1988, p.11

Os fenômenos da vida passam a ser explicados por Freud pela ação recorrente dessas duas pulsões. Eros tem como objetivo unir e formar laços cada vez maiores, como famílias, raças, povos, etc. Já Tânatos tende a dissolver essas unidades e retorná-las a seu estado orgânico inanimado. Enquanto as ações de Eros são mais visíveis, Freud diz que a pulsão de morte opera silenciosamente. Ela só aparece de maneira mais clara nos processos nitidamente patológicos, como as toxomanias, nas quais a obtenção do gozo é empenhada a qualquer preço.

Não é o desprazer que substitui o prazer, é o Neutro. Não é na depressão que devemos pensar aqui, mas na afanise, no ascetismo, na anorexia de viver. É este o verdadeiro sentido de “Além do princípio do prazer”. A metáfora do retorno à matéria inanimada é mais forte que se pensa, pois esta petrificação do Eu visa a anestesia e a inércia na morte psíquica. É apenas uma aporia, mas é uma que permite compreender o objetivo e o sentido do narcisismo de morte²⁶⁸.

Marcuse explica que a liberdade de excitação foi abandonada no início da vida; portanto, a tendência instintiva para o equilíbrio, com o choque de Eros e Tânatos, é, no derradeiro momento, a regressão para um estado anterior à própria vida. Justifica:

O instinto de morte é destrutividade não pelo mero interesse destrutivo, mas pelo alívio de tensão. A descida para a morte é uma fuga inconsciente à dor e às carências vitais. É uma expressão da eterna luta contra o sofrimento e a repressão²⁶⁹.

O instinto de vida abrange o instinto sexual desinibido, os impulsos naturais de natureza inibida e também o instinto autopreservativo. Ele se contrapõe ao instinto de morte por buscar a expansão. Eros deve ser compreendido como a sexualidade que inclui o reconhecimento do outro no plano psíquico, sendo um destino culturante da pulsão. Guimarães destaca entre esses destinos os processos identificatórios e o estreitamento dos vínculos afetivos – que exigem uma sexualidade em estado dessexualizado –, pois fortalecem os laços sociais e canalizam a energia libidinal, que, de outra forma, inviabilizaria a vida em conjunto²⁷⁰.

²⁶⁸ GREEN, André. Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo: ed. Escuta, 1988, p.24

²⁶⁹ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 47.

²⁷⁰ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p.174

É preciso fazer, portanto, a distinção entre energia sexual destinada a processos culturantes e energia como alívio de tensão. Enquanto as pulsões de vida têm como objetivo o objeto *a* com suas roupagens imaginárias, a pulsão de morte almeja o objeto primário, inacessível. Em *O mal-estar na civilização*²⁷¹, Freud destaca que os dois tipos de pulsões raramente aparecem isolados um do outro, pois a civilização também se constrói nesse conflito. Eros, além de culturante, é culturado²⁷².

Eros e pulsão de destruição não formam um par de termos iguais. (...) Pois se a compulsão à repetição é o modo de atividade de toda pulsão (...) pode-se dizer então que algo da essência da pulsão de morte está em Eros, ou que Eros a captou em seu proveito, o que desqualifica a pulsão de morte e nos obriga a falar dela como o termo invisível e silencioso de um par cujo contraste não é mais apreensível senão como uma sombra lançada sobre o brilho de Eros. Aqui, um remanejamento da oposição vai permitir a Freud dizer – primeiro redobramento – que as duas pulsões podem trabalhar juntas ou uma contra a outra. Se a desintrição pulsional – no caso do trabalho discordante – tal como a patologia nos dá exemplos (melancolia, paranoia), pode sugerir alguma representação nas relações amor-ódio, a colaboração das duas pulsões pode criar perplexidade, se não nos detemos, é claro, na ideia de uma neutralização do ódio pelo amor e se não nos contentamos com argumentos de ordem quantitativa para suprimir a questão²⁷³.

A função *universal* da pulsão individualiza-se num sujeito particular, com a condição de que o sujeito se sujeite. Na última teoria das pulsões, as funções de Eros e das pulsões de destruição juntam-se às grandes categorias da tendência à reunião e da tendência à divisão, conjunção e disjunção, sutura e corte. Green argumenta que a interiorização desta contradição leva a reencontrar em Eros uma dualidade que será o segundo redobramento: a divisão de Eros entre amor de si e amor de objeto e entre conservação de si e conservação da espécie.

Para se pensar nos processos advindos dessa divisão de Eros, é preciso ainda discutir alguns pressupostos. Green aponta a necessidade de um exame

²⁷¹ FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 141.

²⁷² GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 175.

²⁷³ GREEN, André. **O narcisismo primário: estrutura ou estado?**. In: **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988, p.104.

detalhado das relações entre aparelho psíquico e pulsões²⁷⁴. As pulsões estão sempre para o aparelho psíquico ou o aparelho psíquico está para as pulsões? Para Freud, a teoria das pulsões já coloca em jogo este já-estruturado, cuja articulação é organizadora das condições de possibilidade do funcionamento onde se revela o sujeito. Já estruturado, no entanto, não só não significa que o modo de estrutura seja idêntico em todos os casos, como é de interesse do sistema essa heterogeneidade.

O aparelho psíquico representa a construção cujo jogo pulsional seria possível se fosse outra coisa do que um funcionamento agonista e antagonista. Mas, inversamente, não teríamos, nenhuma ideia do que pode ser a natureza fundamental deste agonismo e deste antagonismo se um aparelho psíquico não os representasse²⁷⁵.

As pulsões agem essencialmente nas dimensões dinâmicas e econômicas. Elas não poderiam, portanto, ter nenhuma localização. Já o aparelho psíquico tem como característica ser extenso no espaço, ou seja, converter os modos de transformação provenientes do sistema dinâmico e econômico das pulsões em um sistema de interdependente de superfícies e de lugares, aptos a receber modos qualitativos e quantitativos de inscrições diversificadas, com capacidade de filtrá-los e retê-los sob as formas que o próprio aparelho julgar apropriada.

Tais entendimentos são absolutamente importantes para a compreensão dos conceitos de narcisismo de vida e narcisismo de morte, fundamentais para a análise em questão.

Freud introduz o narcisismo em 1914, a partir do trabalho clínico de Paul Nacker. Primariamente, o conceito denota a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado, contemplando-o até obter satisfação completa por meio dessas atividades²⁷⁶. Desenvolvido até tal ponto, Freud argumenta que o narcisismo passa a significar uma perversão que absorve a totalidade da vida

²⁷⁴ GREEN, André. **O narcisismo primário: estrutura ou estado?**. In: **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988, p.102.

²⁷⁵ Ibidem, p.103.

²⁷⁶ FREUD, Sigmund. **Narcisismo: uma introdução(1914)**. In: **A história do movimento psicanalítico e outros trabalhos** (Vol.14). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 81.

sexual do indivíduo, exibindo assim todas as características encontradas no estudo das perversões.

Freud observa que as atitudes narcisistas são encontradas em pessoas que sofrem de outras perturbações, o que levou ao entendimento de que a localização da libido descrita como narcisismo estivesse presente em uma maior extensão, reivindicando lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano. Nessa acepção, o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, atribuído a toda criatura viva²⁷⁷.

O tom ensaístico e especulativo do texto é justificado pela ausência total de uma teoria dos instintos, conforme ele mesmo reconhece. A obra em questão é escrita antes da última teoria das pulsões, consolidada seis anos depois com *Além do Princípio de Prazer* (1920). Apesar disso, no entanto, Freud traz contribuições essenciais.

Ele entende que o narcisismo resulta da libidinização das pulsões do Eu destinadas até então para a autoconservação, o que representa um salto decisivo em sua teoria, pois leva a sexualidade ao seio do Eu. Tendo a libido se desviado dos objetos e refluído para o Eu, Freud vê nisso um desafio à transferência. A megalomania e a superestima do poder dos próprios desejos e atos, características do narcisismo, tornam os pacientes inacessíveis à influência da psicanálise e possuem uma explicação na dor e no mal-estar.

É do conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento. Uma observação mais detida nos ensina que ela também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar. A banalidade desse fato não justifica que deixemos de traduzi-lo nos termos da teoria da libido. Devemos então dizer: o homem enfermo retira suas catexias libidinais de volta para seu próprio ego, e as põe para fora novamente quando se recupera²⁷⁸.

²⁷⁷ FREUD, Sigmund. **Narcisismo: uma introdução(1914)**. In: **A história do movimento psicanalítico e outros trabalhos** (Vol.14). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 81.

²⁷⁸ Ibidem, p. 89.

Green argumenta que a teoria do narcisismo era uma chamariz tão eficaz que fazia a própria teoria sofrer a sedução da ilusão unitária, dessa vez recaindo para a libido. É a partir disso que ele propõe a última teoria das pulsões, opondo pulsões de vida e as pulsões de morte, mudando a sexualidade de estatuto²⁷⁹.

A nova concepção do Eu, no entanto, não significou para Freud uma retomada dos problemas colocados pelo narcisismo vistas sob o ângulo da última teoria das pulsões, o que deixou o problema em aberto. Green, aluno de Lacan, retoma a discussão com seus conceitos de narcisismo de vida e narcisismo de morte.

É preciso, aqui, recuperar as evidências: os narcisistas são pessoas feridas -- de fato, carentes do ponto de vista do narcisismo. Frequentemente a decepção, cujas feridas ainda estão em carne viva, não se limitou a um dos pais, mas a ambos. Que objeto lhes resta para amar senão eles mesmos? Certamente, a ferida narcísica infligida à onipotência infantil direta ou projetada sobre os pais é algo que diz respeito a todos nós. Mas é claro que alguns nunca se restabelecem, mesmo depois da análise²⁸⁰.

No que concerne ao narcisismo, o objeto, fantasiado ou real, entra em relação conflitiva com o Eu. A sexualização do Eu tem como efeito transformar o desejo pelo objeto em desejo pelo Eu. A isso, Green chama de *o desejo do Um com apagamento da marca do desejo do Outro*²⁸¹.

O desejo é o movimento pelo qual o sujeito é descentrado. A busca do objeto de satisfação, sempre faltoso, faz o sujeito viver a experiência de que seu centro não está mais nele mesmo, e sim em um objeto ao qual tenta se reunir para reconstituir seu centro por meio da unidade -- identidade reencontrada. É ele que induz a consciência de separação e a da dessincronia temporal com o objeto, criadas pela postergação necessária à experiência de satisfação²⁸². A teoria psicanalítica mostra que sobre essa matriz simbólica primária vários fatores irão se opor à plena realização do desejo, como a

²⁷⁹ GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988, p.11.

²⁸⁰ Ibidem, p.17.

²⁸¹ Ibidem, p.21.

²⁸² Ibidem, p.21.

desintricação das pulsões, a bissexualidade, o princípio de realidade e, por fim, o narcisismo. O aparelho psíquico, no entanto, possui meios para fazer frente à impossibilidade de realização do desejo em sua plenitude.

A primeira delas é a realização alucinatória do desejo como ilusão reparadora do objeto (como visto no capítulo 1 da dissertação). Este modelo se enriquecerá quando das frustrações ulteriores, não mais ligadas à busca do seio. Tal solução, no entanto, é imperfeita e exigirá do aparelho psíquico outras ações, a identificação como a mais fundamental delas, pois suprime a representação do objeto, o próprio Eu se tornando este objeto, confundindo-se com ele.

A identificação primária é entendida como identificação narcísica, o Eu fundindo-se com um objeto que é muito mais uma emanção dele do que um ser distinto na alteridade²⁸³. Esta, não reconhecida, inflige ao Eu desmentidos sobre o ser do objeto, provocando decepções constantes sobre o que se espera dele. Green explica que tudo isso é prejudicial ao Eu, pois tendo fracassado nessa experiência fundamental de deslocamento na busca de um objeto substituto, capaz de reparar as feridas do objeto originário, toda a sequência de deslocamentos sobre objetos substitutos apenas renovará a experiência fracassada.

A ego-sintonia do Eu só deve então ser procurada nos investimentos do Eu por suas próprias pulsões: é o narcisismo positivo, efeito de neutralização do objeto. A independência assim adquirida pelo Eu com respeito ao objeto é preciosa, mas precária. Pois o Eu não pode nunca substituir totalmente o objeto²⁸⁴.

O narcisismo permite que o Eu adquira certa independência, transferindo o desejo do outro para o desejo do Um. No entanto, caso a realização unitária do narcisismo falhe, tal mimese pode se inverter, tornando-se não-desejo ou desejo do não-desejo.

O narcisismo é o apagamento da marca do Outro no Desejo do Um. A diferença instaurada pela separação entre a mãe e a criança é compensada pela investidura narcísica. Esta capta o termo que, em todos

²⁸³ Ibidem, p.22.

²⁸⁴ Ibidem, p.23.

os sentidos, fundava a diferença pelo lugar que a criança ocupava no desejo da mãe. O mais aquém da diferença estabelece uma outra diferença, constituída pela tomada da mãe na estrutura enquadrante. Os investimentos parciais que lhe eram destinados entram, no entanto, na sequência das trocas e das transformações que experimentam entre eles, onde as formas da representação serão o produto e o testemunho²⁸⁵.

O narcisismo primário ou original diz respeito, portanto, à concentração da libido dentro do eu. Posteriormente, quando a libido antes dirigida para os objetos externos se retrai para o ego já constituído, tem-se o narcisismo secundário.

Green mostra como esses mecanismos de transformação de energia livre em energia ligada são formas do organismo se proteger contra o excesso de estímulos externos. A isso, ele chama de *para-excitação*, que tem a dupla função de interdizer toda transformação da recepção de estímulos que seja da ordem das mudanças do registro de expressão, da mutação e da combinação. A proteção contra tais investimentos prevalece sobre a recepção²⁸⁶.

O para-excitação, cujas propriedades localizam a fonte externa das excitações, vê sua ação reforçada pelo princípio de realidade, que realiza plenamente a distinção entre Eu e mundo externo. O recalçamento seria seu forro. Nesta ótica, indubitavelmente, o narcisismo primário estaria do lado deste aquém do recalçamento, do lado de um mundo não-ordenado, ilimitado, onde o Eu se confundiria com o cosmo de onde decorre sua qualificação ego-cósmica. Ora, como dissemos, a característica do narcisismo primário absoluto é a procura de um nível zero da excitação. A abolição de todo movimento, a proteção contra toda tensão não são obrigatoriamente geradoras deste sentimento de expansão, ainda que isto possa às vezes acontecer²⁸⁷.

Tal mecanismo de defesa é fundamental para a manutenção da unidade no aparelho psíquico. Como mostrado ao longo da dissertação, o eu precisa atender às exigências contraditórias do Id, do superego e da realidade externa, além de estabelecer para si uma unidade, dando conta de uma ligação erótica consigo mesmo sem perder de vista a necessidade de conexão com objetos externos. Green compreende o narcisismo não como um estado, mas como uma estrutura, com papel fundamental na formação do sujeito. Mostra também

²⁸⁵ Ibidem, p.136.

²⁸⁶ Ibidem, p.117.

²⁸⁷ Ibidem, p.123.

como Eros e Tânatos, cada um a seu modo, se relacionam com essa estrutura e agem em todo o aparelho psíquico.

Quanto mais Freud avança na sua reflexão mais o Eu se revela incapaz de responder às suas tarefas. Servidor de três amos com exigência contraditórias, Isso, Supereu e realidade, tem que levar em conta ainda a cegueira que apaga sua parte inconsciente, além do veneno que o mina por dentro: a pulsão de morte. Torna-se o palco de um conflito que só revela toda sua extensão na doença, mas que este presente em todos. Preso entre sua obstinação de não abandonar suas fixações libidinais mais antigas, incompatíveis com as limitações da realidade externa – a do mundo físico, assim como a do mundo social – e a destrutividade das pulsões de morte, de orientação centrífuga ou centrípeta, esgota-se para tapar os buracos, colmatar as fissuras, apoiar suas paredes, indo de uma avaria à outra, para se manter de pé. Visão pessimista sem dúvida. A vida parece ser tão natural que talvez não nos surpreendamos o suficiente de que ela possa ser agradável, assim como Einstein dizia que não nos surpreendemos o suficiente de que o Universo seja compreensível²⁸⁸.

O narcisismo de vida diz respeito portanto à ligação com Eros que permite que o aparelho psíquico se defenda dos abusos e da frustração do objeto, permitindo um reinvestimento saudável em si, sem que este anule a vontade de ligação com o objeto externo. A ameaça unitária, a duplicação, o infinito ilimitado e a nadificação fazem parte de todo o processo e as pulsões de vida atuam para manter o Eu estável (na medida do possível), aliando o amor e a conservação de si com o amor e a conservação do objeto. Para amar ao outro, para estabelecer uma relação verdadeiramente erótica com ele, é preciso, antes de tudo, saber amar a si mesmo -- objetivo do narcisismo de vida.

Já o narcisismo de morte, duplo sombrio de Eros, não visa a sustentação do Eu por meio das pulsões sexuais, mas, frente aos abusos e feridas que a relação com o objeto proporciona, ele investe essa energia libidinal em si mesmo, fragmentando o Eu e anulando o objeto exterior. O narcisismo de morte, frente à dor, dirige-se à inexistência, à anestesia, ao vazio, ao neutro.

Ao narcisismo positivo devemos unir seu duplo invertido que proponho chamar de narcisismo negativo. (...) Em vez de sustentar o objetivo da unificação do Eu por meio das pulsões sexuais, o narcisismo negativo,

²⁸⁸ Idem. **O Eu, Mortal-Imortal. In: Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988, p.289.

sob o domínio do princípio de Nirvana, representante das pulsões de morte, tende para a redução ao nível Zero de toda a libido, aspirando à morte psíquica. É o que me parece lógico inferir daquilo que se torna o narcisismo depois da última teoria das pulsões. Além do despedaçamento que fragmenta o Eu e o faz retornar ao autoerotismo, o narcisismo primário absoluto anseia pelo repouso mimético da morte. É a busca do não-desejo do Outro, da inexistência, do não-ser, outra forma de acesso à imortalidade²⁸⁹.

Como visto no primeiro capítulo da dissertação, é a cultura que irá fornecer os meios e as condições de ligação com esses objetos. As ações de Eros e de Tânatos atravessam todo o aparelho psíquico, o que faz com essas pulsões sejam, simultaneamente, culturadas e culturantes. Conforme discutido no terceiro capítulo da dissertação, a fragmentação do eu na pós-modernidade, o modo como a sociedade de consumo opera, o sistemático controle do corpo e o mal-estar advindo de todos esses processos influem sistemática e profundamente nas relações de objeto e na ação das duas pulsões.

Tal entendimento possibilita pensar na produção industrial de Tânatos, ou seja, nos processos pelos quais a cultura se utiliza especificamente da pulsão de morte e o mal-estar para servir ao consumo e à sociedade de consumidores, conforme discutiremos a seguir.

4.6.1 A produção Industrial de Tânatos

Freud explica em *Além do princípio de Prazer* que a civilização surge da repressão dos instintos primários e da conversão dessa energia em força produtiva. A esse fenômeno, ele dá o nome de transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. São duas forças antagônicas que atuam entre si e que garantem, ao mesmo tempo, a realização das necessidades fundamentais do inconsciente e a sobrevivência da espécie. O processo civilizatório é progresso no trabalho, que visa o agenciamento e ampliação das necessidades humanas.

O argumento que Marcuse e May levantam é que o embate dessas duas forças fundamentais tem sido combatido. O princípio de realidade passa a se

²⁸⁹ Ibidem, p.300.

inserir no princípio de prazer; com isso, as forças repressivas atingem até o reino do inconsciente, antes fortaleza impenetrável.

Hoje, comparada com a dos períodos puritano e vitoriano, a liberdade sexual aumentou indiscutivelmente (embora uma reação contra a década de 20 observasse claramente). Ao mesmo tempo, porém, as relações sexuais passaram a estar muito mais assimiladas com as relações sociais. A liberdade sexual harmoniza-se com o conformismo lucrativo. O antagonismo fundamental entre sexo e utilidade sexual – em si mesmo um reflexo do conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade é obnubilado pela progressiva incrustação do princípio de realidade no princípio de prazer. Num mundo de alienação, a libertação de Eros atuaria, necessariamente, como uma força destruidora e fatal – como a total negação do princípio que governa a realidade repressiva²⁹⁰.

O modelo econômico é determinante para a conduta social – e o sistema de produção industrial desenvolveu um regime tecnicista e repressor que insere seu modelo em todas as estruturas do aparelho mental humano. Marcuse afirma que o controle das forças libidinais modificou sua função instintiva. Se antes eram válvulas de escape do cerceamento pelo princípio de realidade, agora são fonte de ansiedade e objeto de repressão.

Ansiedade, amor, confiança, mesmo a vontade de liberdade e solidariedade com o grupo a que se pertence – tudo acabou por servir às relações economicamente estruturadas de dominação e subordinação. Contudo, pelo mesmo princípio, mudanças fundamentais na estrutura social acarretarão mudanças correspondentes na estrutura instintiva. Com a obsolescência histórica de uma sociedade estabelecida, com o crescimento de seus antagonismos internos, os tradicionais vínculos mentais afrouxam: as forças libidinais ficam livres para novas formas de utilização e, assim, mudam sua função social. Agora já não contribuem para a preservação da sociedade, mas levam à edificação de novas formações sociais; é como se deixassem de ser o cimento e, em seu lugar, se convertesse em dinamite²⁹¹.

Edgar Morin insere a cultura de massa como produto da dialética produção-consumo, estabelecida no centro de outra dialética, a global, que é a da sociedade como um todo. Tem-se início a expansão vertical do capitalismo, que invade o reino dos sonhos, acorrenta a libido e domestica o Eros. A cultura de massas mergulha nas profundezas do mundo onírico da libido, o que faz com que o Eros entre no circuito econômico. Dotado de poder industrial, o instinto de vida desaba sobre a civilização.

Morin diz que ao utilizar o desejo e o sonho como ingredientes no jogo da oferta e da procura, o capitalismo impregnou a vida humana de um onirismo e

²⁹⁰ MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.95

²⁹¹ Ibidem, p.208

de um erotismo difusos mais do que a reduziu ao materialismo. Essa técnica de estimular o consumo por meio da libido instalou uma relação dúbia, já que as mulheres e homens se tornam ao mesmo tempo sujeitos e objetos²⁹².

O princípio de realidade se insere no princípio de prazer. Com isso, todas as esferas da psique humana se tornam passíveis de repressão. Nesse processo que condiciona os impulsos sexuais à ordem econômica, o instinto de morte sai fortalecido, em detrimento do instinto de vida.

Na mitologia grega, Eros foi um dos quatro fundadores do universo. É ele quem doa o espírito vital aos homens, que antes eram apenas barro. Posteriormente, outros pensadores definiram Eros sob o mesmo enfoque. Platão via Eros como o poder formador de todas as coisas existentes. Para Santo Agostinho, era a ânsia de união mística que emerge da experiência religiosa.

Os instintos de vida recondicionam os impulsos sexuais primários, que são de morte, para garantir a perpetuação da espécie. Marcuse postula que com a transformação da sexualidade em Eros, os instintos de vida desenvolvem sua ordem sensual, ao passo que a razão se torna sensual na medida em que abrange e organiza a necessidade em termos de proteção e enriquecimento dos instintos de vida²⁹³.

Com isso, Freud faz a distinção entre sexo como alívio de tensão – este como pulsão de morte – e sexo como força criadora – este como pulsão de vida. Eros é o desejo, a eterna ânsia por expansão. Eros é vontade de potência, é o ímpeto inconsciente e consciente para conectar-se, para a emoção (do latim *e-movere*, mover-se, ir para frente), é a angústia fundamental e inerente ao ser, que visa não por um fim à angústia, mas se formar em torno dela.

O processo de industrialização e globalização também industrializou o homem, não só na sua relação com o universo exterior, mas, principalmente, na relação com a sua própria humanidade. O contato cada vez mais intrínseco

²⁹² MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 122

²⁹³ MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.194

do homem com a máquina, gera, quase dialeticamente, uma síntese, um híbrido homem-robô: ao passo que as máquinas ficam cada vez mais humanizadas em sua forma, os homens ficam cada vez mais artificiais.

O caminho para essa mecanização é justamente a supressão de Eros, porque ele é o instinto construtor de cultura, o elemento que desencadeia a força vital de construção. Isso porque Eros possui caracteres que são contrários à ordem econômica industrial. Eros é subjetividade, é o ímpeto para uma conexão afetiva, é o campo das angústias e das emoções tão necessárias para o amadurecimento do homem. Freud diz que “quando a satisfação triunfa, Eros é eliminado, e o instinto de morte fica livre para realizar os seus propósitos²⁹⁴”.

Então Tânatos é sobreposto a Eros. E há de se considerar as vantagens econômicas para tal fato: a paixão erótica gera instabilidade emocional, aumenta a ansiedade e a angústia. Ela é subjetiva, pessoal, única. Essas características vão de encontro com os preceitos de objetividade, impessoalidade, estabilidade e estandarização.

Deriva daí o movimento que estimula Tânatos. É da essência humana a propensão para a morte, isto é, obter o máximo de prazer e o mínimo de desprazer. O instinto de morte é o ímpeto para o fim do sofrimento que é a existência. Ele visa a gratificação dos instintos primevos; universais, portanto. O estímulo à libido atinge diretamente o inconsciente, que, mesmo cego, conduz as ações humanas. Mas não se tem, no entanto, Tânatos, e sim princípio de realidade disfarçado de instinto de morte. Vende-se repressão, mas disfarçada de libido, de gratificação.

Pois com o princípio de prazer subjugado, o sistema econômico passa a controlar justamente a parte do aparelho mental que era livre de controle, o inconsciente. E se é Eros a força que pode reaver esse controle para o próprio ser, ele também foi subjugado no processo. O domínio é de Tânatos, mas de um Tânatos adaptado. A pulsão de morte, que é válvula de escape de toda repressão acumulada, que é energia sendo liberada como fim em si, é também

²⁹⁴ FREUD APUD MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.96

objeto de repressão, com o usufruto da libido, da agressividade, do hedonismo a serviço da indústria.

O que Rollo May afirma é que se foge de Eros usando o sexo como veículo de fuga. Isso porque a pós-modernidade trouxe um vácuo emocional, uma ausência de ligações afetivas. As pessoas se sentem cada vez mais solitárias, mais distantes, e sentir torna mais dolorosa essa solidão, de maneira que as pessoas preferem tornar-se insensíveis.

O que não nos disseram – porque quase ninguém o percebe – é que se trata de um sistema radicalmente solipsista e esquizoide, deixando-nos isolados como nômades, alienados, sem uma ponte que nos ligue às pessoas que nos rodeiam. Podemos “emocionar-nos” e ter relações sexuais de hoje até o juízo final, sem jamais experimentar um verdadeiro relacionamento com outras pessoas²⁹⁵.

Ele diz que para evitar a paixão erótica (por toda instabilidade emocional que ela provoca), há o desvio de forças para a sensação sexual. E para isso, foi preciso definir o sexo de maneira cada vez mais circunscrita, pois quanto maior a preocupação com ele, mais restrita se torna a experiência humana a ele relacionada. Sexo é um novo ópio, que apaga da consciência os aspectos eróticos geradores de ansiedade:

Anestesiando os sentidos para obter melhor desempenho, utilizamos o sexo como instrumento para provar a própria identidade e perícia, usando a sensualidade para ocultar a sensibilidade castramos o sexo, tornando-o insípido e vazio. Sua banalização é subestimada e favorecida pela comunicação em massa. A plethora de livros sobre o assunto que inunda o mercado tem algo em comum: simplifica ao extremo o amor e o sexo, tratando o tópico como um misto de jogar tênis e comprar um seguro de vida. Neste processo, roubamos ao sexo o seu vigor evitando Eros, e terminamos desumanizando a ambos²⁹⁶.

O que torna tudo isso tão atraente é o estímulo ao inconsciente, às necessidades do princípio de prazer. A satisfação nunca será completa porque ela é regida pelo princípio de prazer. Ao levar o consumo para o reino do inconsciente, se obtém o mesmo efeito que Tântalos: uma urgência para se obter a gratificação, prazer temporário, pois em seguida surge um vazio ao notar que aquele prazer não foi suficiente e uma nova urgência pela gratificação. É a promissória sobre o prazer de que fala Adorno.

²⁹⁵ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.101

²⁹⁶ Ibidem, p.70

Por isto a produção industrial de Tânatos: o princípio de realidade se apodera dos impulsos primários do homem, mas sob a forma de instinto de morte. Obtém-se com isso a constante necessidade de gratificação desses impulsos, que foram modificados para atender o princípio de realidade. Pois sob a forma de Tânatos, a repressão deixa de ser vista como repressão para ser encarada como liberdade. O homem é aprisionado num ciclo vicioso – sem saber que o é –, a lutar contra sua própria incompletude.

4.7 LEITURA DO ACONTECIMENTO

Na primeira leitura, polissêmica, foi feito um inventário das manchetes e dos modelos das capas de **Men's Health** e **Nova**. Diversas semelhanças na diagramação foram observadas: em ambas as publicações, o texto orbita ao redor da imagem, as manchetes parecem complementá-las. O texto é publicitário, busca convencer mais que informar. Em **Nova**, notou-se ênfase na temática ligada a sexo e relacionamento, com 12 das 28 manchetes de capa. Os textos prometem maior sucesso com os homens, técnicas para potencializar o prazer na vida sexual, tiram dúvidas sobre o assunto. Beleza é outro assunto amplamente manchettato na capa de **Nova**, com 7 reportagens. Elas dão dicas de cuidado com os cabelos, ensinam técnicas para perder peso e para ficar mais bonita.

Na Men's Health, maior ênfase no cuidado estético com o corpo. A palavra *destaque* está presente também de forma substancial no texto. A aprovação feminina como estratégia também é evidente nas manchetes e principalmente nas ilustrações da capa. Todas as capas analisadas (não só as quatro escolhidas, mas todas as previamente analisadas na primeira triagem) têm um mulher jovem, magra, com poucas roupas e postura sensual, seja ao lado do homem, em destaque, ou como ilustração para alguma outra manchete.

A primeira hipótese levantada é de que a divisão temática das manchetes – sempre os mesmos temas, abordados de maneiras diferentes (às vezes nem tão diferentes assim) atuam com o objetivo de formar uma unidade, ela mesma encarnada no(a) modelo(a) da capa. As reportagens podem ser lidas de forma independente e isolada, mas o fato das diferentes reportagens

estarem inseridas dentro das mesmas temáticas – o cuidado estético, uma *práxis* sexual e estilo definido tanto na vestimenta quanto no corpo e no comportamento – evidencia a reinteração por parte das revistas na formação dessa unidade. A capa seria, nessa lógica, a representação icônica do proposto pela revista.

Por meio de um conjunto de denotações e conotações é válido pressupor que os modelos da capa seriam o resultado, o sucesso da ação proposta pelas reportagens, tanto pelo fato de eles corresponderem ao que a revista anuncia (a modelo magra ao lado de uma manchete com dicas de emagrecimento, o modelo musculoso e a chamada para uma reportagem sobre ganho de massa muscular) quanto pelo processo em que a leitura se dá – da direita para esquerda, de cima para baixo –, transitando dos modelos para as manchetes e delas para eles.

Em uma análise mais aprofundada do conteúdo inserido dentro dessas temáticas, observamos que dentro delas o conteúdo é também reiterado: no sexo/relacionamento, técnicas para aumentar o prazer e multiplicar o orgasmo, estratégias de empoderamento e posse do outro. Nas manchetes de estilo e de comportamento dicas para receber a aprovação alheia, se destacar e ser desejado. Nas de beleza, dicas para emagrecer e ganhar músculos.

Tais modelos são os olímpicos de Edgar Morin. Produtos de uma indústria cultural, são elevados à condição de divindade por essa mesma indústria. O imaginário não mais se projeta no céu, mas na própria terra. Estando eles entre nós, como a revista **Nova** enfatiza em seus textos que apresentam as celebridades estampadas na capa, o efeito prático dessa dinâmica dá ainda mais força à indústria: não se promete apenas um lugar entre esses *olímpicos*, mas a promessa de se tornar um deus também, promessa no entanto, bem distinta da realidade.

Por meio da análise, também foi observada uma nítida relação de cumplicidade nos projetos de homem e mulher das duas publicações. Como mostrado na leitura polissêmica, as temáticas e as estratégias retóricas são as mesmas. Além disso, foi possível extrair da leitura da revista o papel da indústria cultural como a principal agenciadora desses modelos.

Os dois aspectos fundamentais do projeto de homem e de mulher dizem respeito à construção de um corpo e de uma sexualidade específicas, além da consequente afirmação e empoderamento de si a partir dessas medidas. As treze manchetes sobre a imagem externa em **Men's Health** e as sete de **Nova** disciplinam o corpo, normatizando-o com técnicas e procedimentos que visam a máxima eficiência do resultado. Para os homens, músculos sarados em quinze minutos, *shape* forte e definido em um mês. Para as mulheres, beleza sem esforço e remoção de acnes, celulites e gorduras sem dor.

No sexo, máxima eficiência do prazer e empoderamento do outro pelo uso desse prazer aprendido. O orgasmo como medida de sucesso. Em **Nova**, dicas para usar e conquistar o homem moderno, para fazê-lo se apaixonar pela leitora, para obter o melhor orgasmo com cada tipo de homem. Na **Men's Health**, dicas e mais dicas para seduzir e para conseguir mais sexo.

Há um reforço mútuo das imagens de homem e mulher projetadas pelas publicações. Há, também, uma equivalência nas temáticas e demandas, o que reforça a ideia de projeto. A mulher de desejo do homem **Men's Health** (como exemplificado nas imagens femininas em todas as capas) é fisicamente semelhante às modelos de **Nova**. Ambas as publicações se fazem valer de um outro do sexo oposto como estratégica retórica. A palavra *homem* aparece em todas as capas analisadas de **Nova**. Em **Men's Health**, a aprovação feminina corresponde a importante parte do argumento motivacional.

Nova e **Men's Health** trabalham com a ideia de projeto. Tal construção diz respeito a uma masculinidade hegemônica e a uma feminilidade enfatizada, utilizando os conceitos de R.W Connell. Como tal, diz respeito a um ideal de homem e de mulher, com procedimentos específicos em relação ao corpo e à sexualidade que, em maior ou menor medida, ambicionam e afetam a todos, predominando e exercendo nítida influência sobre outras formas de se vivenciar o masculino e o feminino. A construção desses modelos passa necessariamente pela indústria cultural, com seus valores e processos de difusão.

Na leitura arqueológica, foram discutidos os processos históricos de construção dessas modelos de masculinidade e de feminilidade. Primeiro, por

meio de todos dispositivos oriundos daquilo que Foucault denominou *scientia sexualis*, que incluem a formação de saberes e sistemas de poder que regulam sua prática e as formas de reconhecimento. A sexualidade é justamente o correlato dessa prática discursiva desenvolvida e estruturada lentamente. É um discurso que estabelece verdades científicas e normas regulamentares para a sexualidade, atuando sobre o corpo, determinando o que deve ou não ser feito, o que é saúde ou doença, e prescrevendo procedimentos adequados para a cura e para a prática sexual. Depois, pela ideia de biopoder, muito utilizada por Foucault e Agambem, quem mostram que o desenvolvimento do capitalismo não teria sido possível sem o controle disciplinar de um biopoder, com tecnologias diversas que proporcionaram os “corpos dóceis” tão fundamentais para o sistema.

Há, também, uma apropriação do erotismo pelo econômico. O erotismo midiático produz um corpo-discurso, construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas. Prevalece o caráter físico, ou seja, aquilo que é expresso no corpo como erótico, que permitirá tratá-lo como mercadoria e, como tal, terá valor somente o que dele for observável universalmente.

Cabe à indústria cultural, portanto, o papel normatizador do corpo e da sexualidade, além da tarefa de instigar, por meio desses olímpicos, a vontade para seguir tais códigos de conduta. O corpo-modelo da mídia tem de tornar aparente aquilo que, enquanto ideia, não passa de abstração, difícil portanto de ser comunicado. O corpo-modelo é um corpo-síntese. Nesta perspectiva, as revistas de comportamento analisadas cumprem função fundamental.

Na leitura enunciativa, foi discutido o papel do consumo na construção desses modelos de sexualidade e de corpo. A masculinidade hegemônica e a feminilidade enfatizada, expostas nas capas de **Men's Health** e de **Nova**, assim o são por possuírem uma relação intrínseca no seu comportamento e nas suas formações com o consumo. O corpo e o erotismo ali exibidos são industriais, revelam o predomínio da técnica sobre a subjetividade.

O culto da produtividade aliado também ao corpo: maximização dos ganhos corporais e estéticos a partir de estratégias cientificamente

comprovadas e maximização da obtenção de prazer por meio de técnicas, também embasadas por estudos acadêmicos.

Na primeira etapa, a produção do sexo, tem-se os cuidados com o corpo, o aprendizado técnico, a conduta. Esse processo demanda gastos. O corpo da moda, a roupa da moda, a técnica da moda têm seus custos de produção. Sexo não é conjunção carnal de dois corpos nus, pois ninguém está realmente nu no sexo industrial. Os participantes vestem máscaras, assumem papéis previamente concebidos. O ato começa com a concepção do ser industrial, que é sexualmente atrativo porque carrega consigo os valores propagados pela indústria. Na segunda etapa, o consumo do sexo industrial, tem-se o sexo como válvula de escape das tensões provocadas pelo trabalho repressivo, aqui entendido em sentido amplo, pois a própria produção deste corpo e deste sexo é também trabalho.

Não só o culto da produtividade, mas a demanda gerada a partir dela: com procedimentos tão simples e eficientes, como não, ou melhor, por que não aderir? Só depende do sujeito essa adesão, e quanto maior for ela por parte das pessoas que o cercam, maior a pressão para que ele a faça também. Pois não são só os procedimentos técnicos da indústria que se introduzem no corpo; são principalmente os valores que passam a operar na lógica de produção do corpo e de sua erótica. Se o que apresentado naquelas capas é tido como modelo, como ideal, por consequência, a não adequação é o seu oposto. Gera infelicidade, frustração, mal-estar. Os sentimentos de identificação, de pertencimento, de aceitação e de satisfação consigo são partes estruturantes do processo.

A leitura argumentativa se incumbiu de pensar a relação de Eros e de Tânatos como motor do consumo. Em *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*, André Green mostra como o narcisismo é uma estrutura que permeia todo o aparelho psíquico, partícipe dos processos constitutivos do Id, do eu e do supereu. O narcisismo primário diz respeito à concentração da libido dentro do eu, mecanismo de defesa frente às primeiras experiências de frustração com o objeto. É ele quem permite a estruturação do eu. Posteriormente,

quando a libido antes dirigida para os objetos externos se retrai para o ego já constituído, tem-se o narcisismo secundário.

Ao pensar a relação da estrutura narcísica com a última teoria freudiana das pulsões, Green introduz os conceitos de narcisismo de vida e de morte. O primeiro diz respeito portanto à ligação com Eros que permite que o aparelho psíquico se defenda dos abusos e da frustração dos objetos externos, permitindo um reinvestimento saudável em si, sem que este anule a vontade de ligação com o objeto externo. É surpreendente, como diversos poetas e filósofos não cansam de se espantar, como conseguimos suportar os golpes e os escárnios do destino, as injustiças dos mais fortes, os maus tratos dos tolos e a agonia dos amores não retribuídos sem buscar sossego em um punhal, nas palavras de Hamlet. É incrível como apesar de todos os dardos e arremessos do destino, nós ainda encontramos felicidade nas pequenas coisas e nos sentimos bem, esperançosos por dias melhores. As forças de Eros que atuam na estrutura narcísica promovem esta unidade e permitem, com a diferenciação saudável entre os prazeres de si e os do objeto, investimentos formadores de laços.

Já o narcisismo de morte, duplo sombrio de Eros, não visa a sustentação do Eu por meio das pulsões sexuais, mas, frente aos abusos e feridas que a relação com o objeto proporciona, ele investe essa energia libidinal em si mesmo, fragmentando o Eu e anulando o objeto exterior. O narcisismo de morte, frente à dor, dirige-se à inexistência, à anestesia, ao vazio, ao neutro.

Ora, vivemos em uma sociedade cujo mal-estar é endêmico. Como Milton Santos²⁹⁷ bem mostra, o processo de globalização eliminou a noção de solidariedade. Não somente isso: a violência estrutural daquilo que Santos chama de perversidade sistêmica da globalização mata a política e legitima a preeminência de uma ação hegemônica, incentiva a competitividade em detrimento da compaixão, o consumo sobrepondo-se à noção de cidadania, além de um estado de informação totalitária, que promove uma confusão de espíritos.

²⁹⁷ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 65.

Os papéis dominantes, legitimados pela ideologia e pela prática da competitividade, são a mentira, com o nome de segredo da marca; o engodo, com o nome de *marketing*; a dissimulação e o cinismo, com os nomes de tática e estratégia. É uma situação na qual se produz a glorificação da esperteza, negando a sinceridade, e a glorificação da avareza, negando a generosidade²⁹⁸.

Além disso, a oferta cada vez mais assustadora de produtos e o sentimento de identidade, de felicidade, de prazer e de identificação a eles atribuídos -- o consumo elemento distintivo e totalizante -- torna essa mal-estar parte estruturante do processo, motor mesmo dessa sociedade.

O consumo apela para a morte. Ele tem em Tântatos um instrumento muito eficiente de motivação. Em uma sociedade de consumo, a defesa e a recusa dos objetos externos tem de ser a mínima possível. A flexibilização máxima e o estabelecimento de múltiplos laços, mas sempre frouxos, prontos a serem estabelecidos e rapidamente desfeitos, geram um sujeito fractal, estilhaçado e pulverizado. O consumismo é objetal por natureza. Frente às ameaças externas, o narcisismo de vida padece em sua função de garantir uma coesão egóica e uma satisfação de si porque não há nada mais terrível para esse tipo de sociedade que a sociedade.

Ao apelar para Tântatos, o resultado é este desejo de esvaziamento, de procura por um fim às angústias, o qual é obtido pelo consumo desses objetos. Mas o consumo implica destruição: uma vez obtida essa satisfação, ela morre, resta o vazio e a necessidade de novas ligações, um ciclo vicioso.

A impossibilidade de saciar a necessidade de domínio provoca a raiva narcisista. Certamente, porque a realidade ou o desejo do outro constituem obstáculos. Mas a verdadeira razão da raiva é que a insatisfação frustra o sujeito não da satisfação, à medida que esta implica a procura de um prazer preciso, mas do fato de que a satisfação libera o sujeito do desejo. (...) O apaziguamento é obtido sem entraves, sem postergação e sem demanda. Trata-se, portanto, de um desejo de satisfação mais do que de uma satisfação do desejo. (...) Que o Eu-Ideal seja uma aspiração do Eu, um de seus valores, é evidente. Mas ainda temos que marcar porque esta não pode se impor. A realidade não se subscreve a ela, e menos ainda à desintração das pulsões. Pois, numa tal estrutura, a unificação se dando em detrimento do Isso, o Eu só pode procurar no objeto a sua projeção narcisista, ou, então, uma verdade

²⁹⁸ Ibidem, p.61.

perfeitamente adaptada às exigências do sujeito, primeiro ponto de tropeço²⁹⁹.

Tânatos também está presente no sexo e na constante necessidade de gozar. De uma sociedade em que o gozo era punitivo a uma em que o pecado é não gozar, o orgasmo é medida de sucesso da relação porque representa o ponto máximo de prazer e do esvaziamento decorrente dele. Frente a todas as tensões e ao mal-estar, o gozo é a compensação perfeita para essa sociedade, forte o bastante para ser sempre procurado e curto o suficiente para que essa procura nunca acabe.

Gozar torna-se a prova de uma integridade narcisista preservada. Neste sentido, paralelamente à culpa que nunca está ausente, mas tem menores consequências, é a vergonha de não gozar que suplanta a angústia de ação. Da mesma forma, o fracasso sexual faz correr o risco de abandono ou de rejeição pelo objeto. Isto marca menos a perda de amor do que a perda de valor e a falência da necessidade de reconhecimento pelo outro. Pior ainda, os sofrimentos narcisistas aumentam para além do fracasso pela insatisfação do desejo à medida que esta marca a dependência do sujeito ao objeto para satisfazer as pulsões – mais precisamente, para obter o silêncio dos desejos que somente o objeto pode satisfazer. A inveja do objeto alcança seu ápice quando se supõe que este goza sem conflito. O pênis narcisista projetado (não importa qual sexo) é aquele que pode gozar sem inibição, sem culpa e sem vergonha. Seu valor não se deve à sua capacidade de gozo, mas à sua aptidão para anular suas tensões satisfazendo suas pulsões, todo prazer convertendo-se em investimento narcisista do Eu³⁰⁰.

Investimento este, no entanto, que visa o Neutro, o vazio, a ausência da tensões. A morte, portanto. É Tânatos quem atua. Green argumenta que a inveja do objeto alcança seu ápice quando se supõe que este goza sem conflito. Ora, quem são esses olímpianos que estampam as capas de **Nova e Men's Health**? O que representa o olhar este olhar austero com que olham para o leitor? Green faz o retrato de Narciso e é quase impossível separá-lo dos olímpianos de Morin:

Ser único, todo-poderoso pelo corpo e pelo espírito encarnado no seu verbo, independente e autônomo sempre que queira, mas de quem os

²⁹⁹ GREEN, André. **Um, outro, neutro: valores narcisistas do mesmo. In: Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988, p.46.

³⁰⁰ Ibidem, p.45.

outros dependem sem que ele se sinta portador em relação a eles do menor desejo. No entanto, residindo entre os seus, os de sua família, de seu clã e de sua rala, eleito pelos signos evidentes da Divindade, feita à sua imagem. Ele é o primeiro deles, o senhor do Universo, do Tempo e da Morte, todo vaidoso de seu diálogo sem testemunhas com o Deus único que o enche de favores – inclusive na queda pela qual é o objeto escolhido de seu sacrifício – intercessor entre Deus e os homens vivendo no isolamento radiante de sua luz. Esta sombra do Deus é uma figura do Mesmo, do imutável, do intangível, do imortal e do intemporal³⁰¹.

O que é a morte senão a ausência dos desejos e das tensões deles decorrentes? Ontologicamente, o modelo da capa é a representação da realização de todos os desejos e do fim de todas as angústias, o que para as revistas se resume em pilares de posse e de consumo. Isso representa, na verdade, o instinto de morte, é Tântatos sendo produzido em escala industrial. Vende-se a solução para angústias e necessidades ontológicas, impossíveis, portanto, de serem solucionadas. A indústria cultural faz isso em essência, mudando apenas as máscaras que a encobrem. É esta sua metafísica: é a salvação que está em jogo, que é prometida, mas ela não precisa mais esperar a morte para redimir seus crentes. Ela se encontra aqui na Terra, em valores individuais, precários e transitórios. Mas a redenção só existe para quem acredita que precisa ser redimido – e é por isso que o mal-estar exerce um papel tão fundamental na construção desses modelos de comportamento.

É preciso observar a complementaridade entre imagem e texto, entre os modelos da capa e as manchetes que a completam. Naomi Klein, em *marcas globais e poder e corporativo*, mostra que as grandes empresas não se limitam mais a vender produtos, elas também se propõem a construir estilos de vida. Ao consumir aquilo que foi produzido por determinada marca, o consumidor estaria advogando para si os valores a ela associados (fruto de um intenso trabalho publicitário, óbvio) – a jovialidade, elegância, a sustentabilidade etc. O mesmo vale para as revistas em discussão. É a mulher **Nova** e o homem **Men's Health** que estão em oferta, com todos os atributos e qualidades que lhes são vendidas. Os modelos da capa cumprem a tarefa de ser a representação pictográfica desses valores. Não estão ali como pessoas,

³⁰¹ Idem. **Um, outro, neutro: valores narcisistas do mesmo. In: Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988, p.55.

apenas como personificação, ideal a ser atingido (e possível de ser atingido, pois estão ali, e felizes por isso). Já as manchetes, com seu tom imperativo e coloquial, típico da redação publicitária, indicam o caminho para se chegar a tanto, ao *status* de mulher ou homem da capa. O leitor não é o modelo da capa, mas quer sê-lo. Texto e imagem se complementam nessa tarefa de vender a partir do mal-estar.

A primeira reação buscada é de adoração. O modelo da capa possui grande destaque e reconhecimento por parte da mídia e da sociedade. Tem o corpo que é objeto de desejo das mulheres e dos homens (devido à constante reafirmação por parte da indústria cultural de que este é o corpo que precisam ter), usa as roupas que são objetos de desejo. Ao estar naquela revista, protagonizando a capa, eles passam a ser o ideal de felicidade, o objetivo a alcançar – e o objetivo que a revista diz que é possível alcançar. A celebridade cumpre o papel que a revista impõe; afinal, nesse jogo de cena, ela possui os atributos fundamentais para a sociedade de consumo e, por isso, se exhibe plena e sorridente.

A adoração do corpo da modelo precisa causar estranhamento no próprio corpo do observador: ele não possui os atributos de quem estampa a capa. E nem poderia ter, já que a imagem é retocada em todos os detalhes e os modelos são cautelosamente escolhidos com o propósito de causar esse estranhamento, essa angústia. Aquele corpo invejável, que ocupa o centro da revista, não é o corpo dele, mas o corpo de outro alguém, que aparenta uma felicidade plena. Surge a repulsa do próprio corpo e do próprio ser.

O próximo passo seria a esperança. A revista faz a promessa de que é possível abarcar a ilusão de ser também um modelo, uma celebridade, um olimpiano. “Quer ser assim?”, diz a revista, indiretamente. “Quer ser linda, famosa, sedutora e poderosa?” “Faça o que dissermos para você fazer”. Aí surgem as chamadas de capa, dizendo como perder peso e ter um corpo desejável, como conseguir um aumento no trabalho e como usar seu corpo como objeto de prazer. A revista desenvolve uma fragilidade emocional para atrair leitores. Vende por fazê-los se sentirem mal consigo mesmos.

As imagens têm a função de servir de exemplo de sucesso para os leitores: é como se os modelos tivessem realizado o proposto pela revista e são, por conta disso, plenos. Eles reforçam a ilusão de que é possível atingir o inatingível, isto é, o status de garota ou garoto da capa, o símbolo da realização de todos os valores que a indústria cultural impõe para as mulheres e também para homens.

CONCLUSÃO

Freud ensina que a história do homem é a história da sua repressão. A cultura nasce da renúncia, ou seja, apenas quando o poder dos instintos³⁰² é subjugado, pode a civilização existir. A transformação do princípio de prazer em princípio de realidade é condição inerente à vida estruturada socialmente, ao proporcionar os desvios e as ressignificações destes impulsos, adequando-os às exigências externas.

A necessidade de culturalização dos impulsos sexuais e agressivos que constituem o homem é universal: estabelecer e impor formas de controle de impulsos são tarefas intrínsecas à sociedade, pois dizem respeito à possibilidade de emergência e constituição dos sujeitos.

O que varia nesta relação é a forma e o peso que cada um desses elementos de renúncia e sublimação irão ter, pois a justificativa, mostra Marcuse³⁰³, é econômica: é preciso desviar parte desta energia para o trabalho; a forma com que cada cultura produz, portanto, é fundamental nos processos de interação e de constituição dos sujeitos.

Ainda que a energia dessas pulsões seja matéria-prima da constituição da vida em sociedade, por meio da sua culturalização, parte dessa energia ainda precisa ser satisfeita de forma direta, pois o que caracteriza a pulsão é justamente a sua demanda contínua. Cabe a cada sociedade estabelecer estruturas que permitam uma acomodação (não existem modelos definitivos nem resolução neste processo) para as reivindicações da sociedade – como a coerção para o trabalho – e para exigências de satisfação de cada indivíduo.

A psicanálise freudiana demonstra que enquanto o instinto tem um objeto pré-determinado que garante a satisfação da necessidade, na pulsão existe um hiato entre a ânsia por gratificação e o objeto, que é, por isso, sempre variável. Freud, amparado pelas pesquisas de Darwin, vê na transição do instinto para o pulsional (tanto pela capacidade de adiamento da gratificação

³⁰² Por instintos, deve-se entender impulsos primários do organismo humano que estão sujeitos à modificação histórica.

³⁰³ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 37

quanto pela sua plasticidade no que diz respeito ao objeto) fator de substancial importância no progresso da humanidade.

A pulsão sexual, portanto, é propulsora das primeiras representações psíquicas, ao pressupor sempre um elemento externo ao sujeito para efetivar o seu circuito³⁰⁴. É nas vicissitudes das experiências de satisfação que a pulsão se inscreve, demarcando os traços mnêmicos decisivos à vida de cada sujeito.

A necessidade de dar vazão a esses estímulos é intrínseca ao homem. O meio de lidar com o acúmulo pulsional, já que é impossível a sua eliminação ou supressão, é neutralizá-lo parcialmente, por meio da sua domesticação.

Domesticar a pulsão consiste em adequá-la em intensidade, em potencialidade, o que também significa adequá-la quanto ao seu destino ao objeto, sujeitando-a a outro sistema de processamento, o processo secundário. Se não há possibilidade de eliminar por completo as exigências pulsionais, domesticá-las é uma das saídas para a vida em sociedade, o que seria tornar a pulsão razoavelmente compatível com as aspirações do eu de modo a não perseguir sua satisfação autoerótica, tornando-se acessível às influências que dela surgem³⁰⁵.

O cerne da questão pulsional reside na capacidade do aparelho psíquico em lidar com as excitações. O psíquico se manifesta como mediador, propondo desvios, atalho e substitutivos que freiem a demanda pulsional. Como nenhum objeto é capaz de satisfazer a pulsão – pois o objeto de satisfação por excelência está desde sempre perdido – ele é de natureza completamente variável, o que manifesta a importância da cultura, ao ser ela a responsável pelos diversos destinos pulsionais e pelo engajamento da pulsão em objetos da cultura.

A batalha entre as exigências pulsionais e o processo civilizatório exige do indivíduo e da sociedade constantes elaborações, já que não existe uma superação definitiva. A vinculação do sujeito com o mundo externo se deve, sobretudo, ao recalçamento das pulsões sexuais e agressivas na esfera civilizatória. Freud afirma que a luta pela vida é norteadá em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente entre as reivindicações do

³⁰⁴ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 30

³⁰⁵ Ibidem, p. 40

indivíduo e as reivindicações da cultura³⁰⁶, situação que demonstra que os destinos subjetivos carregam o peso do conflito entre sujeito e cultura.

A possibilidade de emergência do sujeito reside na constante solicitação de um trabalho psíquico que transforme a natureza pulsional, que continua a atuar e a necessitar de simbolização. Sem a intervenção do aparelho psíquico (e da cultura), a pulsão continua a se apresentar de forma desenfreada, sem contornos e limites, necessitando do psiquismo para articular e adaptar os impulsos internos e os estímulos externos, ligando-os a objetos, civilizando-os na busca por satisfação. Nesse momento, pode-se apontar que os elementos pulsão, psiquismo e civilização se relacionam mutualmente, sobretudo no que se refere à travessia realizada pelo sujeito no desenvolvimento cultural, cuja sustentação se dá, principalmente, pelo estabelecimento do recalque. Pulsão e civilização, cada um na sua maneira, são elementos que se legitimam na estrutura subjetiva, à medida que são internalizados psicologicamente, com o auxílio da educação e do supereu³⁰⁷.

Há, portanto, um insolúvel paradoxo inerente ao processo de transformação do princípio do prazer em princípio de realidade: ao mesmo tempo em que a civilização reprime e impede a livre vazão das energias pulsionais, só ela que consegue, ainda que de forma adiada e incompleta, fornecer os meios para que o indivíduo possa obter o que deseja.

Tudo que se apresenta como capaz de satisfazer o desejo humano é fruto de um trabalho social. Portanto, a relação entre a cultura e a pulsão não pode ter apenas um cunho coercitivo. – coagir as pulsões para que elas se dirijam para o trabalho ou para as relações sociais permitidas e estimuladas, que se baseiam em última análise no erotismo inibido quanto ao fim –, mas deve obrigatoriamente incluir um aspecto sedutor, propiciador, que sem dúvida é parte satisfatória (no sentido de oferecer coisas que de fato satisfazem, de algum modo, os desejos agressivos e sexuais do ser humano, bem como os seus anelos narcísicos)³⁰⁸.

A cultura se estrutura, portanto, não apenas de maneira coercitiva, mas como espaço e possibilidade de investimentos a partir de fantasias e desejos singulares. É importante compreender, portanto, a estrutura e o papel de cada um desses processos – recalque, sublimação e fantasia – na constituição do sujeito e na formação da cultura, pois, uma vez inserido na vida em sociedade, é ela que irá fornecer os modelos identificatórios e os objetos de gratificação.

³⁰⁶ FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.116.

³⁰⁷ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, P.86

³⁰⁸ MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 359

Assim, a indicação de que, por intermédio da restrição da sexualidade e da agressividade, os homens se organizam e vivem em sociedade registra que a renúncia pulsional é um movimento, por assim dizer, de socialização, pois não há possibilidade de subjetivação se não há também limite de satisfação. As condições de emergência da cultura registram uma situação conflituosa, ou seja, ao mesmo tempo que para o homem o seu semelhante situa-se como meio de realização subjetiva, ele também se constitui como impedimento. Assim, têm-se uma condição paradoxal: a cultura erotiza a criança, para, em seguida, frustrá-la com inúmeras e necessárias interdições, a fim de diminuir a força das suas pulsões e, posteriormente, impor recalques à realização de seus impulsos sexuais e agressivos, constitutivos da condição humana³⁰⁹.

Do cerne dessa batalha infindável entre as reivindicações da cultura e as do homem, reside a possibilidade de emergência do sujeito. É a partir dela que ele se forma, com a sua história, com a sua singularidade, com a maneira com que vivencia e lida com as pressões ontogenéticas e filogenéticas. Dependerá de cada sociedade então estabelecer as estratégias de domesticação do homem a partir desses impulsos, o que permite modelos tão distintos de sociedade e de estratégias de domesticação.

O humanismo como processo de domesticação pelo *logos*

O filósofo alemão Peter Sloterdijk classifica o humanismo como o empenho para retirar o ser humano da barbárie. Para ele, o desembrutamento do ser humano é o tema do pensamento humanista. Prova disso seria os constantes chamados a cada época em que o potencial bárbaro se libera nas interações de força entre os homens³¹⁰. A estratégia de combate – e a consequente domesticação do homem – se daria pelas boas leituras, ou seja, pelo uso da razão como elemento norteador das relações humanas.

A estratégia humanista de domesticação consiste na busca por princípios de conduta ética que capacitem o homem em sua busca pelo bem-estar e pelo progresso, em sentido amplo e estrito. O ser humano se diferencia dos animais pelo uso que faz da razão. É ela que possibilita uma elevação do homem ao status de medida de todas as coisas, que o distancia e o enobrece em relação aos outros animais.

³⁰⁹ GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010, p. 81.

³¹⁰ SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 17

A organização social, portanto, deve desenvolver-se a partir do bem-estar humano. Para isso, é necessário um trabalho de influência, por meio daquilo que Sloterdijk chama de boas leituras. É o *logos* que retira do homem suas características animais e lhe atribui de qualidades mais elevadas. A visão de que o homem é redentor de si mesmo só é possível com a concepção de sua superioridade em relação aos outros animais. Todos os atributos que se assemelham ou reforçam um lado animal no e do homem são rejeitados pelo humanismo. O seu autorretrato filosófico padrão tem de exaltar o ser humano justamente naquilo que o diferencia.

Faz parte do credo do humanismo a convicção de que os seres humanos são “animais influenciáveis” e de que é portanto imperativo prover-lhes o tipo certo de influências. A etiqueta “humanismo” recorda – de forma falsamente inofensiva – a contínua batalha pelo ser humano que se produz como disputa entre tendências bestializadoras e tendências domesticadoras³¹¹.

Interessante observar também a crítica ao humanismo feita pelo filósofo inglês John Gray. Para ele, o humanismo é a transformação da doutrina cristã da salvação em um projeto de emancipação universal, sendo a ideia do progresso apenas uma versão secular da crença cristã na providência³¹². Não passaria de superstição, portanto, a ideia de controle do ambiente e de florescimento e progresso. Ao afirmar isso, os humanistas, apenas renovam a promessa cristã de salvação. Para Gray, o humanismo é uma versão secular dessa fé³¹³.

A própria contradição demonstrada por Gray já evidencia a dificuldade de sustentação do projeto humanista. Como conciliar tal contradição? E mais importante, como manter um projeto de exaltação do *logos* se a catástrofe do presente mostra que o problema é o próprio ser humano, com seus sistemas metafísicos de autoelevação e autoexplicação³¹⁴?, em que as boas leituras são cada vez mais escassas?

³¹¹ Ibidem, p. 17

³¹² GREY, John. **Cachorros de palha**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.13

³¹³ Ibidem, p.20

³¹⁴ SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 23

O que ainda domestica o homem, se o humanismo naufragou como escola da domesticação humana? O que domestica o homem, se seus esforços de autodomesticação até agora só conduziram, no fundo, à sua tomada de poder sobre todos os seres? O que domestica o homem, se em todas as experiências prévias com a educação do gênero humano permaneceu obscuro quem – ou o que – educa os educadores, e para quê? Ou será que a questão sobre o cuidado e formação do ser humano não se deixa mais formular de modo pertinente no campo das metas teorias da domesticação e educação³¹⁵?

A sociedade de consumidores e a indústria cultural como estratégia de domesticação pelo *pathos*

Em *A condição Humana*, Hannah Arendt descreve o trabalho, a obra e a ação como as atividades fundamentais da *vita activa*, pois correspondem às condições básicas sob as quais a vida foi dada ao homem na Terra. O **trabalho** é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. Sua condição é a própria vida. Como os outros animais, temos de saciar as necessidades permanentemente repostas do processo vital. A **obra** é a atividade que correspondente à não-naturalidade da existência humana, que não está irremediavelmente presa no sempre-recorrente ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por este último. Ela confirma a nossa singularidade perante os outros seres ao dizer respeito ao legado não-natural do passado. Sua condição humana é a mundanidade. Já a **ação** é a única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação da matéria. Ela corresponde à condição humana da pluralidade, condição fundamental de toda vida política, artifício por meio do qual os indivíduos afirmam a sua presença única no mundo, por meio da ação e do discurso.

Arendt mostra que nos primeiros estágios do capitalismo manufatureiro há uma mudança no critério de definição do produto de fabricação humana. Se num período anterior a finalidade do *homo faber*, o fabricante de mundo, era a criação de objetos de uso, com o novo modelo econômico a finalidade da fabricação passa a girar em torno do valor de troca.

Por ser somente no mercado de trocas que um objeto pode adquirir valor em relação a outro, o *homo faber* ganha espaço na esfera pública. Com

³¹⁵ Ibidem, p. 32

isso, o homem político perde o seu espaço, pois no mercado de trocas a relação entre os indivíduos se dá na condição de fabricante de produtos, exibindo não a sua individualidade, mas suas mercadorias.

Nesta mesma perspectiva, Foucault fala do *homo oeconomicus*, cria de uma nova razão governamental que coloca o mercado como instrumento de verificação da prática de governo. É ele que vai fazer com que o governo funcione com base na verdade, verdade esta que é dada pelo mercado³¹⁶. O *homo oeconomicus* permite que a arte de governar se regule de acordo com o princípio da economia, tanto se tratando de economia política quanto de economia no sentido de restrição e autolimitação – do governo e de si. Foucault descreve seu papel como um átomo de liberdade diante de todas as condições restritivas e limitadoras de um governo possível³¹⁷. Nesta relação, em que a liberdade só existe enquanto o mercado permanecer pressuposto inquestionável, a invisibilidade e o obscurantismo do processo são fundamentais. A mecânica econômica implica que cada um siga seu próprio interesse e, ao fazer isso, também impede a compreensão da totalidade do processo, para que possa combinar seus elementos constituintes artificial ou voluntariamente. O sujeito econômico não contesta, mas funda o caráter atomístico do processo econômico do qual está inserido.

A vitória do *homo faber* na era moderna representou também a generalização do critério utilitário. A categoria de meios e fins, que diz respeito ao processo de fabricação, foi introduzida como mentalidade nas mais diversas esferas da sociedade. Com isso, o espaço privilegiado da contemplação dá lugar à ação como o mais elevado posto, tornando a contemplação, outrora importante, sem sentido³¹⁸. Outras consequências advindas com a era moderna foram a alienação do mundo, a introspecção e a perda do senso comum.

O fato de que a moderna alienação do mundo foi suficientemente radical para estender-se até a mais mundana das atividades humanas, a obra e a reificação, à produção de coisas e à construção do mundo distingue as atitudes e avaliações modernas ainda mais nitidamente daquelas da

³¹⁶ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.45.

³¹⁷ Ibidem, p.370

³¹⁸ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.364

tradição do que indicaria uma mera inversão de posições entre a contemplação e a ação, entre a atividade de pensar e a atividade de agir. O rompimento com a contemplação foi consumado não com a promoção do homem fabricante à posição antes ocupado pelo homem contemplativo, mas com a introdução do conceito de processo na atividade de produção³¹⁹.

O critério utilitário do *homo faber* foi levado ao extremo com a instrumentalização de tudo o que existe. O *Animal laborans* reduziu todas as atividades humanas ao denominador comum de assegurar as coisas necessárias à vida e a produzi-las em abundância. A vitória do trabalhador sobre o fabricante de objetos e o homem de ação marca um novo limiar em que humanidade e animalidade têm suas fronteiras diluídas. A fruição do mero estar vivo converte-se no horizonte da felicidade, esta compreendida como saciedade.

Arendt diz que o evento decisivo da modernidade política foi a instrumentalização da política pelo mero viver, o bem supremo. A vida se torna o valor único. A partir desse entendimento, Foucault e Agamben trabalham o conceito de biopolítica, que representa a inclusão da vida natural nos mecanismos de poder estatal. A vida biológica ganha importância política na modernidade justamente pelo seu aspecto sacro, mas também é por esse fator que ela é exposta ao poder soberano da vida e da morte.

O fenômeno da biopolítica pode ser entendido como exercício cotidiano de um poder que investe na preservação da vida por meio da aniquilação da própria vida, o que leva Agamben também falar em tanatopolítica. Esse processo de inclusão da vida no cálculo político conduziu à formação de estados totalitários, observável no nazismo e no stalinismo, por exemplo. O valor – e o desvalor – da vida humana converte-se em tema central da atividade política.

Foucault explica que o estado moderno integrou numa proporção sem precedentes técnicas de individualização subjetiva e procedimentos objetivos de totalização; um duplo vínculo político, constituído pela individuação e pela simultânea totalização das estruturas do poder. Vemos como na sociedade de

³¹⁹ Ibidem, p.376

consumo esse duplo vínculo se fortalece. Como elemento unificador, totalizante; consumo como caminho subjetivante e identificatório. Vemos também o papel de uma indústria cultural que condiciona e legitima esses discursos sobre o corpo: “E diante de fenômenos como o poder midiático-espetacular, que está hoje por toda parte transformando o espaço político, é legítimo ou até mesmo possível manter distintas tecnologias subjetivas e técnicas políticas³²⁰?”

A inclusão da vida na política não é exclusiva dos regimes totalitários. Isso também constitui as democracias liberais e de mercado. O desenvolvimento do capitalismo não teria sido possível sem o controle disciplinar de um biopoder, com tecnologias diversas que proporcionaram os “corpos dóceis” tão fundamentais para o sistema. Agamben mostra que a biopolítica do totalitarismo moderno e da sociedade de consumo e do hedonismo de massa possuem as mesmas raízes e justificativas. Fala também da decadência da moderna e do progressivo convergir com os estados totalitários nas sociedades pós-democráticas espetaculares³²¹.

A vitória do *animal laborans* representa o apequenamento da estatura e dos horizontes do homem moderno, para quem a felicidade é o último objetivo a almejar e se mostra exclusivamente como saciedade e fastio. Com isso, a busca pela imortalidade é substituída pela da longevidade anônima, o que traz consequências severas para a política. Com a vitória do *animal laborans*, é a existência do mundo como obra do homem que entra em discussão. É a permanente ameaça de ser tragado pelos processos socialmente construídos para a busca e satisfação das necessidades, sempre pululantes, que está em jogo na relação do *animal laborans* com o mundo.

Arendt mostra que quanto mais fácil se torna a vida em uma sociedade de consumidores ou de trabalhadores, mais difícil é a possibilidade de se preservar a consciência das exigências da necessidade que a compele. O perigo, alerta, é que tal sociedade, deslumbrada pela abundância, e presa ao

³²⁰ AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 13.

³²¹ *Ibidem*, p. 17.

funcionamento aparentemente orgânico de um processo interminável, já não seja capaz de reconhecer a sua própria futilidade³²².

A verdade bastante incômoda de tudo isso é que o triunfo do mundo moderno sobre a necessidade se deve à emancipação do trabalho, isto é, ao fato de que o *animal laborans* foi admitido no domínio público; e, no entanto, enquanto o *animal laborans* continuar de posse dele, não poderá existir um verdadeiro domínio público, mas apenas atividades privadas exibidas à luz do dia. O resultado é aquilo que eufemisticamente é chamado de cultura de massas; e o seu arraigado problema é uma infelicidade universal, devida, de um lado, ao problemático equilíbrio entre o trabalho e o consumo e, de outro, à persistente demanda do *animal laborans* de obtenção de uma felicidade que só pode ser alcançada quando os processos vitais de exaustão e de regeneração, de dor e de alijamento da dor, atingem um perfeito equilíbrio. A universal demanda de felicidade e a infelicidade extensamente disseminada em nossa sociedade (que são apenas os dois lados da mesma moeda) são alguns dos mais persuasivos sintomas de que já começamos a viver em uma sociedade de trabalho que não tem suficiente trabalho para mantê-la contente. Pois somente o *animal laborans*, e não o artífice nem o homem de ação, sempre demandou ser “feliz” ou pensou que homens mortais pudessem ser felizes³²³.

A vitória do *animal laborans* pode ser compreendida, portanto, como uma estratégia de domesticação do homem por meio do *pathos*, aqui compreendido como desejo, como fome. Preso a necessidades artificiais, à construção social dessas necessidades, ele dedica sua vida à obtenção dessa sociedade. Em um mundo em que o tempo não pode mais ser dividido entre trabalho e ócio, mas entre produção e consumo, o *animal laborans* é um ávido trabalhador em um mundo de pouco trabalho. Esse sujeito econômico, diz Foucault, é o homem do consumo, mas, na medida em que consome, é também um produtor, o produtor da sua satisfação. Ideal de satisfação, no entanto, que é definido pelo próprio mercado, o poder agindo interna e obscuramente.

Dessa forma, o tempo excedente do *animal laborans* nunca pode ser empregado em algo que não seja o consumo, e quanto maior é o tempo livre, mais ávidos e urgentes precisam ser esses desejos. Com tal voracidade, nenhum objeto do mundo – nem mesmo as próprias pessoas, como mostra

³²² ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.167-168

³²³ Ibidem, p.166

Bauman³²⁴, pois elas são tanto sujeito quanto objeto nesse processo – está a salvo do consumo e da aniquilação por meio dele³²⁵.

A indústria cultural é parte estruturante neste processo, ao implantar na cultura os mesmos pressupostos em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho³²⁶. Se o aumento da produção depende necessariamente do aumento do consumo – e, portanto, da destruição daquilo que foi produzido – a insaciabilidade é condição indispensável ao processo. O mal-estar advindo dessa busca irrefreável, verdadeiro trabalho de Sísifo, não é apenas consequência de se viver em um sistema em que o consumo é elemento totalizador e subjetivante: o mal-estar é também o combustível que move essa busca, ao estimular o consumo e, conseqüentemente, aumentar a produção, ao exigir do sujeito constantes reelaborações de si mesmo.

Uma dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas poderem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. O corolário dessa possibilidade é a suposição de que as pessoas podem ser juizes incompetentes de sua própria situação, e devem ser forçadas ou seduzidas, mas em todo caso guiadas, para experimentar a necessidade de ser “objetivamente” livres e para reunir a coragem e a determinação para lutar por isso³²⁷.

Os caracteres totalizantes da indústria cultural

A indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É por meio das alterações que ela realiza no modo de produção e na forma do trabalho humano que um tipo particular de indústria – a cultural – e de cultura – a de massa. Edgar Morin mostra que a concentração técnico-burocrática dos

³²⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008, p.32

³²⁵ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.165-166

³²⁶ COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 10.

³²⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p.25

processos de produção industrial exerce enorme influência em todos os processos de produção da cultura de massa, notada na tendência à despersonalização da criação, à desintegração do poder cultura e na organização racional de produção, o que gera um paradoxo, pois essa tendência se choca com uma exigência oposta, nascida da natureza do consumo individual, que exige e reclama um produto individualizado, e sempre novo³²⁸.

Como o garoto do filme homônimo de Charlie Chaplin, que quebra a vidraça para vender o vidro, causa e solução do problema, os produtos da indústria cultural ofertam a resolução para todos os problemas que só existem porque foram criados por ela mesma. É esta sua metafísica: é a salvação que está em jogo, que é prometida, mas ela não precisa mais esperar a morte para redimir seus crentes. Ela se encontra aqui na Terra, em valores individuais, precários e transitórios. Mas a redenção só existe para quem acredita que precisa ser redimido – e é por isso que o mal-estar exerce um papel tão fundamental na construção desses modelos de comportamento.

A cultura de massa é um embrião de religião da salvação terrestre, mas falta-lhe a promessa da imortalidade, o sagrado e o divino, para realizar-se como religião. Os valores individuais por ela exaltados – o amor, felicidade, autorrealização – são precários e transitórios; o indivíduo terrestre e mortal, fundamento da cultura de massa, é ele próprio o que há de mais precário e transitório; essa cultura está comprometida com a história em movimento, seu ritmo é o da atualidade, seu modo de participação é lúdico-estético, seu modo de consumo é profano, sua relação com o mundo é realista. A contradição – a vitalidade e a fraqueza – da cultura de massa é a de desenvolver processos religiosos sobre o que há de mais profano, processos mitológicos sobre o que há de mais empírico. E inversamente: processos empíricos e profanos sobre a ideia-mãe das religiões modernas: a salvação individual³²⁹.

Com isso, Edgar Morin explica que o imaginário não mais se projeta no céu, mas na própria terra. Os deuses são as estrelas, são as celebridades estampadas nas capas de revistas; os demônios são os criminosos nas páginas policiais e nos noticiários da TV. Todos eles estão entre nós, têm nossas origens, são mortais. Nesse sentido, ele diz que a cultura de massas é realista. Essa nova dinâmica possui um efeito prático que dá ainda mais força a

³²⁸ Ibidem, p. 25

³²⁹ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 167

indústria: não se promete apenas um lugar entre esses deuses – ou olímpianos –, mas a oportunidade de se tornar um deus também.

Os conceitos reforçados pela cultura de massa têm poder de mandamento, e cada vez mais a religião mundana ganha espaço no mundo, oferecendo respostas para nossas angústias e substituindo os sofrimentos de nossas vidas por uma esperança de eterna felicidade. É, portanto, um trabalho com direções inversas. Se por um lado esses sócios vivem em nosso lugar, soberanos, eles nos servem de consolo para a vida que nos falta, de distração para a vida que foge da nossa escolha; de outro, incitam-nos à imitação, dão o exemplo da busca da felicidade. Estrelas criadas da noite para o dia passam a ideia de que é possível para os mortais a ascensão ao reino dos deuses. Por um lado, a cultura de massa alimenta a vida; por outro, atrofia-a.

Assim a cultura de massa desagrega os valores gerontocráticos, acentua a devalorização da velhice, dá forma à promoção dos valores juvenis, assimila uma parte das experiências adolescentes. Sua máxima é “sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens”. Historicamente, ela acelera o vir-a-ser, ele mesmo acelerado, de uma civilização. Sociologicamente, ela contribui para o rejuvenescimento da sociedade. Antropologicamente, ela verifica a lei do retardamento contínuo do *bolck*, prolongando a infância e a juventude junto ao adulto. Metafisicamente, ela é um protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice³³⁰.

Arendt define o totalitarismo como uma nova forma de dominação que representa a destruição do político, na medida em que a experiência fundamental que subjaz a ela é profundamente antipolítica³³¹. Com essa definição, ela mostra que as soluções totalitárias podem sobreviver à queda dos regimes totalitários na forma de fortes tentações, podendo surgir sempre que parecer impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem³³².

A tirania se assenta sobre a angústia do isolamento e do medo e o totalitarismo se apoia na experiência fundamental do desamparo. O terror visa

³³⁰ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 156

³³¹ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.XV

³³² Ibidem, p.XIV

a gerar indivíduos que não almejem a coisa alguma não definida na ideologia e que no seu desamparo já não participem do temor da própria aniquilação³³³.

O desamparo organizado é consideravelmente mais perigoso que a impotência desorganizada de todos aqueles que são governados pela vontade tirânica e arbitrária de um único homem. Seu perigo é que ele ameaça devastar o mundo como o conhecemos – um mundo que em toda parte parece ter chegado a um fim – antes que um novo início surgindo desse fim tenha tido tempo de se estabelecer³³⁴.

Interessante observar como a indústria cultural e a cultura de massa utilizam procedimentos de controle típicos do totalitarismo. A construção do desamparo e do mal-estar, a eliminação da política etc., todos esses elementos favorecem seu poder e retiram de cena fatores que por ela não são controlados. Ao mesmo tempo em que a indústria produz esse desamparo, oferece alternativas para sua resolução, todas dentro de seu escopo.

O consumo se configura, portanto, como elemento totalizador e subjetivante. Da mesma forma em que contamina tanto as relações produtivas quanto pessoais, é por meio dele que o indivíduo forja sua identidade, metonímia mesmo daquilo que consome.

Bauman explica que a grande mudança na transição do capitalismo pesado para o leve “foi o desbaratamento dos invisíveis “politburos” capazes de “absolutizar” os valores, das cortes supremas destinadas a pronunciar veredictos sem apelação sobre os objetivos dignos de perseguição”³³⁵. Tanto ele como Foucault usam o exemplo do Panóptico de Bentham³³⁶ como metáfora do poder moderno. Nele, os internos estavam presos ao lugar e impedidos de qualquer movimento, confinados entre muros bem protegidos. Ao contrário dos internos, os vigias podiam se mover livremente, e sem o conhecimento daqueles. As instalações e a facilidade de movimento dos vigias era a garantia de sua dominação e dos múltiplos laços de subordinação. O domínio do tempo e do espaço, imobilizando os subordinados, era a principal estratégia no domínio do poder. A segunda modernidade, ou a modernidade líquida,

³³³ Ibidem, p.XVI

³³⁴ Idem. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.531

³³⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p. 72

³³⁶ Ibidem, p.17

transforma essa relação de domínio. A velocidade no trânsito de informações atinge o seu limite natural, reestrutura a relação de poder, que ultrapassa a diferença entre espaços. Se no Panóptico, os encarregados precisavam estar próximos ao controle, nas relações de poder pós-Panópticas, os operadores do poder podem fugir ao alcance dos subordinados a qualquer momento.

Tudo isso fazia sentido na sociedade sólido-moderna de produtores – uma sociedade, permitam-me repetir, que apostava na prudência e na circunspeção a longo prazo, na durabilidade e na segurança, e sobretudo na segurança durável de longo prazo. Mas o desejo humano de segurança e os sonhos de um “Estado estável” definitivo não se ajustam a uma sociedade de consumidores. No caminho que conduz a esta, o desejo humano de estabilidade deve se transformar, e de fato se transforma, de principal ativo do sistema em seu maior risco, quem sabe até potencialmente fatal, uma causa de disrupção ou mau funcionamento³³⁷.

A coerção foi substituída pela estimulação, a regulação normativa pela incitação de novos desejos e necessidades. O capitalismo leve, de aparência amigável para com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Permitiu apenas a coexistência de autoridades em números tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade³³⁸. Uma das maiores transformações, portanto, foi o que Bauman chamou de “derretimento dos sólidos”, que elevou o mercado à categoria de verdade.

Bauman conceitua o consumismo como um arranjo social que resulta da permanente reciclagem de vontades e desejos rotineiros “neutros quanto ao regime”. Ele nasce quando o consumo assume o papel estrutural que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. Tal arranjo transforma esses anseios na principal força propulsora da sociedade, coordenando a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além de formar indivíduos, desempenhando papel e de identificação consigo e com o grupo. A insaciabilidade dos desejos com a urgência e o imperativo de sempre procurar mercadorias para se satisfazer é imperativa para um tipo de sociedade que tem no consumidor satisfeito a ameaça mais apavorante. Novas necessidades

³³⁷ Idem. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008, p.44

³³⁸ Idem. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p.76

exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos. A vida é organizada em torno do consumo, orientada por desejos sempre crescentes e voláteis.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodore. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

AMOURETTI, Marie-Claude; RUZÉ, Françoise. **O Mundo Grego Antigo**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

ANDERSON, Perry. **Passagem da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.364

ARON, Raymond. **Dezoito lições sobre a sociedade industrial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

BEAUCHAMP, Chantal. **Revolução Industrial e Crescimento Econômico no séc. XIX**. Lisboa: edições 70, 1998.

CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999.

CAMARGO, Francisco Carlos; HOFF, Tânia Márcia Cezar. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão e arte editora, 2002.

CELES, L.A. **Nascimento psíquico. Em O bebê, o corpo e a linguagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CONNELL, R.W. **Gender and power**. California: Stanford University Press, p. 183.

CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.

DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.10

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da sexualidade v.1**. São Paulo: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade v.2**. São Paulo: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade v.3**. São Paulo: Graal, 2002.

FREUD, SIGMUND. **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **A moral sexual civilizada e doença moderna**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **A pulsão e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Além do Princípio de Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Esboço da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **Mal-Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Moisés e o Monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Narcisismo: uma introdução** (1914). In: *A história do movimento psicanalítico e outros trabalhos* (Vol.14). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: ed. Escuta, 1988.

- GREY, John. **Cachorros de palha**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- GUIMARÃES, Vanessa Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. Brasília: UnB, 2010.
- HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias: o “mugging” nos media**. In: TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Veja, 1999.
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- _____. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- <http://mdemulher.abril.com.br/promocao/concursos-revista-nova-690723.shtml>
Acessado em 9 de setembro de 2013.
- <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/nova/>. Acessado em 14/10/2013
- <http://menshealth.abril.com.br/wp-content/uploads/2011/06/2011RG0629CaradaCapavfinal.doc.pdf> e
<http://menshealth.abril.com.br/ocaradacapa/> -- Acessados em 17/7/2013
- JONES, Peter V. (org). **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LACAN, Jacques. **Seminário 4: A relação do objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LAGRAVE, Rose-Marie. **Uma Emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. O Século XX. Porto: Afrontamento, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORAES, Dênis. **O capital da mídia na lógica da globalização**. In: MORAES, Dênis(org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**, Vol. 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NIMER, Miguel. **Influências Orientais na Língua Portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. O Século XX*. Porto: Afrontamento, 1991.

Pellegrino, Hélio. *Pacto edípico e pacto social*.

PERROT, Michelle *et al.* **História da Vida Privada, volume 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PORTO, Sergio Dayrell. **Análise de Discurso – O Caminho das Seis Leituras Interpretativas em Massa Folhada**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A sociologia Industrial: formação, Tendências atuais**. Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 1952, p.34

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintomas da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SLOTEDIJK, Peter. **Crítica da Razão Cínica**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2011.

_____. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SODRÉ, Muniz. **O globalismo como neobarbárie**. In: MORAES, Dênis(org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.29.

TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

_____ (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Veja, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. **A gênese do capitalismo moderno**. São Paulo: Ática, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

edição especial de aniversário

Cleo Pires
superpoderosa

COSMOPOLITAN

MODA
OS LOOKS
MAIS SEXY
PARA CADA
SIGNO

"perdi tudo
e dei a volta
por cima"

**.você,
incrível**

a transformação
total que deixou
três leitoras magras
sem celulite, lindas.
Nós damos a receita

**dossiê
íntimo**
tudo
o que você
não tem
coragem de
perguntar
nem ao
gineco

os top
headhunters
revelam os
segredos para
conquistar a vaga
dos sonhos

sexpress
ideias hot para
multiplicar
o seu
orgasmo e
o dele em
segundos

**bônus
especial
homem**

- diário de um traidor
- os melhores solteiros do Brasil (um deles pode ser seu!)
- o que eles querem mesmo na cama e muito mais!

Abril

www.nova.com.br
ISSN 0304-167X F5 10.00
00444
9 770106 167000
EDIÇÃO 442 ANO 38 Nº 9 SETEMBRO 2010



Os 18 melhores suplementos pra sua saúde

Men's Health

VIVER MELHOR É FÁCIL

NÚMERO 54 • OUTUBRO 2010

TCHAU, PANÇA!

PROJETO VERÃO 2011

ESTILO 6 LOOKS CAMPEÕES DE IBOPE

4 PLANOS DIVERTIDOS PRA SECAR SEM SE MATAR

MAIS SEXO!

Seja o tal pra toda obra! **pág. 64**

PÔSTER GRÁTIS
BRAÇOS PARRUDOS EM 1 MÊS

O churrasco nota 10 (20, se contar a cerveja...)

ESPECIAL CUIDADOS PESSOAIS **152 SOLUÇÕES**

CABELO • BARBA • ROSTO • CORPO • PERFUME

FIQUE MAIS ATRAENTE NA BOA

13 PÁGINAS!

R\$ 10,00

ISSN 16094732 00054

9 797180 914730051

EDIÇÃO 54 • ANOS • NÚMERO 6

www.MensHealth.com.br



COSMOPOLITAN

Maria, vencedora do BBB: "De comum não tenho nada"

101
dúvidas de **SEXO**
que você não encontra nem no Google

por que parece que sempre falta algo para ser **FELIZ**

cabeça de **homem**

- O que o deixa apaixonado por você logo na primeira vez
- Vai dar namoro? (descubra no Facebook)
- Como recuperar o frio na barriga do início do relacionamento

MAKEOVER FINANCEIRO: PLANO PARA SAIR DO VERMELHO

aparelhos que exterminam acne, celulite, gordura... sem dor!

DIETA
fique magra comendo fora

bônus! especial cabelo

- Manual para mudar a cor - até em casa
- As novas e seguras escovas progressivas
- Tratamentos high-tech para ressuscitar os fios

de demitida a promovida
saia da lista negra do seu chefe para a lista vip do mercado

nova.com.br

ISSN 0104-169X R\$ 10,00
9 770104 169002 00452

Abril EDIÇÃO 452 ANO 39 Nº 5 MAIO 2011



5 ESPORTES DE VERÃO PARA VOCÊ SE DESTACAR

Men's Health

VIVER MELHOR É FÁCIL

NÚMERO 67 • NOVEMBRO 2011

CORPO DEFINIDO A JATO!

SHAPE FORTE E SEM PNEUS EM 1 MÊS

ESPECIAL SEDUÇÃO

- FAÇA CONTATO
- OS DIÁLOGOS TOP
- MOTEL SEM CHABU

CERVEJA O JEITO LEGAL DE BEBER SEM DETONAR

GUIA DE ESTILO VERÃO A MIL!

- JEANS BRANCO
- CAMISETA HENLEY
- SANDÁLIA DE COURO
- A NOVA BERMUDA DE PRAIA. YES!

103 IDEIAS

MÚSCULOS SARADOS EM 15 MINUTOS

TRANSE SEM RISCO DE DST

PÔSTER GRÁTIS
Treino pra lá de simples

Abriu

GUIA DE ESTILO VERÃO

M-I

CORPO DEFINIDO A JATO!

NÚMERO 67 • NOVEMBRO 2011

R\$12,00

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

EDIÇÃO 67 • ANO 6 • NÚMERO 7

MensHealth.com.br



COSMOPOLITAN

Deborah Secco: "Você pode escolher entre ser feliz e ser triste. Eu escolhi ser feliz"

sexo

- como você nunca viu ou fez
- as técnicas mais quentes do best-seller erótico do momento

ESPECIAL
sexy X over

sim, é possível vencer a TPM

PROJETO PAIXÃO
muuuuito mais romance — com o mesmo cara!

homem moderno
como usar, conquistar e ser a única na vida dele

infidelidade financeira
a nova forma de traição que põe em risco o relacionamento

mude seu look, mude sua vida
cabelo e make para conhecer aquele gato, decolar na carreira e levantar a autoestima

MAGRA E FELIZ
a dieta do prazer que vai deixar seu corpo incrível

nova.com.br

ISSN 0104-120-X R\$ 10,00 90487-9

770104184000

EDIÇÃO 487 ANO 41 Nº 1 AGOSTO 2012

Abril

Estilo Dome seus pelos e destaque-se na areia

Abril

VIVER MELHOR É FÁCIL

NÚMERO 69 • JANEIRO 2012

Men's Health

ANO NOVO, CORPO EM DIA

O PLANO DE **11 ETAPAS** PRA ENCORPAR A JATO!

CORAÇÃO DE AÇO EM 6 PASSOS!

VERÃO MH!

- CHURRASCO TOP
- PRAIA SEM PIRIRI
- 47 TRUQUES PRA DEFINIR O SHAPE

10 REGRAS PARA BIRITAR COM SABEDORIA

EDIÇÃO ESPECIAL CASAL

- ➔ COMO DAR UM GÁS NA RELAÇÃO
- ➔ HORA DE FICAR SOLTEIRO?
- ➔ 9 SACADAS DE SEDUÇÃO

R\$ 12,00

EDIÇÃO 69 - ANO 6 - Nº 09 - JAN 2012
www.MensHealth.com.br

COSMOPOLITAN

Paloma Bernardi: "Não sou santa mesmo!"

homens
de 20, 30, 40 anos
como ter
o melhor
orgasmo com
cada um deles

LINDA
(sem esforço!!!)
■ caneta que
apaga estrias
■ calor que
derrete
gordura
■ onda que
elimina
celulite

guia
infalível
para curar
todo tipo
de ressaca
moral

LIQUIDAÇÃO
as peças
que você
compra
agora e
usa para
sempre

dieta da
libido
cardápio
sexy para
antes,
durante e
depois do
date

PESQUISA EXCLUSIVA!
**AS NOVAS
REGRAS DA
TRAIÇÃO**

**ACHOU
"O" CARA?
SAIBA
COMO
ELE PODE
SER SEU**

nova.com.br

ISSN 0104-169-X R\$ 10,00
00473-
B 770104 169002

Abril

EDIÇÃO 473 ANO 41 Nº 2 FEVEREIRO 2013



Abril ESTILO MARQUE PRESENÇA COM A ESTAMPA CERTA

VIVER MELHOR É FÁCIL

NÚMERO 82 • FEVEREIRO 2013

Men's Health

EDIÇÃO ESPECIAL AÇÃO!

MALHADO COMO UM LUTADOR

O TREINO DE **MMA** QUE DÁ MÚSCULO E AGILIDADE EM 1 MÊS

EXCLUSIVO

9 PRATOS TOP DA COZINHA BRASILEIRA

VOTO DE LEITORES E NUTRICIONISTAS

MALHAR FAZ BEM PARA A INTELIGÊNCIA

SEXO NO TRABALHO
O AMBIENTE LEGAL PRA VOCE SE DAR BEM

DERRETA A PANÇA NA ÁGUA!
PLANO COMPLETO DE NATAÇÃO

PELOS, UNHAS, PÉS...
OS DETALHES QUE CONTAM PONTOS COM ELA

R\$ 12,00